Um clube de leitura de

HARRY POTTER

Métodos, estratégias e resultados

VICTOR HENRIQUE DA SILVA MENEZES
VANESSA COUTINHO MARTINS

ICC INSTITUTO CIDADE DE CATAGUASES
POLÍTICA NACIONAL PNAB ALDIR BLANC
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO
CATAGUASES PREFEITURA

Um clube de leitura de Harry Potter
métodos, estratégias e resultados

Victor Henrique da Silva Menezes
Vanessa Coutinho Martins

2024

Copyright © Victor Henrique da Silva Menezes, Vanessa Coutinho Martins

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita dos organizadores.

EDITORAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO DE PROVAS: Sara Ferreira Marcenes Pozzato
NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA E DIAGRAMAÇÃO: Sara Ferreira Marcenes Pozzato
FORMATAÇÃO DE MIOLO: Sara Ferreira Marcenes Pozzato, Victor Henrique da Silva Menezes e Vanessa Coutinho Martins
CAPA E PROJETO GRÁFICO: Igor Moretto

CONSELHO EDITORIAL
Profª Drª Andrea Vicente Toledo Abreu
Profª Drª Carla Silva Machado
Prof. Dr. Inácio Manoel Frade da Cruz
Prof. Me. Sávio Leite e Silva
Prof. Dr. William David Vieira

Menezes, Victor Henrique da Silva.
Um clube de leitura de Harry Potter [livro eletrônico]: métodos, estratégias e resultados. / Victor Henrique da Silva Menezes; Vanessa Coutinho Martins. – Cataguases: Instituto Cidade de Cataguases, 2024.
49000 B ; pdf

ISBN 978-65-88561-05-8

1. Educação. I. Título.

CDD 371.33

Elaborada por Gilberto Lavorato CRB6-2458

POLÍTICA NACIONAL
PNAB
ALDIR BLANC

MINISTÉRIO DA
CULTURA
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

CATAGUASES
PREFEITURA

Apoio

ufjf
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ppgcom
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UFJF

UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE
CAMPINAS
UNICAMP

Narrativas
Midiáticas
e Dialogias

CAPES

Rocco

A todas as pessoas que participaram da primeira temporada
do *Hogwarts, Mil Histórias*.

AGRADECIMENTOS

Este livro e o projeto de clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias* não teriam acontecido sem a colaboração de várias pessoas e instituições.

Gostaríamos de agradecer, primeiramente, à Editora Rocco, responsável pela publicação dos livros da saga *Harry Potter* no Brasil. Além de ter apoiado e divulgado o nosso projeto, a editora enviou, mensalmente, uma edição ilustrada dos livros de *Harry Potter* para ser sorteada entre os leitores participantes.

Agradecemos, ainda, ao Potterish — maior *fansite* da saga na América Latina. Além de ter divulgado o clube de leitura durante seu período de inscrição, a equipe nos convidou para participar de episódios do *podcast Semanário dos bruxos*[1] e esteve presente em *live* sobre a diferença de leitura de um romance e de um roteiro[2].

Outro portal de relevância para o *fandom* é o Animagos, especialmente com seu projeto *A casa elefante.* Agradecemos o convite para debater pontos específicos da saga e divulgar nossas pesquisas científicas[3]. Um agradecimento especial para Igor Moretto, pela criação da capa desta obra.

---

[1] Episódio #38: *Castelo bruxo não representa o Brasil,* com Victor Menezes. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/6XPng9HMyoDXh9hphRZEUC?si=4jJ65fLFSiacyylmDY-17g Episódio #35: *Rúbeo Hagrid, da inocência à impulsividade*, com Vanessa Martins. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3LIfP9J5fPebvBtoXqkVl9?si=p3qCyfgBR-yUioid2KpRJg; Episódio #22: *Os fãs de Harry Potter são mesmo menos preconceituosos?*, com Victor Menezes. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/0n9Pu6jBdVglTJNh87vjH6?si=v3lzyQfwQTOeu9gbnnaJew

[2] *Live* com Marina Anderi, cineasta e gerente de *marketing* do Potterish, disponível em: https://www.instagram.com/reel/CXABb9GhH9b/

[3] *Podcasts*: *Fandom: ontem e hoje* (HP e o Advento de Natal), disponível em: https://open.spotify.com/episode/6HrlfRRi7uxOeJVVdc14k8; *A história da magia na*

À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da instituição (PPGCOM/UFJF), bem como à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia (FCM/UNICAMP), por acreditarem em nossas pesquisas e fornecerem ensino público e de qualidade.

Ao grupo de pesquisas *Narrativas midiáticas e dialogias* (CNPq/UFJF), pela divulgação[4] e pelo suporte durante todo o processo de desenvolvimento do projeto e pelo acolhimento de nossas pesquisas na linha *Narrativas em mutação e suas interfaces*.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas de pós-graduação fornecidas a ambos os autores, o que possibilitou a participação em eventos acadêmicos para aquisição de conhecimento e divulgação do projeto.

À Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), juntamente com o Ministério da Cultura, Governo Federal e Prefeitura de Cataguases/MG, que proporcionaram o financiamento para que esta obra fosse desenvolvida. Em adição, ao Instituto Cidade de Cataguases (ICC), pelo apoio cultural e editorial.

Agradecemos também a Bruna Melo Santos, pelo auxílio com o trabalho de transcrição das conversas realizadas nos grupos de discussão.

E, por fim, aos participantes do clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias,* que contribuíram para o desenvolvimento dos

nossa história trouxa (HP e o Advento de Natal), disponível em: https://open.spotify.com/episode/7qNoVhCN3fkXADMDwnXRTx

[4] *Live* científica disponível em: https://www.instagram.com/p/CRAS8w1DL1O/

conhecimentos científicos que compõem este livro e, sobretudo, proporcionaram momentos prazerosos durante todos os encontros.

"Harry olhou para cima e viu um teto aveludado e negro salpicado de estrelas. Ouviu Hermione cochichar:
— É enfeitiçado para parecer o céu lá fora, li em *Hogwarts, uma história*".

(*Harry Potter e a pedra filosofal*, 2000, p. 104)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – *E-mail* enviado aos participantes [...] 28

FIGURA 2 – Distribuição geográfica dos participantes 30

FIGURA 3 – Exemplos de artes de divulgação [...] 35

FIGURA 4 – Foto do último dia de debate *online* [...] 40

FIGURA 5 – Foto do encontro presencial [...] 40

FIGURA 6 – Fluxo operacional do *podcast* 222

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Análises críticas feitas por participantes do *Hogwarts, Mil Histórias* 36

QUADRO 2 – Clubes do livro na Inglaterra: adesão e crescimento 48

QUADRO 3 – Obras e tópicos discutidos na primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias* 55

QUADRO 4 – Terceiro tópico de discussão de *Harry Potter e a pedra filosofal* 74

QUADRO 5 – Segundo tópico de discussão de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* 75

QUADRO 6 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube 80

QUADRO 7 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube 87

QUADRO 8 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube 95

QUADRO 9 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube 100

QUADRO 10 – Críticas negativas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube 103

QUADRO 11 – Perfil dos voluntários da pesquisa 116

QUADRO 12 – Temas categorizados a partir das falas dos sujeitos da pesquisa 119

QUADRO 13 – Mudanças apontadas pelos leitores do clube de leitura 142

QUADRO 14 – Temas categorizados a partir das falas dos sujeitos da pesquisa 161

QUADRO 15 – Sintetização dos resultados da pesquisa 189

QUADRO 16 – Episódios do *podcast Hogwarts, Mil Histórias* 215

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	**15**
	PREFÁCIO	**19**
1	**INTRODUÇÃO – O *HOGWARTS, MIL HISTÓRIAS***	**23**
	REFERÊNCIAS	**41**
2	**CLUBES DE LEITURA NO AMBIENTE *ON-LINE*: TEORIA E PRÁTICA**	**45**
2.1	**Das bibliotecas ao ciberespaço**	**46**
2.2	**Metodologia e temas do *Hogwarts, Mil Histórias***	**51**
2.3	**As impressões dos participantes do *Hogwarts, Mil Histórias***	**78**
2.4	**Considerações finais**	**105**
	REFERÊNCIAS	**106**
3	**CLUBES DE LEITURA COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**	**111**
3.1	**Educação não formal e os clubes de leitura *online***	**112**
3.2	**Metodologia de coleta e de análise de dados**	**115**
3.3	**As aprendizagens no *Hogwarts, Mil Histórias***	**120**

3.4 Considerações finais 131

REFERÊNCIAS 132

4 CLUBES DE LEITURA COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL 137

4.1 Leitores e modos de leituras 138

4.2 A metodologia de estudo de caso 140

4.3 Os hábitos de leitura dos participantes: uma análise 141

4.4 Considerações finais 146

REFERÊNCIAS 146

5 CLUBES DE LEITURA COMO POSSIBILITADORES DE SOCIABILIDADES 151

5.1 Adversidade, sociabilidade e o ato da leitura 152

5.2 Mediações comunicativas em sistemas de formações literárias 157

5.3 Metodologia de coleta e de análise de dados 160

5.4 Apresentação e discussão dos resultados 162

5.5 Considerações finais 169

REFERÊNCIAS 170

6 O *FANDOM* DE *HARRY POTTER* E A COMPETÊNCIA MIDIÁTICA 175

6.1 Clubes de leitura *online* e cultura participativa 177

6.2 Escolha metodológica e sua aplicação 183

6.3 Análise da competência midiática dos leitores 187

6.4 Considerações finais 199

REFERÊNCIAS 201

7 *PODCASTS* LITERÁRIOS COMO PROPOSTA DE PROMOÇÃO DA LITERACIA MIDIÁTICA 207

7.1 A cultura participativa no contexto abordado 210

7.2 *Podcasts* e os deslizamentos da literatura 211

7.3 Literacia midiática e a produção de *podcasts* literários 219

7.4 Considerações finais 225

REFERÊNCIAS 226

8 CONSIDERAÇÕES GERAIS (E AFETIVAS) 231

APÊNDICES 235

SOBRE OS AUTORES 313

APRESENTAÇÃO

Esta obra nasceu a partir de um acontecimento histórico: a pandemia de covid-19; um momento em que o mundo todo se viu diante de uma situação inédita. O isolamento social foi uma experiência que, até então, era algo inimaginável, e diversas organizações ofereceram iniciativas para o enfrentamento dessa situação atípica. Dentre elas, destacamos o conjunto de *lives* oferecidas pela Editora Rocco, que, ao se deparar com o impedimento de realizar um grande evento de comemoração dos 20 anos de lançamento do primeiro livro de *Harry Potter* no Brasil, preparou uma celebração *online* em seu Instagram.

Com a mediação de Juliana Vicente, integrante da equipe de *marketing* da Rocco, os convidados debatiam temas relacionados à saga, desde o sentimento expresso por integrar o *fandom* à divulgação científica de produções que fazem uso da obra de autoria de J. K. Rowling. Entre esses convidados, estavam Victor Menezes[5] e Vanessa Martins[6], autores desta obra, que, até então, não se conheciam. Muitos assuntos foram abordados, entre os quais os respectivos trabalhos acadêmicos a partir da obra do menino bruxo.

Victor Menezes, historiador, mestre em História Cultural e então doutorando em Gerontologia pela Unicamp, na época atuava como instrutor no Programa UniversIDADE da Universidade Estadual de Campinas[7]. Nesse projeto de extensão,

[5] *Live* disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qxrBmpn5y94
[6] *Live* disponível em: https://www.instagram.com/editorarocco/reel/B_22nyzp5kX/
[7] Para informações acerca desse projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas, acesse: https://www.proec.unicamp.br/programa-universidade/

voltado para pessoas idosas, utilizava, desde o ano de 2017, os romances de *Harry Potter* como fios condutores para o ensino de História Contemporânea. A partir desse trabalho, sua pesquisa de doutoramento procurava elaborar uma pedagogia específica para o público idoso, de modo a proporcionar conhecimento e compreensão do mundo contemporâneo, bem como o estabelecimento de sociabilidades e afetividades. Na *live*, Victor contou sobre suas experiências literárias com a saga e como se deu a criação de oficinas sobre *Harry Potter* e História na universidade paulista.

Vanessa Martins, atualmente mestre em Comunicação e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, fez um breve relato sobre sua pesquisa de mestrado, que estava sendo finalizada no período da pandemia, e sobre como é ser uma aca-fã. Introduzido por Henry Jenkins (2011), o termo designa um pesquisador ou pesquisadora cujos estudos se referem a um objeto empírico do qual também é fã. A dissertação aborda o laço social e as estratégias realizadas pelo *Wizarding World Book Club* — um clube de leitura oficial da saga, criado para a comemoração dos 20 anos de lançamento do primeiro livro da série em seu idioma original, o inglês.

Ao assistirem às *lives* um do outro, os acadêmicos perceberam o potencial de suas reflexões. Para contribuir com o momento e enfrentar os desafios pandêmicos, decidiram se unir, retirar suas pesquisas do papel e oferecer um clube de leitura *online* e gratuito, de modo a fazer com que o conhecimento acadêmico realmente extrapolasse os muros das universidades. Cabe destacar que os debates aqui apresentados partem de uma discussão ampla sobre leitores em ambientes

em rede, realizada no âmbito do projeto *Análise da afetividade e competência midiática de leitores em clube de leitura remoto*, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF. Essa iniciativa gerou artigos que foram apresentados e publicados em congressos nacionais e internacionais, capítulos de livros e revistas acadêmicas, além de um curso de curta duração, intitulado *Harry Potter no ensino: estratégias para atividades curriculares e extracurriculares*, ministrado durante o XII Encontro Perspectivas do Ensino de História, em 2021.

Assim, o leitor desta obra encontrará um compilado dessas produções. Trata-se de reescritas desses textos publicados: os trabalhos iniciais foram atualizados, ampliados e, por vezes, reestruturados pela junção de textos ou edição de conteúdo. Dessa forma, o leitor terá a oportunidade de acessar todo o conhecimento produzido em um só lugar e também consultar a obra para criar o seu próprio clube do livro *online*, independentemente de o texto selecionado ser a saga *Harry Potter*.

Desejamos uma ótima leitura!

Malfeito feito![8]

[8] Feitiço utilizado para que o conteúdo do Mapa do Maroto desapareça. O artefato é capaz de mostrar a localização exata de cada pessoa dentro dos limites de Hogwarts, além de indicar caminhos, passagens secretas e outros pontos de interesse pelo castelo e seus terrenos.

PREFÁCIO

> *Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.*
>
> *Alvo Dumbledore*

Foi com alegria que recebi o convite, de Victor e de Vanessa, para escrever o prefácio deste livro. Minha relação com o universo mágico (em diversos sentidos) de *Harry Potter* começa ainda na minha infância, no interior do Rio Grande do Sul. Cheguei à pedra filosofal pelas mãos de uma querida amiga e, desde lá, revisitei — e revisito — Hogwarts continuamente. Li o primeiro, o segundo e o terceiro livros antes de a narrativa ser adaptada para as telas. Levado pela minha mãe, junto a essa amiga, viajávamos até a cidade mais próxima, onde havia cinema, a fim de acessar a história e conhecer as personagens, agora de outra forma: pelas imagens, pelas trilhas, pelos efeitos especiais. Já em minha vida adulta, na condição de pesquisador que investiga na interface comunicação, cultura pop, gênero e sexualidade, tive a oportunidade de reencontrar tal universo sobre outras lentes e partir de outros olhares. Hoje, os filmes são lugares afetivos, aos quais sempre retorno, com meu marido.

É na condição de fã, de sonserino (até que se prove o contrário) e de colega de pesquisa, que li e, a partir dessa leitura, que escrevo estas linhas. Conforme você, pessoa leitora, constatará nas próximas páginas, a obra se volta a uma experiência em particular: em *Hogwarts, Mil histórias,* Victor e Vanessa desenvolveram, ao longo de abril de 2021 e fevereiro

de 2022, a primeira edição de um clube de leitura (virtual) voltado às obras do universo do menino bruxo (os sete livros, o roteiro da peça teatral e os dois roteiros iniciais de *Animais fantásticos).* Foi um sucesso! Mais de setecentos inscritos e um primeiro grupo com duzentos participantes! Havia pessoas de 11 e outras de 69 anos. Todas as regiões do país estavam representadas. Em termos de raça/etnia e nível de formação, igualmente, houve diversidade. E tudo isso em um contexto que, tal qual destacado por Victor e Vanessa, é marcado pelo pouco hábito da leitura: segundo pesquisa acionada neste livro, e mesmo em se considerando apenas trechos (e, portanto, não livros inteiros), a média nacional de leitura é inferior a quatro obras por ano.

O livro que você tem em mãos, que trata dessa experiência, é meticuloso, organizado, descritivo. Minerva, nossa colega, não teria feito melhor. Há discussões sobre o funcionamento de um clube de leitura *online*, sobre tal espaço como lugar de educação não formal, sobre o modo como as pessoas participantes vivenciaram essa experiência, sobre aspectos que, a partir das obras, podem, e devem, ser discutidos, tais como amizade, gordofobia, maternidade, paternidade, totalitarismo, escravidão, preconceito, racismo e machismo. Mesmo se você não for como Hermione, uma devoradora de livros, sei que achará a leitura interessante, prazerosa e necessária.

Antes de liberar sua passagem, contudo, inspirado pela esfinge do labirinto tribuxo, apresento não uma charada, mas perguntas/provocações, a fim de orientar sua jornada. Para além dos feitiços, das poções e das criaturas mágicas, ao passo que lemos e relemos, assistimos e assistimos de novo, o que aprendemos, com a saga, sobre o mundo que nos cerca?

O que Hogwarts e seu universo fantástico dizem sobre nós mesmos e sobre aqueles que estão ao nosso lado? Quem somos e quem podemos nos tornar, a partir dessa mágica jornada?

Em minhas pesquisas (a atual, *Quais vidas importam em Westeros,* voltada às representações de gênero e de sexualidade em *As Crônicas de gelo e fogo* e *Game of Thrones*) entendo a cultura pop como uma constelação afetiva que, para além de entreter e de visar ao lucro, expõe disputas sociais, produz significações e gera impacto nos modos como os sujeitos entendem a si e ao mundo que os cerca. Compreendo a mídia, ainda, como um dispositivo pedagógico que, ao passo que mostra, revela maneiras de olhar, indicando, a partir desse lugar, possibilidades e impossibilidades de existência. À medida que nos divertimos, defendo, aprendemos sobre os outros e sobre nós mesmos.

Tal qual você constatará diante desta obra, a saga *Harry Potter* abrange públicos diversos, mobiliza pessoas leitoras de diferentes lugares, de diferentes faixas etárias e com diferentes experiências de vida. Todas elas têm em comum, contudo, a fascinação por esse fantástico universo, o encantamento diante de personagens tão queridas, ou tão detestadas, o deslumbramento diante de cenários tão caros, tão familiares. Todas e todos nós somos, também, estudantes de Hogwarts, passageiros do trem cujo embarque, escondido, ocorre em uma plataforma secreta, que só os trouxas são incapazes de perceber. Mesmo em um mundo cotidiano que tanto necessitaria de feitiços para se tornar um lugar melhor, sempre é possível lembrar do que ensina o sábio Dumbledore:

que é nas nossas palavras que se encontra a nossa fonte inesgotável de magia. Que você, pessoa leitora, possa também se encantar a partir deste texto e, a partir dele, como assim o fazem Victor e Vanessa, mobilizar paixões em prol da construção de mundos melhores e abrir portas para outros percursos. *Alohomora.*

Boa leitura!

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça[9]
Belo Horizonte, primavera de 2024.

[9] Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS.

1 INTRODUÇÃO – O *HOGWARTS, MIL HISTÓRIAS*

O *Hogwarts, Mil Histórias* é um clube de leitura *online* e gratuito desenvolvido e mediado pelos autores desta obra, Victor Menezes (Gerontologia/Unicamp) e Vanessa Martins (PPGCOM/UFJF). Ele possui ligação direta com suas pesquisas acadêmicas. Com encontros mensais, sua primeira temporada ocorreu entre os meses de abril de 2021 e fevereiro de 2022 e contou com a leitura e a discussão dos sete romances de *Harry Potter* (1997-2007)[10], do roteiro da peça teatral *Harry Potter e a criança amaldiçoada* (2016)[11] e dos roteiros dos dois primeiros filmes *Animais fantásticos* (2016 e 2018)[12] — *spin-offs* dos livros[13] —, todas obras da autora britânica J. K. Rowling englobadas no chamado *Wizarding World* [14].

[10] A saber: *Harry Potter e a pedra filosofal* (1997); *Harry Potter e a câmara secreta* (1998); *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (1999); *Harry Potter e o cálice de fogo* (2000); *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003); *Harry Potter e o enigma do príncipe* (2005) e *Harry Potter e as relíquias da morte* (2007).

[11] A escrita desta obra, em particular, resultou da colaboração de Rowling com o roteirista Jack Thorne e o diretor de teatro John Tiffany. Todos os demais títulos mencionados são apenas de autoria de J. K. Rowling.

[12] A saber: *Animais fantásticos e onde habitam* (2016) e *Animais fantásticos: os crimes de Grindelwald* (2018). O terceiro, e até então último, filme da franquia, *Animais fantásticos: os segredos de Dumbledore* (2022), foi lançado apenas após a finalização da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias*. Dessa forma, ele foi tema de discussão apenas em um dos episódios do *podcast*, de título homônimo, desenvolvido pelos autores deste livro.

[13] Um *spin-off* é uma produção derivada de outra, expandindo um universo já apresentado.

[14] *Wizarding World* é um termo guarda-chuva e, também, uma marca transmidiática. Enquanto termo, engloba todas as histórias ambientadas no mundo de fantasia apresentado, pela primeira vez, pela autora J. K. Rowling no romance *Harry Potter e a pedra filosofal* (1997). Isso inclui: os sete livros de *Harry Potter*; contos escritos por Rowling e publicados no *site Wizarding World* (antigo Pottermore); os oito filmes de *Harry Potte*r; os três filmes de *Animais fantásticos*; a peça teatral *Harry Potter e a criança amaldiçoada*; e o jogo *Hogwarts Legacy*. Já enquanto marca transmidiática, atualmente sob o controle da empresa Warner Bros. Discovery, refere-se ao jogo e aos filmes citados anteriormente, bem como a parques de diversão e a produtos oficiais de *Harry Potter*.

A respeito de algumas polêmicas em torno da autora, vale destacar, como apontado pela pesquisadora, docente da Ohio State University, Beth Sutton-Ramspeck, no prefácio de livro *Harry Potter and Resistance* (2023), que todo estudo relacionado aos livros de *Harry Potter* que seja desenvolvido atualmente precisa "confrontar o hipogrifo na sala". Isto é, precisa se posicionar em relação às colocações de cunho transfóbico que a autora J. K. Rowling tem difundido desde dezembro de 2019. Dessa forma, torna-se necessário pontuar que os autores deste livro não compartilham das ideologias do Feminismo Radical Trans-Excludente, com o qual a autora britânica tem dialogado. Do mesmo modo, discordam das posturas políticas que ela tem tido em relação aos projetos que buscam a melhoria da qualidade de vida da Comunidade Trans (termo que contempla transexuais, travestis, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias) no Reino Unido. O posicionamento dos autores foi compartilhado com os participantes do *Hogwarts, Mil Histórias* desde o início do projeto. A escolha por trabalhar com as obras do *Wizarding World* no clube, cabe ainda destacar, foi atravessada pelo entendimento de que elas não replicam os atuais preconceitos de sua autora. Ainda que a cis-heteronormatividade impere de forma evidente em suas narrativas, em nenhuma delas há a presença de discursos transfóbicos ou quaisquer tipos de mensagens que venham a ferir o direito de ser e de viver da comunidade (o que já não acontece, no entanto, com os livros da série policial *Cormoran Strike* que

Rowling tem publicado sob o pseudônimo de Robert Galbraith desde o ano de 2013)[15].

Feitas tais considerações, voltemos ao tópico principal deste texto: o clube. O nome do clube tem como inspiração o título de um livro muito mencionado pela personagem Hermione Granger ao longo da saga: o *Hogwarts, uma história*. Sua escolha faz alusão ao mundo de fantasia criado por Rowling. Ao mesmo tempo, parte do entendimento de que todas as obras literárias, teatrais e fílmicas propiciam múltiplas e igualmente válidas interpretações. Hogwarts, por sua vez, é o nome da escola de magia onde os personagens bruxos do mundo de *Harry Potter* estudam. Ao utilizá-lo como parte do título, tínhamos o intuito de sugerir aos participantes que o projeto poderia se tornar um espaço de acolhimento e criação de laços sociais, tal como a escola fictícia se apresenta para os personagens centrais das obras que seriam lidas e discutidas.

Nesse sentido, a decisão de trabalhar com esses textos foi motivada por três fatores: primeiro, devido aos livros de *Harry Potter* já estarem inseridos nas nossas pesquisas acadêmicas, e isso significava que tínhamos — temos — conhecimentos prévios para promover discussões variadas e relevantes em um clube de leitura; segundo, porque estudos científicos recentes, desenvolvidos tanto em âmbito internacional quanto nacional, têm apontado as potencialidades da leitura

[15] Para um melhor entendimento do que Rowling tem falado sobre a comunidade trans, indicamos a leitura dos artigos *A Complete Breakdown of the J. K. Rowling Transgender Comments Controversy*, de Abby Gardner, e *A Reasonable Person's Guide to the J.K. Rowling Essay*, de Brie Hanrahan (referências completas disponíveis no final deste texto).

desses livros para a formação de leitores com maior criticidade (Francisco, 2019) e para a criação de laços de amizade, de afetividade, de pertencimento e de identidade entre leitores (Florêncio, 2018; Francisco, 2019; Leão, 2019); e terceiro, em razão da popularidade das obras de Rowling para leitores das mais diferentes faixas etárias[16] — o que, para nós, possibilitaria que um maior número de pessoas se interessassem pelo *Hogwarts, Mil Histórias*.

Munidos de tais perspectivas, além do intuito de construir saberes que poderiam contribuir para estudos acadêmicos sobre clubes de leitura e interações entre leitores no ambiente *online*, desenvolvemos, pois, o projeto, voltado, em particular, mas não somente, à comunidade brasileira de leitores das obras de fantasia de J. K. Rowling. Além de objetivos acadêmicos, cujo propósito maior indica a contribuição com estudos sobre clubes de leitura e interações entre leitores no ambiente *online*, a criação do *Hogwarts, Mil Histórias* também deu-se devido ao turbulento contexto da pandemia de covid-19. Assim, os encontros do clube funcionaram como um espaço de sociabilidade, em que os participantes discutiam não apenas temáticas relacionadas às obras literárias debatidas, mas questões que diziam respeito

[16] De acordo com dados disponibilizados em fevereiro de 2023 pela Scholastic (editora estadunidense responsável pela publicação dos livros de *Harry Potter* nos EUA), já foram vendidas mais de 600 milhões de cópias dos livros de *Harry Potter* em todo o globo. Em artigo publicado em 2017, na revista *Mundo Estranho*, Gisele Hirata informava que, até aquele momento, mais de 4 milhões de cópias do livro tinham sido vendidas apenas no Brasil. Já em matéria publicada em julho de 2021, na *Folha de S. Paulo*, o jornalista Pedro Martins noticiou que, apesar das falas de cunho transfóbico de J. K. Rowling, os livros de *Harry Potter* foram os mais vendidos no país em 2020 (quase meio milhão de livros). Entre os números apontados por Martins, chama a atenção o fato de que, no primeiro ano da pandemia de covid-19, houve um aumento de 59% na compra de livros da autora britânica em território brasileiro.

ao contexto político e social no qual os sujeitos estavam inseridos. Os debates suscitados giravam em torno da ligação entre o ficcional, presente nas obras literárias debatidas, e o não ficcional, atrelado à conjuntura midiática e, ao mesmo tempo, dialogando com o campo da Comunicação e da História.

Durante o período de divulgação do *Hogwarts, Mil Histórias,* o terceiro fator que motivou a escolha das obras do *Wizarding World* se comprovou acertado: 731 pessoas, de todas as regiões do Brasil, realizaram suas inscrições — uma quantidade expressiva de sujeitos interessados em ler e debater obras literárias se levarmos em conta o número médio de livros lidos anualmente pela população brasileira[17]. Com isso, devido à dimensão alcançada, os primeiros 200 inscritos foram selecionados para a primeira temporada. Outros grupos de leitura *online* adotam políticas sem restrição ao número de participantes, mas a decisão dos autores e mediadores pela delimitação leva em conta a qualidade das interações estabelecidas. Assim, uma metodologia própria para atender às especificidades do contexto da criação do clube e da quantidade de leitores interessados foi desenvolvida.

Toda interação do clube com seus participantes seguiu uma lógica comunicacional e contou com identidade visual atrelada ao universo de *Harry Potter*. Sendo assim, os 200 primeiros inscritos foram informados que estavam na lista de

[17] Conforme pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, *Retratos de leitura no Brasil*, de 2021, o hábito de leitura do brasileiro diminui com o tempo, e a quantidade anual média de livros lidos por habitante é de 4,95. Já a pesquisa realizada em 2024 demonstra que o brasileiro passou a ler apenas 3,96 livros por ano. Porém, os dados são generosos e incluem pequenos trechos das obras e a leitura de material didático. Mais informações em: https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/

participantes a partir de um *e-mail* temático — o Correio Coruja — (desenvolvido no mailchimp.com), que continha as informações necessárias para os encontros, bem como o *link* do Google Meet para a primeira discussão.

FIGURA 1 – *E-mail* enviado aos participantes, marca páginas do clube de leitura e capa do *podcast* no Spotify[18]

Fonte: desenvolvido pelos autores (2021).

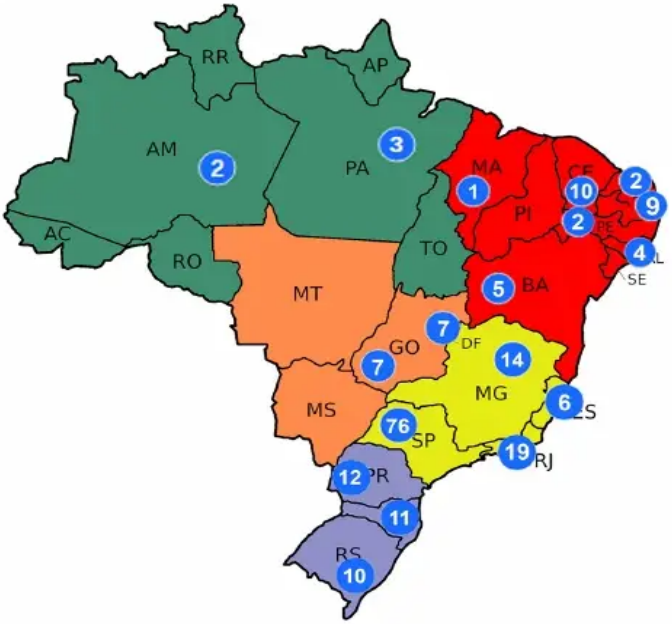
[18] *E-mail* enviado aos participantes (a figura na parte superior é um dos desenhos de Jim Kay publicado na edição ilustrada de *Harry Potter e a pedra filosofal*; a da parte inferior é uma das cenas do filme de título homônimo); marca páginas do clube de leitura (também com ilustração de Jim Kay na parte superior); e capa do *podcast* no Spotify.

A idade dos participantes da primeira temporada variou de 11 anos (acompanhados dos responsáveis) a 69. Mesmo com essa multiplicidade, os encontros fluíram de forma equilibrada, com interações entre todas as pessoas. É importante destacar que a vasta abrangência de idade entre os membros do clube de leitura reforça a ideia de Jenkins (2008) relativa à cultura participativa em *fandoms*, na medida em que jovens e adultos se reúnem engajados em algo de interesse comum para os participantes. Para Jenkins, a experiência não está apenas em uma pessoa, mas no espaço de compartilhamento, já que ninguém é tão bom que não possa aprender algo a mais com outras pessoas.

Além da faixa etária, outros índices foram considerados, a saber: 61,4% se autodeclararam brancos; 24,2% pardos; 10% negros; 3,7% preferiram não declarar; e 0,7% amarelos. A respeito do gênero, 82,3% se autodeclararam do gênero feminino; 16,3% do gênero masculino; 0,7% não binário; 0,4% preferiram não declarar; e 0,3% *gender fluid*. O nível de escolaridade que prevaleceu entre os participantes foi o de Ensino Superior completo, com um total de 30,6%, seguido por Ensino Superior incompleto, com 21,1%, e pós-graduação *lato sensu*, com 13,1% [19]. Já a distribuição geográfica dos 200 participantes pode ser verificada na Figura 2. O posicionamento dos *pins* na imagem foi realizado pelos próprios membros, em tempo real, a partir de uma ferramenta específica para esse tipo de interação.

[19] Esses dados referentes ao perfil do grupo foram retirados das respostas dadas pelos integrantes do clube, no formulário de inscrição elaborado pelos mediadores.

FIGURA 2 – Distribuição geográfica dos participantes do clube de leitura



Fonte: elaboração coletiva pelos próprios participantes do clube de leitura, realizada no primeiro encontro, ocorrido via Google Meet (abril de 2021).

É importante salientar que 60% dos integrantes nunca haviam participado de um clube de leitura antes, nem de forma presencial nem no formato *online.* Quando questionados sobre o motivo do interesse em fazerem parte do projeto, em sua maioria, responderam que era a sociabilidade proporcionada pelas redes durante a pandemia. Além disso, a releitura de obras do universo de *Harry Potter* para um debate coletivo foi indicada como uma das principais motivações. Logo, o

clube, em sua primeira temporada, foi composto majoritariamente por fãs da saga, seja por aqueles que já haviam lido os livros, seja por aqueles que, até então, só haviam assistido aos filmes.

Entende-se que o perfil dos integrantes do clube refletiu o de seguidores dos canais nos quais a ação fora divulgada. A Editora Rocco, responsável pela publicação dos livros de *Harry Potter* no Brasil, divulgou o *link* de acesso ao formulário de inscrições em suas redes sociais. O Potterish[20], maior portal da América Latina dedicado aos livros e aos filmes da saga, publicou, em seu *site,* uma matéria[21] sobre o clube, também com *link* para inscrição, além de divulgação em suas redes sociais. Anúncios patrocinados na plataforma Instagram também foram disponibilizados pelos mediadores. Logo, mesmo a saga sendo mundialmente conhecida e lida pelos mais diversos perfis de leitores, a predominância de participantes mulheres brancas com Ensino Superior completo reflete as características dos seguidores de canais relacionados à temática, e não um perfil de leitores pré-determinado pelos mediadores do clube. Para aqueles que se inscreveram a partir do anúncio, outro fator determinante é o algoritmo do Instagram, já que esse recurso parte do princípio de interações e buscas de conteúdos relacionados à temática dos *posts* patrocinados.

A Editora Rocco se interessou em apoiar a proposta do projeto e, mensalmente, enviou um exemplar do livro discutido para que fosse sorteado entre os participantes. Como a

[20] Disponível em: (https://potterish.com/)
[21] A matéria pode ser acessada pelo seguinte link: https://potterish.com/harry-potter-clube-leitura-online/

saga é uma narrativa transmídia e, como tal, se desenrola em várias plataformas de mídia (Jenkins, 2008), uma das portas de entrada para conhecimento da obra é a partir de suas adaptações fílmicas lançadas pela *Warner Bros.* entre os anos de 2001 e 2011. Assim, como forma de incentivar a leitura, a distribuição dos livros enviados pela editora foi feita a partir da vertente de gamificação[22], em que os participantes, ao final de cada encontro, tinham que responder um *quiz* com perguntas exclusivas dos livros, já que os filmes não abordam todo o contexto da história, por exemplo.

As obras escolhidas foram trabalhadas por meio de tópicos de discussão, que funcionaram como um guia para o debate e foram elaborados tendo como intuito a construção e o compartilhamento de conhecimentos críticos, tanto sobre as obras debatidas quanto acerca do tempo presente. Consequentemente, tinham o papel de constituírem pontos de partida para as análises dos textos literários lidos e as reflexões sobre questões sociais, culturais e políticas da contemporaneidade que se pretendia que os integrantes do clube realizassem. Dessa forma, texto e contexto — assim como conteúdos extratextos, uma vez que entrevistas e tuítes de J. K. Rowling também foram de interesse do clube — se tornaram objetos de debates.

Com o intuito de compartilhar parte do conteúdo do projeto com aqueles que não conseguiram uma vaga em sua primeira temporada, foi criado um *podcast* (também intitulado

[22] A gamificação usa a lógica de jogo para finalidades distintas das esperadas para essa atividade, buscando, além do entretenimento, o engajamento dos envolvidos. A recompensa e/ou a autorrealização fazem parte do processo, estimulando os sujeitos a seguirem na atividade desempenhada (Deterding *et al.* 2011; Santaella, 2013).

Hogwarts, Mil Histórias), que atualmente está hospedado no Spotify[23]. Sua primeira temporada contou com dezesseis episódios que foram disponibilizados, gratuitamente, entre os meses de junho de 2021 e setembro de 2022. Partindo da ideia de inteligência coletiva (Lévy, 2003), após cada encontro mensal, três participantes do clube eram escolhidos, dentre aqueles que tinham tido participações ativas nas discussões, para poderem construir o material de forma coletiva e colaborativa. Os integrantes do clube que não participavam do episódio como convidados tinham a opção de enviar uma mensagem de voz com alguma pergunta ou comentário, sobre um tema de sua escolha, para ser abordado pelos participantes do *podcast*.

Durante o período da primeira temporada, ocorreram, ainda, *lives* esporádicas no Instagram, organizadas pelos mediadores para o aquecimento de alguma discussão específica ou debate de temas relevantes para os encontros. Essas transmissões ao vivo poderiam contar com a participação de algum especialista no tema, como ocorreu no início do ciclo de leitura dos roteiros da peça de teatro e filme, de modo que o leitor participante compreendesse a diferença de leitura de um romance, como é o caso dos sete livros de *Harry Potter*, para roteiros, caso da série *Animais fantásticos* e da peça teatral *Harry Potter e a criança amaldiçoada*.

Outro fator importante foram as produções voluntárias e independentes dos membros, como resenhas dos livros debatidos, análises críticas, *fanfics*, *fanarts* e indicações de leitura

[23] Os episódios do *podcast Hogwarts, Mil Histórias* estão disponíveis em: https://open.spotify.com/show/1hZb7Wz6ZxWl5bcMgCbS6x?si=rHMTOOZWRgWFu-WDYIn1Ngw&dl_branch=1&nd=1.

em seus perfis pessoais nas redes sociais digitais ou em outros canais; conteúdos advindos das interações com outros leitores e fãs da saga a partir da participação no clube de leitura. Assim, é interessante notar a característica transmídia do clube de leitura, tendo em vista o seu desdobramento em outras mídias (encontros ao vivo no Google Meet, *podcast*, *fanfic*, debates a partir das análises críticas, etc.), destacando o seu potencial de compartilhamento, multiplicidade e serialidade (Jenkins, 2006). Outro ponto é o papel de prosumidores que esses integrantes exerceram, contribuindo com a difusão do universo narrativo e dos temas debatidos. Para Scolari (2016), o conceito de prosumidor refere-se ao consumo e à produção de conteúdo por sujeitos que não são passivos quanto aos materiais que atravessam seu cotidiano.

> Os prosumidores também colaboram na construção do mundo narrativo: embora haja uma história oficial gerenciada pelo emissor, para essa história, criada de cima para baixo, você deve adicionar as histórias *bottom-up* dos consumidores, agora transformados em produtores. O domínio textual de *fandom* surge a partir de baixo e se junta ao cânone oficial, contribuindo ainda mais para a expansão do mundo narrativo transmídia[24]. (Scolari, 2016, p. 3, tradução nossa).

Dentre as análises críticas escritas pelos participantes do clube, dezesseis foram publicadas na página *Para Além de*

[24] No original: Los 'prosumidores' también colaboran en la construcción del mundo narrativo: si bien existe un relato oficial (canon) gestionado por el emisor, a este relato, creado de arriba hacia abajo, se deben sumar las historias *bottom-up* de los consumidores, convertidos ahora en productores. El dominio textual del *fandom* surge desde abajo y se integra al canon oficial, contribuyendo aún más a la expansión del mundo narrativo transmedia.

Hogwarts — então perfil no Instagram de Victor Menezes, que buscava, de forma lúdica e por meio dos livros de *Harry Potter*, promover o ensino e a divulgação de História, concomitantemente às análises das obras do *Wizarding World*. Conforme pode ser observado no Quadro 1, os temas de tais análises foram previamente debatidos durante os encontros do *Hogwarts, Mil Histórias*. Seus conteúdos, portanto, resultam das propostas de discussões oferecidas pelos mediadores e de interpretações que seus respectivos autores fizeram das obras de J. K. Rowling durante a participação no clube.

FIGURA 3 – Exemplos de artes de divulgação das análises críticas

Fonte: Para Além de Hogwarts (@paraalemdehogwarts).

QUADRO 1 – Análises críticas feitas por participantes do *Hogwarts, Mil Histórias*

Título da análise	**Autoria**	**Data de publicação**	**Análise resultante do encontro sobre**
Severo Snape: um herói byroniano[25]	Natália Campos	26/07/2021	*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*
Snape realmente amava Lílian? Ou o que sentia por ela era uma obsessão?[26]	Natália Campos	01/08/2021	*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*
Três momentos em que Snape foi essencial para a narrativa e (sem saber) ajudou Harry[27]	Natália Campos	04/08/2021	*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*

[25] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CRzM1MorRm6/?img_index=1
[26] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CSCWavcrbrs/?img_index=1
[27] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CSKG9ijLqc1/?img_index=1

Precisamos falar sobre a tradução de *Harry Potter*[28]	Mariana Borges	26/10/2021	*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*
Os sotaques como alívio cômico em *Harry Potter*[29]	Mariana Borges	20/11/2021	*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*
Minerva McGonagall: um novo arquétipo da mulher bruxa[30]	Mariana Borges e Kátia Arcas	17/02/2022	*Harry Potter e a Ordem da Fênix*
Harry, Lula e a estratégia do Lawfare (guerra jurídica)[31]	Dyego de Araújo	28/10/2022	*Harry Potter e a Ordem da Fênix*
Gina Weasley e suas descaracterizações[32]	Laís Ramires Mendicino	09/02/2022	*Harry Potter e o enigma do príncipe*

[28] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CVgdR0CLJBS/?img_index=1
[29] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CWgKPe4rGwu/?img_index=1
[30] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CaFSMdqrlYs/?img_index=1
[31] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CkRX0Eiv5ON/?img_index=1
[32] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CZxs7viran9/?img_index=1

Alvo Dumbledore: dos livros para os filmes[33]	Laís Ramires Mendicino e Olivia de O. Nogueira	28/08/2022	*Harry Potter e as relíquias da morte*
Delphini, uma personagem controversa[34]	Dyego de Araújo	06/02/2022	*Harry Potter e a criança amaldiçoada*
As viagens no tempo em *Harry Potter*[35]	Sidnei de Oliveira Araújo	13/02/2022	*Harry Potter e a criança amaldiçoada*
Hermione Granger em *A criança amaldiçoada*[36]	Olivia de O. Nogueira	26/02/2022	*Harry Potter e a criança amaldiçoada*
Animais fantásticos e o medo do desconhecido[37]	Tami Coelho	05/02/2022	*Animais fantásticos e onde habitam*

[33] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/Ch0JWc2OxSj/?img_index=1
[34] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CZpSJa0rfCl/?img_index=1
[35] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CZ7K_EorwGk/?img_index=1
[36] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CacQNUuLaLP/?img_index=1
[37] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CZmr8KoLoPM/?img_index=1

Newt Scamander: um novo herói para uma nova era do Wizarding World[38]	Laís Ramires Mendicino	03/09/2022	*Animais fantásticos e onde habitam*
O professor e seus pupilos: o relacionamento de Dumbledore com Harry e Newt[39]	Marina Rodrigues de Oliveira	05/03/2022	*Animais fantásticos: os crimes de Grindelwald*
A jornada e as escolhas de Queenie Goldstein[40]	Dyego de Araújo	12/05/2022	*Animais fantásticos: os crimes de Grindelwald*

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A afetividade foi algo marcante durante todo o processo e, após a jornada de leitura dos sete romances de *Harry Potter*, do roteiro da peça de teatro *A criança amaldiçoada* e dos roteiros dos filmes de *Animais fantásticos*, ao fim da pandemia de covid-19, alguns dos participantes se encontraram presencialmente, na cidade de São Paulo, para fecharem um ciclo de debates e sociabilidades em rede.

[38] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CiDSAl0rGLC/?img_index=1
[39] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CavN1HQPvMb/?img_index=1
[40] Para ler o conteúdo completo, acesse: https://www.instagram.com/p/CdecKoFLHdY/?img_index=1

FIGURA 4 – Foto do último dia de debate *online* (fevereiro de 2022)

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022).

FIGURA 5 – Foto do encontro presencial, ocorrido no restaurante *Vassoura Quebrada*, em São Paulo (setembro de 2022)

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022).

A partir desta apresentação do clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias*, expomos, a seguir, os seus desdobramentos teórico-metodológicos advindos de discussões acadêmicas que envolvem os campos da História e da Comunicação. Nosso intuito é que nosso trabalho prático e analítico possa funcionar como um guia para que outros pesquisadores, mediadores de leitura e amantes da literatura desenvolvam projetos e/ou atividades semelhantes. Salientamos, contudo, que futuros projetos inspirados em nosso clube não devem se limitar às áreas acima citadas. Como relatado por alguns dos participantes da primeira temporada do projeto, as temáticas abordadas nos encontros e a metodologia utilizada, adaptadas para o contexto de sala de aula, podem ser trabalhadas em disciplinas como as de Língua Portuguesa, Literatura, Filosofia e Sociologia.

REFERÊNCIAS

FLORÊNCIO, F. **Depois de todo esse tempo? Sempre.** Um estudo de interações e experiências estéticas de fãs brasileiros e belgas da saga Harry Potter. 2018. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11454. Acesso em: 18 mar. 2023.

FRANCISCO, B. **Leitores e leituras de Harry Potter**. 118 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-19112019-171247/pt-br.php. Acesso em: 18 mar. 2023.

GARDNER, A. A Complete Breakdown of the J. K. Rowling Transgender Comments Controversy. **Glamour,** 7 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://www.glamour.com/story/a-complete-breakdown-of-the-jk-rowling-transgender-comments-controversy. Acesso em: 18 mar. 2023.

HIRATA, G. O feitiço perdura. **Revista Mundo Estranho**, [*S. l.*], p. 16-25, jun. 2017

HANRAHAN, B. A Reasonable Person's Guide to the J. K. Rowling Essay. **Medium**, 20 de junho de 2020. Disponível em: https://medium.com/@briehanrahan/a-reasonable-persons-guide-to-the-j-k-rowling-essay-6bd9e2d638ad. Acesso em: 18 mar. 2023.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LEÃO, M. **Identidade e *fandom*:** análise de práticas sociais de fãs de Harry Potter. 101 f. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Recife, 2019. Disponível em: http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8278. Acesso em: 18 mar. 2023.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINS, P. J. K. Rowling foi a escritora mais vendida do ano mesmo acusada de transfobia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/jk-rowling-foi-a-escritora-mais-vendida-do-ano-mesmo-acusada-de-transfobia.shtml. Acesso em: 18 mar. 2023.

SCOLARI, C. A. Transmedia Literacy: Informal Learning Strategies and Media Skills in the New Ecology of Communication. **Revista Telos - Cuadernos de Comunicación e Innovación**, **[***S. l.*], p. 1-9, 2016.

SUTTON-RAMSPECK, B. **Harry Potter and Resistance**. NY: Routledge, 2023.

2 CLUBES DE LEITURA NO AMBIENTE *ON-LINE*: TEORIA E PRÁTICA[41]

As atividades de clubes de leitura não são algo novo e, há muito, vêm ocupando os mais variados espaços (Rehberg Sedo, 2011, Fuller; Rehberg Sedo, 2013; Martins, 2022). Deixando de ser uma atividade exclusiva de bibliotecas, livrarias e ambientes escolares, esses encontros acharam, na *web,* um espaço para crescimento em distintas plataformas e, com a pandemia, ganharam força como uma forma de manter sociabilidades em rede, com participantes de diversos cantos do país e, até mesmo, do mundo.

Ademais, a discussão e a problematização de atividades que geram sociabilidades no ambiente em rede contribuem para o entendimento de diferentes fenômenos comunicacionais. Nesse sentido, os clubes de leitura também fornecem subsídios para a criação e o desenvolvimento de atividades similares à exposta nesta produção científica, auxiliando na expansão de práticas interacionais, com viés crítico no ecossistema digital.

O título deste capítulo faz referência a um dos textos de Cosson (2021), em que o autor apresenta a teoria sobre comunidades de leitores e práticas desse tipo de atividade, dentro e fora do ambiente escolar, focando o formato presencial. Porém, propomos aqui um olhar voltado ao ambiente *online*,

[41] Este capítulo foi originalmente publicado no livro *Cultura tecnomidiática*, organizado por Jesús Flores, Gloria Rodríguez Garay e Jacqueline Oyarce, disponível em: https://indd.adobe.com/view/publication/1ff20fa0-420b-4ee5-9c67-416d26fcd48f/1/publication-web-resources/pdf/Cultura_tecnomidiatica.pdf

tomando como objeto de estudo o *Hogwarts, Mil Histórias,* clube de leitura central deste livro.

2.1 Das bibliotecas ao ciberespaço

As formas de se compartilhar a leitura têm uma longa história na Europa e na América do Norte. Segundo pesquisas realizadas por Allan (2008), o número de clubes de leitura existentes na Inglaterra até o final do século XVIII era de cerca de seiscentos — informação fornecida por um correspondente anônimo da Monthly Magazine, em 1821. O estudo também indica que a aquisição de livros era consideravelmente custosa.

Usando o clube do livro inglês *Sheffield Book Society* como exemplo, Allan (2008) destaca que, em um sentido mais restrito, os clubes de livros funcionavam como bibliotecas. Como resultado, havia algumas características que os distinguiam de outros tipos de estrutura de circulação de livros entre os leitores e, em particular, das genuínas bibliotecas de empréstimo. Ainda tomando *Sheffield Book Society* em sua análise, o estudioso afirma não haver a necessidade de nomeação de um bibliotecário ou outros funcionários, por exemplo. Porém, certos cargos eram necessários, como presidente, tesoureiro e secretário. Outra condição que distinguia essas associações de bibliotecas é o fato de não terem grande adesão e, com isso, não terem os recursos financeiros necessários para o desenvolvimento contínuo e a manutenção regular de uma coleção permanente.

Seus membros, muitas vezes, se reuniam em pousadas, bares ou cafés. Nos encontros, debater, jantar, dançar e beber

eram atividades comuns. As reuniões eram, geralmente, bem-estruturadas, com atas redigidas por um secretário nomeado, contendo, por exemplo, acordos para compra de títulos específicos para circulação. Essas organizações eram mais do que apenas para acesso a textos, já que mesmo leitores com uma vasta coleção de livros participavam dos encontros (Williams, 2017). Com isso, além da aquisição e da circulação de livros pelos membros, os clubes conseguiram abranger um leque vasto de atividades.

> Em um extremo, estes poderiam, evidentemente, sombrear o reino da biblioteca de empréstimo permanente. Por outro, eles ainda poderiam ser pouco mais do que um punhado de bons amigos que, por acaso, entraram em algum tipo de acordo formal para comprar e distribuir livros entre si. Além disso, na extremidade mais ambiciosa, a fronteira entre um clube do livro e uma biblioteca às vezes podia ser atravessada por um simples processo de absorção, como o exemplo do Uxbridge Book Society, que, desde seu início, era claramente uma biblioteca permanente em tudo, menos no nome (Allan, 2008, p. 31, tradução nossa).[42]

Com relação à quantidade de membros, a partir de sintetização (Quadro 2), Allan (2008) constata que um ponto de partida para um clube do livro viável parece ter sido algo em torno de seis e vinte e cinco pessoas. Um número que não

[42] Texto original: At one extreme these could evidently shade off into the realm of the full-blown permanent lending library. At the other, they might still amount to little more than a handful of good friends who happened to have entered into some kind of formal agreement to buy and distribute books amongst themselves. At the more ambitious end of this range, moreover, the national boundary between a book club and a library could sometimes be crossed by a simple process of absorption, as the example of the Uxbridge Book Society, which from its inception was clearly very much a permanent library in all but name.

garantia recursos suficientes para gerar o poder de compra e a sociabilidade que esse tipo de organização deveria oferecer. Para o autor, era improvável que mais de vinte indivíduos pudessem se reunir, pelo menos no início, para se comprometerem com um empreendimento inteiramente novo.

QUADRO 2 – Clubes do livro na Inglaterra: adesão e crescimento

Name	Founders	Subsequently
Caxton Club		6 (1745)
Newark Book Society	6 (1777)	20 (1790)
Botesdale Book Society		12 (1778)
Blandford Reading Society	25 (1792)	25 (fixed)
Caledonian Book Club (Bolton)		30 (early 1800s)
Middlewich Book Club		27 (1801)
Boston Literary Society	11 (1804)	
Painswick Book Society	13 (1804)	
Sheffield Book Society	8 (1806)	30 (early 1820s)
Hackney Reading Society	9 (1815)	20 (fixed)
Edgbaston & Five Ways Book Society	24 (1816)	24 (fixed)
Barnard Castle Book Society	12 (1819)	
Woodstock Book Society	20 (1822)	
Yoxford Book Club		28 (1829)

Fonte: Allan (2008).

Allan (2008) afirma haver algumas evidências com relação às regras. Existiam certas normas processuais que funcionavam com uma espécie de acordo tácito. E, como seria de se esperar, os clubes do livro, por serem tanto ocasiões como instituições, possuíam um programa regular de reuniões

agendadas. Segundo o autor, essa não é uma observação irrelevante, já que, conforme destaca, uma das principais características de clubes do livro é que seus membros foram capazes de manter o controle sobre aspectos de tomada de decisões.

> [...] Em contraste com as bibliotecas permanentes do período, que, com seu número muito maior de membros, e onde, como resultado, muito poder geralmente precisava ser confiado a um subcomitê executivo menor ou mais gerenciável, os clubes do livro quase sempre tomavam suas decisões abertamente em uma sessão plenária completa, com cada membro presente podendo contribuir livremente (Allan, 2008, p. 41, tradução nossa[43]).

Para Williams (2017), os clubes do livro atraíam leitores não apenas porque ofereciam às pessoas um acesso fácil aos livros, sem a necessidade de comprá-los,

> [...] mas também porque, em uma época de crescente entusiasmo por todos os tipos de clubes e outras formas estruturadas de sociabilidade, eles situavam a leitura e a discussão de livros ao lado de uma série de atividades grupais. [44] (Williams, 2017, p. 118, tradução nossa).

---

[43] No original: [...] In contrast in particular with the permanent libraries of the period, with their much larger membership, and where, as a result, much power usually needed to be entrusted to a smaller or more manageable executive subcommittee, book clubs almost always made their decisions openly in a full plenary session, with each attending member able to contribute freely to the proceedings.

[44] No original: [...] but also because in an era of rising enthusiasm for all sorts of clubs and other structured forms of sociability, they located reading and the discussion of books alongside a range of communal pursuits.

Com o advento da *internet* e o crescente número de usuários de plataformas de interação, como fóruns e redes sociais, os leitores estão migrando das salas de leituras das livrarias e das bibliotecas para se instalarem em grupos mais extensos de forma virtual. Striphas, em entrevista para Jenkins (2012), afirma ser possível manter uma conversa significativa sobre um livro em ambientes digitais, mesmo que em parcelas limitadas por caracteres, como é o caso do Twitter. Além disso, espaços virtuais, como LibraryThing.com, GoogReads.com e Skoob, fornecem aos leitores inúmeras oportunidades não apenas de se conectarem uns com os outros, mas também de trocarem recomendações de livros e expressarem opiniões; atividades comuns de grupos de leitura.

Para Rehberg Sedo (2010), embora a *world wide web* forneça um meio novo para a produção e a distribuição de textos e, portanto, atue como uma força sobre os processos tradicionais relacionados à literatura, também oferece oportunidades para que muitos leitores se conectem uns com os outros, independentemente de fatores como origem cultural ou socioeconômica, por exemplo. Os clubes que existiam em contexto pré-internet se distinguem bastante dos que temos na atualidade, a começar pelas limitações geográficas para a participação dos encontros, pela dificuldade de aquisição de livros e pela quantidade de participantes.

Na contemporaneidade, é possível socializar mais rápido e com uma maior frequência do que poderíamos até uma década atrás, por exemplo. A convergência midiática é algo patente, e o leitor, situado no ambiente virtual, desliza pelas plataformas em busca de informações e interações com outros

sujeitos, não mais preso às antigas limitações. O termo convergência, neste texto, se ancora nos parâmetros pontuados por Figueiredo (2020, p. 89). Segundo a autora,

> [...] o que chamamos de convergência de mídia também diz respeito a alterações nos modos de ler, estimulando o comportamento migratório da audiência midiática, instada a migrar de um suporte a outro, seguindo o fluxo de conteúdo por múltiplas plataformas em busca de experiências renovadas de entretenimento.

Os eventos *online* de leitura compartilhada oferecem oportunidades de interação na ambiência virtual, podendo ser estendidos para ambientes *offline* e vice-versa. Para Fuller e Rehberg Sedo (2014), esses encontros podem ser efêmeros, mas são capazes de produzir momentos significativos de identificação ou conexão afetiva entre os participantes.

Assim como o *e-book* não acabou com o códice, o desejo de socializar e debater uma narrativa não deixou de existir diante das mudanças tecnológicas ou até mesmo daquelas nas indústrias literárias. Com tais pressupostos, a seguir, abordaremos as características do clube de leitura objeto deste livro e as impressões de seus integrantes, que se voluntariaram a participar de nossa pesquisa.

2.2 Metodologia e temas do *Hogwarts, Mil Histórias*

Os leitores participantes da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias* depararam-se com um fluxo de conteúdos das mais distintas plataformas, indo do Instagram, com *lives* preparatórias para alguns encontros, ao Telegram e

ao Google Meet, para discussões sobre as narrativas. Logo, esses conteúdos caracterizam-se como uma forma expandida do clube, que desliza entre os meios e exige leituras hipermidiáticas dos participantes.

> A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo, e a mensagem só vai se escrevendo, na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor (Santaella, 2004, p. 175).

Assim, esses leitores são caracterizados como leitores ubíquos (Santaella, 2013). Tal característica refere-se à habilidade cognitiva de orientar-se entre nós e nexos multimidiáticos, controlando sua presença no espaço físico e digital em um fluxo acelerado de informações.

No clube, a estrutura das interações constituiu-se, pois, de processos síncronos e assíncronos. Este último estabeleceu-se por meio de debates no aplicativo de mensagens Telegram. Na semana anterior à dos encontros *online* síncronos, como forma de aquecimento e início dos debates, três tópicos eram postados pelos mediadores, levando em conta a obra lida. Cada encontro *online* girava em torno de quatro tópicos, distintos dos já debatidos no Telegram, e tinha a duração média de três horas. Seguindo um cronograma idealizado pelos mediadores e compartilhado com os participantes, esses encontros aconteceram no terceiro sábado de cada mês, via Google

Meet, plataforma em que a capacidade total de participantes era de 200 pessoas na mesma sala.

As dinâmicas dos encontros nas plataformas eram distintas. No Telegram, todos podiam interagir, fazendo reflexões sobre os tópicos estabelecidos. Já no encontro ao vivo, cada ponto/tema foi discutido, em média, ao longo de 40 minutos, por até cinco pessoas que abriam seus microfones e câmeras. As demais tinham a possibilidade de inserir as suas percepções no *chat* do próprio Google Meet. Por diversas situações, em muitas ocasiões, os participantes apresentavam uma conversação paralela à debatida. Essa conversa não era desconsiderada pelos mediadores, que, muitas vezes, ao identificarem algum ponto interessante para o debate apontado no *chat*, traziam o tema para uma discussão mais ampla. Assim sendo, pelo menos vinte participantes diferentes conseguiam expressar suas opiniões e interpretações ao longo de cada um dos encontros, com microfone e câmera abertos.

A atuação dos mediadores do clube, tanto no Telegram quanto no Google Meet, seguiu a proposta defendida por Dante Gallian, em seu livro *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma* (2017). Isto é, foi semelhante à de "um guia que conduz um grupo de visitantes por um determinado território; ele já sabe, de antemão, onde é o ponto de partida e onde é o ponto de chegada da visita", mas, diferente do guia, não assume a postura "de um professor ou palestrante que expõe e pontifica" (Gallian, 2017, p. 123). Sua postura é, sobretudo, a de alguém que questiona e provoca reflexões. Diante disso, tanto para os encontros síncronos quanto para os assíncronos, os tópicos de discussões funcio-

naram como norteadores dos debates, que, em muitos momentos, acabaram seguindo distintos rumos a partir das colocações e interesses dos participantes. O compartilhamento de sensações, impressões, dúvidas e opiniões suscitadas pelos tópicos elaborados pelos mediadores possibilitaram, ainda, que muitos dos participantes passassem a ver o mundo que os rodeia também por meio das lentes dos demais companheiros e companheiras de clube

Cabe destacar que os sete romances de *Harry Potter,* o roteiro da peça teatral *Harry Potter e a criança amaldiçoada* e os roteiros dos dois primeiros filmes *Animais fantásticos* são compostos por um enredo rico em referências históricas, filosóficas e culturais que têm marcado as sociedades ocidentais contemporâneas, como o racismo, a escravidão, o machismo, o autoritarismo, o fascismo, entre outros. Conforme pode ser observado no Quadro 3, todas essas referências foram, em algum momento, tema de debate.

É importante ressaltar, contudo, que as obras de J. K. Rowling não são singulares por terem, em seu enredo, questões próprias de seu tempo de criação, mas pela forma como retratam e discutem tais temáticas. Sob essa ótica, vale também salientar que todas as produções culturais são marcadas pela cultura e pela sociedade dentro das quais e para a quais foram concebidas (Menezes; Pinto, 2018). Logo, muitos dos temas debatidos no *Hogwarts, Mil Histórias* podem ser trabalhados com outras obras literárias, em demais clubes de leitura que tenham como um de seus alicerces a produção de discussões pautadas nas relações entre ficção e não ficção.

A seguir, apresentamos o quadro com uma sintetização dos tópicos debatidos em cada livro, ao longo da primeira

temporada do clube. Os tópicos enumerados de 1 a 3 referem-se aos discutidos no grupo do Telegram. Enquanto os de número 4 a 7, relacionam-se com os trabalhados nos encontros síncronos via Google Meet.

QUADRO 3 – Obras e tópicos discutidos na primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias*

Obra	**Tópicos de discussão**	**Objetivos**
Harry Potter e a pedra filosofal	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.
	2 – O mundo mágico de *Harry Potter*	Discutir as semelhanças e as diferenças entre o mundo mágico criado pela autora J. K. Rowling (mundo secundário) e o nosso mundo real (mundo primário).
	3 – Gordofobia	Analisar e discutir a maneira gordofóbica com que os personagens Válter e Duda Dursley são retratados.
	4 – Harry como herói	Discutir as visões dos participantes do clube acerca do personagem Harry Potter enquanto herói da saga.

	5 – A amizade do trio	Discutir a formação da amizade entre os personagens Harry, Rony e Hermione.
	6 – Dursleys: eles são vilões?	Discutir as construções dos personagens Válter e Petúnia Dursleys, bem como a relação destes com Harry.
	7 – O personagem Draco Malfoy	Discutir a construção do personagem Draco Malfoy enquanto antagonista de Harry.
Harry Potter e a câmara secreta	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.
	2 – O preconceito racial	Analisar as alegorias do racismo criadas por J. K. Rowling para seu mundo literário e discutir as implicações da existência desse preconceito na vida de personagens chamados de 'bruxos nascidos-trouxas'[45] (*muggle-born* no original) e

[45] Personagens bruxos e bruxas que são filhos de pai e mãe "trouxas" (*muggle*, no original). Ou seja, filhos de pais que não são bruxos. Aqueles que têm preconceito com os "nascidos-trouxas os chamam de "sangue-ruim" (*mudblood*, no original). No mundo de *Harry Potter*, esse termo é altamente depreciativo. A insinuação racial implica que o indivíduo tem "sangue sujo", é inferior aos autoproclamados "sangues puro" (*pure-blood* no original) e indigno de pertencer à comunidade mágica.

		'mestiços'[46] (*half-blood* no original).
	3 – Fatos e boatos	Por meio da lenda — que se comprova uma história verdadeira — da câmara secreta, discutir as relações entre fatos e boatos, tanto no mundo de *Harry Potter* quanto em nosso mundo real.
	4 – Harry, Lockhart e a fama	Discutir como a fama está presente na vida dos personagens Harry e Lockhart e como eles lidam com ela de formas extremamente diferentes.
	5 – A importância do lar	Comparar a forma com que Harry é tratado na casa dos Dursleys com a que ele passa a ser tratado na casa dos Weasleys. Discutir a importância de Hogwarts e da Toca para Harry. Refletir sobre como Hogwarts também foi um lar para personagens como Tom Marvolo Riddle e Severo Snape.

[46] Personagens bruxos e bruxas que são filhos de um pai/mãe "trouxa", "nascido(a)-trouxa", gigante, duende e etc e de um bruxo ou bruxa. Entram nessa categoria, também, os filhos de pai ou mãe bruxo com pai ou mãe duende, gigante, veela ou quaisquer outros seres mágicos. No mundo bruxo dos anos 1990, a maior parte dos bruxos é mestiça, uma vez que a população bruxa teria se extinguido se não tivesse se casado com "trouxas" e "nascidos (as) trouxas".

	6 – Maternidades	Discutir as construções das personagens Lílian, Petúnia e Molly enquanto mães. Debater os ideais de maternidades presentes nas sociedades contemporâneas e suas influências nas construções de personagens femininas da saga.
	7 – Dobby e a escravidão	Por meio do personagem Dobby, o elfo doméstico[47], discutir a presença da escravidão no mundo de *Harry Potter,* bem como a forma com que ela é representada na narrativa.
	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

[47] Ser mágico, criado por J. K. Rowling, que é escravizado pelos bruxos e bruxas do mundo de *Harry Potter*. É comum que elfos domésticos pertençam às famílias aristocráticas, mas também podem ser encontrados servindo instituições do mundo mágico, como é o caso de Hogwarts. Dobby é o único elfo doméstico dos livros de *Harry Potter* que deseja a liberdade — o que acontece somente quando um elfo é presenteado com uma roupa por seu dono. O fato de todos os demais elfos serem mostrados como leais aos seus senhores, servis e contra a conquista de suas liberdades levanta questionamentos acerca de uma leitura e de uma representação colonialista da escravidão presente na saga.

Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban	2 – A amizade entre os Marotos	Discutir semelhanças e diferenças entre a amizade entre os Marotos[48] e a amizade entre o trio. Comentar a inexistência, ao longo dos sete livros de *Harry Potter*, de grupos femininos análogos aos Marotos.
	3 – O bicho-papão de Neville	Discutir os significados narrativos e discursivos do bicho-papão[49] do personagem Neville ser um professor (no caso, Severo Snape) e a maneira de vencê-lo, por meio do riso, ser a ideia de fazer um personagem do gênero masculino vestir-se com roupas tidas em nossa sociedade — e na sociedade bruxa — como femininas.
	4 – Hermione e o burn-out	Por meio da jornada escolar de Hermione neste livro (que usa de um vira-tempo[50] para conseguir assistir mais aulas dos que os seus colegas de escola), discutir a importância do autoconhecimento de nossos limites (tanto físicos quanto psicológicos).

[48] Grupo formado por quatro personagens na época em que eram adolescentes: Tiago Potter (pai de Harry), Sirius Black (padrinho de Harry), Remo Lupin e Pedro Pettigrew.

[49] No mundo de *Harry Potter*, o bicho-papão (*boggart*, no original) é um "não ser" mágico que assume a forma daquilo que a pessoa mais teme. No caso do personagem Neville, o que ele mais teme na vida é o professor Snape. Assim, o seu bicho-papão assume a forma desse professor. Para vencer esse "não ser", um bruxo precisa transformá-lo em algo cômico. Neville, então, magicamente coloca no "bicho-papão-Snape" as vestes de sua avó, o que faz com que toda a sua turma de escola dê risada da figura do professor, personagem do gênero masculino, usando vestimentas femininas (tidas, ainda, como extravagantes por serem vestes de uma personagem da terceira idade).

[50] Objeto mágico que possibilita que o seu portador viaje no tempo (no caso, para o passado).

	5 – O sistema de justiça no mundo bruxo	Analisar a jornada do personagem Sirius Black e o quanto ele foi prejudicado devido às falhas do sistema de justiça do mundo de *Harry Potter*. Comparar esse sistema com o vigente em nossa sociedade.
	6 – Professores de Hogwarts	Discutir o perfil dos professores e da docência na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, tendo como foco os personagens: Remo Lupin, Rúbeo Hagrid e Sibila Trelawney.
	7 – Remo Lupin e a licantropia	Por meio do personagem Remo Lupin, que é um lobisomem, discutir os preconceitos com as minorias existentes no mundo mágico. Analisar as alegorias que J. K. Rowling criou para o HIV e a AIDS a partir da licantropia[51].
Harry Potter e o cálice de fogo	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

[51] No conto *Remus Lupin*, publicado no *site* Pottermore (atual Wizarding World) em 2015, a escritora J. K. Rowling revelou: "A condição licantrópica de Lupin (ser um lobisomem) foi uma metáfora para aqueles que carregam o estigma de doenças como HIV e AIDS. Todos os tipos de superstições parecem permear condições sanguíneas por nascença, provavelmente devido aos tabus que envolvem o próprio sangue. A comunidade bruxa é tão propensa a histeria e preconceito quanto a comunidade trouxa, e o personagem de Lupin me deu a oportunidade de examinar tais atitudes" (tradução feita pelo fã-site *Potterish*).

	2 – A expansão mundo mágico de *Harry Potter*	Comentar a expansão do mundo mágico ocorrida neste romance, com a introdução de instituições mágicas, nacionalidades bruxas e eventos esportivos que não tinham sido mencionados nos livros anteriores.
	3 – Mídia e sensacionalismo	Discutir as representações do jornalismo, do sensacionalismo midiático e das *fake news* presentes neste romance.
	4 – O amadurecimento de Harry	Discutir o amadurecimento psicológico, emocional e social de Harry, abordando temas como sexualidade, relações interpessoais e escolhas frente aos desafios da vida.
	5 – F.A.L.E. e a militância de Hermione	Discutir a militância política da personagem Hermione em prol da liberdade dos elfos domésticos e analisar como a narrativa constrói o debate sobre liberdade *versus* escravidão.
	6 – Os comensais da morte	Analisar e discutir as atitudes dos comensais da morte; refletir sobre a ideologia que sustenta as ações desse grupo; e compará-los a organizações supremacistas reais (como a Ku Klux Klan, nos Estados Unidos). Refletir sobre os impactos do racismo no mundo bruxo e sua possível relação com

		eventos históricos e contemporâneos no mundo real.
	7 – Representatividades étnico-raciais	Discutir a escassez de diversidade étnico-racial nos livros de *Harry Potter* e, a partir de Parvati Patil, Padma Patil e Cho Chang, analisar como personagens não brancas são apresentadas na narrativa. Debater a importância de se ter representações inclusivas e realistas, em obras de ficção, de sujeitos historicamente marginalizados em nossas sociedades.
Harry Potter e a Ordem da Fênix	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.
	2 – Mudanças no mundo bruxo	Analisar as mudanças que estão sendo feitas no governo mágico britânico pelo personagem Cornélio Fudge (Ministro da Magia[52]) e discutir as representações de um governo ditatorial que se faz presente neste quinto romance.
	3 – A relação entre Sirius e Harry	Debater a ligação afetiva entre Harry e o seu padrinho, Sirius Black, e os impactos que o assassinato deste segundo tem na vida do primeiro.

[52] No Reino Unido bruxo, o cargo político mais alto é o de Ministro da Magia (equivalente ao de Primeiro-Ministro no Reino Unido do mundo primário).

	4 – Representatividades femininas	Analisar, do ponto de vista da representatividade, as construções narrativas das personagens: Hermione Granger, Gina Weasley, Luna Lovegood, Molly Weasley, Ninfadora Tonks, Minerva McGonagall e Dolores Umbridge.
	5 – Ensino e aprendizagens	Debater o novo ensino em Hogwarts, sob a égide da ditadura de Cornélio Fudge, e os discursos sobre exames e aprendizagens que passam a ser propagados pelo Ministério da Magia, por meio da figura de Dolores Umbridge.
	6 – Resistências estudantis	Analisar a Armada de Dumbledore — grupo de estudos criado por Hermione, Harry e Rony — enquanto resistência estudantil aos desmandos ditatoriais do Ministério da Magia.
	7 – Trauma e sofrimento	Debater a construção de Harry enquanto personagem que, neste livro, passa por transtorno de estresse pós-traumático.
	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Harry Potter e o enigma do príncipe	2 – A vida e as mentiras de Tom Marvolo Riddle	Debater as construções do personagem Tom Marvolo Riddle / Lord Voldemort enquanto principal vilão da saga e comparar as semelhanças entre seu passado e o de Harry.
	3 – Passado e presente	Por meio da trama da penseira[53] e das aulas que Harry passa a ter com Dumbledore, discutir a importância da memória e do passado para a compreensão do presente, tanto na narrativa de *Harry Potter* quanto em nosso mundo real.
	4 – Severo Snape: um anti-herói?	Analisar as construções de Severo Snape enquanto personagem que se enquadra no arquétipo de anti-herói.
	5 – Gina Weasley e a liberdade sexual feminina	Analisar a representação da liberdade sexual feminina por meio da personagem Gina Weasley, com foco em como suas escolhas afetivas e autonomia emocional são apresentadas. Além disso, refletir sobre questões relacionadas ao feminismo e ao machismo que são discutidas na obra.

[53] A penseira (*pensieve*, no original) é um objeto mágico utilizado pelos bruxos que desejam visitar ou revisitar memórias, tanto suas quanto de terceiros. No sexto romance de *Harry Potter*, Dumbledore e Harry visitam uma série de memórias relacionadas ao passado de Lorde Voldemort.

	6 – Mérope Gaunt e a violência doméstica	Analisar a violência doméstica sofrida por Mérope Gaunt e como isso impacta a sua vida. Discutir como as experiências de abuso e humilhação influenciam os relacionamentos da personagem com Tom Riddle e com o filho (Voldemort).
	7 – Confiança e autoconfiança	Debater como Harry é um personagem que frequentemente deposita sua confiança em aliados, em particular no seu tutor, Alvo Dumbledore. Questionar se Harry age corretamente com tais atitudes e analisar, por outro lado, como a narrativa apresenta a sua autoconfiança.
Harry Potter e as relíquias da morte	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.
	2 – A vida e as omissões de Alvo Dumbledore	Discutir as construções narrativas do personagem Alvo Dumbledore, tendo como foco: a) o seu papel enquanto mentor de Harry; b) a sua atuação política; c) a sua sexualidade.

	3 – Mídia e resistência	Discutir como os meios de comunicação, como *O Pasquim*[54] e *Observatório Potter*[55], atuam como mídias de resistência ao regime totalitário e de caráter fascista que é imposto por Lorde Voldemort.
	4 – Literatura e conhecimento	Por meio de *O conto dos três irmãos*, uma das histórias que compõem o livro *Os contos de Beedle, o Bardo*[56], debater as relações entre ficção e realidade e como é possível construir conhecimento por meio da leitura de obras de ficção.
	5 – Cristianismo e *Harry Potter*	Identificar temas, símbolos e/ou valores cristãos que estão presentes nos livros; discutir se a presença deles resulta de escolhas intencionais de J. K. Rowling ou se são apenas ressonâncias culturais inevitáveis, considerando as influências do contexto ocidental em

[54] *O Pasquim* (*The Quibbler*, no original) é uma revista bruxa editada e publicada pelo personagem Xenofílio Lovegood, pai de Luna Lovegood (uma das melhores amigas de Harry). Inicialmente, *O Pasquim* é apresentado como uma mídia que frequentemente publica teorias da conspiração. Com as ascensões de governos bruxos ditatoriais, contudo, a revista passa a ser a única a relatar o que de fato está acontecendo no mundo bruxo e se torna uma mídia de resistência.

[55] O *Observatório Potter* (Potterwatch, no original) é um programa de rádio pirata apresentado pelo personagem Lino Jordan. Foi criado após o golpe de estado de Lorde Voldemort e tem como objetivo divulgar as atrocidades que marcam o novo regime político.

[56] Livro lido por bruxos e bruxas e que é composto por histórias curtas análogas aos contos de fadas do mundo primário. Um exemplar de *Os contos de Beedle, o Bardo* é deixado por Dumbledore, em testamento, para a personagem Hermione Granger. Um ano após o lançamento de *Harry Potter e as relíquias da morte*, romance em que as histórias de Beedle foram mencionadas pela primeira vez, J. K. Rowling lançou um livro, cujo título também é *Os contos de Beedle, o Bardo*, composto por cinco contos ambientados no mundo bruxo (entre eles, o *Conto dos três irmãos*, que havia sido inicialmente inserido no citado volume de *Harry Potter*).

		que ela foi criada; e refletir sobre como responder a críticas de grupos religiosos que veem a obra como conflituosa com valores cristãos.
	6 – O regime político de Voldemort	Analisar o regime político de Voldemort e sua ideologia supremacista; estabelecer paralelos entre o regime de Voldemort e os movimentos nazifascistas; promover uma reflexão crítica sobre totalitarismo e resistência; discutir os impactos da queda do regime político de Voldemort, identificando problemas solucionados e permanentes no mundo bruxo; e relacionar literatura e realidade histórica, mostrando como a obra representa eventos e ideologias do mundo real.
	7 – Sacrifícios	Explorar o tema do sacrifício em *Harry Potter e as relíquias da morte* e na saga como um todo, além de refletir sobre a concepção de Dumbledore sobre o "bem maior".
	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Harry Potter e a criança amaldiçoada	2 – Harry e a paternidade	Discutir as construções do personagem Harry Potter enquanto pai e comparar semelhanças e diferenças entre essa paternidade e as que encontramos nos romances de *Harry Potter*.
	3 – Reputações e pressões	Debater como a peça discute a forma com que os personagens Harry e Draco, em suas fases adultas, vivem com suas reputações enquanto seus filhos, Alvo e Escórpio respectivamente, são obrigados a lidar com a pressão de serem filhos de quem são.
	4 – Pontos positivos e negativos do roteiro	Uma vez que o roteiro teatral da peça *Harry Potter e a criança amaldiçoada* divide opiniões, o intuito é não só debater o que de fato tem de negativo nessa oitava história de *Harry Potter*, mas também elencar os pontos positivos na perspectiva dos participantes do clube.
	5 – A amizade de Alvo e Escórpio	Discutir a amizade dos personagens Alvo Potter e Escórpio Malfoy a partir de dois segmentos: a) comparando-a com a amizade do trio apresentada nos romances de *Harry Potter*; b) à luz do conceito de *queerbaiting* (a presença de subtextos homoeróticos que possibilitam a leitura de Alvo e Escórpio como um casal, apesar de a narrativa não os confirmar como tal).

	6 – As personagens femininas	Analisar, do ponto de vista da representatividade, as construções narrativas das personagens: Hermione Granger, Gina Weasley, Minerva McGonagall, Delfi Riddle e Rosa Granger-Weasley.
	7 – Mentiras e consequências	Discutir as consequências que a mentira, mesmo quando é dita com o objetivo de proteger o outro, causa na vida dos personagens centrais da peça.
Animais fantásticos e onde habitam	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.
	2 – De volta a Hogwarts	A partir do documentário *Harry Potter: de volta a Hogwarts* (HBO+, 2022), discutir os sentimentos dos participantes do clube frente a este reencontro midiático do elenco dos filmes de *Harry Potter*. Em seguida, por meio do episódio especial de final de ano do podcast *Hogwarts, Mil Histórias*, refletir sobre os então posicionamentos transfóbicos de J. K. Rowling.
	3 – Criaturas mágicas	Discutir as construções fílmicas dos animais mágicos enquanto personagens e suas relações com animais existentes em nosso mundo.

	4 – A masculinidade de Newt Scamander	Analisar as construções de Newt Scamander enquanto personagem masculino cuja performance de gênero não segue o padrão encontrado em heróis de filmes hollywoodianos de fantasia. Levar os participantes a responderem duas questões: a) O que acham de termos um herói como Newt? b) Em quais outras produções já viram personagens semelhantes ao Newt?
	5 – Queenie Goldstein	Discutir as construções narrativas e fílmicas da personagem Queenie Goldstein.
	6 – Mary Lou Barebone e Gerardo Grindelwald	Comparar semelhanças e diferenças entre as construções dos personagens Mary Lou Barebone e Gerardo Grindelwald enquanto vilões. Discutir as ambições políticas que eles nutrem e os meios que utilizam para conseguirem aquilo que desejam.

	7 – O medo do desconhecido	Discutir, por meio da figura do *obscurus*[57], a presença do medo diante daquilo que é desconhecido. Debater as possíveis aplicabilidades da ideia que está por detrás do *obscurus* em realidades de nosso mundo (como o sentimento que cria um obscurial no mundo bruxo poder ser equiparado ao de repressão de identidades sexuais e de gênero em nosso mundo).
Animais fantásticos: os crimes de Grindelwald	1 – Experiência de leitura e releitura	Comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.
	2 – Quais são os crimes de Grindelwald?	Diante de muitos fãs questionarem o título dado a este segundo filme da franquia *Animais fantásticos* — alegando que o personagem-título não comete crime algum — , discutir os crimes do personagem que são sim retratados no roteiro/filme e, em particular, o discurso de Grindelwald (que é um discurso criminoso devido ao seu viés fascista).

[57] Jovem bruxo ou bruxa que desenvolve uma força mágica parasitária e maligna como resultado de sua magia ter sido suprimida através de abuso psicológico e/ou físico.

	3 – Nagini	Discutir as construções de Nagini enquanto personagem. Comparar o que é revelado sobre ela ao longo deste roteiro/filme com as informações que tínhamos sobre a mesma nos romances de *Harry Potter*. E refletir sobre como a personagem, ao ser interpretada por uma atriz sul-coreana, reforça o estereótipo cinematográfico do "perigo amarelo" (que coloca pessoas asiáticas como uma ameaça).
	4 – Grindelwald e o fascismo	Analisar as relações entre os anseios políticos e as ideologias do personagem Gerardo Grindelwald e o fascismo. Comparar o personagem com lideranças políticas contemporâneas e discutir as ascensões das novas extremas direitas e do fascismo no mundo como um todo e, em particular, no Brasil.
	5 – Dumbledore e seus pupilos	Comparar as relações professor/aluno que Alvo Dumbledore desenvolveu com dois de seus pupilos mais famosos: Harry Potter e Newt Scamander.
	6 – O relacionamento entre Dumbledore e Grindelwald	Discutir as representações, por meio de subtextos homoeróticos, da sexualidade de Dumbledore e de seu relacionamento amoroso com Gerardo Grindelwald. Questionar o porquê de, num filme de 2018, ainda não termos a homossexualidade do personagem sendo apresentada de forma explícita.

	7 – Novas compreensões do mundo bruxo?	Refletir sobre as novas percepções acerca do mundo bruxo, criado por J. K. Rowling, que estão sendo propiciadas pela franquia de filmes *Animais fantásticos*.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

A título de exemplo, nos Quadros 4 e 5, podem ser observados dois tópicos[58], na íntegra, compartilhados com os integrantes do clube nos meses em que foram discutidos os romances *Harry Potter e a pedra filosofal* e *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, respectivamente. Ele é composto por um texto introdutório de apresentação do tema e duas perguntas que servem como ponto de partida para as discussões.

[58] Para conhecimento de todos os tópicos elaborados para as discussões dos romances de *Harry Potter*, ver o *Apêndice A* deste livro.

QUADRO 4 – Terceiro tópico de discussão de *Harry Potter e a pedra filosofal*

Para o terceiro tópico de discussão do romance *Harry Potter e a pedra filosofal*, gostaríamos de trazer um tema que alguns de vocês já comentaram aqui no Telegram, mas que achamos de extrema relevância ser aprofundado: GORDOFOBIA.

Por definição, conteúdos de caráter gordofóbico são aqueles que fazem uso de abordagens preconceituosas para designar pessoas gordas. Haver personagens gordos, tanto do lado do bem quanto do lado do mal, não significa que a obra não apresenta questões que podem ser configuradas como gordofóbicas. A gordofobia está relacionada, por exemplo, com a escolha linguística e simbólica para a representação dos personagens em uma determinada obra. Mais do que associar a forma corporal a uma coisa ruim, existe a associação de estereótipos, ou seja, imagens fixas. Um desses estereótipos, por exemplo, é o hábito de estar se alimentando constantemente.

A partir dessas colocações, gostaríamos que vocês comentassem:

A) Qual a opinião de vocês sobre características gordofóbicas presentes na saga e em quais situações podemos identificá-las?

B) Vocês retratariam algum personagem gordo da saga de forma distinta?

Observação: esse tema é pertinente para a saga como um todo (até mesmo para *Animais fantásticos*). Porém, vamos expressar nossas opiniões com base apenas no primeiro romance de *Harry Potter*.

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

QUADRO 5 – Segundo tópico de discussão de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*

Os inícios dos romances de *Harry Potter* geralmente são marcados por incidentes mágicos envolvendo Harry e os Dursleys. Se, nos quatro primeiros livros, tais incidentes possuem um tom cômico (Cartas invadindo o nº 4 da Rua dos Alfeneiros; Dobby destruindo um bolo; Tia Guida sendo inflada; e Arthur Weasley destruindo a lareira dos Dursleys), no quinto, percebemos que há toda uma carga dramática, já que Harry e Duda correm o risco de terem suas almas sugadas por dementadores. Tal acontecimento dá o tom para o que veremos nas páginas seguintes, com Harry e Dumbledore sendo desacreditados e perseguidos pelo Ministério da Magia; O Ministério interferindo em Hogwarts; Harry sendo torturado por Umbridge; e, no final da trama, um dos personagens mais queridos pelos fãs — e um dos mais importantes para Harry — sendo assassinado. Há tantos temas e passagens densas que, às vezes, pode parecer que o mundo mágico que nos é apresentado neste quinto romance não é o mesmo que conhecemos nos quatro livros anteriores. Diante disso: A) Como vocês veem o mundo mágico apresentado em *A Ordem da Fênix*? É o mesmo dos livros anteriores? O que mudou? B) O que está acontecendo neste mundo que faz com que o Harry sofra (e muito!) nas mãos de Dolores Umbridge?

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Por meio do tópico presente no Quadro 4, o intuito inicial dos mediadores foi o de fomentar análises e discussões acerca das descrições físicas de Válter e Duda Dursley, já que, no primeiro romance de *Harry Potter,* são encontradas as seguintes afirmações acerca, em especial, do segundo personagem: “uma coisa que parecia uma grande bola de brincar na praia, usando diferentes chapéus coloridos” (capítulo 2); “muito gordo e detestava fazer exercícios” (capítulo 2); “Tia

Petúnia dizia com frequência que Duda parecia um anjinho — Harry dizia com frequência que Duda parecia um porco de peruca" (capítulo 2); e "Duda estava dançando no mesmo lugar com as mãos apertando a barriga banhuda, guinchando de dor" (capítulo 4).

Diante de tamanha fixação do narrador em atrelar o ser gordo a algo ruim e/ou cômico — fixação que se repete em outras histórias escritas por J. K. Rowling, aliás[59] —, buscamos levar os participantes do clube a refletirem sobre o tema da gordofobia e como ele se faz presente nas obras de fantasia da autora britânica. Apesar de nem todos concordarem que tais descrições são gordofóbicas, novos aprendizados acerca do tema foram construídos em conjunto, por meio dos debates realizados no Telegram. Isso porque, ao longo das discussões, houve também aqueles que, pela primeira vez, aprenderam o que é gordofobia; os que trouxeram explicações, a partir das áreas da Saúde da qual fazem parte, acerca de que ser gordo não significa ser doente; assim como os que compreenderam a presença desse preconceito na narrativa do livro que estavam lendo e construíram novos olhares sobre da saga *Harry Potter*.

O tópico presente no Quadro 5, por seu turno, propunha reflexões sobre governos e práticas políticas autoritárias, a

[59] Como é o caso do romance *Morte súbita*, publicado em 2012, que traz a seguinte descrição de Howard Mollison (principal vilão da trama): "Era um homem de sessenta e quatro anos, de uma obesidade extravagante. A barriga avantajada formava uma prega que lhe caía diante das coxas e, assim que batia os olhos nele, a maioria das pessoas logo pensava no seu pênis: quando o teria visto pela última vez, como conseguia lavá-lo, como conseguia realizar qualquer dos atos para os quais serve o pênis? Em parte, porque o seu porte físico provocava este tipo de pensament; em parte, por causa da sua baixa tolerância a brincadeiras, Howard conseguia deixar as pessoas sem jeito e desarmá-las quase na mesma medida" (*Morte Súbita*. Editora Nova Fronteira. Trad. Izabel Aleixo e Maria Helena Rouanet, 2012, p. 36).

partir das perseguições sofridas pelos personagens Alvo Dumbledore e Harry Potter, no quinto romance da saga. Ao longo do debate, os leitores não somente desenvolveram discussões aprofundadas acerca de um dos principais temas que marcam o enredo do livro em questão, mas também compartilharam suas observações e críticas sobre acontecimentos recentes da História do Brasil — como a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Ao fim, aprendizagens sobre os signos do autoritarismo foram construídas em conjunto. Dyego de Araújo, integrante do clube com formação na área do Direito, chegou a escrever uma análise, intitulada *Harry, Lula e a estratégia do Lawfare (guerra jurídica)*, que comparava a forma como a Suprema Corte dos Bruxos tratou Harry com as ações da Operação Lava Jato (2014-2021), realizadas durante o julgamento de Luiz Inácio Lula da Silva. Publicado na *Para Além de Hogwarts,* conforme indicado na introdução deste livro, tal texto é um interessante exemplo de como debates e reflexões surgidos no clube, a partir dos tópicos de discussão, contribuíram para que integrantes do projeto assumissem o papel de prosumidores.

A partir dessa estrutura metodológica e temática desenvolvida para o clube, apresentamos, a seguir, as impressões que os participantes do *Hogwarts, Mil Histórias*, de forma voluntária, forneceram para a constituição de produções científicas, bem como o melhoramento de técnicas. Em seguida, fornecemos uma análise dos dados para a verificação dos resultados do projeto.

2.3 As impressões dos participantes do *Hogwarts, Mil Histórias*

Ao final da primeira temporada do projeto, com o intuito de verificar a eficácia da metodologia criada e aplicada, bem como obter impressões gerais sobre moderação e estrutura do clube, um questionário[60], composto por 15 perguntas abertas e fechadas, foi enviado via Google Forms aos participantes do clube[61]. Dentre os 200 chamados para fazerem parte da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias*, 58 (ou seja, 29%), cujas idades variaram entre 11 e 69 anos, se voluntariaram para responder ao questionário. Cinquenta e um desses participantes se autodeclararam do gênero feminino, seis se autodeclararam do gênero masculino e um se autodeclarou não binário. De modo a preservar suas identidades, seus nomes foram substituídos por numerais romanos (de I a LVIII). Entre as quinze perguntas que compõem o questionário, é de interesse deste capítulo apenas a de número nove, cujo objetivo era avaliar as atividades propostas no clube e a atuação dos mediadores.

Para análise dos dados, optamos pela metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2010), por sua capacidade de proporcionar a reinterpretação das mensagens do objeto em estudo. Seu propósito é o de facilitar a compreensão dos significados, indo além de uma leitura superficial. Para Bardin, esse tipo de verificação consiste em um conjunto de técnicas

[60] Para conhecimento do questionário, ver o *Apêndice D* deste livro.
[61] O questionário foi aplicado em fevereiro de 2022. Naquele momento, todas as obras que compuseram a temporada já tinham sido lidas ou relidas pelos participantes.

de análise das comunicações, para que seja possível obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos dessas mensagens.

Nesse sentido, este estudo busca, no método de categorização, o procedimento necessário para a estruturação de indicadores. A categorização consistiu na classificação de elementos, seguindo critérios previamente definidos e observando as características comuns dos itens analisados. Assim sendo, os dados coletados foram categorizados em cinco dimensões, a saber:

1. Respostas que se restringem a elogios;
2. Novos aprendizados e percepções acerca dos livros de *Harry Potter*;
3. Crescimento pessoal e auxílio em questões pessoais/profissionais;
4. Aumento no interesse em ler/reler os livros de *Harry Potter* e de participar das atividades;
5. Críticas negativas quanto à metodologia e/ou aos tópicos trabalhados no clube.

As dimensões 1, 2, 3 e 4 configuram críticas positivas à metodologia, à estrutura e à mediação do clube e são compostas, ao todo, por 54 respostas (ou seja, 90% das respostas oferecidas). Já a dimensão 5, que configura críticas negativas, possui 6 respostas (10%). Dois participantes, XXXIII e XXXVII, ofereceram críticas positivas e negativas; suas respostas compõem tanto a dimensão 2 quanto a 5.

A dimensão 1 (Quadro 6) é composta por um maior número de respostas: 27 (correspondentes a 45% do total). Ao todo, há a presença de vinte e um adjetivos que demonstram

a aprovação do *Hogwarts, Mil Histórias* por parte desses participantes da pesquisa: interessante e incrível (aparecem 6 vezes cada); bem-elaborado/bem-estruturado e dinâmico (aparecem 3 vezes cada); divertido, interativo, maravilhoso e organizado (aparecem 2 vezes cada); cativante, criativo, didático, envolvente, espetacular, excelente, fantástico, fluído, inclusivo, instigador, relevante, rico e sensacional (aparecem 1 vez cada). A maior parte das respostas é sucinta. Os elogios são feitos à metodologia, à estrutura e/ou à mediação do clube como, a título de exemplo, pode ser observado no depoimento da participante XX.

QUADRO 6 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube. Respostas que se restringem a elogios[62]

Participante	Gênero	Idade	Respostas
I	Feminino	39	Achei dinâmicas e interessantes. Só tive dificuldades em participar dos *quiz* por causa do meu celular.
II	Feminino	18	Atividades incríveis, que fomentavam o diálogo e a troca de conhecimento amei tudo!!
III	Feminino	26	Foram incríveis! Cada fala de vocês é uma aula e isso é demais!

[62] As respostas dos participantes aqui são colocadas na íntegra e sem eventuais correções gramaticais e/ou ortográficas.

IV	Feminino	29	Muito relevantes para uma discussão saudável e desenvolvimentos dos temas propostos
V	Feminino	32	Muito boas. Jeito divertido de passar o tempo e falando de algo que adoramos.
VI	Feminino	51	Gostei muito da dinâmica do Clube do Livro
VII	Feminino	57	Achei as dinâmicas muito bem elaboradas e inclusivas e os mediadores foram excelentes sempre trazendo harmonia e conteúdo de qualidade.
VIII	Feminino	27	Achei o clube incrível, vemos a cada encontro a dedicação de vocês em trazerem temas pertinentes e discussões interessantes.
IX	Feminino	42	As atividades foram incríveis, mediação e interação com o grupo espetacular.

X	Feminino	27	Amei tudo! Tópicos discutidos, sorteios e *quizzes* sempre muito bem organizados. Às vezes precisamos ter um jogo de cintura pra lidar com a tecnologia, mas Victor e Vanessa sempre se mostraram ótimos Lufanos, super pacientes e leais ao que se propuseram fazer. É nítido que vocês se entregaram ao máximo para o clube, pelo clube e, apesar de dias difíceis, estiveram presentes sempre de coração aberto pra gente e com muito amor.
XI	Feminino	32	Fantástico! Fiquei triste de não poder aproveitar tudo como gostaria, mas adorei tudo que participei.
XII	Feminino	22	Eu gostei bastante, acho que levanta debates bem legais e gostaria de ter participado mais.
XIII	Feminino	48	Maravilhosa a proposta e a atuação dos mediadores melhor impossível.
XIV	Feminino	33	Participei pouco, mas achei bem interessante, interativo e ao mesmo tempo organizado. As atividades cumprem a proposição de um debate real e crítico, e não apenas uma simples descrição das obras.

XV	Feminino	38	Achei muito rica a forma apresentada com perguntas durante a semana e o clube ao vivo no sábado. As perguntas e pontuações sempre muito bem estudadas e embasadas, materiais extras livro com referências de textos on line e vídeos que fomentaram as discussões sempre muito bem colocadas.
XVI	Masculino	24	Foi um clube nostálgico e didático. Não poderia ter sido melhor!
XVII	Feminino	42	Eu amei o Clube e a atuação dos mediadores, vocês são maravilhosos.
XVIII	Feminino	29	Encontros com temáticas muito interessantes e mediadores muito inteligentes e corretos.
XIX	Feminino	21	Foi tudo maravilhoso!

XX	Feminino	31	A atuação dos mediadores foi incrível e fez com que a experiência do clube tenha sido tão fantástica. Eles trouxeram temas super interessantes para as discussões, artigos e vídeos externos aos livros, além de provocações para que pudéssemos pensar mais a respeito de algum tema. As atividades propostas, juntando o grupo do Telegram e a discussão ao vivo, foram complementares, trazendo um formato super interessante para o clube, de forma que mesmo os mais tímidos podiam se expressar apenas de forma escrita e os mais extrovertidos podiam participar das discussões ao vivo. O apoio dos comentários durante a discussão ao vivo também foi super importante. O formato foi muito interativo e bem estruturado.
XXI	Feminino	18	Foi incrível!! Nunca vivi algo assim, só tenho a agradecer ao Victor e a Vanessa por essa oportunidade maravilhosa
XXII	Feminino	13	Maravilhosa!
XXIII	Feminino	47	As atividades foram excelentes. Os mediadores sempre muito atenciosos e firmes.

XXIV	Feminino	51	Maravilhosa!!!!! Perguntas muito bem elaboradas e estudadas. Show.
XXV	Feminino	69	Infelizmente só pude participar do 1 encontro e as atividades foram envolventes e instigadoras.
XXVI	Feminino	21	Os mediadores foram muito bons, as discussões e interações foram cativantes e muito divertidas de participar. Já tinha participado de aulas ministradas pelo Victor, e é sempre bom ouvir o que ele tem a dizer sobre essas sagas, sempre tem algo a ser aprendido.
XXVII	Masculino	22	Achei sensacional. O clube foi dinâmico e as atividades foram bem fluidas e criativas. Adorei participar dos *quizzes* e debater os temas propostos. E ter o *podcast* (e participar de um dos episódios) foi muito bom; estendeu nossa experiência no clube e nos aproximou ainda mais dos participantes e mediadores. E o clube não seria tão especial se não fosse pelos mediadores Vanessa Martins e Victor Meneses. Suas intervenções, propostas de temas e de atividades enriqueceram ainda mais o debate, proporcionando momentos de grande aprendizado e movimentando os encontros quando era necessário.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Com relação à dimensão 2 (Quadro 7), no âmbito da análise, 18 participantes voluntários da pesquisa (correspondentes a 30% do total) afirmaram que a metodologia e os tópicos de discussões do clube possibilitaram que obtivessem novas percepções acerca dos livros de *Harry Potter* e/ou contato com novos aprendizados, conforme apontado pela participante XXXIV. Além disso, os respondentes XXVIII, XXIX e XLV destacaram como relevantes, para os seus aprendizados e novas percepções, as discussões de temas atrelados aos conceitos de política, gordofobia e gênero: "Eu nunca havia participado de um grupo que discutisse a fundo as temáticas trazidas nos livros da saga, como a gordofobia e a visão de maternidade, que eu nunca havia percebido e analisado", afirmou a participante XXIX.

É interessante notar ainda que duas respondentes destacaram a postura dos mediadores frente aos comentários e posições políticas de cunho transfóbico da autora J. K. Rowling que, em uma das discussões no Telegram, foram defendidas por duas participantes do clube. "Ponto importante a ressaltar é que os mediadores lidaram muito bem com as falas transfóbicas que surgiram no Telegram. Acho que foi resolvido de maneira excelente, como deve ser" (XXXIII). "Adoro os mediadores que sempre nos respeitaram e quando aconteceram algumas situações chatas (como os comentários transfóbicos) souberam responder a altura e ainda retiraram a pessoa do clube"[63] (XXXVIII).

[63] Com o objetivo de se ter um ambiente seguro e saudável para todos, uma das regras criadas pelos mediadores consistia na proibição da propagação de discursos machistas, misóginos, racistas e/ou LGBTfóbicos. Como acordado com todos os participantes no primeiro encontro, a pessoa que descumprisse tal regra perderia sua vaga no *Hogwarts, Mil Histó-*

QUADRO 7 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube. Participantes que apontam que ambos propiciaram novos aprendizados e percepções acerca dos livros de Harry Potter[64]

Participante	Gênero	Idade	Respostas
XXVIII	Masculino	32	As discussões e os mediadores do clube me fizeram enxergar lados nunca antes vistos por mim. Já era fã da obra, mas passei a ser ainda mais. A profundidade com que certos temas foram discutidos abriu muito minha cabeça pra um lado político da saga.
XXIX	Feminino	26	O Clube me abriu os olhos para muitos assuntos tratados nos livros. Eu nunca havia participado de um grupo que discutisse a fundo as temáticas trazidas nos livros da saga, como a gordofobia e a visão de maternidade, que eu nunca havia percebido e analisado. Os mediadores sempre se mostraram abertos a ouvir o que os participantes tinham para falar, dando espaço para todos os perfis, sendo a participação por vídeo e voz ou por *chat*.

rias. Pelo descumprimento da regra, as duas pessoas que defenderam e fizeram comentários transfóbicos foram convidadas a não participarem mais das discussões no Telegram e encontros virtuais.

[64] As respostas dos participantes aqui são colocadas na íntegra e sem eventuais correções gramaticais e/ou ortográficas.

XXX	Feminino	30	Foram ótimas atividades, os mediadores sempre interagindo, colocando ótimas opiniões e fazendo o povo falar. Eu nunca tinha analisado os livros de HP dessa forma e foi ótimo para ter uma nova percepção deste universo. Eu já havia relido muitas vezes antes do clube e em cada uma delas surgiu algo diferente, mas nada que chegasse perto dessas percepções trazidas nas reuniões. Principalmente as visões do Vitor que, para mim, são as melhores.
XXXI	Feminino	49	As atividades permitiram mudar o meu olhar sobre alguns pontos, enriquecendo a experiência da releitura. Foi uma experiência p Eu sempre quis ter a sensação de ler Harry Potter como da primeira vez e esse clube permitiu que eu tivesse essa sensação novamente, pois mostrava pontos que muitas vezes passaram desapercebidos.
XXXII	Feminino	18	As atividades eram muito enriquecedoras e nos faziam pensar hp de uma nova forma; os mediadores eram ótimos.

XXXIII	Feminino	26	As atividades foram ótimas e as discussões propostas pelos mediadores excelentes […] ponto importante a ressaltar é que os mediadores lidaram muito bem com as falas transfóbicas que surgiram no telegram. Acho que foi resolvido de maneira excelente, como deve ser. Foi ótima. Reler Hp depois de tanto tempo me fez ver coisas que, quando mais nova, não havia notado. A perspectiva séria e com as análises de aspectos sociais relevantes, proposta pelos mediadores, foram muito boas.
XXXIV	Feminino	17	Eu gostei muito das propostas de debate que foram propostas e como elas foram colocadas. Os mediadores souberam escolher temas pertinentes, que proporcionaram diálogos diversos e pude refletir e aprender tanto com eles quanto com outros participantes. O que mais chamou minha atenção foram que alguns temas e questões discutidos eu nunca tinha parado pra pensar que estavam presentes e Harry Potter e, além disso, que eles se relacionavam com cenários da vida real e da atualidade.

XXXV	Feminino	29	Achei muito interessante a proposta de discussão crítica do assunto, pq permite que a gente revisite nossos conceitos e preconceitos sobre o livro.
XXXVI	Masculino	20	Muito boas, me fizeram perceber coisas que antes eu não tinha aberto os olhos para durante a leitura. Me fez ter uma visão mais crítica da história e como a autora conciliou a fantasia com a realidade.
XXXVII	Masculino	27	Sobre os mediadores - acho o preparo e embasamento de ambos sensacional. Os paralelos com a história, com a comunicação ou com percepções diferentes de conceitos que já haviam sido estabelecidos sempre foram as partes mais preciosas do clube, na minha opinião. Acho os mediadores muito gentis, pacientes e acolhedores com todos os integrantes, inclusive em situações que há divergência entre as opiniões. (eu mesmo discordo de muita coisa e às vezes até mudo de opinião rs)

XXXVIII	Feminino	30	Eu adorei as atividades propostas no clube, sempre nos fazendo pensar e compreender as diferentes opiniões e me fez aprender mais sobre todos os livros. Adoro os mediadores que sempre nos respeitaram e quando aconteceu algumas situações chatas (como os comentários transfóbicos) souberam responder a altura e ainda retiraram a pessoa do clube.
XXXIX	Feminino	23	As atividades e atuação dos mediadores foi excelente, as pautas postas em discussão sempre foram muito instigantes e possibilitaram reflexões profundas e riquíssimas. As questões trazidas para debate foram sempre pertinentes e muito bem colocadas, tanto as discussões no Telegram quanto os encontros sempre me possibilitaram muita reflexão, ampliando a visão que tinha sobre a saga.
XL	Feminino	27	As atividades propostas e discussões foram essenciais para ampliar minha visão acerca da obra; de fato, eu passei a enxergar muito além das páginas de Hogwarts. Vane e Victor sempre foram muito disponíveis e gentis com todos nós, sempre levantando discussões de extrema relevância relacionando a obra e o nosso contexto social atual. Se perfeição existe, tá aqui no clube com esses mediadores mara-

			vilhosos! As atividades foram excelentes, gostaria até de ter mais tempo para pensar sobre os pontos levantados, pois todos foram muito interessantes e totalmente fora do comum, além do que normalmente achamos que será a típica pergunta. Sinto que desenvolveu ainda mais a forma que leio e analiso o que leio.
XLI	Feminino	36	Os mediadores trouxeram pautas relevantes e interessantes que me fizeram olhar para os livros de outra forma, passei a ter um olhar mais crítico quando leio.
XLII	Feminino	38	Atividades muito interessantes e a atuação dos mediadores foi ótima! Os tópicos levantados durante os encontros ao vivo me mostraram pontos das histórias nas quais eu nunca havia prestado atenção anteriormente!
XLIII	Feminino	27	Foi uma das experiências mais ricas que já tive com o universo de Harry Potter! Sempre me considerei fã demais da saga, mas nunca havia tido a oportunidade de participar de um espaço onde tivesse tanta abertura para discussões mais profundas sobre o tema, abrindo minha mente inclusive para visões que eu nunca havia tido. Nota MIL para o Clube e por tudo o que me proporcionou durante todos esses meses!

XLIV	Feminino	11	Foi uma experiência maravilhosa, da qual irei guardar com muito carinho, afinal, junto com várias pessoas incríveis, pude ir mais a fundo no meu interesse por essa saga magnífica. Pude pensar mais sobre tudo o que é retratado nela. Foi realmente uma maravilha!
XLV	Feminino	33	Foram consideradas questões históricas, religiosas, sociais, sexuais, afetivas, da área de comunicação (que também está presente de alguma forma em todos estes mencionados) e acredito que esta variedade de temas tenha enriquecido muito a percepção dos leitores que participaram do clube. Fomos "cutucados" e instigados a ver além das nossas percepções iniciais, o que a princípio pode gerar um certo desconforto, mas contribui bastante para aprofundar a leitura desta grande saga. Quero deixar registrado também o caráter respeitoso e inclusivo no uso da linguagem na comunicação, na abordagem científica/histórica dos temas, evitando o senso comum e nos convidando a estudar e aprofundar tudo, sempre. Não houve espaço para achismos sem embasamento, fosse em temas como a gordofobia (no livro 1), as fake news (livro 4 em diante) ou na abordagem

			da masculinidade do Newt (animais 1). Muito obrigada!

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

No que tange à dimensão 3 (Quadro 8), 7 participantes (correspondentes a 11,7% do total) apontaram que a metodologia e os tópicos propiciaram um crescimento pessoal e/ou lhes ajudaram em questões pessoais/profissionais. Os respondentes XLVI, XLVIII, LI e LII destacaram a importância das atividades e das estruturas do *Hogwarts, Mil Histórias* para os seus respectivos crescimentos enquanto seres humanos. A participante XLVII indicou a importância dos encontros em meio ao período de pandemia de covid-19: "todas as discussões promoveram, ao mesmo tempo, diversão e conhecimento, algo que permitiu relaxar nesse período de pandemia, e isso foi um diferencial incrível". Já XLIX, que participou dos encontros do clube junto de sua filha de 11 anos (a respondente XLIV), registrou o impacto das atividades nas formações de ambos enquanto leitores mais críticos: "posso afirmar, com toda a certeza, que tanto eu quanto a minha filha realizamos leituras muito mais críticas agora do que antes de participarmos do projeto" (XLIX). Por fim, a respondente L comentou que o clube contribuiu para o avanço de sua pesquisa acadêmica e para a retomada da leitura literária.

QUADRO 8 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube. Participantes que apontam que ambos propiciaram crescimento pessoal e/ou ajudaram em questões pessoais[65]

Participante	**Gênero**	**Idade**	**Respostas**
XLVI	Feminino	20	O clube é diferente de qualquer outro! Acredito q pela formação dos mediadores os tópicos escolhidos e discutidos durante os encontros foram essenciais para a nossa formação como seres humanos e como seres sociais.
XLVII	Feminino	29	As propostas foram sensacionais, sempre bem elaboradas, atuais e muito inclusivas. Todas as discussões promoveram ao mesmo tempo diversão e conhecimento, algo que permitiu relaxar nesse período de pandemia, e isso é um diferencial incrível.
XVLIII	Feminino	28	Excelentes atividades de reflexão sobre a obra e sempre levantando pontos que nos levam a pensar so-

[65] As respostas dos participantes aqui são colocadas na íntegra e sem eventuais correções gramaticais e/ou ortográficas.

			bre a aplicabilidade das discussões na sociedade em que vivemos.
XLIX	Masculino	31	O clube foi sensacional. A mediação do Victor e da Vane foram assertivas, todas as discussões que tivemos nos encontros e no telegram foram intermediadas de forma que chegamos a conclusões profundas e significativas. Posso afirmar, com toda a certeza, que tanto eu quanto a minha filha, realizamos leituras muito mais críticas agora do que antes de participarmos do projeto.
L	Feminino	28	A proposta de um clube de leitura sobre Harry Potter me chamou atenção desde o início. As discussões, os debates, as trocas entre mediadores e participantes, o conhecimento compartilhado foram experiências muito incríveis. Uma coisa que eu achei sensacional foi perceber como acontecimentos de uma narrativa fictícia são tão semelhantes com as nossas vidas reais e ouvir o Victor e Vanessa explicando questões históricas, tendo esse distanciamento entre pesquisador e fã (sem deixar de lado o afeto pelo objeto de es-

			tudo) me ajudou muito a prosseguir com a minha pesquisa. As atividades foram muito bem organizadas, bem estruturadas. Me ajudou a voltar a ter o hábito da leitura e o hábito de trocar conhecimentos com colegas.
LI	Feminino	28	Foi algo absolutamente diferente de tudo que eu já tinha participado (e olha que eu sou a "louca dos grupos", já fiz um monte de coisas diferentes hahaha), e muito especial. Poder embasar algumas ideias que já tinha e ter contato com pontos de vista bem diferentes dos meus em relação a outras ideias trouxe perspectivas novas e surpreendentes para mim, tanto sobre a saga como quanto aos diversos pontos levantados ao longo dos meses (como política, preconceitos, temas como luto, etc.).

LII	Feminino	33	As atividades propostas no clube foram muito interessantes. Sempre eram propostos temas não só coerentes com a leitura em questão, mas tratavam de assuntos presentes em nosso cotidiano de alguma forma. Isso permite que olhemos além da leitura e consigamos ampliar ainda mais nossa visão e compreensão do mundo. Outro ponto importante o quanto cada participante enriquece a discussão, por terem vivências e experiências diferentes. E dentro de todos esses temas explorados os mediadores sempre atuaram de maneira coerente e respeitosa, promovendo uma discussão muito rica. E complementando os temas dos encontros, as discussões no grupo (pelo aplicativo Telegram) permitiram uma reflexão ainda maior, permitindo ainda que as pessoas que não se sentem a vontade para falar no encontro presencial se expressem.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

A dimensão 4 (Quadro 9) contou com 2 respostas (correspondentes a 3,3% do total), que destacaram o estímulo para ler/reler os livros de *Harry Potter* e para participar de todas

as atividades do clube. Chama a atenção o fato de serem respostas produzidas por duas participantes de gerações distintas, uma vez que LIII tem 51 anos e LIV, 22. Tal ocorrência, junto ao fato de a participante XLIV (de 11 anos de idade) também ter avaliado o *Hogwarts, Mil Histórias* de forma positiva, sugere que as metodologias e as estruturas do clube podem atender de maneira satisfatória a indivíduos de idades bastante variadas, não estando restritas a apenas um segmento etário, como inicialmente se poderia imaginar.

QUADRO 9 – Críticas positivas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube. Participantes que apontam que ambos propiciaram o aumento do interesse em ler/reler os livros de *Harry Potter* e da participação nas atividades[66]

Participante	**Gênero**	**Idade**	**Respostas**
LIII	Feminino	51	Todas as atividades propostas e interações foram relevantes. Entendo que a variedade de perguntas e atividades propostas bem com convites para participar do *podcast* e interagir com os participantes e seguidores dos mediadores só motivaram e aumentaram ainda mais a minha vontade de reler e observar bem como mudar o meu olhar para essa saga que li há 20 anos. Foi a primeira vez que participei de um clube de leitura e confesso que me senti muito envolvida e recompensada por tanto aprendizado e trocas que vivi durante todos os nossos encontros. É difícil dizer qual foi o mais enriquecedor, ou mais importante ou interessante.

[66] As respostas dos participantes aqui são colocadas na íntegra e sem eventuais correções gramaticais e/ou ortográficas.

LIV	Feminino	22	Achei que as atividades propostas no Clube foram ótimas para estimular a participação. O grupo no Telegram foi muito bom para estimular uma reflexão mais profunda sobre os temas, por haver mais tempo para formular as respostas e por ser mais fácil de realizar a discussão com base nos argumentos dos outros participantes. Os encontros ao vivo foram excelentes para estimular os debates, ouvir relatos pessoais muito significativos e também um pouco mais da opinião dos próprios mediadores. Victor e Vanessa foram excelentes mediadores, sempre explicando muito bem cada tópico, fazendo comentários e provocações muito pertinentes sobre os temas, escolhendo temas incríveis e relevantes, apresentando posicionamentos muito bons e que ajudaram muito na evolução das discussões. Além disso, as outras dinâmicas de *quizzes* e prêmios também foram ótimas para estimular a participação e de fato a (re)leitura dos livros, indispensável para o clube, assim como os materiais produzidos após os encontros (*posts* no Instagram e *podcasts*) foram muito importantes para desenvolver ainda mais as discussões e compartilhar todo o conteúdo produzido com muitas outras pessoas.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Por fim, no âmbito da dimensão 5 (Quadro 10), encontram-se as críticas negativas às metodologias e aos tópicos do clube. Foram seis respostas (correspondentes a 10% do total), baseadas em cinco pontos: a) tempo de duração dos encontros virtuais, percebido como muito longo por LVII; b) tempo de fala oferecido aos participantes nos encontros virtuais, visto como grande por XXXVII e LVI; c) o fato de quase sempre serem as mesmas pessoas que abriam o microfone e falavam nos encontros virtuais, apontado por XXXIII; d) complexidade dos tópicos de discussões, indicado por LV; e) a presença de relatos pessoais feitos por muitos dos integrantes do clube, o que na opinião de LVI o tornou "intimista demais".

É válido observar que o caráter mais pessoal e subjetivo de discussões consiste em uma das essências dos clubes de leitura e, talvez, um dos pontos principais que o diferencia de aulas inseridas no campo da educação formal (sejam elas pertencentes ao ensino básico ou ao ensino superior). Isso não quer dizer que esses espaços não sejam propícios para as construções e compartilhamentos de conhecimentos científicos. Muito pelo contrário, como foi demonstrado ao longo deste capítulo. A presença de relatos pessoais, por seu turno, deve ser esperada e até incentivada pelos mediadores desse tipo de atividade. Devido à heterogeneidade de expectativas e experiências de integrantes de um clube, contudo, é comum que alguns não se identifiquem com tal característica, enquanto outros a aprovem. E isso pode ser verificado nos dados aqui expostos: a participante LVI confessou, ao final de seu depoimento, não ter se identificado com tal prática presente no clube, já a participante LIV, entre outras, a apontou como

um dos pontos mais positivos que encontrou no *Hogwarts, Mil Histórias*.

QUADRO 10 – Críticas negativas quanto à metodologia e aos tópicos trabalhados no clube[67]

Participante	Gênero	Idade	Respostas
XXXIII	Feminino	26	Meu problema maior foi que sempre as mesmas pessoas falavam. Quando várias pessoas levantavam as mãos e passava de 5, as vezes quem nunca tinha falado por não ter sido rápido em levantar, acabava não falando. Isso me desanimou um pouco durante as reuniões.
XXXVII	Masculino	27	Sobre as atividades do clube — Gostei bastante do formato das atividades, a escolha de tópicos e a restrição de número de comentaristas para cada um. Gostei também das reflexões propostas na semana anterior ao encontro, assim como no pós-encontro. Em termos de organização sugeriria uma melhor otimização de tempo. Talvez com tempo cronometrado, ou talvez tendo esse combinado pré-estabelecido: de que os participantes não se demorem demais em suas contribuições.

[67] As respostas dos participantes aqui são colocadas na íntegra e sem eventuais correções gramaticais e/ou ortográficas.

LV	Feminino	27	Não pude participar de mais encontros em virtude de compromissos acadêmicos que me impediam de acompanhar as atividades a tempo. Outro ponto que me fez desistir do clube foi a falta de bagagem de conhecimentos suficiente para discutir as questões propostas pelos mediadores, o que me levou a pensar que estava deslocada no grupo.
LVI	Feminino	57	No começo gostei. Depois comecei a achar tudo muito abstrato, muito tempo de fala para as mesmas pessoas, pouca objetividade, sei lá, estava acostumada com os cursos do Victor com outra dinâmica[68]. A desse não combinou comigo. Intimista demais para mim. Mas é claro que outras pessoas adoraram. Uma amiga gostou bastante. Apenas não combinou comigo.
LVII	Não binário	33	Achei alguns encontros muito longos.
LVIII	Feminino	18	Nada a ver.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

[68] Aqui, a participante se refere às oficinas sobre *Harry Potter e História* que Victor Menezes oferecia no Programa UniversIDADE da Unicamp.

2.4 Considerações finais

A metodologia desenvolvida e apresentada neste capítulo não é específica para debates de obras enquadradas como romances ou roteiros. Sua criação e escopo visam atender as peculiaridades de interações de grupos de leitores na ambiência virtual. Mesmo que seu desenvolvimento tenha sido em um contexto pandêmico, sua estrutura leva em conta o contexto hipermidiático no qual estamos inseridos. Nesse sentido, o estudo a partir dos dados coletados no projeto visa contribuir com o conhecimento científico sobre interações de leitores em grupos *online*, que migram por diversos espaços para a construção de conhecimento.

Os dados coletados e aqui analisados sugerem que a metodologia e os tópicos de discussões desenvolvidos pelos mediadores do *Hogwarts, Mil Histórias* tiveram um alto índice de aprovação (90% entre os participantes que se voluntariaram a participar da pesquisa). Entre os pontos positivos apontados pelos respondentes, estão: novos aprendizados e percepções acerca dos livros de *Harry Potter*; crescimento pessoal e auxílio em questões pessoais/profissionais; e a criação de estímulo para a leitura/releitura dos livros de *Harry Potter* e participação em todas as atividades do clube. A partir dos pontos negativos apresentados por 10% dos respondentes, são verificadas a necessidade de um aperfeiçoamento do tempo de duração dos encontros virtuais e a criação de estratégias que possibilitem que mais pessoas diferentes consigam abrir seus microfones e câmeras para darem suas opiniões acerca dos tópicos propostos.

Sob essa ótica, a perspectiva estabelecida na criação do clube de leitura aqui detalhado reforça o compromisso social que a ciência possui: aquilo que é desenvolvido na academia deve extrapolar os muros da universidade e encontrar a sociedade, apresentando ferramentas e soluções para os cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALLAN, D. **A Nation of Readers**: the Lending Library in Georgian England. London: British Library, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

DETERDING, S.; KHALED, R.; NACKE, L. E.; DIXON, D. Gamification: Toward a Definition. *In:* CHI 2011 GAMIFICATION WORKSHOP PROCEEDINGS, 2011, Vancouver. **Anais** […]. Vancouver: [*s. n.*], 2011. p. 12-15.

FIGUEIREDO, V. L. **A ficção equilibrista**: narrativa, cotidiano e política. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

FLORÊNCIO, F. **Depois de todo esse tempo? Sempre.** Um estudo de interações e experiências estéticas de fãs brasileiros e belgas da saga Harry Potter. 2018. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11454. Acesso em: 18 mar. 2023.

FRANCISCO, B.. **Leitores e leituras de Harry Potter**. 118 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-19112019-171247/pt-br.php. Acesso em: 18 mar. 2023.

FULLER, D.; REHBERG SEDO, D. **Reading Beyond the Book**: The Social Practices of Contemporary Literary Culture. New York: Routledge, 2013.

FULLER, D., REHBERG SEDO, D. And Then We Went to the Brewery: Reading as a Social Activity in a Digital Era. **World Literature Today**, [*S. l.*], v. 88, n. 3 - 4, p. 14-18, maio/ago. 2014.

GALLIAN, D. **A Literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

JENKINS, H. The Past and Future Histories of Books: An Interview with Ted Striphas. **Pop Junctions**, [*S. l.*], 19 mar. 2012. Entrevista. Disponível em: https://henryjenkins.org/blog/2012/03/the_late_age_of_print_an_inter.html Acesso em: 9 dez. 2024.

JENKINS, H. Acafandom and Beyond: Week Two, Part One (Henry Jenkins, Erica Rand, and Karen Hellekson). **Pop Junctions**, [*S. l.*], 20 jun. 2011. Disponível em: https://henryjenkins.org/blog/2011/06/acafandom_and_beyond_week_two.html Acesso em: 9 dez. 2024.

JENKINS, H. **Fans, Bloggers, Gamers**: Exploring Participatory Culture. New York: University Press, 2006.

LEÃO, M. **Identidade e *fandom*:** análise de práticas sociais de fãs de Harry Potter. 101 f. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Recife, 2019. Disponível em: http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8278. Acesso em: 18 mar. 2023.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINS, V. A History of Book Clubs. **New Explorations Journal**, Toronto, v. 2, n. 2, p. 111-120, 2022. Disponível em: https://jps.library.utoronto.ca/index.php/nexj/article/view/38341 . Acesso em: 06 out. 2024.

MENEZES, V. H. S., PINTO, R. As possibilidades de utilização dos livros de Harry Potter no ensino de história. *In:* BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria. (org.) **Aprendizagens históricas**: debates e opiniões. [*S. l.*]: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens. 2018, p. 236-246.

REHBERG SEDO, D. **Reading Communities**: from Salons to cyberspace. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SCOLARI, C. A. Transmedia Literacy: Informal Learning Strategies and Media Skills in the New Ecology of Communication. **Revista Telos - Cuadernos de Comunicación e Innovación**, **[***S. l.*], p. 1-9, 2016.

WILLIAMS, A. **The Social Life of Books**: Reading Together in the Eighteenth-Century Home. Yale: University Press London, 2017.

3 CLUBES DE LEITURA COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL[69]

Os clubes de leitura podem ser compreendidos como práticas que se enquadram no âmbito da educação não formal. Ainda que sejam atividades em que os participantes se reúnem para partilhar "sensações, impressões e opiniões suscitadas pela leitura de determinada obra de forma livre e descompromissada do ponto de vista escolar e acadêmico" (Gallian, 2017, p. 87-88), o compartilhamento de distintas bagagens culturais e de saberes oriundos de fontes variadas acaba por marcar e enriquecer esse ambiente. Além de sociabilidades e do incentivo à leitura, essas organizações proporcionam, pois, aprendizagens significativas acerca das mais variadas áreas do conhecimento, instigam reflexões críticas sobre temas e sociedades retratados nos textos discutidos e promovem significativas mudanças sociais e de mentalidades.

Constatamos tais pressupostos durante a atuação como mediadores da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias*, descrito amplamente na introdução e no primeiro capítulo deste livro. Isto posto, o presente capítulo tem como objetivo discutir as atividades de clubes de leitura à luz das conceituações e dos pressupostos da educação não formal e das teorias contemporâneas da aprendizagem. Primeiramente, delimitar-se-á os sentidos que os estudiosos da área têm dado a esse modelo de educação, para, então, refletir sobre como os

[69] Este capítulo foi originalmente publicado no livro *Literacia midiática*, disponível em: https://www.riaeditorial.com/livro/literacia-midi%C3%A1tica

clubes de leitura *online* podem ser pensados e organizados enquanto comunidades de aprendizagem em rede. Em seguida serão analisadas, a partir da metodologia de análise de conteúdo temática (Bardin, 1979), as falas dos voluntários da pesquisa, que apontam para uma autopercepção de aquisição de novas reflexões, interpretações, competências e visões de mundo proporcionadas pelo projeto.

3.1 Educação não formal e os clubes de leitura *online*

A educação não formal, enquanto um campo de conhecimento ainda em construção, costumeiramente, abrange as experiências e as atividades de caráter educativo, desenvolvidas em espaços sociais diversificados, que vão além do escolar e universitário (Nogueira; Santos, 2020). Embora seja constituída por certa estrutura e organização, diverge da educação formal (aquela desenvolvida especificamente em escolas e universidades e que segue um currículo pré-estabelecido pelos órgãos governamentais), no que se refere "à fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto" (Simson *et al.*, 2001, p. 9). Tem como ponto fundamental o compromisso com questões que são importantes para os grupos alvos e o fornecimento de elementos para socialização, desenvolvimento social, participações coletivas e investigações. O reavivamento da cultura dos indivíduos nela envolvidos, o respeito às experiências vividas e a valorização e a utilização da realidade de cada um, por sua vez, são também características que marcam ensino não formal (Simson *et al*., 2001, p. 10-11).

Maria da Glória Gohn (2014, p. 40) argumenta que a educação não formal é movida por escolhas, sob certas condicionalidades. Nesse sentido, nesse tipo de aprendizagem, o desenvolvimento é atravessado por intencionalidades, e o aprendizado não é espontâneo. A decisão de aprender, entretanto, é voluntária, e não há a obrigatoriedade de frequência e de permanência nas atividades propostas. Pode ser aplicada a todos os grupos etários, independente de classes sociais, etnia, gênero e sexualidade, e em contextos socioculturais e espaços diversos (Simson *et al*., 2001; Gohn, 2011). Não possuindo um público definido e cativo, a educação não formal é composta por sujeitos que se inserem em suas ações movidos pelo interesse nas temáticas discutidas, nas ideologias veiculadas, nas metodologias aplicadas e, também, por certa atração (ou desejo de compreensão) pelo ambiente social no qual se dá o aprendizado (Simson *et al*., 2001). Consequentemente, ao permitir que todos participem de forma plena e livre e adquiram disposição crítica e juízo reflexivo, o espaço da educação não formal torna-se um ambiente profícuo às aprendizagens transformadoras (Mezirow, 2013).

Os clubes de leitura, por sua vez, são um fenômeno que, desde sua popularização e difusão, por volta do século XVIII, vêm adquirindo distintas funções e objetivos, a depender de seus organizadores, dos contextos sociais e dos espaços nos quais repousam (Rehberg Sedo, 2011a). Logo, a busca por conhecimento nessas formações sociais não é exclusiva dos tempos contemporâneos. Considerando tal característica e o caráter formador, reflexivo e colaborativo dos clubes de leitura, é possível, portanto, tomá-los como ambientes prolíferos

para o desenvolvimento de ações e de atividades do campo da educação não formal.

De grandes salões a bibliotecas, esses ricos ambientes de trocas literárias já migraram para os mais distintos espaços e, nos últimos anos, com o avançar da *internet*, têm estado cada vez mais presentes nas redes. No formato *online*, os clubes de leitura podem ser pensados como comunidades de aprendizagem em rede, uma vez que, por meio de processos de interação mediados pelo virtual, suscitam interesse e troca de conhecimento, a partir de conteúdos hipermidiáticos, envolventes por natureza. Ciente de que não existe uma única definição aceita para o conceito, esta produção científica toma como base os apontamentos de Knud Illeris (2013, p. 16) no entendimento de aprendizagem como "qualquer processo que, em organismos vivos, leve a uma mudança permanente em capacidades e que não se deva unicamente ao amadurecimento biológico ou envelhecimento". Por hipermídia, compartilha-se da conceituação de Santaella (2004), que a entende como a mescla de textos, imagens e vídeos em distintos contextos, que anteriormente eram separados, mas que, na ambiência contemporânea, convergem e configuram novas possibilidades para os participantes da interação conversacional.

Deve-se levar em conta, porém, que nem todos os interagentes[70] de determinado grupo conversacional possuem os mesmos níveis de habilidade técnica perante os aparatos tecnológicos. Dessa forma, a aprendizagem não acontece de forma linear entre todos os envolvidos — fato não exclusivo

[70] O termo interagente é entendido por Primo (2008, p. 8) como aquele que "emana a ideia de interação, ou seja, a ação (ou relação) que acontece entre participantes".

do ciberespaço. Contudo, segundo Rehberg Sedo (2011b), nesse tipo de comunidade, os leitores não são agentes independentes, mas, sim, leitores cujas estratégias e cujos conhecimentos aprendidos fazem parte de uma comunidade. Por meio do desenvolvimento dos *podcasts*, por exemplo, percebemos que a aprendizagem em ambiente educacional não formal não se limitou apenas ao período em que os leitores debatiam os livros no Google Meet e no Telegram. Ela aconteceu durante todo o processo vivenciado no clube de leitura.

A partir desses apontamentos e da experiência de mediação do clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias*, entendemos que esses espaços na esfera virtual são ambientes de educação não formal, não apenas no que se refere ao compartilhamento de conhecimentos ligados às temáticas das narrativas discutidas, mas também de auxílio mútuo e de troca de saberes relacionados aos aparatos técnicos das ferramentas de interação, algo que será aprofundado no capítulo 6 deste livro.

A seguir, apresentamos a metodologia e a análise dos dados coletados no que concerne à autopercepção, por parte de integrantes do projeto, de aquisição de novas aprendizagens proporcionadas pelo clube.

3.2 Metodologia de coleta e de análise de dados

Com o intuito de acessar as práticas sociais, as impressões e as autopercepções dos sujeitos participantes do estudo, optamos pela utilização de grupos de discussão para a coleta de dados. Tal metodologia, indicada para coleta entre pessoas que se conhecem previamente e que já possuem algum laço,

"não se orienta por uma amostra representativa em termos estatísticos, mas pela construção de um *corpus* com base no conhecimento e na experiência dos entrevistados" (Weller, 2010).

Assim sendo, no último encontro da primeira temporada do *Hogwarts, Mil História*, convidamos os integrantes do clube a participarem, de forma voluntária, da pesquisa. Quatorze sujeitos se voluntariaram e a esses foi oferecida a escolha de participarem do grupo de discussão 1 ou do grupo 2 (sendo que a diferença era apenas o dia em que ocorreria a reunião). De modo a preservar suas identidades, seus nomes foram aqui substituídos por letras de A a N, seguidas do respectivo número do grupo de discussão (ver Quadro 11). A conversa com cada um dos grupos teve duas horas de duração e ocorreu, via Google Meet, nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2022, respectivamente.

QUADRO 11 – Perfil dos voluntários da pesquisa

Grupo	**Nome**	**Idade**	**Gênero**	**Etnia**	**Escolaridade**
1	A1	26 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
1	B1	22 anos	Masculino	Branca	Ensino Superior incompleto
1	C1	32 anos	Masculino	Parda	Pós-Graduação *lato sensu*
1	D1	57 anos	Feminino	Branca	Pós-Graduação *lato sensu*

1	E1	37 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
1	F1	20 anos	Feminino	Parda	Ensino Médio completo
2	G2	51 anos	Feminino	Parda	Ensino Superior completo
2	H2	27 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
2	I2	39 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
2	J2	38 anos	Feminino	Branca	Mestrado
2	K2	34 anos	Feminino	Branca	Doutorado
2	L2	27 anos	Masculino	Preta	Ensino Superior completo
2	M2	30 anos	Feminino	Branca	Ensino Superior completo
2	N2	28 anos	Feminino	Parda	Mestrado

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados fornecidos pelos sujeitos da pesquisa (2022).

Seguindo os critérios estabelecidos pelo Comitê de Ética, os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa, bem como das condições de participação. Assim, após a anuência, o processo foi iniciado. As perguntas feitas foram abertas e dirigidas ao grupo como um todo, uma vez que, como explica Minayo (2016, p. 59), esse formato possibilita

que os entrevistados falem livremente e com maior profundidade acerca dos temas propostos para a conversa. Os tópicos selecionados previamente pelos pesquisadores e levados para discussão em ambos os grupos foram:

1. Motivos que incentivaram os leitores a se inscreverem no *Hogwarts, Mil Histórias*;
2. A experiência de participar do *Hogwarts, Mil Histórias*;
3. Mudanças na forma de ver a Literatura, como um todo, e *Harry Potter*, em particular, após a participação no *Hogwarts, Mil Histórias*;
4. Os significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia de covid-19;
5. Mudanças no hábito de leitura durante a pandemia de covid-19.

Para a análise, tendo em mente o recorte deste estudo, levamos em consideração apenas as discussões concernentes aos tópicos 2, 3 e 4. O instrumento de registro utilizado foi a gravação, realizada com recurso da própria plataforma do Google Meet, e a transcrição integral das falas dos participantes voluntários.

A metodologia escolhida para a análise de dados foi a análise de conteúdo, na modalidade temática. Em resumo, é um método que consiste "em descobrir os 'núcleos de sentido' que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido" (Bardin, 1979, p. 105). À luz das propostas metodológicas indicadas nos trabalhos de Bardin (1979), Bauer (2008) e Gomes (2016), foram, então, identificados os núcleos de sentido presentes nas falas transcritas dos sujeitos

da pesquisa[71]. Em seguida, os núcleos foram agrupados e categorizados em temas norteadores para a discussão dos resultados, conforme apresentado no Quadro 12.

QUADRO 12 – Temas categorizados a partir das falas dos sujeitos da pesquisa

Temas identificados	**Presentes nas falas de**
1. Olhares críticos	12 sujeitos participantes da pesquisa
2. Práticas sociais	6 sujeitos participantes da pesquisa
3. Mentalidades	6 sujeitos participantes da pesquisa

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Esses três temas selecionados ao fim do processo de classificação dos dados proporcionaram a interpretação das mensagens articuladas pelos participantes da pesquisa e facilitaram a compreensão de seus significados, indo além de uma leitura superficial do material. Por fim, cabe apontar que, em termos de fundamentação teórica, a análise teve como base os conceitos de aprendizagem comunicativa (Habermas, 2012), aprendizagem assimilativa ou por adição (Illeris, 2013),

[71] Foram identificados oito núcleos de sentido, a saber: 1. Novos olhares para a Literatura; 2. Novas percepções acerca dos temas presentes nos livros de *Harry Potter;* 3. A relação autor e obra; 4. Mudanças no olhar acerca da gordofobia; 5. Novas formas de consumo da Literatura; 6. Aprender a dizer "não"; 7. Aprender a colocar-se no lugar do outro; 8. Perda da timidez.

aprendizagem acomodativa ou transcendente (Illeris, 2013) e aprendizagem transformadora (Mezirow, 2013), conforme apresentado abaixo.

3.3 As aprendizagens no *Hogwarts, Mil Histórias*

O filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas (2012) distingue dois tipos de aprendizagens: a instrumental e a comunicativa. Enquanto a instrumental se refere ao conhecimento de controle e de manipulação de ambientes: por exemplo, projetar um avião, calcular a área de um terreno, diagnosticar doenças etc., a comunicativa é aquela que envolve o entendimento daquilo que as demais pessoas comunicam, seja por meio de uma conversa (física ou virtual) ou obras culturais. Compreender o que é apresentado, de modo a conseguir refletir a seu respeito, bem como concordar ou discordar de suas hipóteses, constitui uma premissa básica para a validação dessa aprendizagem (Mezirow, 2013, p. 111). Uma vez que os clubes de leituras são atravessados pelo ato da comunicação, presente nas obras literárias lidas e nas heterogêneas discussões feitas acerca delas, essa qualidade da aprendizagem torna-se intrínseca a esse tipo de atividade, independentemente dos objetivos de seus organizadores.

No caso de *Hogwarts, Mil Histórias*, por meio dos tópicos de discussão, como mediadores, procuramos, sobretudo, impulsionar os participantes a compreenderem que as obras literárias como um todo, e a saga *Harry Potter* em particular, não são produzidas em um vácuo, e sim em um contexto histórico, social, cultural, político e econômico específico, que

as influenciam em termos narrativos, discursivos e ideológicos (Pesavento, 2006; Said, 2011). Partindo da premissa de que esses romances de J. K. Rowling, enquanto documentos históricos do final século XX e início do XXI, apresentam e representam (seja de forma intencional ou não por parte de sua autora) uma série de temas ligados às questões próprias do mundo contemporâneo (como racialidade, classes sociais, gênero, sexualidades, entre outros), a mediação das discussões buscou, pois, auxiliar os participantes na construção de novos olhares para os textos literários lidos e discutidos.

Ao indicarem uma autopercepção de mudanças nas formas como passaram a compreender uma narrativa literária após a participação no projeto, falas de doze integrantes voluntários (A1, B1, C1, E1, F1, G2, H2, I2, J2, L2, M2 e N2) dos grupos de discussão corroboram, portanto, a presença da aprendizagem comunicativa nas atividades do clube. Tal inferência encontra respaldo em falas que confirmam o desenvolvimento, por parte desses sujeitos, das competências acima mencionadas (o que só pode ter ocorrido mediante o entendimento do que foi comunicado pelos mediadores e demais membros do clube), conforme pode ser observado em afirmações como: "antes, eu usava um óculos, e ele estava embaçado, eu conseguia ver a forma que tinha ali, distinguir mais ou menos o que era, mas eu não tinha clareza do que, realmente, estava ali. Com as novas interpretações que o clube trouxe, né, essa lente mudou" (H2); "acho que o ponto principal para mim, do clube de leitura, foi refinar o meu olhar em relação à saga, em relação aos livros. E aí, através disso, também, refinou meu olhar enquanto leitor" (L2); e "nunca fui muito ligada em política,

nunca fui muito ligada em qualquer outra coisa como racismo, xenofobia e por aí vai… mas meus olhos foram bem abertos [com o clube] para isso" (M2).

Entre os depoimentos categorizados no tema *olhares críticos,* observamos que, para onze sujeitos (A1, B1, C1, E1, F1, G2, I2, J2, L2, M2 e N2), as discussões realizadas nos encontros virtuais e no grupo do Telegram aprofundaram conhecimentos prévios obtidos por meio da prática da leitura e, sobretudo, dos conteúdos oriundos da educação formal ou não formal. A participante A1, por exemplo, destacou o conhecimento desenvolvido acerca da construção de personagens e das escolhas narrativas que envolvem a escrita de uma obra literária. Refletindo sobre a premissa de que os personagens são o que são e fazem o que fazem por escolha de seus criadores, visto não serem pessoas de carne e osso que possuem vontade própria (Eagleton, 2020), compartilhada pelos mediadores em um dos encontros virtuais, afirmou: "eu acho que a minha visão de toda a literatura que eu for fazer agora, eu vou conseguir separar, tipo assim, isso só está aqui porque a autora quis que estivesse aqui, senão não estaria, os personagens não existem como os seres humanos". Já F1 comentou que o clube a fez perceber que os textos de *Harry Potter* constituem documentos de uma época, tanto quanto as obras literárias que são cobradas em exames de admissão no ensino superior: "eu tô ainda prestando vestibular [...] eu já entendia a literatura como um documento histórico, uma fonte histórica; tu vê ali a situação, né, a realidade do autor, né... e aí eu passei a ver isso [também] em *Harry Potter*".

Em capítulo publicado na coletânea *Teorias contemporâneas da aprendizagem* (2013, p. 21-24), o teórico Knud Illeris

categoriza a aprendizagem em quatro tipos: 1. cumulativa ou mecânica (colocada como aquela que é mais frequente durante os primeiros anos de vida e, já na fase adulta, a que ocorre em situações em que o ser humano aprende algo "sem um contexto de significado ou significância pessoal"); 2. assimilativa ou por adição (quando novos elementos são conectados e/ou acrescentados a conhecimentos já estabelecidos); 3. acomodativa ou transcendente (que implica a desconstrução de crenças ou certezas prévias em prol de um novo conhecimento adquirido); e 4. transformadora (que, amparada na teoria da aprendizagem desenvolvida pelo sociólogo estadunidense Jack Mezirow (2013), diz respeito às modificações de mentalidades e quebras de preconceitos a partir da aquisição de novos saberes).

À luz dessas conceituações, pode-se concluir que depoimentos como os de A1 e F1 acima apresentados se enquadram no que o teórico dinamarquês classificou como aprendizagem assimilativa ou por adição. Illeris (2013, p. 22) argumenta que, ainda que o exemplo mais típico dessa aprendizagem seja o desenvolvido por meio de disciplinas escolares, ela pode ocorrer nos mais variados contextos. Enquanto espaços de educação não formal, ainda que não trabalhem necessariamente com esse objetivo, os clubes de leitura podem, muitas vezes, contribuir para discussões que acrescentam saberes aos já difundidos pela educação escolar formal e ainda complementar as lacunas deixadas por esse ensino. A presença das autopercepções de uma aprendizagem assimilativa indicam que, ao menos para os sujeitos da pesquisa, o *Hogwarts, Mil Histórias* configurou esse lugar.

Ainda no que concerne ao tema *olhares críticos*, em falas de pelo menos cinco participantes (A1, C1, H2, I2 e L2), há indícios de que o projeto também permitiu o estabelecimento de aprendizagens acomodativas ou transcendentes. Conforme teorizado por Illeris (2013), estas são atravessadas por processos em que os indivíduos renunciam e reconstroem algo. Tais ações podem ser árduas, uma vez que "entender ou aceitar algo que é significativamente novo ou diferente é muito mais difícil do que apenas acrescentar um novo elemento a um esquema ou padrão preexistente" (Illeris, 2013, p. 22). Quando alcançados, contudo, os resultados dessa aprendizagem apontam para algo entendido e dominado que realmente se internaliza e que "pode ser recordado e aplicado em muitos contextos diferentes e relevantes" (Illeris, 2013, p. 23).

Tais pressupostos puderam ser verificados nos depoimentos de A1, C1 e L2, na forma como os participantes mencionaram as mudanças que ocorreram no entendimento que tinham acerca do que é uma obra de ficção e do que nela pode ser encontrado. "Passei a ver que eu não preciso estar o tempo todo lendo livros que são ligados à política, por exemplo, para poder estar lendo sobre política", afirma C1. Os depoimentos de H2 e I2, por sua vez, demonstram como passaram a entender as relações entre leitor, obra e autor a partir das polêmicas nas quais a autora J. K. Rowling tem se envolvido[72]: "cheguei na conclusão, né, depois de muita conversa com vocês, de que a gente tem que entender que a J. K. é a autora do livro e se eu gosto de *Harry Potter*, eu estou afirmando que eu gosto da

[72] Tais polêmicas dizem respeito, sobretudo, às declarações de cunho transfóbico que Rowling tem proferido desde o ano de 2019.

escrita da J. K. Rowling. Mas, eu não estou dizendo que eu concordo com o que ela fala e o clube me trouxe isso", destaca H2.

Indicadores de aprendizagens acomodativas ou transcendentes marcaram, ainda, os seis depoimentos categorizados no tema *práticas sociais* (B1, C1, FI, H2, J2 e L2). Diferente daquelas localizadas em *olhares críticos,* contudo, as falas que compõem essa categoria apontaram para as influências dos conhecimentos adquiridos em mudanças ocorridas nas práticas cotidianas. As pessoas identificadas como B1 e C1 explicaram que o clube quebrou as resistências que tinham quanto ao uso de *audiobooks*. Em livros cujas leituras demandaram um maior tempo de dedicação, ambas decidiram fazer o uso desse recurso comunicacional e, ao fim, convenceram-se de sua qualidade e optaram por utilizá-lo em leituras futuras.

F1 mencionou que as conversas acerca da estafa mental da personagem Hermione Granger, ocorridas no encontro de discussão do terceiro romance da saga, fizeram com que ela decidisse colocar a sua saúde mental à frente de seus estudos preparatórios para a entrada no ensino superior: "mudou muito na minha vida até como eu lidava, né, com o Enem", relatou. H2 afirmou que, devido ao seu caráter remoto, o clube possibilitou que ela ganhasse segurança e confiança no uso de plataformas como o Google Meet. Já J2 e L2 comentaram que, após a participação no projeto, perceberam ter desenvolvido maior predisposição para ouvir e dialogar com pessoas cujas opiniões divergem das suas.

Quanto à categoria *mentalidades*, os depoimentos nela agrupados referem-se a uma autopercepção, por parte de seis

sujeitos da pesquisa (B1, E1, H2, J2, L2 e N2), acerca da construção e/ou consolidação do que Jack Mezirow (2013), professor de educação de adultos da Universidade Columbia, classificou como aprendizagem transformadora. Introduzida em 1978 nos estudos pedagógicos como uma dimensão crítica da aprendizagem na idade adulta, ela é definida como:

> [...] o processo pelo qual transformamos *modelos de referência* problemáticos (mentalidades, hábitos mentais, perspectivas de significados) — conjuntos de hipóteses e expectativas — para torná-los mais inclusivos, diferenciados, abertos, reflexivos e emocionalmente capazes de mudar. Esses modelos são melhores porque são mais prováveis de gerar ideias e opiniões que se mostrem mais verdadeiras ou justificadas para orientar a ação (Mezirow, 2013, p. 112).

A noção de modelos de referências engloba as estruturas culturais e linguísticas que moldam percepções, crenças, sentimentos, valores e opiniões dos seres humanos. Ao abranger componentes cognitivos, conotativos e afetivos, tais modelos podem operar dentro ou fora da consciência e são compostos por duas dimensões: a do hábito mental e a do ponto de vista resultante (Mezirow, 2013, p. 112). Como exemplo de hábito mental, podemos mencionar a predisposição, existente no mundo ocidental hodierno, de se considerar pessoas gordas como desleixadas, desprovidas de beleza, inferiores e/ou cômicas. Já um ponto de vista resultante dessa predisposição é o preconceito gordofóbico, expresso por meio de atitudes, opiniões e juízos de valor direcionados às pessoas gordas. Um processo de aprendizagem transformadora vivenciada por indivíduos que inicialmente compartilhassem de tal modelo de

referência implicaria que, por meio da aprendizagem comunicativa, eles percebessem a existência desse preconceito; realizassem, então, reflexões críticas a seu respeito; tornassem-se dispostos a não mais reproduzi-lo e, ainda, a denunciá-lo; e passassem a agir de acordo com a perspectiva transformada (Mezirow, 2013, p. 114). Em outras palavras, aprenderiam a pensar criticamente acerca desse fator cultural e caminhariam rumo a pensamentos, leituras e atitudes antigordofóbicos.

Essa sequência progressiva de *insights* foi justamente observada nas falas dos participantes da pesquisa, agrupadas em torno do tema *mentalidades*. Recordando as discussões realizadas acerca das descrições físicas gordofóbicas de personagens como Válter e Duda Dursley, quando da discussão do primeiro livro de *Harry Potter*, esses sujeitos exprimiram afirmações como:

> Antes eu entendia assim 'não, é só uma descrição de uma pessoa gorda'. Mas a diferença mora no fato de se fazer um juízo de valor e associar essa característica ao caráter ou a como aquela pessoa se posiciona, no geral. [...] E aí é que mora o grande problema [...] meu olhar está muito mais treinado hoje em dia, mas esse aí é um dos exemplos muito claros de que o clube auxilia a gente a fazer uma leitura muito mais crítica (L2).

> Eu percebi o quanto, durante parte da minha vida, eu fui gordofóbica; em vários momentos, com amigos, com parentes, com o meu irmão, sabe?! O quanto eu tive esse discurso de ódio com outras pessoas, pessoas muito próximas a mim. [...] E aí isso foi uma coisa que ficou martelando na minha cabeça para eu conseguir trabalhar e não deixar acontecer de novo (N2).

Autopercepções como essas, certamente, representam mais um ideal de aprendizagem atingível do que uma realidade predominante entre a maior parte dos que participaram da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias*. É um dado importante a se considerar que, entre as dezenas de temas discutidos no projeto, apenas o da gordofobia recebeu tamanho destaque entre os participantes dos grupos de discussão. E, entre esses, nem mesmo a maioria foi afetada da mesma forma por essa temática — ainda que ao menos oito sujeitos (A1, B1, E1, G2, H2, I2, L2 e N2) tenham mencionado a gordofobia como algo novo que lhes foi trazido pelos debates realizados no clube. A existência de falas como as de L2 e N2, todavia, certificam a potência dos clubes de leitura como ambientes construtores de reflexões e autorreflexões críticas, que podem contribuir para uma aprendizagem transformadora.

Em contraposição aos processos acomodativos ou transformadores relatados até este momento, constatou-se a presença de rejeições ao aprendizado, referentes, ao menos, a um dos tópicos debatidos no projeto: o da transfobia. É o caso do depoimento de J2, que expõe a sua não abertura para o conhecimento das existências e das vivências de crianças trans (possibilitado pela página do Instagram @minhacriançatrans, indicada no grupo do Telegram por uma das participantes do clube) e certa resistência à renúncia de crenças pessoais e de informações obtidas previamente acerca das discussões sobre identidade de gênero:

> Veio a parte da transfobia, eu fiquei muito perdida, porque as informações que eu tinha eram muito... qual é a

> palavra? Eram muito guiadas para aquilo que eu sigo, né, aquilo que eu conheço, as pessoas que eu sigo. […] Foi estressante, bem estressante para mim, eu trouxe para terapia, dois dias de terapia. Eu gastei duas horas tentando entender o que estava acontecendo dentro de mim, entender o quanto eu fui, né, criada num mundo machista, transfóbico e o quanto eu consigo sair dali, né, porque eu tenho os meus limites. O quanto que eu consigo sair daquela caixinha? E daí, alguém postou um link de uma mãe de uma criança trans e eu fui ler, eu falei "Nossa! eu não consigo, é muito difícil para mim, não consigo, eu preciso dar um passinho para trás! Eu não posso chegar nessa caixinha! Eu não estou preparada para entrar nessa caixinha!". Daí eu falei "deixa eu voltar para a parte política que eu acho que está mais interessante para mim" (J2).

Ao dissertar sobre os obstáculos à aprendizagem, Illeris (2013, p. 24-26) estabelece que, seja em ambientes educativos, de trabalho ou em situações cotidianas, sujeitos podem recusar ou distorcer novos saberes que põem em xeque suas pré-compreensões acerca de um conteúdo. Essa prática foi nomeada pelo pesquisador dinamarquês de *mecanismo de separação semiautomático*. Tal mecanismo envolve simultaneamente fatores psicológicos, identitários e sócio-históricos (já que o posicionamento é também influenciado pelo lugar de fala e espaço social no qual a pessoa vive). Se não rompido pelo aprendiz (de forma solitária e/ou com o auxílio de terceiros), a aprendizagem acerca da temática em questão é "obstruída, atrapalhada, desviada ou distorcida" (Illeris, 2013, p. 25). À luz dessas considerações, constata-se justamente que, apesar do aumento de sua disposição para ouvir visões divergentes das

suas, em determinado momento, J2 acabou preferindo desviar suas energias para os tópicos de discussão que não abalavam suas zonas de conforto do que vencer os seus "limites" e se abrir para os conhecimentos antitransfóbicos que estavam sendo compartilhados no clube.

Por fim, cabe apontar que, dos quatorze participantes da pesquisa, apenas dois não explicitaram, em suas falas, algum tipo de autopercepção acerca de aquisições de novos conhecimentos e competências conectados às atividades do clube, a saber: D1 e K2. No caso de D1, isso ocorreu porque a participante pouco falava em seu grupo de discussão, tendo participado efetivamente apenas dos dois tópicos cujos temas correlatos ao da aprendizagem não estavam presentes (tópicos 1 e 5). Uma vez que a metodologia de coleta de dados utilizada pressupõe que os participantes devam se sentir à vontade para comentarem os temas que desejarem, não sendo obrigados a participarem de todos os debates, é comum que determinadas sensações e opiniões não sejam evidenciadas por parte de um ou mais sujeitos.

A participante K2, por sua vez, em concordância com outros doze sujeitos da pesquisa, apontou o clube como um espaço de desenvolvimento de olhares críticos acerca da literatura e/ou do mundo hodierno. Entretanto, destacou que acreditava não ter experimentado a mudança relatada pelos colegas, pois, como historiadora, trabalha com pesquisas acadêmicas que partem de perspectivas teórico-metodológicas sobre as relações entre Literatura e Sociedade, semelhantes às abordadas pelos mediadores do clube: "no meu caso, acho que minha experiência é um pouco diferente, porque eu já cheguei no clube como alguém que fez História, mas que fez

doutorado trabalhando com Literatura, com romances históricos. [...] Então para mim não mudou, né, justamente por eu já trabalhar com essa perspectiva em relação à Literatura" (K2). Essa fala, entretanto, denota a presença da aprendizagem comunicativa também em K2, considerando os apontamentos oriundos de uma autorreflexão e do entendimento daquilo que era comunicado nos encontros pelos mediadores e pelos participantes do clube.

3.4 Considerações finais

A partir do exposto no decorrer deste capítulo, é possível inferir que, entre os participantes voluntários da pesquisa, uma quantidade substancial percebeu os encontros proporcionados pelo projeto como espaços de aprendizagem grupal. Destaque para a aprendizagem comunicativa, atrelada ao entendimento comunicacional entre os sujeitos e à compreensão da narrativa literária, por exemplo, unânime entre os respondentes, que relacionaram o clube com o desenvolvimento de olhar crítico em relação às obras literárias e/ou situações cotidianas. Entre grande parte dos participantes da pesquisa, esteve presente, também, as aprendizagens assimilativas e acomodativas.

Isso foi possível, acreditamos, pela pluralidade de experiências formativas dos 200 participantes do *Hogwarts, Mil Histórias*, pelos livros e temas selecionados para discussão e, também, pela metodologia desenvolvida e aplicada, com o intuito de atender às especificidades do contexto de criação do projeto e da quantidade de leitores interessados. Tais metodologias, amparadas nos pressupostos da educação não formal,

buscaram valorizar a bagagem cultural dos integrantes do clube e instigaram o compartilhamento desses saberes com os demais companheiros de leitura e discussão. As temáticas trabalhadas por meio dos tópicos de discussão, por seu turno, foram selecionadas tendo como objetivo instigar os integrantes do clube a compreenderem as relações entre os textos literários discutidos e a sociedade dentro da qual e para a qual eles foram produzidos, num movimento de compreensão da literatura como documento histórico.

Observamos, ainda, que a aquisição de novos conhecimentos trazidos pelo projeto ocorreu de forma continuada, especialmente no que se refere ao tema "gordofobia", discutido no primeiro mês do clube, mas, mesmo assim, retomado após dez meses de desenvolvimento do projeto. Desta forma, é possível perceber que, ao contrário do senso comum, o conhecimento proveniente de interações virtuais entre distintas telas não é efêmero. Ele não se esgota ou se apaga a partir do momento em que os interagentes deixam o ambiente de interação, mas é alojado na memória, a depender de uma variada gama de aspectos, como a afetação de determinada temática nos sujeitos de forma individual, e pode proporcionar a chamada aprendizagem transformadora.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 189-217.

BELENKY, M. F.; CLINCHY, B. M.; GOLDBERGER, N. R.; TABULE, J. M. **Women's Ways of Knowing***:* the Development of Self, Voice, and Mind. New York: Basic Books, 1986.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BUCKINGHAM, D. **Media Education**: Literacy, Learning and Contemporary Culture. Cambridge: Polity Press, 2003.

EAGLETON, T. **Como ler Literatura.** Trad. Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GALLIAN, D. **A Literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GOHN, M. G. M. **Educação não formal e cultura política**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, M. G. M. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, [*S. l.*], n. 1, p. 35-50, 2014.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social***:* teoria, método e criatividade. Petropólis: Vozes, 2016. p. 72-95.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo***:* racionalidade da ação e racionalização social. Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ILLERIS, K. Uma compreensão abrangente sobre a aprendizagem humana. *In*: ILLERIS, K. (org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 15-30.

LIVINGSTONE, S. **Making Sense of Television**: the Psychology of Audience Interpretation. London: Routledge, 2007.

MEZIROW, J. Visão geral sobre a aprendizagem transformadora. *In*: ILLERIS, Knud. (org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 109-26.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social***:* teoria, método e criatividade. Petropólis: Vozes, 2016. p. 56-71.

NOGUEIRA, G. K. R.; SANTOS, D. A. (Re)visitando os conceitos de educação formal, não formal e informal. *In*: FERREIRA, A. V.; SIRINO, M. B.; MOTA, P. F. (org.). **A discussão dos conceitos de educação formal, não formal e informal e suas organizações nas estruturas sociais brasileiras***.* Jundiaí: Paco Editorial, 2020. p. 151-171.

O'SULLIVAN, E.; MORREL, A.; O'CONNOR, M. A. **Expanding the Boundaries of Transformative Learning***:* Essays on Theory and Praxis. Basingstoke: Palgrave, 2002.

PESAVENTO, S. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos,** [*S. l.*], não paginado, 2006. Disponível em: https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560. Acesso em: 6 out. 2024.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura e cognição. Porto Alegre: Sulina, 2008.

REHBERG SEDO, D. An Introduction to Reading Communities: Process and Formation. *In*: REHBERG SEDO, D. (edit.). **Reading Communities**: from Salons to Cyberspace. Basingstoke: Palgrave Macmillan, (2011a). p. 1-24.

REHBERG SEDO, D. 'I used to read anything that caught my eye, but…': cultural authority and intermediaries in a virtual young adult book club. *In*: REHBERG SEDO, D. (edit.). **Reading Communities**: from Salons to Cyberspace. Basingstoke: Palgrave Macmillan, (2011b). p. 101-122.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. Introdução. *In*: SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (org.). **Educação não formal:** cenários da criação. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001. p. 9-20.

WELLER, W. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. *In:* WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 54-66.

4 CLUBES DE LEITURA COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL[73]

Começamos este capítulo com uma importante constatação de Lajolo e Zilberman (2019). Para elas, o brasileiro é um leitor em formação. Ao traçarem um percurso da efetivação da leitura em nosso país, as estudiosas abordam a solidariedade proveniente do ato de ler. Exemplificando suas colocações, as autoras citam a obra *A mão e a luva* (1874), de Machado de Assis, na qual, por diversas ocasiões, cenas de leitura em grupo são retratadas.

No século XIX, período no qual a narrativa machadiana transcorre, os índices de alfabetização haviam avançando, em razão da valorização da escola no Brasil. Entretanto, esse privilégio era algo exclusivo de proprietários de terras e grandes comerciantes (Barbosa, 2013). No contexto atual, os índices de alfabetização do país são expressivos. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), apenas 5,6% da população brasileira, com 15 anos ou mais, não sabiam ler ou escrever em 2022. Porém, os indicadores de leitura não são satisfatórios. De acordo com a última pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, divulgada em 2024, a quantidade anual média de livros lidos por habitante é de 3,96. Contudo, a pesquisa é generosa e abarca todos os que afirmam ter lido pelo menos um trecho de algum livro. Livros

[73] Este capítulo foi originalmente publicado nos *Anais do VI Seminário Internacional de Pesquisa em Midiatização e Processos Sociais*, disponível em: https://www.midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1744

didáticos, técnicos, religiosos e enciclopédias entram na análise.

Tendo em conta as diversas dificuldades impostas pela pandemia de covid-19, esse cenário é ainda mais preocupante, mesmo em um contexto pós-pandêmico. Considerando essa conjuntura, também como forma de entreter e estimular a interação de leitores em rede durante a pandemia, desenvolvemos o projeto de clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias*. E, a partir da metodologia de estudo de caso (Yin, 2015), buscamos compreender como e por que o clube de leitura em questão contribuiu (ou não) para as mudanças nos hábitos de leitura.

4.1 Leitores e modos de leituras

Nesse contexto, a partir das características do projeto e devido principalmente à ambiência digital, é possível constatar a existência de um leitor ubíquo (Santaella, 2013, p. 277). "É ubíquo porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual, interfaces que reinventam o corpo, a arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações complexas nas formas de habitar", estando presente continuamente em qualquer tempo e lugar. Para a autora, há diferentes tipos de leitores, e essa diversidade/multiplicidade vêm aumentando historicamente. Porém, o aparecimento de um tipo de leitor não exclui o outro. Em oposição a isso, há uma convivência entre os diversos perfis, o que, consequentemente, promove o desenvolvimento de um leitor com habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e complexas, que se adaptam a diferentes dispositivos e tecnologias.

Considerando toda essa diversidade, Petit (2013) destaca que "os leitores não são páginas em branco onde o texto é impresso. Os leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica e se apropriam do que leem, interpretam o texto e deslizam, entre as linhas, seus desejos, suas fantasias, suas angústias". É preciso levar em conta, porém, que as experiências de leitura não acontecem apenas a partir do suporte físico.

Não é apenas a partir de *e-books* que leitores brasileiros tomam conhecimento de narrativas. *Podcasts* literários ou *audiobooks*, por exemplo, também são meios para compartilhamento de histórias. O leitor-ouvinte é um tipo de leitor que vem ganhando espaço, principalmente devido ao aumento da variedade de plataformas para suporte desses materiais e pelo perfil de consumo dos brasileiros, que têm esboçado preferência pelo uso de *podcasts* para se manter informado. Segundo pesquisas da emissora Globo, realizadas com o Ibope (2021), a pandemia de covid-19 mudou os hábitos dos brasileiros no que diz respeito ao consumo de *podcast*. Os dados indicam que 57% dos brasileiros, de todas as faixas etárias, ouviram o formato pela primeira vez nessa época.

Com relação ao consumo de livros, de acordo com pesquisas da Câmara Brasileira do Livro, os livros digitais *(e-books* e audiolivros) cresceram 15%, de 2021 para 2022. Tendo em conta os indicadores de leitura de livro no Brasil, apresentados anteriormente, o crescimento no consumo de audiolivros não deve ser ignorado, já que esse cenário instiga pesquisas sobre modos de leitura.

4.2 A metodologia de estudo de caso

Este estudo possui caráter qualitativo e faz uso de uma metodologia indicada para pesquisas com questões que abordam problemas com "como" e/ou "por que". O foco do estudo de caso se encontra em fenômenos contemporâneos, e, para esta pesquisa, a estratégia escolhida é a de "base em proposições teóricas", atrelada à técnica de "construção e explicação", que, como o próprio nome sugere, baseia-se em uma análise dos dados obtidos, construindo, assim, uma explicação sobre o caso. Yin defende a necessidade de uma descrição densa do objeto a ser analisado, indo além de um simples relato dos fatos ou situações, buscando proporcionar conhecimento acerca do fenômeno estudado e de seu entorno.

A estratégia com proposições teóricas, segundo o autor, visa ter como ponto principal as bases teóricas que sustentam o estudo. "Os objetivos originais e o projeto para o estudo de caso foram baseados, presumidamente, nessas proposições que, por sua vez, refletiam um conjunto de questões de pesquisa, revisões de literatura e novas hipóteses ou proposições". (Yin, 2015, p. 140). Essas proposições refletem tanto na angulação do estudo quanto nas escolhas dos dados adequados a serem analisados.

A técnica de construção e de explicação é, portanto, um procedimento adequado para pesquisas que possuem um foco explicativo, desenvolvendo ideias que podem dar origem a estudos posteriores. Como participamos de todo o processo de construção do objeto analisado, por sermos seus criadores, a hipótese desenvolvida é a de que mudanças nos hábitos de

leitura ocorreram para uma grande parte dos leitores participantes, mas as instâncias em que essas transformações sucederam e sua relação com fatores externos ao clube careciam de um olhar mais atento ao que os voluntários tinham a dizer. Nesse sentido, a partir de pistas percebidas nas interações com esses sujeitos durante os encontros, a base teórica desta pesquisa foi definida.

4.3 Os hábitos de leitura dos participantes: uma análise

Como exposto anteriormente, ao final das atividades do clube, um questionário do Google Forms foi enviado aos participantes para que pudessem participar da pesquisa derivada do projeto. Ao todo, 58 leitores se voluntariaram a responder as perguntas. Para a realização deste capítulo, selecionamos seis, das quinze perguntas presentes no questionário. São elas: pergunta 2 – Idade; pergunta 3 – Gênero; pergunta 4 – Formação; pergunta 10 – Comente o que você achou da experiência de participar deste clube; pergunta 12 – Você acha que seu hábito de leitura mudou com a participação no clube? Comente o porquê; e pergunta 13 – Entre os tópicos discutidos no clube, comente qual/quais mais lhe/lhes interessou/interessaram. Explique os porquês.

A partir da análise das respostas, identificamos que 25% dos respondentes não notaram mudança em nenhum sentido em seus hábitos de leitura, 71% indicaram que notaram mudanças e apenas 4% indicaram não saber responder. Entre as mudanças apontadas, encontramos leitores que se encaixam em quatro distintas categorias: 1) os que notaram mudança na quantidade de livros lidos, excluindo os livros a serem lidos

para a participação do clube; 2) os que apontaram mudanças no suporte em que a leitura era realizada; 3) os que notaram mudanças nos protocolos de leitura; 4) os que notaram mudanças nas análises críticas das leituras realizadas. Apresentamos, a seguir, um quadro com as categorias mencionadas e as respectivas falas.

QUADRO 13 – Mudanças apontadas pelos leitores do clube de leitura[74]

Quantidade	**Suporte**	**Protocolos**	**Análise crítica**
"Estimulou a leitura em número de livros e qualidade de leitura."	"Descobri novos modos de se ler uma obra, como *audiobook.*"	"Comecei a fazer mais anotações quando leio romances por entretenimento."	"Acredito que, atualmente, quando leio uma obra literária, faço com muito mais profundidade."
"Foi importante dar um gás nas minhas leituras, que foram retomadas no início da pandemia, mas haviam arrefecido com as tensões e demandas do primeiro semestre."	"Passei a fazer a leitura a partir da escuta dos *podcasts* de vocês também."	"Comecei a ler mais porque passei a ler alguns capítulos todos os dias."	"Percebo que minha leitura se tornou mais crítica devido à interação com outras pessoas no clube, o que enriquece ainda mais a experiência da leitura."

[74] As respostas dos participantes aqui são colocadas na íntegra e sem eventuais correções gramaticais e/ou ortográficas.

"Voltei a ler um pouquinho de literatura todos os dias depois que comecei a participar do clube."	"Com o passar dos encontros, passei a escutar o livro em gravações no YouTube."	"Passei a ler e logo em seguida verificar se já havia lido algo sobre a temática anteriormente para agilizar e complementar minha análise."	"Meus hábitos de leitura mudaram no sentido de tentar apreender com mais profundidade determinadas leituras. Dependendo do livro que estou lendo, presto mais atenção às discussões que aparecem nas entrelinhas."
"Vejo uma conquista enorme. Consegui ler 18 livros em 12 meses."	"Uma coisa que aprendi a fazer graças ao clube foi escutar *audiobooks,* porque, para poder estar preparada a tempo das reuniões, eu tive que aprender a ouvir através do *audiobook* e eu amei!"	"Agora leio com um horário fixo."	"Com o clube, além das minhas visões da saga *Harry Potter* terem sido aprofundadas, pude compreender mais sobre métodos de análises das obras literárias."
"Fechei o ano de 2021 com mais de 20 livros lidos, algo que nunca tinha chegado nem perto."	"Passei a escutar os *audiobooks* porque percebi que, com eles, eu tinha uma outra percepção da obra."	"Passei a ler os livros de *Harry Potter* em ordem diferente da que eu lia."	"Consegui analisar criticamente os acontecimentos da saga de forma muito melhor."
"Consegui ler todos os livros que estavam me es-	"Escutei os livros na velocidade 2x do YouTube,	"Eu lia os livros da saga e fazia um exercício de conexão com a mídia.	"Consegui fazer paralelos com coisas que estavam sendo mostradas na mídia."

perando na estante, além das leituras do clube.”	pois não tinha paciência.”	Tentei estabelecer isso em todas as minhas leituras do clube e outras leituras que vieram a seguir.”	

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

O quadro 13 não apresenta todas as falas relacionadas às categorias apontadas, apenas uma representação dos resultados encontrados. É interessante notar que os respondentes que apontaram mudanças no suporte de leitura estão na faixa etária de 25 a 35 anos e possuem Ensino Superior completo.

É relevante destacar, ainda, que grande parte dos voluntários desta pesquisa apontaram que o aumento na quantidade de livros lidos refere-se a obras relacionadas a *Harry Potter* ou J. K. Rowling ou até mesmo obras que abordam alguma temática similar à saga. Dessa forma, entende-se que, além de processos de construção de hábitos literários de obras em geral, o clube, em grande parte, proporcionou processos de práticas de *fandom* e formação de novos leitores da saga. Esse fato não é algo inesperado, mas aponta para tendências de um leitor enquanto estética, já que o imaginário intelectual e estético que circunda o objeto livro foi recorrente durante a análise dos dados. Em outras palavras, a estética do “ser leitor”.

Além disso, o aumento do número de livros lidos também está atrelado ao suporte utilizado para as leituras. Nesse sentido, 55% dos respondentes atribuíram essa expansão ao consumo em outros suportes além do impresso. O que foi mais mencionado foi o *audiobook*, configurando, assim, o perfil

dos participantes respondentes como leitores-ouvintes, que afirmaram que o maior motivo para tal escolha é para que suas leituras fossem mais rápidas e dinâmicas, não demorando tanto para a finalização das obras.

Com relação aos protocolos de leitura, identificamos que o ato de ler permanece, mas mecanismos distintos para que o processo se torne mais prazeroso e estratégico foram acionados. Esses protocolos não necessariamente foram adquiridos pelo compartilhamento de hábitos de outros leitores, mas desenvolvidos durante o processo de duração do clube, que foi de aproximadamente um ano. Ou seja, a prática em si contribui para a mudança e a aquisição de distintos protocolos.

A análise crítica é o item mais citado pelos leitores. A mudança na forma de se realizar uma leitura que mais foi apontada nos questionários refere-se ao senso crítico, não apenas com relação ao entendimento das entrelinhas da literatura, mas de análise crítica de nossa sociedade e da influência de processos midiáticos e como eles estão engendrados em nosso cotidiano e nos produtos que consumimos.

Dos 58 respondentes, apenas um expressou não ter gostado da experiência de ter participado do clube. Porém, não relatou os motivos de sua insatisfação. Outros cinco relataram ao menos uma crítica negativa quanto à formatação do projeto. Uma análise sobre as impressões destes está disponível no capítulo *Clubes de leitura no ambiente online*, que compõe este livro.

4.4 Considerações finais

Este capítulo preocupou-se em analisar as mudanças nos hábitos de leitura de participantes do clube *Hogwarts, Mil Histórias*, criado durante a pandemia de covid-19. Entendemos que houve um retorno ao hábito da leitura e/ou a construção de novos olhares acerca do ato de ler e de suas relações com a sociedade contemporânea. Creditamos isso à metodologia e aos temas de discussão desenvolvidos no clube, bem como à narrativa (e às críticas sociais nela inseridas, em particular) dos romances de *Harry Potter*.

Além disso, mudanças na percepção da narrativa a partir de interpretações de estímulos midiáticos que atravessaram o cotidiano durante o período de duração do clube foram identificadas. Ressaltamos que este estudo representa apenas uma amostra referente a 29% dos participantes do clube de leitura, tendo em conta que o número total de membros era de 200 leitores e 58 se voluntariaram para participar. Sendo assim, não é possível atribuir que todos os que fizeram parte dessa formação literária possuem o perfil aqui descrito.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. **História da comunicação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2013.

CABRAL, E. D. T.; CABRAL FILHO, A. V. Concentração midiática e processos sociais em tempos de convergência. *In*: FELIX, C. B.; BREDA, L.; SALDANHA, P. **Mídia e midiatização no cotidiano**: políticas, subjetividades e produção de sentido contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

FAILLA, Z. (org.). **Retratos de leitura no Brasil**. São Paulo: Sextante, 2021.

FLORÊNCIO, F. **Depois de todo esse tempo? Sempre.** Um estudo de interações e experiências estéticas de fãs brasileiros e belgas da saga Harry Potter. 2018. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11454. Acesso em: 18 mar. 2023.

FRANCISCO, B. **Leitores e leituras de Harry Potter**. 118 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-19112019-171247/pt-br.php. Acesso em: 18 mar. 2023.

GLOBO: pandemia eleva consumo de podcast. **Meio & Mensagem**, São Paulo, 20 jul. 2021. Disponível em: https://www.meioemensagem.com.br/midia/globo-pandemia-eleva-consumo-de-podcasts. Acesso em: 30 jun. 2024.

HJARVARD, S. Midiatização**:** conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZes**, São Paulo, n. 1, p. 21-44, jan./jun., 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência IBGE Notícias**, [*S. l.*], 2023. Disponível em: https://encurtador.com.br/Etswf Acesso em: 8 ago. 2023.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/ Acesso em: 7 dez. 2024.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LEÃO, M. **Identidade e *fandom*:** análise de práticas sociais de fãs de Harry Potter. 101 f. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Recife, 2019. Disponível em: http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8278. Acesso em: 18 mar. 2023.

PETIT, M. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua*:*** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SODRÉ, M. *Bios* midiático//The media *Bios*. **Dispositiva (PUC Minas)**, Belo Horizonte, v. 2, n.1, p. 108- 110, maio/out.2013. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/6093. Acesso em: 20 jul. 2022.

VEZZALI, L.; STATHI, S.; GIOVANNINI, D.; CAPOZZA, D.; TRIFILETTI, E. The greatest magic of Harry Potter: Reducing prejudice. **Journal of Applied Social Psychology**, [*S. l.],* n. 45, p. 105-121, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de Caso***:* planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

5 CLUBES DE LEITURA COMO POSSIBILITADORES DE SOCIABILIDADES[75]

Clubes de leitura, nas palavras do historiador brasileiro Dante Gallian (2017), constituem espaços nos quais leitoras e leitores compartilham sensações, impressões e opiniões, provocadas pela leitura de obras literárias. Operam como prática incentivadora da leitura, mas também como processos reflexivos, formativos, de construção de autoconhecimento e de afetividades. Enquanto atividades culturais, suas matrizes remetem aos grandes salões europeus no século XVIII. Com distintas formações, características e propósitos, essas organizações tinham como um de seus objetivos proporcionar atividades para a criação de laços e sociabilidades. Para Johns (1998), os cafés, além dos salões, eram locais importantes para a produção, a troca e a avaliação de materiais impressos, bem como para a busca de conversas de todos os tipos. Nesses estabelecimentos, as fronteiras entre a ciência e a fofoca podiam se tornar, notavelmente, dissolvidas.

Com os avanços tecnológicos e os processos convergentes, as ambiências nas quais esses grupos tomam forma modificaram-se, mas seguem sendo instrumentos de sociabilidade entre seus participantes, a partir de diversos contextos sociais, culturais e políticos. No mundo hodierno, tem se tornado cada vez mais comum, por exemplo, a organização de clubes do

[75] Este capítulo foi originalmente publicado na revista *Resgate*, com o título Entre afetos e mediações: a sociabilidade no clube de leitura Hogwarts, Mil Histórias. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8673991/34217

livro e de leitura no ambiente virtual. Nesse cenário, o "estar presente" ocorre através das redes sociais digitais, que, enquanto ambientes cognitivos e espaços de socialização, contribuem para as construções de relações afetivas entre os indivíduos (Sodré, 2006).

Com tais pressupostos e diante de articulações advindas dos estudos culturais, focando o conceito de mediação (Martín-Barbero, 2006), este texto visa apresentar uma análise da sociabilidade no clube de leitura *Hogwarts, mil Histórias*, desenvolvido em um período de adversidade: o da pandemia de covid-19.

O material analisado, ao final deste capítulo, foi coletado por meio do método de grupos de discussão (Weller, 2010). Participaram dos grupos, de forma voluntária, quatorze integrantes da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias*. Utilizando a metodologia de análise de conteúdo temática (Bardin, 1979), buscamos entender como as atividades do clube de leitura em questão contribuíram (ou não) para o enfrentamento da situação pandêmica e quais foram os seus impactos na vida cotidiana dos participantes da pesquisa.

5.1 Adversidade, sociabilidade e o ato da leitura

Gardner (2022), ao analisar as práticas de leitura durante a Guerra de Secessão (1861 a 1865), argumenta que uma das estratégias dos soldados separados pelos conflitos era manter conversas epistolares sobre livros. A atividade de leitura era realizada por inúmeras razões, mas, segundo Gardner, permitia aproximações a partir da leitura compartilhada; uma prática comum nos Estados Unidos, anterior à guerra. A leitura

seria, dessa forma, uma estratégia para mitigar os efeitos do conflito e manter laços.

> A guerra estremeceu os laços de afeição. A separação de amigos e familiares, o tédio da vida no acampamento e os efeitos destrutivos do combate ameaçavam a continuidade da sociabilidade. A leitura, acreditavam seus defensores, fornecia um antídoto, pois lembrava aos leitores que eles não estavam sozinhos (Gardner, 2022, p. 30, tradução nossa[76]).

Assim, pequenas bibliotecas de empréstimos foram construídas pelo exército americano, com apoio da *United States Christian Commission* (USCC). Os benefícios apontados por alguns soldados incluíam aumento da correspondência entre amigos e familiares, diminuição de conduta turbulenta e rude, além de melhoria em condições mentais e morais. Essa atividade, todavia, não curou os males que acompanhavam a guerra. No entanto, forneceu descanso a inúmeros soldados e civis à procura de maneiras de falar com entes distantes e que buscavam um significado entre a carnificina. A partir desse levantamento histórico proporcionado por Gardner (2022), entendemos as atividades de trocas de cartas e de interações entre os soldados, seus amigos e familiares como uma espécie de sociedade literária.

Em outra conjuntura, Azar Nafisi apresenta, em seu livro *Lendo Lolita em Teerã: memórias de uma resistência literá-*

[76] No original: The war had strained bonds of affection. Separation from friends and family, the tedium of camp life, and the destructive effects of combat threatened sociability's continuance. Reading, its advocates believed, provided an antidote, for it reminded readers that they were not alone.

ria (2004), suas memórias sobre o ensino da literatura ocidental no Irã. A autora relata suas experiências como professora universitária e como professora de sete mulheres que, secretamente, se reuniam em sua casa, uma vez por semana para ler e discutir clássicos da literatura proibida, tais como: *Orgulho e preconceito* (1813), de Jane Austen; *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert; *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov, e outras obras clássicas censuradas no país. A partir desses encontros, as jovens desenvolveram vínculos no processo de sociabilidade durante o entendimento dos conflitos entre Irã e Iraque e o funcionamento do regime islâmico.

Carole Anne Rivière (2004) define o termo sociabilidade como o conjunto de relações que os indivíduos mantêm uns com os outros. Em sua argumentação, considera, ao mesmo tempo, as particularidades de cada sujeito, o contexto no qual estão inseridos e as estruturas sociais. Michel Forsé (1981), por sua vez, classifica o ato de socialização em diferentes níveis, entendendo-o como o resultado das trocas que as pessoas realizam em agrupamentos como associações, conversas com vizinhos e outras atividades corriqueiras. Neste capítulo, a sociabilidade é concebida como algo que pode ser estimulado, sendo consequência de interações entre sujeitos com intenção de manter vínculos sociais, seja qual for o motivo.

Nesse contexto, também se enquadram os clubes de leitura e a relação estabelecida entre leitores e textos. Muitos são os exemplos associados à relação entre leitores e narrativas para o enfrentamento de situações turbulentas. Porém, a leitura compartilhada nem sempre foi um ato encorajado para o exercício da sociabilidade. Como o livro era um bem escasso e

caro para aquisição, clubes de leitura e agrupamentos literários, a princípio, formavam-se em maior número a partir de bibliotecas de empréstimos. Quando essas bibliotecas, na metade do século XIX, no mundo anglófono, expandiram-se, entraram em voga questões relacionadas ao compartilhamento de livros físicos.

Price (2019) afirma que, nesse período, bibliotecárias concordavam que o ato de compartilhar os livros representava o agrupamento de ideias e afetos, mas discordavam se isso era algo saudável. A questão era que havia o medo de a classe média contrair germes dos leitores de classes sociais menos favorecidas. Em 1890, a título de exemplo, uma bibliotecária criou o *book disinfector*, uma espécie de câmara de gás para desinfetar livros. Como piscinas comunitárias, "as bibliotecas públicas continuaram a formar um campo de teste para esperanças e medos sobre a conexão entre indivíduos" (Price, 2019, p.146, tradução nossa[77]). O pavor de contrair germes e vírus pelo manuseio de obras literárias, contudo, perdurou até meados da década de 1990. Bibliotecárias recusaram-se, inclusive, a manusear livros que passaram nas mãos de pessoas HIV positivo. Livros que tinham grande circulação entre leitores tornaram-se um alerta relacionado a homens *gays* suspeitos de promiscuidade.

Com a recente pandemia, a história repetiu-se, mas em outras configurações e em outros contextos. Ao contrário do HIV, o vírus da covid-19 se propaga por meio de gotículas de secreção do nariz ou da boca e realmente pode ser transmitido

[77] No original: [...] Like public swimming pools, public libraries continued to form a testing ground for hopes and fears about civic connection.

a partir do contato com objetos que possam estar contaminados. Assim, o risco de contaminação por objetos compartilhados desencadeou uma série de atividades e protocolos para que a sociedade pudesse estabelecer interações de forma segura.

Dessa forma, para confrontar a situação e manter um sentimento de continuidade, algumas bibliotecas funcionaram, por um certo período, por meio de esquemas de empréstimos seguindo procedimentos sanitários. Além disso, o debate das diversas obras ocorreu, majoritariamente, na ambiência digital, a partir de *lives* literárias, discussões entre autores e especialistas e clubes de leitura, como forma de entretenimento e de manutenção de laços e distintos afetos nas plataformas midiáticas. Essas formações a partir da literatura funcionaram, ainda, como processos de construção social e entendimento do momento que estava sendo vivenciado.

Nesta produção científica, o conceito de afetividade, cabe destacar, toma como base os apontamentos de Wallon (1954) no entendimento de que não há apenas uma simples ligação com os sentimentos de amor e carinho. Para o autor, o termo se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente dentro de um determinado contexto. Assim, há uma estreita ligação com estímulos e aprendizagens, que, no contexto analisado, é interpolado por debates de narrativas ficcionais.

A associação entre o enfrentamento de situações de adversidade e a utilização de narrativas já foi abordada por Petit (2009). Segundo a antropóloga, está imbricada no ser humano a utilização de histórias em situações de vulnerabilidade, ha-

vendo conexões entre momentos de crises e o uso de narrativas. Para a autora, em casos de depressão coletiva, esse recurso proporciona conforto.

Segundo Walter J. Ong (1998), as narrativas são uma simplificação da complexidade da realidade experienciada pelos seres humanos; elas proporcionam práticas de transmissão e de compartilhamento de experiências entre os indivíduos. Nesse sentido, a sociabilidade que os textos, em especial os ficcionais, evocam, favorecem o compartilhamento de experiências comuns e referenciais compartilháveis (Costa, 2001).

5.2 Mediações comunicativas em sistemas de formações literárias

A partir da utilização de distintos artefatos midiáticos, sistemas de virtualização cultural ocorrem. É importante destacar, porém, que esses processos não foram criados a partir da pandemia, mas sim intensificados. Esses agrupamentos sociais atravessados pela mídia configuram-se, dessa forma, como expressões dessa virtualização social, ou uma "midiatização da cultura e da sociedade", como teorizado por Stig Hjarvard (2014).

A compreensão dessa conjuntura é atrelada ao chamado *bios* midiático, proposto por Muniz Sodré (2002). O termo, para o autor, tem ligação com a vivência e a sociabilidade na cidade, configurando relações cotidianas, não tendo, no contexto empregado, associação direta com o que é biológico, mas, sim, com questões culturais e sociais. Partindo do conceito de *bios*, enquadrado em três esferas por Aristóteles, Sodré (2002) propõe a mídia como um quarto *bios.*

A definição de Aristóteles é constituída pelo *bios theoretikos* ou *bios xénicos*, atrelado à vida contemplativa; o *bios apolausticós*, atrelado à dedicação ao prazer; e o *bios politikos,* referente a uma vida qualificada pelo agir político. O conceito de *bios* midiático é descrito por Sodré como um tipo de formação social, em que os dispositivos midiáticos não seriam apenas transmissores de informação, mas uma outra ambiência. É necessário, porém, diferenciar o conceito de midiatização do conceito de mediação.

A mediação se refere à "ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes" (Sodré, 2002, p. 21), já a midiatização é definida pelo autor como "uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional" (Sodré, 2002, p. 21). O conceito de mediação também abarca questões relativas a interações sociais, que podem (ou não) ser por intermédio da mídia. Em outras palavras, procedimentos mediados pressupõem uma intercalação com outros sujeitos, enquanto a midiatização sugere que ocorra uma interpelação direta da mídia; ou seja, indo além de dimensões técnicas.

> [...] na mediação, uma imagem é algo que se interpõe entre o indivíduo e o mundo para construir o conhecimento; na midiatização, desaparece a ontologia substancialista dessa correlação, e o indivíduo (ou o mundo) é descrito, ele próprio, como uma imagem gerida por um código tecnológico (Sodré, 2002, p. 108).

Nos termos desta produção científica, pensamos o ser humano como ser social. O enquadramento epistemológico deste estudo abarca práticas sociais e as relações culturais que

envolvem tensões, conflitos e resoluções entre os sujeitos. Esses confrontos estão presentes na conjuntura de mediações socioculturais, que integram as experiências cotidianas entre os receptores, em espaços coletivos.

Como mencionado anteriormente, este trabalho ancora-se nos Estudos Culturais. A cultura, nessa perspectiva, é compreendida como "algo mais amplo que seu sentido tradicional, ligado à erudição. Os Estudos Culturais se voltam, em especial, à cultura popular, vista como campo de conflitos e de resistências, vista como 'formas de luta'" (Barros, 2012, p. 10). Entendemos que, nos encontros de clubes de leitura, as temáticas escolhidas para debates também são como mediadores socioculturais para a produção de sentido, a partir de apropriações vivenciadas pelos sujeitos em interação com seus pares. Além disso, a leitura, para Martín-Barbero (2006), por si só, constitui-se como um espaço de mediação.

O clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias* fez uso não apenas de temáticas inseridas nas narrativas debatidas, mas apropriou-se das mensagens propagadas pelos mais distintos meios, como *podcasts*, telejornais e conteúdos televisivos em geral, *blogs, videogames*, vídeos hospedados no YouTube e conteúdos diversos nas distintas redes sociais digitais. Em paralelo com questões presentes nas obras, a condução dos debates seguiu um viés específico para proporcionar não apenas um vínculo temático das narrativas com o cotidiano dos participantes, mas de modo a estimular uma reflexão crítica sobre os relacionamentos dos leitores com os meios presentes em nosso cotidiano. Tal abordagem segue a conjuntura articulada por Martín-Barbero (2006), em que é debatida a relevância do entendimento dessas relações dos sujeitos com os

meios. A mediação seria, então, um ambiente de "crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana" (Martín-Barbero, 2006, p. 154).

Cabe salientar que o intuito deste capítulo não é apresentar um estudo de recepção, já que seu foco não é discutir os efeitos e os impactos dos meios de comunicação na audiência, mas, sim, como já mencionado, entender como as atividades do *Hogwarts, Mil Histórias* contribuíram (ou não) para o enfrentamento da pandemia, bem como as implicações que suas atividades tiveram na vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa. Os meios e suas mensagens fazem parte da proposta metodológica do clube, que leva em conta, ainda, as narrativas literárias e o paralelo com atividades e experiências cotidianas.

A seguir, expomos a metodologia e a análise dos dados coletados, que partem de princípios culturais que consideram crenças, costumes, relatos de vida, narrações, consumos midiáticos, entre outras atividades cotidianas que circundam a participação dos sujeitos de pesquisa no clube de leitura em questão.

5.3 Metodologia de coleta e de análise de dados

A presente pesquisa configura-se como uma produção de caráter qualitativo. Com isso, a fim de acessar as práticas sociais e as sensações dos sujeitos participantes do estudo, optamos pela utilização de grupos de discussão para a coleta de dados. Essa metodologia, bem como o perfil dos participantes respondentes, já foi descrita no capítulo 2 deste livro.

Os tópicos abordados também são os mesmo do capítulo mencionado, porém, para este estudo, levamos em consideração os seguintes:

1. Motivos que incentivaram os leitores a se inscreverem no *Hogwarts, Mil Histórias*;
2. A experiência de participar do *Hogwarts, Mil Histórias*;
3. Os significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia de covid-19;

A metodologia escolhida para a análise de dados foi a análise de conteúdo, na modalidade temática. Os núcleos agrupados e categorizados em temas norteadores para a discussão dos resultados foram os seguintes (Quadro 14):

QUADRO 14 – Temas categorizados a partir das falas dos sujeitos da pesquisa

Tópicos de discussão	**Temas identificados**
1) Motivos que incentivaram os leitores a se inscreverem no *Hogwarts, Mil Histórias.*	1. Afetividades; 2. Sociabilidades; 3. Interesses profissionais; 4. Participação em atividade literária; 5. Retomada do hábito da leitura; 6. Abordagem trabalhada.
2) A experiência de participar do *Hogwarts, Mil Histórias.*	1. Auxílio psicológico em um momento de pandemia; 2. Empoderamento na tomada de atitudes no âmbito pessoal e/ou profissional; 3. Incentivo ao hábito da leitura.

3) Os significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia da covid-19.	1. Refúgio; 2. Pertencimento; 3. Sociabilidades;

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Esses onze temas selecionados ao fim do processo de classificação dos dados proporcionaram a interpretação das mensagens articuladas pelos participantes da pesquisa e facilitaram a compreensão de seus significados, indo além de uma leitura superficial do material. Por fim, cabe apontar que, em termos de fundamentação teórica, a análise teve como base os conceitos de adversidade (Petit, 2009), sociabilidade (Forsé, 1981; Rivière, 2004) e afetividade (Wallon, 1954), já trabalhados ao longo deste capítulo.

5.4 Apresentação e discussão dos resultados

Com o intuito de compreender como as atividades do *Hogwarts, Mil Histórias* contribuíram (ou não) para o enfrentamento da situação pandêmica e quais foram os seus impactos na vida cotidiana dos participantes da pesquisa, foram analisadas as falas que versavam sobre: 1. Os motivos que levaram os sujeitos da pesquisa a se inscreverem no clube; 2. As percepções acerca da experiência de participar do clube; e 3. Os significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia de covid-19.

No que tange às motivações para participação no *Hogwarts, Mil Histórias*, a afetividade com os livros de

Harry Potter foi um consenso entre todos os quatorze participantes dos grupos de discussão. Afirmações como "quando eu vi que teria um clube de leitura de *Harry Potte*r, eu me empolguei" (B1), "sou muito fã de *Harry Potter*, né, desde a adolescência, dos meus 15 anos" (E1) e "eu sempre fui muito, muito, muito, apaixonada por *Harry Potter*" (M2) marcam o início de todas as falas. Conforme exposto anteriormente, a popularidade dos livros de fantasia de J. K. Rowling constituiu uma das razões para a escolha de trabalhá-los em um clube de leitura, num momento de adversidade. Esperava-se que o título *Harry Potter* atraísse um número considerável de participantes, como de fato aconteceu. Dessa forma, não surpreende que os dados apontem a possibilidade de que a maior parte dos integrantes do *Hogwarts, Mil Histórias* já eram conhecedores dos livros e/ou filmes da saga.

Há ainda outras duas motivações apontadas em um maior número de depoimentos (quatro cada): o interesse em participar de alguma atividade literária (indicado por C1, D1, FI e G1) e o interesse pela abordagem que seria trabalhada no clube (I2, J2, K2 e L2). Esta segunda é justificada na fala dos participantes da pesquisa a partir do conhecimento prévio que tinham dos trabalhos com literatura e clubes de leitura, que já vinham sendo desenvolvidos pelos criadores do *Hogwarts, Mil Histórias*. Em seguida, os motivos mais apontados (cada um presente em três depoimentos) foram o de retomada do hábito da leitura (apontado por B1, J2 e L2) e o de interesses profissionais. Presente nas falas de E1, H2 e N2, interesses profissionais correspondem ao intuito de participantes em adquirirem novos conhecimentos que poderiam ser replicados em suas atuações em sala de aula e/ou utilizados em atuais ou

futuras pesquisas de pós-graduação. Por fim, a sexta motivação (presente em apenas dois depoimentos) foi a oportunidade para a criação de novas sociabilidades (indicado por A1 e M2).

Um de nossos objetivos com a criação do clube, conforme apontado na introdução do presente livro, foi promover o enfrentamento das atribulações causadas pelo isolamento social e proporcionar ambiências de sociabilidades e afetividade em rede por meio da leitura literária. A partir da análise dos dados referentes a este tópico (os motivos que levaram os sujeitos da pesquisa a se inscreverem no clube), verificamos que os interesses se distinguem dos nossos enquanto pesquisadores, uma vez que o tema pandemia não é citado em nenhum momento como motivação para entrar no clube e, a sociabilidade, é apontada apenas pelos sujeitos A1 e M2. O termo pandemia só foi abordado pelos sujeitos no tópico de discussão seguinte, quando se discutiu a experiência de participar do *Hogwarts, Mil Histórias*.

Porém, ao indicarem interesse em participar de agrupamentos sociais relacionados a *Harry Potter*, há uma espécie de acordo tácito perante os protocolos imbricados em clubes de leitura; sendo a sociabilidade um deles. Dessa forma, a consequente interação entre os participantes para expor suas opiniões acaba por gerar, intencionalmente ou não, relações que estabelecem vínculos sociais entre os envolvidos, que podem ou não ser duradouros.

As discussões acerca das experiências de participação no *Hogwarts, Mil Histórias*, por sua vez, apontaram que a presença no projeto trouxe contribuições para a saúde mental de

ao menos três sujeitos da pesquisa (H2, M2 e N2). O indivíduo H2 afirmou que estava "sofrendo de ansiedade generalizada" desde o início do período pandêmico e que o clube acabou se tornando "um apoio", devido à oportunidade oferecida para que se sentisse "acolhido". N2 confessou que os encontros do clube lhe trouxeram uma "sensação de salvação" e possibilitou que ela se abrisse em um momento crítico como o da pandemia: "eu contei coisas no clube que eu não contei para a minha psiquiatra, por exemplo. [...] foi um bálsamo, foi um alento e foi uma salvação". Já M2 destacou: "deu um apoio emocional gigantesco, ajudou bastante nos momentos mais difíceis, assim, que eu tive".

Ainda que relevantes, as menções ao auxílio psicológico durante a pandemia da covid-19 não foram as contribuições mais citadas pelos participantes da pesquisa. Em contrapartida, destacaram-se falas que apontam para dois impactos diretos na vida cotidiana desses sujeitos: o incentivo ao hábito da leitura (apontado em seis depoimentos: A1, B1, C1, K2, L2 e N2) e o empoderamento na tomada de atitudes no âmbito pessoal e/ou profissional (presente também em seis depoimentos: F1, G2, H2, I2, J2 e N2). Entre os sujeitos que indicaram o incentivo à leitura, B1 e L2 haviam comentado que um dos motivos para a entrada no clube fora justamente o interesse em retomar o hábito da leitura literária, há muito perdido, o que implica que as atividades do projeto possibilitaram que essa demanda fosse atendida.

Joice Berth (2019) argumenta que empoderar é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução e de rompimento com o que está posto. Partindo dessa conceituação, entendemos que o projeto proporcionou empoderamento no âmbito

profissional e/ou pessoal de seis sujeitos da pesquisa, quando eles afirmam que: as discussões feitas nos encontros possibilitaram que tivessem ideias para a escrita da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que fugiam do senso comum (F1); os conhecimentos adquiridos deram segurança para trabalhar com os livros de *Harry Potter* na sala de aula do ensino básico (G2); o projeto como um todo proporcionou confiança para encarar um novo trabalho, que, devido ao *lockdown*, precisava ser feito no formato remoto: "participando do clube, mesmo sem discutir nem nada, eu fui ganhando, assim... ganhando confiança, né. Então ele ajudou nesse ponto" (I2); o espaço aberto pelo clube deu confiança para finalmente ler os livros de Rowling em sua língua original, o inglês (H2); auxiliou a combater a fobia social com que vinha lidando (N2); e proporcionou o estabelecimento de autocuidados, como apontado por J2: "eu acho que a experiência de entrar para o clube foi muito interessante, que foi o momento de me dar o direito de ter um tempo para mim. Eu me dei o direito de ter uma tarde de sábado por mês sem as minhas crianças, fazendo uma coisa que eu gosto e que me deixa feliz. [...] Foi um autocuidado muito necessário me dar essas tardes de sábado".

Dessa forma, verificou-se que a experiência de participação no clube de leitura impactou, de distintas formas, grande parte dos participantes da pesquisa. O afeto, como definido por Wallon (1954), é estabelecido por relações que vão além da emoção corriqueira em *fandoms*, atravessando instrumentos de sobrevivência inerentes ao ser humano e, no contexto analisado, possui relação (não exclusiva) com o controle da ansiedade causada pela pandemia.

Quanto aos significados atribuídos à participação em um clube de leitura durante a pandemia de covid-19 pelos sujeitos da pesquisa, três foram os identificados: refúgio (que esteve presente em três depoimentos: B1, E1 e G2); pertencimento (também presente em três depoimentos: A1, J2 e L2); e sociabilidades (em sete depoimentos: C1, D1, E1, F1, G2, K2 e H2). Em sua fala, E1 atrela o significado de refúgio às questões de saúde mental, observável por meio da afirmação: "participar do clube, durante a pandemia, foi uma válvula de escape para mim, né, eu estava bem estressada, preocupada e acabou me ajudando muito nesse sentido". Já nas falas de B1 e G2, esse sentido encontra-se conectado à noção de sociabilidades, como nos momentos em que comentam: "no período pandêmico, foi a sensação, tipo, não estou sozinho, existem outras pessoas. [...] ter esse contato humano foi um alívio" (B1) e, "estávamos fechados em casa, sem socializar, né, nosso contato era com a família, com as pessoas da nossa casa… então [*o clube*] era uma válvula de escape, era o momento de conversar, era o momento de ouvir" (G2).

O sentido de pertencimento, em dois dos três depoimentos em que aparece, está relacionado ao sentimento de fazer parte de uma comunidade de fãs. Nesse caso, de estar junto, por meio do virtual, de outras pessoas que compartilham do mesmo desejo e do mesmo interesse pelas obras de *Harry Potter* (A1 e L2). Já a pessoa identificada como J2 apontou o sentimento de pertencimento à nacionalidade brasileira. Durante a execução da primeira temporada do projeto, ela estava morando, com sua família, nos Estados Unidos, e o clube foi uma oportunidade para que encontrasse seus compatriotas e conversasse em sua língua materna: "tem um sentimento de

pertencimento, de ser brasileiro, assim, de falar português sim, de conseguir se expressar em português, que é muito gostoso de tá *online*, né. Então, assim, nesse momento, eu estando *online* e em português, trouxe um acalanto".

Por fim, no âmbito das sociabilidades, sete depoimentos destacaram a importância dos encontros do clube para a criação de novas amizades e laços sociais, assim como o conhecimento e a socialização com pessoas de outras faixas etárias e áreas de formação. H2, por exemplo, destacou que, entre as amizades surgidas a partir do clube, esteve a com G2, com quem descobriu compartilhar o mesmo bairro: "o clube fez eu conhecer gente e não tem uma coisa que eu goste mais que conhecer gente, eu amo conhecer gente! E eu conheci gente que mora, tipo, no meu bairro, como a G2 e eu não sabia, eu nunca cruzei com ela antes do clube, sabe?!". Chamou a atenção, também, a presença de depoimentos que demonstram que ao menos dois sujeitos da pesquisa (K2 e G2), provavelmente, não teriam participado do projeto caso ele não tivesse ocorrido durante a pandemia de covid-19. Ao mesmo tempo, ambos destacaram o quão importante foi participar durante o momento de adversidade que todos estavam vivenciando: "no terceiro ou quarto encontro, a sensação era que já são pessoas que eu já conhecia há muito tempo e já sentava na sala da minha casa e a gente tava conversando na sala de casa, tomando um suco, um chá e conversando sobre o livro que tinha acabado de ler" (G2).

A partir das conjunturas apresentadas, as relações analisadas reforçam o contexto de *bios* midiático, proposto por Sodré e apresentado anteriormente. Diante da integração dos sujeitos da pesquisa, a ambiência virtual oportunizou a troca de

saberes em um contexto no qual os leitores transitaram entre o "dentro e o fora" do espaço midiático. Mesmo tratando-se de uma esfera abstrata, atravessou as atividades cotidianas e, na situação específica em que os sujeitos estavam inseridos, funcionou como um eixo para as relações sociais e suas subjetividades.

A comunidade afetiva, atravessada por impulsos digitais e em formato de clube de leitura, suscitou o entrelaçamento do virtual e do concreto/não virtual, como destacado, por exemplo, na fala de G2, anteriormente citada. Além disso, as interações sustentaram-se por processos mediados a partir de temáticas relacionadas a contextos socioculturais entrelaçados com as narrativas literárias debatidas.

5.5 Considerações finais

Este capítulo teve como foco o entendimento das experiências de leitores que interagiram em ambiente conversacional em rede, em um momento de vulnerabilidade coletiva. A partir da análise dos dados, verificamos que o conjunto de obras literárias discutidas e as atividades do clube de leitura configuraram-se como um refúgio, não exclusivamente do momento pandêmico, mas de tensionamentos pessoais de diversos motivos, expostos durante os encontros. Além disso, a busca por pontos de contato em comum, característica em atividades que envolvem *fandoms* de maneira geral, esteve presente como uma forma de pertencimento e, ao mesmo tempo, de individualidade através de suas expressões pessoais sobre as temáticas introduzidas.

Dessa forma, entendemos que o clube, inserido na esfera do *bios* midiático, não representou exclusivamente uma maneira de superar o momento de adversidade, mas afetou os participantes de distintas formas, atravessando atividades cotidianas e melhorando condições psicológicas. Logo, não curou (obviamente) os males surgidos ou intensificados com a pandemia de covid-19, mas forneceu mecanismos, a partir de mediações, de enfrentamento para pelo menos três sujeitos participantes da pesquisa, além de impactar a vida cotidiana dos envolvidos no âmbito individual ou em relacionamentos coletivos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edição 70, 1979.

BARROS, L. M. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. *In*: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 79-105. *E-book.*

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 189-217.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

COSTA, C. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: Senac, 2001.

FORSÉ, M. La sociabilité. **Economie et Statistique,** Paris, n. 132, p. 39-48, 1981.
Disponível em: http://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1981_num_132_1_4476. Acesso em: 18 mar. 2023.

GALLIAN, D. **A Literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GARDNER, S. E. Reading, Sociability and Warfare. *In*: DIFFLEY, K; HUTCHISON, C. **The Cambridge Companion to the Literature of the American Civil War and Reconstruction.** New York: Cambridge University Press, 2022. p. 29-42.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 72-95.

HJARVARD, S. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

JOHNS, A. **The Nature of the Book**: Print and Knowledge in the Making. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

LUO, P.; LAPALME, M. L.; CIPRIANO, C.; BRACKETT, M. The Association Between Sociability and Covid-19 Pandemic Stress. **Sec. Personality and Social Psychology,** [*S.l.*], v. 13, 2022. Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2022.828076/full. Acesso em: 18 mar. 2023.

MARTÍN-BARBERO, J. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social***:* teoria, método e criatividade. Petropólis: Vozes, 2016.p. 56-71.

NAFISI, A. **Lendo Lolita em Teerã**: memórias de uma resistência literária. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PETIT, M. **A arte de ler**. Ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRICE, L. **What We Talk About When We Talk About Books.** New York: Basic Books, 2019.

RIVIÈRE, C. A. La spécificité française de la construction sociologique du concept de sociabilité. **Réseaux: Communication, Technologie, Société**, Paris, v. 123, n. 1, p. 207-231, 2004. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2004-1-page-207.htm Acesso em: 18 mar. 2023.

SODRÉ, M. **Antropologia do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

VEZZALI, L.; STATHI, S.; GIOVANNINI, D.; CAPOZZA, D.; TRIFILETTI, E.The Greatest Magic of Harry Potter: Reducing Prejudice**. Journal of Applied Social Psychology,** [*S. l.*], v. 45, p. 105-121, 2015.

WALLON, H. Les milieux, les groupes et la psychogenèse de L'enfant. **Enfance,** Paris, v. 4, n. 3, p. 287-296, mai/out. 1954.

WELLER, W. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. *In:* WELLER, W.; PFAFF, N.. (org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 54-66.

6 O *FANDOM* DE *HARRY POTTER* E A COMPETÊNCIA MIDIÁTICA[78]

Com a pandemia de covid-19, atividades que eram majoritariamente realizadas no ambiente físico foram transportadas para o *online,* e tarefas rotineiras apropriaram-se da ambiência digital. Destaque para clubes de leitura das mais variadas formas, que usaram a literatura para a criação de laços de afetividade, em um momento de vulnerabilidade coletiva (Thomé; Martins, 2021). Porém, clubes de leitura virtuais não são uma novidade, tampouco são um produto da pandemia, já que, pelas características do meio digital, recebem pessoas das mais variadas localidades e culturas, facilitando processos de interação (Rehberg Sedo, 2003; 2011, Fuller; Rehberg Sedo, 2013).

Vale destacar que a leitura em comunidades virtuais possui caráter informal. E, com a pandemia, o uso das mais distintas ferramentas digitais intensificou-se para suprir necessidades interacionais exclusivas do contexto presencial. Nesse sentido, de acordo com matéria publicada na Folha de S. Paulo, em julho de 2021, J. K. Rowling, autora das obras do *Wizarding World*, foi a escritora mais vendida no Brasil ao longo do ano de 2020[79]. Grande parte desse sucesso vem da nostalgia de fãs que cresceram com a saga e seguem consumindo

[78] Este capítulo foi originalmente publicado na revista *Fronteiras: estudos midiáticos*, disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/25213

[79] A matéria *J.K. Rowling foi a escritora mais vendida do ano, mesmo acusada de transfobia* está disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/jk-rowling-foi-a-escritora-mais-vendida-do-ano-mesmo-acusada-de-transfobia.shtml. Acesso em: 17 jul. 2022.

seus produtos, relendo seus textos e os debatendo em comunidades de fãs. Porém, também conforme apontado pela matéria, a contínua utilização dos livros em conteúdos produzidos para redes sociais, como o TikTok e o YouTube, contribuiu, de alguma maneira, para esse índice [80].

Os *fandoms*, que até os anos 1990 eram vistos como grupos de comportamento antissocial e relacionados à mercantilização, hoje derrubam as barreiras de idioma, fronteiras e culturas (Hirsjärvi, 2013). Logo, reunir um determinado *fandom* com a proposta de releitura e de produção de conteúdo sobre as obras debatidas segue uma linha que vai ao encontro da teorizada por Jenkins (2015), em que os leitores se apropriam dos textos em um tipo de "invasão textual".

O termo, proposto por Certeau (1984) e retomado por Jenkins em sua obra, refere-se à leitura ativa como uma espécie de "invasão", que se apropria apenas do que é útil ou prazeroso ao leitor, invadindo terrenos escritos por outros. Para Jenkins (2015), a analogia de Certeau é a base da caracterização do relacionamento de disputa entre leitores e escritores sobre a posse do texto e de seus significados. Para o autor, os fãs elevaram a invasão em comunidades ativas e atividades de apropriação cultural ricas.

Com tais pressupostos teóricos, este capítulo visa analisar a competência midiática de fãs e leitores de *Harry Potter* que

[80] Como exemplo e comprovativo disso, vale lembrar que, atualmente, o canal do YouTube dedicado apenas ao tema "Harry Potter", com o maior número de inscritos, é brasileiro: Caldeirão Furado, apresentado pelo youtuber Caco Cardassi. Para maiores informações, acesse: https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2022/06/20/4077_conheca-caco-cardassi-dono-do-maior-canal-sobre-harry-potter-do-mundo.html. Acesso em: 17 jul. 2022.

participaram do clube de leitura *online Hogwarts, Mil Histórias*. Para a análise, foi utilizada a proposta teórico-metodológica de Ferrés e Piscitelli (2015). Segundo os autores, a competência midiática tem o propósito de auxiliar no desenvolvimento do compromisso social e cultural dos sujeitos, unindo a cultura participativa com o desenvolvimento da capacidade crítica.

Dessa forma, a proposta de análise desta produção científica justifica-se, na medida em que clubes de leitura têm ganhado força nos últimos anos, principalmente devido à pandemia. Com isso, abrem-se mais caminhos interacionais em rede, sendo necessária a análise desses distintos fenômenos comunicacionais e da competência midiática desses sujeitos geradores de produções que atravessam distintos grupos.

6.1 Clubes de leitura *online* e cultura participativa

Como bem pontua Petit (2013), os leitores não são páginas em branco. Eles são ativos e se apropriam do texto, interpretando-o e deslizando por entre as linhas ao criar fantasias e ao satisfazer desejos. Ao retomar Certeau (1984), a autora afirma que os leitores circulam entre terras alheias, caminhando em lugares que não escreveram e refletindo sobre questões internas. Esse ato, corriqueiramente solitário, é capaz de despertar o sentimento de compartilhamento de ideias em algumas pessoas, e a partilha de pensamentos torna-se uma necessidade nos indivíduos. Assim, tem-se a formação de agrupamentos para discussões literárias, como os clubes de leitura.

Ao traçarmos o contexto desses grupos, é possível afirmar que clubes de leitura migraram para os mais distintos espaços através dos tempos. De grandes salões a bibliotecas, esses encontros têm, há muito, habitado diferentes ambientes, adequando-se aos objetivos de seus membros e ao contexto social, cultural e histórico ao qual estão inseridos (Rehberg Sedo, 2011). As formas de se realizar o ato da leitura também se transformaram, e o que, tradicionalmente, era um ato individual e silencioso adquire, com as redes, aspectos característicos do novo ambiente (Santaella, 2004; 2013). Logo, o ato de ler transforma-se em uma conversação social (Lluch, 2014) pelas transformações advindas de plataformas digitais.

Para Pérez-García e Cobo (2021, p. 556),

> A característica predominante da comunicação nessas comunidades é o seu caráter informal e o sentimento afetivo de pertencimento dos membros. Portanto, prevalece uma interação intersubjetiva baseada principalmente na expressão de sentimentos causados pelas obras e na troca de dicas de leitura, conselhos, recomendações, etc. relacionados com o mundo da leitura.

As autoras afirmam, ainda, que as comunidades de leitores se converteram em um fenômeno social que reúne inúmeros usuários, o que traduz um aumento na comercialização de livros. Nesse universo, merece especial atenção o crescimento das vendas de literatura jovem-adulto.

Soriano (2013) distingue quatro tipos de clubes de leitura: 1) Clubes de leitura tradicionais, que são aqueles baseados em reuniões presenciais, em locais como bibliotecas, por exemplo; 2) Clubes de leitura presenciais, com complementação

virtual, baseados em reuniões presenciais e que utilizam a *internet* como complemento das reuniões; 3) Clubes de leitura virtuais, baseados em participação textual assíncrona, que são clubes apoiados em *blogs* ou redes sociais digitais, nos quais as obras lidas são comentadas; e 4) Clubes de leitura virtuais, baseados em participação síncrona (por videoconferência), em que ferramentas da *internet* são utilizadas para a realização das reuniões.

Apesar dessa classificação, é possível haver uma mescla dos tipos apresentados, como clubes de leitura virtuais com videoconferência, com complementação em aplicativos como Telegram ou WhatsApp. Além disso, as leituras feitas nesses grupos podem variar em discursos, áreas de saber e gênero literário, e os objetivos podem ser os mais variados, como aprimorar conhecimento de uma determinada língua, por exemplo (Cosson, 2021), ou ser um grupo formado por fãs de um autor ou obra específicos. Neste caso, temos como exemplos o Clube de Leitura da STB (Sociedade de Tolkien Brasileira), que discute todas as obras do autor J. R. R. Tolkien, e o clube *Hogwarts, Mil Histórias*, objeto desta pesquisa.

Considerando as características do *Hogwarts, Mil Histórias*, neste capítulo, focaremos os clubes de leitura formados pelo *fandom* de autores e/ou suas obras, com reuniões virtuais, com participação síncrona. Nesse tipo de organização, a cultura participativa é patente. Jenkins (2008) compreende o termo como um processo em que fãs e consumidores participam ativamente tanto da criação quanto da circulação de conteúdos advindos do produto ou da obra original. Para o autor, nem todos os participantes interagem da mesma forma, já

que, por exemplo, alguns sujeitos podem possuir maior habilidade para participação e interação do que outros.

É importante destacar, nesse contexto, o conceito de cultura da convergência, também teorizado por Jenkins (2008). Segundo o estudioso, o termo reflete a colisão entre as mídias de massa, tradicionalmente passivas, e as mídias atuais, que são interativas e mais participativas. O autor afirma que uma não exclui a outra, havendo uma coexistência. A convergência envolve, assim, uma transformação na forma de produzir e de consumir os produtos disponibilizados nos meios de comunicação. Logo, essa comunicação adquire características mais participativas, e os fãs são convidados a terem uma maior interação com os conteúdos.

No âmbito do presente capítulo, algo interessante a ser pontuado, diante da teorização de Jenkins, relaciona-se às características e às transformações a respeito do suporte livro, a partir das convergências, das mudanças tecnológicas e dos contextos sociais na contemporaneidade. O livro, há muito, deixou de ser um objeto com características de inércia. Ele é uma mídia de massa que proporciona leituras criativas e, a partir de deslizamentos de um suporte a outro, auxilia no conhecimento de outros textos literários, conectando ideias e narrativas de forma interativa (Figueiredo, 2010).

O conceito de "deslizamento da narrativa" foi criado por Figueiredo (2010), a fim de designar o processo de recriação das distintas narrativas para circularem em diferentes plataformas, mudando protocolos pré-estabelecidos de leitura. Os apontamentos da autora possuem ligação com os de Jenkins (2008), abordados anteriormente, mas dizem respeito a um cenário anterior ao da convergência, em que obras como *Dom*

Quixote de La Mancha (1605) e *Alice no País das Maravilhas* (1865) circulavam em formato de canções e peças de teatro, por exemplo. Para Figueiredo (2020), a convergência das mídias também está relacionada com as mudanças nos modos de leitura e no comportamento do leitor, que segue em busca de distintas referências de entretenimento e de partilha de pontos de vista sobre o texto.

Destacamos não apenas os diferentes suportes tecnológicos em que a literatura tem a capacidade de repousar e também deslizar na atualidade, como *audiobooks*, o dispositivo Kindle e em *fansites*, mas o livro, ainda em seu formato físico. Essa mídia de massa, nos distintos formatos e características já sinalizados, apresenta o potencial de proporcionar leituras criativas e estimulantes. Diante das conexões e das interatividades promovidas pela leitura, inventividades, questionamentos e troca de impressões podem ocorrer nos mais distintos ambientes, com a possibilidade de exercício do pensamento crítico dos leitores, que não mais encaram a leitura e o livro como algo sagrado e solitário (Chartier, 1998), mas algo a ser partilhado e que corrobora o crescimento pessoal e coletivo.

Com a *internet* e a cultura da convergência, esse potencial de leitura crítica e interação com outros leitores se expande, provocando a participação de inúmeros sujeitos ao mesmo tempo e no mesmo ambiente, difundindo práticas e saberes. Ademais, os espaços dominados por um determinado *fandom*, como os clubes de leitura voltados para um público específico, acabam contribuindo para um entendimento mais abrangente sobre o universo do qual são fãs e também para a propagação da narrativa em discussão, seja expondo canais de

interação desconhecidos para outros membros, seja produzindo conteúdo a partir das discussões nos mais distintos meios.

Para Hirsjärvi (2013), ser membro de um *fandom* significa ter acesso a conhecimentos e críticas especializadas com a oportunidade de autoexpressão dentro de um grupo específico. Cabe salientar, porém, que nem sempre o conhecimento construído em comunidades de fãs é tratado com o mesmo grau de relevância em outras esferas. Ao apropriar-se de textos da cultura popular, o fã costuma ser tratado como um sujeito que merece pouca atenção. Contudo, Jenkins (2015) pontua que os fãs não podem ser pensados como detentores de baixo grau intelectual, na medida em que produzem conteúdos relevantes para a sociedade, por exemplo. Então, as barreiras comumente impostas entre leituras canônicas e leituras da cultura *pop* devem ser derrubadas. Segundo o autor,

> a cultura dos fãs embaça esses limites ao tratar textos populares como dignos do mesmo grau de atenção e apreciação que textos canônicos. Práticas de leitura (análise minuciosa, exegese profunda, releitura repetitiva e prolongada etc.) aceitas, quando se é defrontado com obra de "devido mérito", parecem perversamente mal empregadas quando aplicadas aos textos mais "descartáveis" da cultura massiva (Jenkins, 2015, p. 36).

Assim, é importante realizar estudos sobre a competência midiática de sujeitos envolvidos em um alto grau de intensidade com um produto, na medida em que o contexto e o meio influenciam nos conteúdos derivados por esses fãs, além do entendimento de questões extranarrativa; no caso específico, citamos novamente o exemplo das declarações transfóbicas

da autora J. K. Rowling, analisadas nas produções científicas de Martins e Sigiliano (2022a; 2022b), com interagentes de diversas partes do mundo no Twitter.

6.2 Escolha metodológica e sua aplicação

A presente pesquisa configura-se como uma produção de caráter qualitativo. Com isso, a fim de fornecer dados mais aprofundados e com um maior rigor científico, optamos pela aplicação de questionário *online*, produzido pelo Google Forms, em dez participantes do clube que se voluntariaram a respondê-lo[81]. A escolha do questionário como instrumento de coleta de dados leva em conta não apenas a dificuldade encontrada de reunir, no mesmo horário, os dez voluntários (dois deles estavam em fuso horário distinto do horário de Brasília), mas também a existência de pesquisas que fazem uso dessa metodologia selecionada e com auxílio desse instrumento. Citamos a produção de Borges e Silva (2019), pesquisadoras brasileiras que são referência nos estudos de competência midiática, que reúne uma coletânea de estudos em que utilizam questionários como técnica de coleta de dados, indo de pesquisas com inúmeros respondentes a amostragens menores.

Para o nosso estudo, os questionários foram enviados para o *e-mail* de cada voluntário, disponibilizado por todos os participantes do clube no ato de inscrição. Além disso, conforme

[81] O questionário foi aplicado no nono mês da primeira temporada do clube, em 14 de dezembro de 2021. Naquele momento, todos os sete romances de Harry Potter já tinham sido lidos e discutidos. Para conhecimento do questionário, ver o *Apêndice C* deste livro.

os critérios estabelecidos pelo Comitê de Ética, os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa, bem como das condições de participação. Assim, após a anuência, o processo foi iniciado e, para a elaboração e a análise dos dados, foi utilizada a proposta teórico-metodológica de Ferrés e Piscitelli (2015) a respeito da competência midiática. O conceito, segundo os autores, tem o propósito de auxiliar no desenvolvimento de cidadãos e cidadãs em seu compromisso social e cultural, "[...] combinando o potencial oferecido pela cultura participativa com o desenvolvimento da capacidade crítica" (Ferrés; Piscitelli, 2015, p. 5).

A proposta leva em conta seis dimensões específicas ligadas à análise, relacionadas à maneira como os sujeitos avaliam uma mensagem, e também ligadas à expressão, referentes à forma com que os sujeitos se expressam. Feitas tais observações gerais, as dimensões estabelecidas pelos autores são: linguagem, tecnologia, processos de interação, processos de produção e difusão, ideologia e valores, e estética. É necessário que o pesquisador passe por todas, na medida em que nenhuma delas pode ser entendida isoladamente. A linguagem, por exemplo, não pode ser compreendia sem a tecnologia, segundo Ferrés e Piscitelli. No âmbito da análise, os autores indicam que a *dimensão linguagem* tem relação com a capacidade de análise do sentido das mensagens midiáticas e de compreensão do fluxo de informações nas diversas mídias, estabelecendo relações de intertextualidade, por exemplo. Já no âmbito da expressão, refere-se à capacidade do sujeito de se expressar mediante os diversos sistemas de representação e significados; ter a aptidão para modificar produtos já existentes.

A *dimensão tecnologia*, no âmbito da análise, prevê a compreensão do papel da tecnologia e da comunicação, bem como seus efeitos na sociedade, além de englobar a habilidade para interagir significativamente com os meios que permitem a expansão das capacidades mentais. Outro ponto refere-se à capacidade de se desenvolver em ambientes hipermidiáticos e transmidiáticos, por exemplo. O âmbito da expressão engloba a capacidade de adaptar as ferramentas tecnológicas aos objetivos desejados. Além disso, considera também a capacidade de manipular imagens e sons a partir do entendimento de como se constroem as distintas representações da realidade.

A *dimensão processos de interação,* no âmbito da análise, refere-se à capacidade de seleção e de avaliação do próprio consumo midiático de acordo com critérios conscientes. Além disso, considera a capacidade de ter consciência das ideias e dos valores que associam os personagens, as ações e as situações e que geram, segundo o contexto, emoções positivas e negativas. Em paralelo, está a capacidade de discernir sensação e opinião, ou seja, separar emotividade e racionalidade. A capacidade de apreciar mensagens provenientes de outras culturas para um diálogo intercultural também está prevista. O âmbito da expressão abarca uma interação mais ativa com as telas, sendo uma oportunidade para a construção de uma cidadania plena. Ademais, a capacidade de interagir com pessoas em ambientes plurais e multiculturais também se enquadra nessa dimensão.

Na dimensão *processos de produção e difusão*, o âmbito da análise refere-se ao conhecimento das diferenças básicas

entre produções individuais e coletivas, além do conhecimento elementar sobre os sistemas de produção e as técnicas de programação e difusão de conteúdo. O âmbito da expressão refere-se à capacidade de trabalhar de maneira colaborativa na elaboração de produtos multimodais e multiculturais, de compartilhar e disseminar informação por meios tradicionais e redes sociais e de administrar a própria identidade nos ambientes *online* e *offline.*

A dimensão *ideologia e valores,* no âmbito da análise, corresponde à capacidade de entender como as representações midiáticas estruturam nossa representação da realidade, avaliando, dessa forma, a confiabilidade das fontes de informação, de modo a obter conclusões críticas. Outra questão refere-se à capacidade de detectar as intenções bem como as ideologias e os valores nas produções, além da habilidade de análise crítica dos efeitos da emissão de opinião e homogeneização cultural exercida pelos meios. A capacidade de gerenciamento das emoções durante interações com as telas também está prevista. No que tange ao âmbito da expressão, estão enquadradas as capacidades de aproveitamento de ferramentas comunicativas para a transmissão de valores; a capacidade de elaboração de novos produtos para questionar valores e estereótipos e a capacidade de aproveitar as ferramentas para se comprometer como cidadão ou cidadã responsável.

Por fim, a *dimensão estética,* no âmbito da análise, abarca a capacidade de extrair prazer com o que se comunica e a forma como se comunica. Outro ponto refere-se à sensibilidade para reconhecer uma produção midiática fora das exi-

gências mínimas de qualidade estética e a capacidade de identificar elementos básicos, como originalidade e estilo. Já o âmbito da expressão engloba a capacidade de produção de mensagens que contribuam para aumentar os níveis de criatividade e originalidade.

Para esta produção científica, analisaremos todas as dimensões estabelecidas pelos autores, a fim de obter resultados mais apurados. Tal escolha leva em conta os objetivos propostos, bem como o contexto no qual o projeto de clube de leitura foi criado. Assim, esta análise visa compreender a evolução dos níveis das habilidades dos sujeitos envolvidos no processo, que, em um primeiro momento, estavam em período de adaptação a um contexto de atividades majoritariamente virtuais.

O questionário foi composto por 24 perguntas abertas e fechadas, organizadas em dois blocos: as primeiras seis constituíram o bloco de perguntas relacionadas ao perfil dos participantes, como: identificação, idade, gênero e escolaridade, por exemplo. Já o segundo bloco refere-se a questões específicas sobre as dimensões da competência midiática. As perguntas foram elaboradas de forma a não haver indicação de respostas corretas ou incorretas.

Após a definição dos parâmetros de análise e dos critérios avaliativos, a análise dos dados foi iniciada.

6.3 Análise da competência midiática dos leitores

A proposta do *Hogwarts, Mil Histórias*, como apontado anteriormente, segue um viés de correlação das temáticas presentes nas narrativas literárias com conteúdos do mundo não

ficcional, como narrativas midiáticas e situações culturais e históricas que atravessam nossas vidas na atualidade, a exemplo de *fake news*, governos autoritários e pandemia. Logo, as perguntas desenvolvidas para esta pesquisa dizem respeito não somente à leitura crítica da literatura e do universo narrativo que a permeia, mas de habilidades e conteúdos que acabam fazendo parte de situações rotineiras dos integrantes além do mundo ficcional.

Os dez participantes voluntários da pesquisa possuem idades de 22 a 51 anos. Além disso, sete participantes se autodeclararam do gênero feminino, dois se autodeclararam do gênero masculino e um se autodeclarou não binário. Com relação à escolaridade, um participante informou possuir Ensino Superior incompleto, dois informaram possuir Ensino Superior completo, cinco informaram possuir pós-graduação *lato sensu* e dois informaram possuir Doutorado. Suas áreas de formação são: História (3 participantes), Pedagogia (2 participantes), Tradução (1 participante), Biologia (1 participante), Direito (1 participante) e Letras (2 participantes). De modo a preservar suas identidades, seus nomes foram substituídos por letras de A a J.

A sintetização dos resultados obtidos pode ser verificada a seguir, seguida de detalhamento das dimensões na ordem apresentada no Quadro 1.

QUADRO 15 – Sintetização dos resultados da pesquisa

Dimensões	Âmbito da análise	Âmbito da expressão
Linguagem	Os participantes da pesquisa possuem capacidade de compreensão de fluxo informacional em múltiplos suportes e plataformas, exceto o D.	Os participantes possuem nível satisfatório de habilidades que se referem à escolha do sistema adequado para sua comunicação, com exceção dos participantes D e A.
Tecnologia	Todos os participantes voluntários, exceto A e D, afirmaram ter aprendido como manusear as ferramentas para vídeo conferência sozinhos.	Não houve um amplo aproveitamento das opções comunicacionais da ferramenta Telegram pelos respondentes para comunicação, por falta de conhecimento técnico.
Processos de interação	Todos, exceto três respondentes (B, F e J), possuem um entendimento limitado sobre o que são produtos midiáticos.	Todos apreciam a interação em ambientes plurais, como no caso do clube de leitura, considerando fundamentais a escuta e a interação com outros sujeitos.
Processos de produção e difusão	Todos os respondentes possuem habilidades nesse âmbito.	Os 10 participantes da pesquisa expressaram conhecimento sobre as fases de processos de produção de conteúdos de caráter pessoal, mas não possuem entendimento suficiente sobre produções coletivas e/ou corporativas.

Ideologia e valores	Oito dos dez participantes não possuem vasta percepção de como algumas produções midiáticas podem estruturar nosso discernimento de realidade, bem como a necessidade de se avaliar a confiabilidade de fontes de informação.	Todos os respondentes informaram fazer uso do formato *online* do clube de leitura para não apenas debater a literatura e criar sociabilidades, mas para apresentação de contextos além da narrativa ficcional.
Estética	Todos os participantes afirmaram se sentirem satisfeitos com as produções derivadas do clube, menos o participante D, que não compreende porque determinado conteúdo foi desenvolvido, em determinada plataforma.	Certa sensibilidade estética é identificada nas respostas dos participantes. Ao serem interpolados por uma pergunta que abarca sugestões para a próxima temporada do clube, apresentaram observações bastante pertinentes e criativas.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Com relação à *dimensão linguagem*, no âmbito da análise, pode-se dizer que os participantes da pesquisa possuem capacidade de compreensão de fluxo informacional em múltiplos suportes e plataformas. Como mencionado, o clube de leitura atravessa diversos suportes comunicacionais que se complementam: discussão prévia no Telegram, encontro ao vivo pelo Google Meet, *lives* esporádicas no Instagram e *podcasts*. Ao serem questionados sobre o acompanhamento dos conteúdos e o entendimento das funções individuais de cada um, todos informaram compreender o fluxo e a distinção da linguagem de cada plataforma, sem qualquer dificuldade de estabeleci-

mento de relações entre os códigos midiáticos e sua importância. Porém, o participante D apresentou baixo nível de entendimento das funções que esses distintos códigos desempenham em uma mensagem, ao deixar claro desconhecer porque um determinado tema foi aprofundado em uma determinada plataforma. Além disso, esse participante, em sua resposta, não se revelou capaz de compreender as relações de intertextualidade presentes em alguns produtos midiáticos da saga, como conteúdos de *influencers* literários no TikTok, que fazem uso de outras referências de produções culturais. Esses apontamentos levam em conta não apenas o repertório cultural desse respondente, mas sua habilidade de analisar e estabelecer relações entre textos de distintas fontes.

A análise do âmbito da expressão também revela que os participantes possuem nível satisfatório de habilidades que se referem à escolha do sistema adequado para sua comunicação, com exceção dos participantes D e A, que afirmaram que deixaram de interagir com outros participantes em determinados momentos por não acompanharem o fluxo conversacional no Telegram e no *chat* do encontro ao vivo ou por não encontrarem a função adequada para expressar suas opiniões, como a utilização de emojis no ao vivo, por exemplo.

Com relação *à dimensão tecnologia,* no âmbito da análise, com exceção de A e D, os participantes voluntários da pesquisa afirmaram ter aprendido como manusear as ferramentas para videoconferência sozinhos. É interessante notar, porém, que aqueles que afirmaram ter aprendido com ajuda de familiares, amigos ou de professores (através de cursos) alegaram que essa era a sua primeira experiência de clube de leitura *online.* Quando questionados sobre dificuldades de manuseio

com as plataformas utilizadas (Teams e Google Meet), todos os respondentes informaram não possuir qualquer dificuldade com a plataforma, apenas insatisfação com a operacionalidade do Teams (motivo que acarretou a transição dos encontros para o Google Meet). Apenas o participante D alegou ainda ter certa dificuldade com o Google Meet nos encontros.

Além disso, como mencionado anteriormente, ao final de cada encontro, era necessário que os participantes utilizassem dois dispositivos ao mesmo tempo, como celular e *notebook*, para competir por um livro. Ao serem questionados sobre possíveis dificuldades no manuseio e na interação simultânea de duas ferramentas, todos os respondentes alegaram não ter tido qualquer tipo de dificuldade, o que indica capacidade de autodesenvolvimento em ambientes multimodais.

Entretanto, ao levarmos em conta a interação pelo Telegram, no âmbito da expressão, vemos um caminho oposto. Ao serem interpolados sobre a capacidade de utilizar todas as funções comunicativas desse aplicativo, metade afirmou não ser apta a tal, mesmo assegurando que essa não era a primeira experiência com a ferramenta. Logo, as interações limitaram-se ao simples envio de mensagem de texto sem os recursos avançados do aplicativo, como a opção *antispoiler* nas mensagens. Mesmo todos os respondentes informando que não deixaram de enviar mensagens por não saberem utilizar algum recurso, vemos, a partir de suas respostas, que não houve um amplo aproveitamento das opções comunicacionais da ferramenta Telegram, por exemplo, para cumprir de forma mais apurada os objetivos comunicacionais almejados. Ao compararmos com as respostas a respeito dos encontros ao vivo, todos os respondentes disseram não ter qualquer tipo de

dificuldade na interação simultânea da conversação no *chat* da ferramenta Google Meet e por câmera e microfones abertos, o que exige atenção múltipla dos membros do clube.

No que tange à *dimensão processos de interação*, no âmbito da análise, é interessante notar que todos, exceto três respondentes, possuem um entendimento limitado sobre o que são produtos midiáticos, na medida em que, ao responderem a questão referente à revisão e à avaliação do próprio consumo midiático em seu dia a dia, incluíram as seguintes referências em suas respostas: Telegram, Google Meet, Discord (utilizado para gravação dos *podcasts*), e *sites* de conteúdo em geral, deixando de lado alguns produtos relevantes que atravessam o nosso cotidiano diariamente. Apenas os respondentes B, F e J sinalizaram ter um entendimento abrangente sobre o que são produtos midiáticos e suas influências, ao incluírem em suas respostas filmes, telejornais e *videogames*, por exemplo. Mesmo que esses três participantes sejam formados em cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas (curso de História), o que poderia explicar, de certa forma, essa melhor compreensão dos produtos midiáticos, não podemos justificar esse entendimento a partir de suas formações acadêmicas, já que o restante dos respondentes também possui formação nessa área, exceto um, com formação em Biologia. O Participante D se absteve de responder a essa questão. É interessante notar que os respondentes A e I entendem que sua capacidade de discernimento e de racionalidade sobre esses conteúdos é satisfatória pelo simples fato de já estarem bem-inseridos no ambiente digital.

Uma das perguntas voltadas para essa dimensão teve o objetivo de provocar a reflexão dos participantes sobre a maior

e a menor popularidade de certos episódios do *podcast* derivado do clube. Os participantes A e D não souberam opinar sobre o êxito do primeiro episódio e do episódio número 7, em que foram abordados os livros *Harry Potter e a pedra filosofal* e *Harry Potter e a Ordem da Fênix* respectivamente. Os outros respondentes afirmaram que o primeiro episódio foi o mais ouvido por ser o inaugural, o que pode gerar curiosidade nos participantes ouvintes; e o sétimo por ser um dos livros mais famosos da saga e por tratar amplamente sobre questões de resistência e governos autoritários, temas que circundam nosso atual contexto.

Como sinalizado anteriormente, o grupo possui integrantes em todas as regiões do Brasil. Levando em conta que existem diferentes culturas e costumes em um mesmo país, é de suma importância possuir a capacidade de apreciação de mensagens provenientes de distintos contextos culturais para uma convivência rica e transfronteiriça, mesmo em se tratando de pessoas que possuem a mesma afeição por uma obra literária. Os respondentes demonstraram ter compreensão sobre esse ponto, ao relatarem a importância do envolvimento com pessoas de diferentes realidades, ampliando, dessa forma, suas percepções de mundo.

Nesse sentido, no âmbito da expressão, todos apreciam a interação em ambientes plurais, como no caso do clube de leitura, considerando fundamental a escuta e a interação com outros sujeitos. Porém, ao termos diferentes sujeitos em um mesmo ambiente, os encontros são passíveis de divergências e debates exaltados. Os participantes consideram importante protestar contra atitudes que infringem as normas do clube,

não sendo tarefa apenas dos mediadores intervir em conversações que desvirtuam essas regras, como comentários de cunho preconceituoso, ofensivo e/ou excludente. Apenas o participante C considera que esse tipo de intervenção é uma tarefa exclusiva dos mediadores.

A *dimensão processos de produção e difusão* teve como perguntas, no âmbito da análise, pontos referentes às produções derivadas do *Wizarding World*, também debatidas no clube. A escolha por esse viés leva em conta os embates que estavam sendo discutidos entre a Warner Bros., responsável pela produção da franquia da saga, e J. K. Rowling, devido à grande repercussão que as declarações transfóbicas da autora têm impactado no desenvolvimento de produções derivadas da franquia, no caso, a sequência de filmes *Animais fantásticos*. Identificamos que todos os respondentes possuem habilidades nesse âmbito, já que suas respostas demonstraram conhecimento de códigos que regulam e amparam atores sociais e produções midiáticas e que existem atitudes responsáveis que devem ser tomadas perante sujeitos e difusões midiáticas, além de questões econômicas envolvidas em todo o processo.

Todavia, no âmbito da expressão, é possível perceber que existem níveis distintos. Em suas respostas, os dez participantes da pesquisa expressaram conhecimento sobre as fases de processos de produção de conteúdos de caráter pessoal, mas afirmaram não possuir entendimento suficiente sobre produções coletivas e/ou corporativas, bem como seus efeitos em larga escala. O participante I afirmou não se aventurar em produções coletivas, mas considera que deveria.

No que concerne à *dimensão ideologia e valores*, no âmbito da análise, é possível perceber que oito participantes da

pesquisa não possuem vasta percepção de como algumas produções midiáticas podem estruturar nosso discernimento de realidade, bem como a necessidade de se avaliar a confiabilidade de fontes de informação, de modo a extrair suas próprias conclusões de forma crítica. Uma das perguntas avaliativas dessa dimensão era referente à importância e à responsabilidade de *blogs* e/ou espaços na *internet* para expressões de opinião e debate sobre a saga. Apenas os respondentes F e J sinalizaram tal competência, ao abordarem a necessidade de pensamento crítico quanto aos valores que são transmitidos, direta ou indiretamente, por meio desses conteúdos, mesmo partindo de fãs da saga debatida. Como exemplo, trazemos a fala do participante F: "Os *blogs* são espaços de expressão de perspectiva. Porém, pode haver perspectivas racistas, misóginas e LGBTQfóbicas disfarçadas, o que é algo negativo para a experiência do acompanhamento da saga [...]".

Ainda nesse quesito, foram feitas perguntas específicas com relação ao que tem circulado na mídia sobre as declarações transfóbicas de Rowling, tanto sobre conteúdos de veículos de comunicação quanto sobre conteúdos advindos da própria autora. Todos os respondentes afirmaram considerar que a autora é transfóbica, exceto A e D, que alegaram não ter uma opinião formada sobre o assunto. Porém, ao serem questionados se têm acompanhado o que a autora tem falado a respeito do assunto e como os diversos portais de notícia relataram a situação, apenas os participantes E e J informaram realmente acompanhar o que tem acontecido, contrastando as informações procedentes de distintas origens.

Sobre essa polêmica, vale pontuar que as ideologias e as convicções de certos autores podem ser transmitidas por meio

de suas obras. Nesse sentido, um dos pontos que mais gerou debates sobre o caráter transfóbico de Rowling surgiu a partir do lançamento de seu livro *Sangue revolto* (*Troubled Blood*), devido à caracterização de um dos personagens na obra. Apenas a respondente J afirmou ter lido o livro, dando a seguinte justificativa: "[...] Toda a polêmica envolvendo a obra talvez tenha me deixado mais curiosa para saber como isso de fato estaria na narrativa."

Ainda no que se refere ao âmbito da análise, é interessante notar como o fato de todos serem fãs da saga reflete no gerenciamento de emoções. Ao serem questionados sobre quais os impactos de se fazer parte de um clube do qual se é fã, todos, menos o respondente J, demonstraram nostalgia e carinho pela saga, sem levar em conta como esses sentimentos são passíveis de interferência na análise de narrativas.

No âmbito da expressão, todos os respondentes informaram fazer uso do formato *online* do clube de leitura para não apenas debater a literatura e criar sociabilidades, mas também para apresentação de contextos além da narrativa ficcional. Destaque para as falas dos participantes J e H. O primeiro afirma que o clube

> [...] suscitou o exercício da empatia a partir das falas de outros integrantes a respeito de temas sensíveis, como racismo e *bullying*. O respeito e a tolerância também foram praticados na escuta e troca de opiniões, além, é claro, da construção de conhecimento coletivo proposta pelos mediadores.

Já o participante H afirma que "[...] trocar experiências com pessoas da mesma área profissional e explorar novidades

e ideias em áreas distintas é imprescindível [...]". Por conseguinte, o grupo analisado aponta possuir uma compreensão de seu compromisso social.

Na *dimensão estética*, no âmbito da análise, todos os participantes afirmaram se sentirem satisfeitos com as produções derivadas do clube, como os *podcast* e as *lives*. Menos o participante D, que, como relatado anteriormente, afirmou não compreender por que determinado conteúdo foi desenvolvido em determinada plataforma. Logo, entende-se que esse participante em específico não conseguiu exprimir prazer estético dessa produção. Os participantes F e G apontaram, em suas respostas, produtos midiáticos que não se encaixam em padrões estéticos aceitáveis, afirmando falta de originalidade e justificando suas respostas. Diante disso, entende-se que esses participantes possuem capacidade de análise estética relevante.

Outros fatores relacionados a essa dimensão, no âmbito da análise, podem ser identificados nas respostas das questões com direcionamento à correlação das produções derivadas do clube com outras produções midiáticas. O *podcast* do clube foi o produto mais citado pelos respondentes, que acabaram fazendo correlações com outros *podcast* já amplamente difundidos no *fandom* de *Harry Potter*, comparando tanto a qualidade do conteúdo quanto a qualidade técnica e apontando sugestões para o *Hogwarts, Mil Histórias* a partir desses outros conteúdos de seu agrado.

Uma das perguntas dessa dimensão direcionava os participantes a expressarem suas opiniões com foco apenas na propriedade da técnica dos *podcasts*, o que expressa habilidade estética no âmbito da análise. Todos os respondentes, exceto

A, C e D, conseguiram identificar a baixa qualidade no áudio dos participantes e na vinheta de abertura dos dois primeiros episódios. Para os respondentes que não demonstraram essa identificação, atribuímos baixa capacidade de detectar condições estéticas básicas.

Por fim, no âmbito da expressão, damos destaque ao participante A. Ele afirma que, por possuir formação em nível superior em área que engloba produções culturais, sua capacidade de potencializar esses conteúdos é avançada, o que, segundo o participante, contribui com o clube de leitura. No que se refere aos outros respondentes, é possível verificar certa sensibilidade estética a partir de suas respostas. Ao serem interpolados por uma pergunta que abarca sugestões para a próxima temporada do clube, apresentaram observações bastante pertinentes e criativas, inclusive o participante A, com sugestão de produções de *fanfics* e *fanarts* a serem divulgadas no Telegram do clube para apreciação de todos os participantes.

6.4 Considerações finais

Este capítulo preocupou-se em analisar a competência midiática dos leitores e fãs da saga *Harry Potter* pertencentes ao clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias*, focando todas as dimensões propostas por Ferrés e Piscitelli (2015). Ao finalizá-la, consideramos relevante destacar alguns pontos específicos de algumas dimensões.

No que se refere à *dimensão tecnologia*, os resultados apontam que habilidades de ordem técnica parecem não ser um problema para os dez respondentes da pesquisa, já que

todos alegaram já estarem familiarizados, no ambiente de trabalho ou escola, com a maioria das ferramentas utilizadas para interação no clube, sem grandes problemas com suas funcionalidades. Porém, é possível constatar que o contato com as redes sociais digitais e o uso contínuo das tecnologias por si só não habilitam os sujeitos a desenvolverem níveis avançados de competência midiática, como apontado por dois respondentes.

Com relação à d*imensão processos de interação*, a partir da análise dos dados, é possível afirmar que a noção de produção midiática não é abrangente para todos, uma vez que desconsideram, em suas respostas, produtos recorrentes em seu dia a dia, como filmes e telejornais, mas possuem entendimento da importância de ambientes em rede multiculturais e plurais e da relevância da defesa de direitos humanos em espaços públicos e privados.

Na dimensão *ideologia e valores,* por sua vez, percebemos que a maioria dos respondentes não possui ampla percepção de como algumas produções na mídia podem estruturar nosso discernimento de realidade. Isso pode estar ligado ao entendimento limitado sobre a vasta gama existente de produções midiáticas. Além disso, no contexto específico das narrativas debatidas, é importante pensar no que a autora J. K. Rowling produz além das obras analisadas, como conteúdos midiáticos. Sendo assim, esses conteúdos possuem a capacidade de influenciar a vida dos sujeitos, como informado na maioria das respostas sobre como a obra de *Harry Potter* e Rowling foram importantes na formação de seu caráter quando jovens.

Por fim, consideramos que a área de formação e até mesmo a atuação profissional dos participantes não podem ser usadas

como parâmetros para presumir um possível entendimento sobre questões midiáticas e de competências ligadas à técnica com aparatos tecnológicos e, até mesmo, pensamento crítico com relação a alguns conteúdos, considerando os resultados da pesquisa. Destacamos, ainda, a importância de estudos sobre a competência midiática de leitores no ambiente em rede, já que, cada vez mais, plataformas digitais são utilizadas para encontros, contribuindo para a formação de distintos espaços de criatividade e participação social.

REFERÊNCIAS

BORGES, G.; SILVA, M. (org.). **Competências midiáticas em cenários brasileiros:** interfaces entre comunicação, educação e artes. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2019.

BRAGA, K.; MARQUES, K. Conheça Caco Cardassi, dono do maior canal sobre Harry Potter do mundo. **UOL**, [*S. l.*], 22 de junho de 2022. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2022/06/20/4077_conheca-caco-cardassi-dono-do-maior-canal-sobre-harry-potter-do-mundo.html. Acesso em: 17 jul. 2022.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

DETERDING, S.; KHALED, R.; NACKE, L. E.; DIXON, D. Gamification: Toward a Definition. *In:* CHI 2011 GAMIFICATION WORKSHOP PROCEEDINGS, 2011, Vancouver. **Anais** […]. Vancouver: [*s. n.*], 2011. p. 12-15.

FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, [*S. l.*], v. 9, n.1: p. 1-16, 2015.

FIGUEIREDO, V. L. **Narrativas migrantes**: Literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7 letras, 2010.

FIGUEIREDO, V. L. **A ficção equilibrista**: narrativa, cotidiano e política. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2020.

FULLER D.; REHBERG SEDO, D. **Reading Beyond the Book**: The Social Practices of Contemporary Literary Culture. New York: Routledge, 2013.

GALLIAN, D. **A Literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

HIRSJÄRVI, I. Alfabetización mediática, *fandom* y culturas participativas. Un desafío global. **Anàlisi***,* [*S. l.*], n. 48, p. 37-48, 2013.

JENKINS, H. **Fans, Bloggers, Gamers**: Exploring Participatory Culture. New York: New York University Press, 2006.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, H. **Invasores do texto***:* fãs e cultura participativa. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva***:* por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LLUCH, G. Jóvenes y adolescentes hablan de lectura en la red. **Ocnos. Revista de estudios sobre lectura**, *[S. l.]*, n. 11, p. 7–20, 2014. DOI: 10.18239/ocnos_2014.11.01. Disponível em: https://www.revistaocnos.com/index.php/ocnos/article/view/ocnos_2014.11.01. Acesso em: 7 out. 2024.

MARTINS, P. J. K. Rowling foi a escritora mais vendida do ano, mesmo acusada de transfobia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 jul. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/jk-rowling-foi-a-escritora-mais-vendida-do-ano-mesmo-acusada-de-transfobia.shtml. Acesso em: 17 jul. 2022.

MARTINS, V. C.; SIGILIANO, D. 2022. J. K. Rowling e Transfobia: a competência midiática na formação de comunidades momentâneas no Twitter. *In:* JORNADA INTERNACIONAL GEMINIS, 4, 2021, São Carlos. **Anais** [...]. São Carlos: [*s. n.*], 2021. Disponível em: https://doity.com.br/anais/jig2021/trabalho/227448. Acesso em: 21 mai. 2022.

MARTINS, V. C.; SIGILIANO, D. #RIPJKROWLING: a competência midiática e o ativismo de fãs no Twitter. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 14, São Paulo, 2021. **Anais** [...]. São Paulo: [*s. n.*], 2021. Disponível em: https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber14/rt/bio/1712/822. Acesso em: 21 mai. 2022.

PÉREZ-GARCÍA, C.; COBO, R. F.. Lectores y Clubes de Lectura en Bookstagram: El Libro como objeto estético y la lectura social en la red *In*: VIZCAÍNO-VERDÚ, A.; BONILLA-DEL-RÍO, M.; IBARRA-RIUS, N. (coord.). **Cultura participativa, pandom y narrativas emergentes en redes sociales**. Madri: Dykinson S.L, 2021. p. 554-572.

PETIT, M. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

REHBERG SEDO, D. *Readers in Reading Groups:* an Online Survey of Face-to-Face and Virtual Book Clubs. [*S.l.: s. n.*], 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249828932_Readers_in_Reading_GroupsAn_Online_Survey_of_Face-to-Face_and_Virtual_Book_Clubs Acesso em: 21mai. 2024.

REHBERG SEDO, D. (ed.). **Reading Communities**: from Salons to cyberspace. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua***:* repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SCOLARI, C. A. Transmedia Literacy: Informal Learning Strategies and Media Skills in the New Ecology of Communication. **Revista Telos - Cuadernos de Comunicación e Innovación**, **[***S. l.*], p. 1-9, 2016.

SORIANO, J. U. Clubes de lectura virtuales: el modelo por videoconferencia. **Revista de ANABAD Murcia**, Tejuelo, n. 13, p. 26-35, 2013.

THOMÉ, C. A.; MARTINS, V. C. Literatura e afetividade nas redes durante a pandemia: uma análise das interações na "Quarentena Literária". **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 9, n. 1, p. 9-27, out. 2021.

7 *PODCASTS* LITERÁRIOS COMO PROPOSTA DE PROMOÇÃO DA LITERACIA MIDIÁTICA[82]

A pandemia de covid-19 alterou distintos hábitos de consumo. Buscando entretenimento para o enfrentamento da situação adversa que todo o planeta atravessava, sujeitos em confinamento encontraram conforto nas mais variadas formas de interação em rede; destaque para as *lives* e as iniciativas literárias. Além disso, o período pandêmico contribuiu para o crescimento do consumo de *podcasts* no Brasil, segundo estudo realizado pela Globo e pelo Ibope. O levantamento ocorreu entre setembro de 2020 e fevereiro de 2021 e ouviu mais de mil pessoas. Os resultados apontam que 57% dos entrevistados começaram a ouvir *podcasts* durante o período da covid-19 (Globo [...], 2021). Em um cenário pós-pandêmico, os números não apresentaram queda, já que houve um crescimento de mais de 132% em 2022. Os programas de áudio passaram a ser ouvidos com frequência por mais de 41 milhões de brasileiros, contra 17 milhões em 2019[83] (Compras [...], 2022).

---

[82] Este capítulo foi originalmente publicado nos *Anais do Congresso Internacional Comunicação e Consumo 2023*, disponível em: https://proceedings.science/comunicon-2023/trabalhos/podcasts-literarios-como-proposta-de-promocao-da-literacia-midiatica?lang=pt-br

[83] Em 2022, os cinco mais ouvidos no Spotify Brasil foram: 1 – *Podpah*, 2 – *A mulher da casa abandonada*, 3 – *Mano a Mano*, 4 – *Café da Manhã* e 5 – *Psicologia na prática*. Destaque para o *A mulher da casa abandonada*, único *podcast* relacionado a conteúdo narrativo presente no *ranking* (Globo, 2021).

A formação de clubes de leitura também foi outra atividade impulsionada durante o período da pandemia, com um aumento em 65% se comparado ao ano anterior (Clube [...], 2021). Além disso, o cenário pandêmico deu duros contornos à situação da crise no mercado editorial brasileiro, com o fechamento de livrarias em todo o país. Diante dessa conjuntura, os clubes de leitura despontaram como uma alternativa para alimentar o hábito da leitura e manter interações sociais.

Com distintas finalidades e geridos pelas mais variadas organizações, destacamos os clubes de leitura que contam com a mediação de famosos, como o *Clube do livro Gabriela Prioli & Leandro Karnal*[84], criado em 2020, mediado pela apresentadora do programa Saia Justa, do canal GNT, e pelo historiador e professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O clube já reuniu cerca de 40 mil leitores em suas quatro edições (Como [...], 2023). Ainda que concebidos após o fim da pandemia, digno de nota são também: o *Clube do livro FN*[85], criado em 2024, pelo *influencer*, empresário e escritor Felipe Neto; e o *Bookster pelo mundo*[86], produzido pelo *influencer*, advogado e escritor Pedro Pacífico, em parceria com a TAG Livros.

O *Hogwarts, Mil Histórias,* objeto deste estudo, é um clube de leitura criado em contexto pandêmico, que difundiu parte de suas discussões em um *podcast* de título homônimo, hospedado no Spotify[87]. Conforme apontado na introdução

[84] Para informações sobre o *Clube do Livro Gabriela Prioli & Leandro Karnal*, acesse: https://www.clubedolivropriolikarnal.com.br/

[85] Para informações sobre o *Clube do Livro FN,* acesse: https://clubefn.com.br/

[86] Para informações sobre o *Bookster pelo mundo*, acesse: https://clube.taglivros.com/collab-clube-bookster/

[87] Episódios do podcast *Hogwarts, Mil Histórias* disponíveis em: https://open.spotify.com/show/1hZb7Wz6ZxWl5bcMgCbS6x

do presente livro, durante o período de divulgação, o projeto recebeu 731 inscrições. Devido ao grande número de inscritos, apenas os 200 primeiros foram chamados. O *podcast* foi produzido, então, com a intenção de que aqueles que não conseguiram participar do clube pudessem se inteirar de alguns dos debates nele realizados. O aumento do consumo de *podcasts*, oportunizado pelo contexto no qual o projeto foi estruturado, acabou por corroborar, também, a criação de uma forma de migração dos debates. Portanto, tendo isso em conta, o objetivo deste capítulo é apresentar *podcasts* literários, derivados de discussões prévias em clubes de leitura, como proposta para a promoção de literacia midiática, tomando como base o projeto *Hogwarts, Mil Histórias*.

O conceito de literacia midiática é definido como a capacidade de acessar conteúdos midiáticos, de modo a entender e avaliar criticamente seus aspectos (Buckingham, 2003; Livingstone, 2007; Potter, 2010). Além disso, como pontua Jenkins (2009), o conceito abarca o âmbito de produções criativas como ferramenta de autoexpressão e interação social, a partir das mais distintas habilidades, como mixagens de conteúdos originais produzidos por fãs encorajados a compartilhar suas produções com o restante da comunidade da qual fazem parte. Dessa forma, processos de recebimento e emissão de *feedback* ocorrem, oportunizando relações que proporcionam não apenas conexões entre seus membros, mas também aprendizagens a partir de interações coletivas e criatividade.

Assim, a relevância deste último capítulo atesta-se, na medida em que a proposta possui o potencial de contribuir com o desenvolvimento de habilidades, tanto no âmbito da análise

quanto de expressão (Ferrés; Piscitelli, 2015) em ambientes em rede. A ampliação dos níveis dessas competências fortalece a inclusão e a cidadania na sociedade da informação.

7.1 A cultura participativa no contexto abordado

Em suma, o fluxo da dinâmica da primeira temporada do *Hogwarts, Mil Histórias* se resumiu em cinco etapas. São elas: 1) Debate prévio em aplicativo de mensagens (aquecimento para o encontro); 2) Encontro *online* para o debate da obra; 3) Recompensa (*quiz* ao vivo); 4) *Feedback* (o que pode ser melhorado para o próximo encontro?); 5) Produção de conteúdos (*podcast*, *fanart*, *fanfic* e textos de análises críticas).

A partir dessa contextualização, é possível afirmar, uma vez mais, que os participantes do clube de leitura não eram apenas leitores, mas também "prosumidores" (*prosumers*). A premissa envolvendo o termo engloba o consumo e a produção de conteúdo. Segundo Toffler (1980), *prosumer* deriva da união das palavras produtor e consumidor — em inglês *producer* e *consumer* — e se refere às pessoas que produzem muitos dos bens e serviços que consomem. A partir da teorização de Toffler, vemos o conceito se adequar a contextos mais atuais. Scolari (2015) afirma que as redes sociais e as inúmeras plataformas são ferramentas dos novos prosumidores, que se tornam protagonistas ao exercitarem o conhecimento e a busca ativa no processo de obtenção de informação.

Nesse cenário, há o que Jenkins (2009) denomina como cultura participativa (*participatory culture*). O autor define o termo como uma cultura com barreiras relativamente baixas

a expressões artísticas. Nela, há o apoio para a criação e o compartilhamento de conteúdos, com algum tipo de orientação dos membros mais experientes aos iniciantes. Dessa forma, os membros pertencentes a uma determinada comunidade acreditam que suas contribuições são relevantes e criam conexões. Os membros, ainda, preocupam-se com o que os outros integrantes pensam sobre suas criações. Porém, nem todos, necessariamente, devem contribuir, mas precisam compreender que são livres para fazê-lo quando estiverem preparados.

Jenkins (2009) define as formas de participação nas seguintes situações: a) Filiações: que são associações, formais ou informais, em comunidades *online*; b) Expressões: com, por exemplo, a produção de *fanfiction*; c) Solução colaborativa de problemas: como uma maneira de concluírem tarefas e desenvolverem novos conhecimentos, como na Wikipedia; e d) Circulações: de forma a modelar o fluxo de mídia, como a produção em *blogs* ou *podcasts*. Esses espaços são, ao mesmo tempo, ambientes de produção criativa e aprendizado.

7.2 *Podcasts* e os deslizamentos da literatura

O *podcasting* ganhou espaço devido ao momento de redefinição do rádio (Herschmann; Kischinhevsky, 2008). A rápida evolução tecnológica é um fator-chave. Seu surgimento está ligado à emergência da chamada Web 2.0, que ocorreu de 2000 a 2010. O conceito abrange o desenvolvimento de relações mais horizontais entre os sujeitos conectados à rede mundial de computadores. Entre os princípios da Web 2.0, está a motivação do público para participar da construção de

serviços e mensagens, em vez de esperar para que as empresas lhes apresentem experiências. Além disso, há a reorganização das relações entre produtores e seu público. (Jenkins, *et al*., 2014). Logo, embora a tecnologia para o desenvolvimento de *podcast* estivesse disponível desde o começo dos anos 2000,

> [...] esse meio só parece ter se popularizado com o surgimento de grandes diretórios de rádio via *internet*, nos quais é possível abrigar emissoras gratuitamente. Esses portais organizam e classificam os conteúdos de áudio na rede, proporcionando maior visibilidade, tanto aos *podcasters* quanto aos *webcasters* (Herschmann; Kischinhevsky, 2008, p. 103).

Além disso, um processo de convergência tecnológica entrou em cena e configurou novos cenários. Jenkins (2008) entende a noção de convergência como um fluxo de conteúdos que perpassa múltiplas plataformas de mídia e o comportamento de forma migratória dos públicos que se direcionam a diversos lugares, para experimentar o entretenimento que desejam. Um dos exemplos mais famosos é o do seriado televisivo norte-americano *Lost* (2004-2010) com seus mobisódios — episódios de 2 a 3 minutos, produzidos para a distribuição em aparelhos celulares. A ideia era dar uma experiência distinta para os fãs da série e incentivá-los a investigar conteúdo extra[88]. Assim, o público poderia ser categorizado por quem assistia apenas pela televisão; quem assistia pela televisão e pelo celular; e quem, além de tudo, ainda buscava na internet

[88] Os mobisódios podem ser acessados em: https://www.youtube.com/watch?v=Oz-ASg_z8i4&list=PL5DC3DB5C326B08C1

mais informações e compartilhava com outras pessoas, nas comunidades virtuais.

No que se refere a materiais sonoros, para Kischinhevsky (2016), a produção de conteúdo de rádio ultrapassou os aparelhos convencionais, já que transborda para a internet. As narrativas, por suas vez, são adequadas ao suporte ao qual são inseridas, tendo em conta as singularidades e as potencialidades de cada meio. No projeto de clube de leitura em questão, destacamos o conceito de "deslizamento da narrativa", proposto por Figueiredo (2010). A autora, ao teorizar o termo, apresenta o processo contínuo de recriação das narrativas para circulação por diferentes plataformas. A literatura, cujo prestígio esteve, historicamente, relacionado à aura do suporte livro, agora encontra inúmeras formas para sua proliferação. Assim, migra do livro para jogos eletrônicos, cinema, TV e outros suportes.

Apresentado por nós, mediadores do clube de leitura *Hogwarts, Mil Histórias*, os episódios do *podcast* relatado neste capítulo contaram com a presença de três participantes, escolhidos dentre aqueles que tiveram participações ativas, tanto no Telegram quanto no encontro do Google Meet. Como forma de fazer com que mais leitores ajudassem na construção coletiva de conhecimento (Lévy, 2003), os integrantes do clube que não foram selecionados para participarem de um determinado episódio como convidados tinham a opção de enviar uma mensagem de voz, com alguma pergunta ou comentário sobre um tema relacionado ao livro debatido, para discussão durante o episódio.

Levando em conta que o público ouvinte não é composto exclusivamente pelos integrantes do clube, segundo relatórios fornecidos pelo Spotify[89], até o momento da escrita deste livro, o *podcast* era seguido por 501 ouvintes, além dos episódios já terem sido ouvidos em 11 países diferentes. Porém, o público majoritário é do Brasil, país com 92% de ouvintes, seguido de Estados Unidos, Portugal e Alemanha, todos com 2% cada. Canadá e França aparecem com 1% cada. A faixa etária dos ouvintes é constituída por 42% entre 28 e 34 anos; 29% entre 23 e 27 anos; 12% entre 18 e 22 anos; 9% entre 35 e 44 anos; e 7% entre 45 e 59 anos. Além disso, em 2022, o *podcast Hogwarts, Mil Histórias* apareceu no top 10 de programas mais ouvidos de 229 seguidores.

Ao todo, foram criados dezesseis episódios, com uma média de duas horas de duração cada, conforme pode ser conferido no Quadro 16. O episódio que recebeu o maior número de reproduções aborda o primeiro livro da saga, com um total de 600 reproduções[90]. É interessante notar que, mesmo sendo o último episódio a ser gravado, o episódio que trata sobre pesquisas acadêmicas envolvendo a saga não é o que possui o menor número de reproduções e, entre todos os criados, encontra-se na sétima posição dos mais ouvidos.

[89] Esses relatórios são de visualização exclusiva dos moderadores do *podcast* e constituem uma visão geral dos ouvintes de todos os episódios, num período que compreende a data de sua criação até a data da coleta dos dados, que ocorreu em 19 de junho de 2023.

[90] Dados coletados em 22 de julho de 2023, a partir de ferramenta de acesso exclusivo dos mediadores do *podcast.*

QUADRO 16 – Episódios do *podcast Hogwarts, Mil Histórias*

Episódios	**Tempo de duração**	**Convidados**	**Tópicos debatidos**
#1 Harry Potter e a pedra filosofal	47min.	Taty Ribeiro, Raony Castro e Letícia Klein	1 – Semelhanças do mundo ficcional criado por J. K. Rowling com o mundo real; 2 – A questão do herói em *Harry Potter*; 3 – A amizade do trio.
#2 Harry Potter e a pedra filosofal	59min.	Taty Ribeiro, Raony Castro e Letícia Klein	1 – Gordofobia; 2 – Os Dursleys; 3 – Draco Malfoy.
#3 Harry Potter e a câmara secreta	1h22min.	Elis Falasqui, Katia Arcas e Jussara Souza	1 – O preconceito racial presente no enredo de *Harry Potter e a câmara secreta*; 2 – Dobby e a escravidão; 3 – Fatos e boatos.
#4 Harry Potter e a câmara secreta	1h07min.	Elis Falasqui, Katia Arcas e Jussara Souza	1 – A importância do lar; 2 – A maternidade (Petúnia, Molly e Lilian); 3 – Harry, Lockhart e a fama.

#5 Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban	1h41min.	Mariana Borges, Laís Ramires Mendicino e Marina Fontolan	1 – A amizade entre os Marotos; 2 – Professores e docência em Hogwarts; 3 – O sistema de justiça no mundo bruxo.
#6 Harry Potter e o cálice de fogo	1h34min.	Thaísa Moro, Luciana Morais e Dyego de Araújo	1 – A expansão do Mundo Mágico; 2 – A personagem Fleur Delacour; 3 – O amadurecimento dos personagens; 4 – Mídia e sensacionalismo.
#7 Harry Potter e a Ordem da Fênix	2h05min.	Natália Campos, Amanda Gehlen e Larissa Falcão	1 – Representatividades femininas; 2 – Ensino, aprendizagens e exames; 3 – Trauma, luto e sofrimentos.
#8 Harry Potter e o enigma do príncipe	1h38min.	Valéria de Oliveira Soares, Nathália Marques e Olívia Nogueira	1 – Severo Snape: herói ou vilão?; 2 – A vida e as mentiras de Tom Riddle; 3 – Confiança e autoconfiança.

#9 Especial de final de ano	2h56min	Natália Campos, Mariana Borges e Kátia Arcas	1 – Histórias de fãs; 2 – A importância de *Harry Potter* na vida dos fãs; 3 – A transfobia de J. K. Rowling.
#10 Harry Potter e as relíquias da morte	2h19min.	Sidnei de Oliveira Araújo, Gabi Pratavieira e João Marcos	1 – *Os contos de Beedle, o Bardo*: literatura e conhecimento; 2 – Harry Potter e o cristianismo; 3 – Resistências e guerras.
#11 Harry Potter e a criança amaldiçoada	2h15min.	Gabriella Rodrigues, Dyego de Araújo e Yasmin Thomaz	1 – A experiência de assistir à peça em Londres; 2 – Pontos positivos e negativos do roteiro; 3 – Reputações e pressões; 4 – Paternidades; 5 – As personagens femininas: Hermione, Gina, Delfi, Minerva e Rosa.
#12 Animais fantásticos e onde habitam	1h58min.	Bruna R. Baurmann, Luanna Grammont e Tami Ocar	1 – A masculinidade de Newt Scamander; 2 – Os significados dos animais fantásticos e do obscuro; 3 – As semelhanças entre Gerardo Grindelwald e Mary Lou Barebone

#13 Animais fantásticos: os crimes de Grindelwald	1h59min.	Pedro Tavares, Carla Azevedo e Karen Araki	1 – Os subtextos homoeróticos; 2 – As personagens femininas; 3 – Dumbledore e sua relação com Harry e Newt; 4 – Quais são os crimes de Grindelwald?
#14 Animais fantásticos: os segredos de Dumbledore	1h51min.	Natália Campos, Christian Gonzatti e Pedro Tavares	1 – Percepções gerais sobre o filme; 2 – A representação do relacionamento de Dumbledore e Grindelwald; 3 – O desenvolvimento de novos e velhos personagens; 4 – A trama política.
#15 Os contos de Beedle, o Bardo	2h08min.	Igor Moretto, Danilo Borges e Luiza Zanferdini	1 – As cinco histórias e comentários de Alvo Dumbledore que compõem o livro *Os contos de Beedle, o Bardo.*
#16 Harry Potter nas universidades	2h19min.	Beatriz Masson e Jussara Souza	1 – Quando e como surgiu o interesse em transformar algo do qual somos fãs em um tema de pesquisa acadêmica; 2 – Como foi o processo de escolha do tema das pesquisas desenvolvidas;

			3 – Os resultados e conclusões que tivemos até o presente momento por meio das pesquisas realizadas; 4 – Como temos enfrentado academicamente a transfobia da autora J. K. Rowling; 5 – As principais diferenças entre os trabalhos que desenvolvemos e aqueles que são feitos por produtores de conteúdo; 6 – Conselhos e sugestões para quem tem o interesse em desenvolver estudos acadêmicos sobre Harry Potter.

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

7.3 Literacia midiática e a produção de *podcasts* literários

Segundo o relatório *Study on Assessment Criteria for Media Literacy Level*, a literacia midiática pode ser definida como um conjunto de conhecimentos e habilidades que

> [...] conferem aos indivíduos a capacidade de compreender e relacionar-se com o seu entorno. É claro que essa capacidade depende da compreensão crítica das mensagens ou textos midiáticos e de uma relação inconsciente

> com a semântica e semiótica da psicolinguística (Celot, Tornero, 2009, p. 21, tradução nossa)[91].

O termo refere-se, ainda, à capacidade de acessar a mídia, de modo a entender e avaliar os diferentes aspectos de seu conteúdo e realizar um ato comunicacional em uma grande gama de contextos. Assim, a literacia midiática baseia-se em uma questão de inclusão social e cidadania. Logo, está relacionada com aptidões e competências necessárias para que seja desenvolvido o relacionamento dos sujeitos no ambiente comunicativo da sociedade (Buckingham, 2003; Livingstone, 2007).

Scolari (2016) leva em conta a existência de uma linguagem multimodal para o desenvolvimento de consumidores e produtores (*prosumers*) de conteúdo, principalmente na ambiência digital. Assim, é imprescindível que as informações compartilhadas com outros sujeitos em ambientes comunicacionais passem por uma avaliação crítica. Nessa perspectiva, deve proporcionar aos cidadãos a capacidade do pensamento crítico na resolução de problemas, a fim de que possam se tornar produtores e consumidores criativos e sensatos (Borges; Silva, 2019).

Epistemologicamente, o conceito de literacia midiática foi desenvolvido por inúmeros autores, sendo amplamente estudado por Ferrés e Piscitelli (2015), que o denominam como competência midiática. Em suma, os autores definem que a

[91] No original: a set of skills that grant literate individuals the ability to understand and relate to their surroundings. It is clear that this ability depends on the critical comprehension of messages or media texts, and an unconscious relationship with the semantics and semiotics of psycholinguistics.

competência midiática "[...] deverá contribuir para o desenvolvimento da autonomia pessoal de cidadãos e cidadãs, bem como o seu compromisso social e cultural" (Ferrés; Piscitelli, 2015, p. 4). Nessa proposta, seis dimensões foram definidas, das quais indicadores de análise foram elaborados, tanto no âmbito de análise dos conteúdos quanto no campo da expressão. São elas: *linguagem*, relacionada à capacidade de interpretar distintos códigos de representação, bem como ser capaz de modificar produtos existentes; *tecnologia*, relacionada à capacidade de controle de instrumentos tecnológicos, possibilitando uma comunicação multimodal; *processos de interação,* relacionada à capacidade de apreciar mensagens provenientes de outras culturas, bem como trabalhar de forma colaborativa; *produção e difusão*, relacionada ao conhecimento básico sobre os sistemas de produção e aparatos de difusão; *ideologia e valores,* referente à capacidade de avaliar as mensagens midiáticas, extraindo conclusões críticas; e *estética*, relacionada à habilidade de reconhecer conteúdos midiáticos que não se adequam às exigências mínimas de qualidade estética.

Neste estudo, a proposta teórico-metodológica de Ferrés e Piscitelli (2015) foi levada em conta na definição do fluxo de técnicas e métodos. Salientamos que o objetivo deste capítulo não compreende a análise das dimensões da competência midiática dos participantes dos episódios disponibilizados no Spotify, já que o *podcast* em questão foi criado, desenvolvido e editado pelos autores deste texto. Nesse caso, a análise não seria cientificamente apurada pelo fato de os episódios terem sido manipulados segundo os objetivos e os critérios de escolha de temáticas e falas. Contudo, com o propósito de instigar

novas produções, a partir do percurso criado neste projeto, apresentamos, a seguir, as quatro fases do fluxo operacional, bem como os métodos e as técnicas utilizados.

FIGURA 6 – Fluxo operacional do *podcast*

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Como mencionado, todo o processo de elaboração dos episódios partiu das discussões realizadas anteriormente no clube de leitura, tanto no encontro ao vivo quanto nos debates no Telegram. Assim, ressaltamos a importância da participação no clube de leitura e no processo de produção do *podcast*, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de habilidades presentes nas dimensões *ideologia e valores*, *processos de interação* e *linguagem* (Ferrés; Piscitelli, 2015).

A etapa de pré-gravação corresponde à preparação do roteiro[92]. Primeiro, foram definidos os tópicos que seriam transportados do encontro *online* e/ou do bate-papo no Telegram. Quatro tópicos foram selecionados, sendo que um deles é um tema fixo em quase todos os episódios. Por se tratar de um produto construído e ouvido (majoritariamente) por fãs da saga, os participantes de cada episódio foram convidados a compartilharem o motivo de se tornarem fãs da narrativa. O parâmetro para a escolha dos outros tópicos levou em conta o índice de engajamento durante as discussões. Em seguida, ocorreu a escolha de quais participantes dominaram melhor os temas definidos.

Destacamos que a produção do roteiro é um guia de temáticas e não um *script* que contém falas a serem seguidas. Assim, a conversa flui livremente sem delimitação de opiniões. Nesse projeto literário, as discussões partem do princípio de que "os leitores não são páginas em branco onde o texto é impresso" (Petit, 2013, p. 44), logo, se apropriam do que leem. Como bem pontua Michel Certeau (2000), os leitores são como viajantes que caminham por entre as terras alheias.

Posteriormente à definição do roteiro, uma reunião com os participantes selecionados foi realizada para que a dinâmica de gravação e os programas utilizados para interação e gravação do episódio fossem apresentados. Durante essa reunião, foram definidos, em conjunto com os convidados, os áudios para o debate. Esses áudios correspondem a mensagens de voz enviadas, por meio do aplicativo Telegram ou WhatsApp,

[92] Para conhecimento de um exemplo de roteiro, ver o *Apêndice B* deste livro.

que continham um breve comentário ou pergunta de algum outro integrante do clube de leitura.

O processo de gravação dos episódios fez uso do programa *Discord* — uma ferramenta que permite a interação dos participantes, a partir de comunicação de vídeo ou texto. A gravação do áudio foi realizada a partir da mesma ferramenta[93]. Porém, por segurança, a gravação das vozes também foi feita com o gravador de áudio do celular de cada participante. O arquivo final, contendo a fala individual de cada integrante durante todo o debate, foi enviado, posteriormente, para o responsável pela edição. Durante a gravação, os participantes foram encorajados a falarem livremente, não se preocupando com uma possível delimitação de tempo.

Por questões de direito autoral e para assegurar uma maior originalidade ao projeto, uma vinheta de abertura própria foi criada para utilização. Considerando que toda produção criativa disponibilizada em rede está acessível a sujeitos conectados, foi necessário ter em conta a responsabilidade com relação ao que estava sendo propagado, concebendo que algum sujeito poderia estar aprendendo algo com o conteúdo. Dessa forma, na edição[94], foram retirados possíveis palavrões ou termos ofensivos. Ocorreu ainda uma "limpeza" do áudio, em que ruídos externos foram retirados e a melhoria na qualidade do arquivo foi realizada. Um critério de seleção de falas foi empregado para evitar que o episódio ficasse muito longo. Assim, falas que remetiam a assuntos já tratados em episódios

[93] Para o recurso de gravação no próprio *Discord*, é necessária a utilização do *Craig Bot* — um *bot* de gravação de canal de voz *multi-track*. Quando o *Craig* grava o canal de voz, é possível obter um arquivo de áudio separado para cada participante.

[94] Uma opção de ferramenta para edição é o editor de áudio *online Audacity.*

anteriores ou que diziam respeito a temáticas que seriam abordadas nos livros seguintes foram retiradas. Ressaltamos que os cortes realizados não se tratam de censura ou manipulação de opiniões, mas, sim, de uma adequação ao formato, tanto do meio quanto da proposta do clube de leitura e do *podcast*.

A partir da ferramenta *Anchor*, os episódios foram inseridos na plataforma do Spotify. A divulgação ocorreu dentro do grupo fechado do Telegram e nas redes sociais dos mediadores. Porém, como bem pontua Jenkins *et al*. (2014), a propagabilidade de uma mídia ocorre por distintos meios, não havendo controle por parte de seus criadores.

Ao tomar como base a proposta de Ferrés e Piscitelli (2015), durante todo o processo de construção do projeto, destacamos o desenvolvimento de habilidades não apenas tecnológicas. Frisamos a propensão para as dimensões *ideologia e valores*, *processos de interação* e *linguagem*, como mencionado anteriormente. Todas as dimensões indicadas pelos autores estão interligadas, mas, a partir do processo de troca de conhecimento e em um ambiente colaborativo *online,* as mencionadas competências foram as que os mediadores perceberam como aquelas em destaque.

7.4 Considerações finais

A partir do desenvolvimento do projeto *Hogwarts, Mil Histórias*, identificamos pontos de apoio para a promoção da literacia midiática. Isso não significa, porém, que todos os leitores participantes dos *podcasts* da primeira temporada de-

senvolveram as competências necessárias para atingirem altos níveis dessa habilidade. Todavia, pelo caráter multiplataforma, multicultural e por apresentar, em seu conteúdo, debates de questões políticas, sociais e culturais em diversos conjunturas históricas e midiáticas, destacamos seu potencial para a formação de cidadãos mais críticos com relação aos contextos que os cercam cotidianamente.

Ressaltamos que a proposta não se aplica apenas à narrativa de *Harry Potter*, podendo ser desenvolvida com outras obras, de acordo com os objetivos dos criadores e com a demanda dos leitores. Além disso, a possibilidade de leitura simultânea de distintas obras, segundo a escolha de cada integrante do grupo, possibilitaria um debate mais abrangente, exigindo uma alta criticidade e criatividade de seus leitores.

As plataformas aqui citadas e utilizadas no projeto também são uma sugestão e levam em conta a quantidade de participantes e a circunstância em que o projeto foi criado. Porém, tanto as ferramentas utilizadas quanto o fluxo operacional são adaptáveis para iniciativas com um número menor de participantes.

REFERÊNCIAS

BORGES, G.; SILVA, M. B. **Competências midiáticas em cenários brasileiros**: interfaces entre comunicação, educação e artes. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2019.

BUCKINGHAM, D. **Media Education**: Literacy, Learning and Contemporary Culture. Cambridge: Polity Press, 2003.

CELOT, P.; TORNERO, J. M. P. **Study on Assessment Criteria for Media Literacy Level**: a comprehensive view of the concept of media literacy and an understanding of how media literacy levels in Europe should be assessed (Final Report). Brussels: European Commission Information Society and Media Directorate-General Medial and Media Literacy Unit, 2009. Disponível em: https://shre.ink/20gs . Acesso em: 20 ago. 2023.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CLUBE de leitura: pandemia impulsiona o aumento de grupos que discutem literatura. **Estadão**, São Paulo, 19 ago. 2021. Disponível em: https://encurtador.com.br/ctIK1. Acesso em: 20 ago. 2023.

COMO clube do livro de famosas virou fenômeno e passou a influenciar *ranking* de *best-sellers*. **G1**, [*S. l.*], 27 jun. 2023. Disponível em: https://shre.ink/2B3w . Acesso em: 20 ago. 2023.

COMPRAS *online* e consumo de podcast têm boom durante a pandemia, diz pesquisa. **CNN Brasil**. Rio de Janeiro, 21 jun. 2022. Disponível em: https://encurtador.com.br/hlDT7 . Acesso em: 20 ago. 2023.

FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, [*S. l.*]. v. 9, n. 1, p. 1-16, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21183 . Acesso em: 20 out. 2021.

FIGUEIREDO, V. L. F. **Narrativas migrantes**: literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio: 7 letras, 2010.

GLOBO: pandemia eleva consumo de *podcast*. **Meio & Mensagem**, São Paulo, 20 jul. 2021. Disponível em: https://encurtador.com.br/luxFK. Acesso em: 20 ago. 2023.

HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A "geração *podcasting*" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, *[S. l.]*, v. 15, n. 37, p. 101–106, 2009. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.37.4806. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/4806 . Acesso em: 7 out. 2024.

JENKINS, H. *et al*. **Confronting the Challenges of Participatory Culture, Media Education for the 21st Century**. Massachusetts: The MIT Press, 2009.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN J. E. **Cultura de conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2008.

JENKINS, H. **Fans, Bloggers, Gamers**: Exploring Participatory Culture. New York: New York University Press, 2006.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

LIVINGSTONE, S. **Making Sense of Television**: the Psychology of Audience Interpretation. Nova York: Routledge, 2007.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

OS podcasts mais ouvidos de 2022, segundo o Spotify. **Meio & Mensagem**. São Paulo, 30 nov. 2022. Disponível em: https://encurtador.com.br/cCLU6. Acesso em: 20 ago. 2023.

PETIT, M. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

POTTER, J. W. The State of Media Literacy. **Journal of Broadcasting and Electronic Media**. [*S. l.*] v. 54, n. 4, 675-696, dec. 2010.

SCOLARI, C. La hora del prosumidor. **El Cactus**, [*S. l.*], v. 4, n. 4, p. 24-26, 2015.

SCOLARI, C. A. Transmedia Literacy: Informal Learning Strategies and Media Skills in the New Ecology of Communication. **Revista Telos - Cuadernos de Comunicación e Innovación**, **[***S. l.*], p. 1-9, 2016.

TOFFLER, A. **The Third Wave**. New York: Bantam Books, 1980.

8 CONSIDERAÇÕES GERAIS (E AFETIVAS)

O desenvolvimento deste livro envolveu a reunião de textos acadêmicos que contemplam questões situadas nas fronteiras entre as áreas da História e da Comunicação. Porém, o conhecimento aqui apresentado não advém apenas de trocas em meios acadêmicos, mas também de debates em outras esferas sociais, como uma mesa redonda sobre clubes de leitura, realizada na gincana de aniversário da Tag Livros (2021), a convite de seus integrantes; *podcasts* literários do Livrologia (2021); e debates informais com amigos, autores e entusiastas da leitura literária. Essa junção de saberes — acadêmicos e populares — proporcionou uma maior riqueza nas informações apresentadas, que, afinal, possuem a finalidade primordial de enriquecer e ampliar as possibilidades desse tipo de formação social.

Logo, a publicação deste material tem como intuito fornecer bases teóricas sobre clubes de leitura na ambiência *online*, divulgar a metodologia criada para esse tipo de atividade e expor a devolutiva dos participantes. Procura contribuir, assim, com referências acadêmicas sobre a temática. Apresentá-lo de forma gratuita, por sua vez, cumpre o objetivo de que o investimento direcionado a seus autores e em suas produções retorne à sociedade e seja utilizado para a concretização de projetos de cunho cultural e educacional, colaborando com o fortalecimento do gosto pela leitura e, consequentemente, com a troca de saberes.

Sem a pretensão de soar clichê ou piegas, ressaltamos que as pesquisas sobre clubes de leitura não terminam com as últimas páginas deste livro. Seguimos nossos estudos sobre as distintas formas de socialização a partir da literatura, ao mesmo tempo em que criamos e mediamos clubes de leitura, seja a partir de novas temporadas do *Hogwarts, Mil Histórias*, com a leitura das obras de J. K. Rowling, seja a partir de outras narrativas literárias.

Com a sombra de contextos históricos nebulosos ainda projetados em nosso país, a partir da proliferação de *fake news* e de narrativas opressoras, é inegável a necessidade e a relevância de pesquisas com viés extensionista que articulem e promovam o pensamento crítico e o exercício da cidadania em conjunto com a população brasileira. Como leitura extra, de autoria dos responsáveis por esta obra, sugerimos suas teses de doutorado, que brevemente estarão disponíveis no repositório de teses e dissertações da Unicamp[95] e da UFJF[96]. As pesquisas de doutoramento dos autores têm como foco as relações da literatura com os indivíduos e parte de dois distintos grupos, frequentemente hostilizados no Brasil: a de Victor Menezes, a partir de pessoas idosas, e a de Vanessa Martins, a partir de jovens estudantes de escola pública, em sua maioria negros e periféricos.

Não poderíamos deixar de terminar este livro enfatizando como o *Hogwarts, Mil Histórias* contribuiu para ambas as pesquisas de doutorado (mesmo que tenham objetivos distintos) e como ele abriu portas para outros grandes projetos e

[95] Disponível em: (https://repositorio.unicamp.br/)
[96] Disponível em: (https://repositorio.ufjf.br/jspui/)

parcerias a convite de instituições socioculturais. Deixamos esse assunto para outra produção científica. Fica aqui o nosso até breve a você, leitor.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TÓPICOS NORTEADORES PARA DEBATES DOS ROMANCES DE *HARRY POTTER*

A1 – HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL (1997)

Tópico 1 – Experiência de leitura e releitura

Objetivos do tópico: comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Toda releitura é uma nova leitura, pois, a cada vez que relemos um livro, nos transformamos; uma nova leitura, uma nova pessoa. Sendo assim, a cada releitura, é muito comum descobrirmos coisas que nos passaram despercebidas anteriormente; incomodarmo-nos com algumas situações ou personagens que antes costumávamos gostar (ou a quem éramos indiferentes); surpreendermo-nos positivamente com a qualidade da história; apaixonarmo-nos ou entendermos melhor alguns dos personagens que antes não gostávamos; e, mesmo em alguns casos, não acharmos mais aquele livro que tanto amávamos tão bom como inicialmente pensávamos ser. Diante disso, abrimos as discussões de *Harry Potter e a pedra filosofal* com as seguintes perguntas:

A) Como foi a experiência de releitura (e, para alguns, de primeira leitura) deste romance que dá início à história do menino que sobreviveu?

B) O que mais lhes chamou a atenção neste momento?

C) O que mudou? E o que não mudou?

Tópico 2 – O mundo mágico de *Harry Potter*

Objetivos do tópico: discutir as semelhanças e as diferenças entre o mundo mágico criado pela autora J. K. Rowling (mundo secundário) e o nosso mundo real (mundo primário).

Em 2007, no famoso bate-papo ocorrido no Carnegie Hall, em Nova York (o mesmo em que J. K. Rowling revelou que sempre havia pensado em Dumbledore como um personagem *gay*), a autora de *Harry Potter* fez a seguinte afirmação: "Eu queria que Harry deixasse o nosso mundo e encontrasse exatamente os mesmos problemas no mundo bruxo". Sendo assim, apesar de toda a trama de *Harry Potter* se passar num mundo mágico (ou fictício), que existe à parte do mundo real (ou mundo dos trouxas), em tese, ele é bastante semelhante àquilo que existe no mundo dos leitores dos livros. Partindo dessa afirmação e, tendo relido / lido *Harry Potter e a pedra filosofal*, vocês:

A) Acreditam que a autora J. K. Rowling de fato criou o mundo mágico de forma semelhante ao mundo real? Por quê?

B) Em caso positivo, quais problemas e questões do mundo real estão representados no primeiro romance de *Harry Potter*?

Tópico 3 – Gordofobia

Objetivos do tópico: analisar e discutir a maneira gordofóbica com que os personagens Válter e Duda Dursley são retratados.

Para o terceiro tópico de discussão do romance *Harry Potter e a pedra filosofal*, gostaríamos de trazer um tema que alguns de vocês já comentaram aqui no Telegram, mas que achamos de extrema relevância ser aprofundado: GORDOFOBIA.

Por definição, conteúdos de caráter gordofóbico são aqueles que fazem uso de abordagens preconceituosas para designar pessoas gordas. Ter personagens gordos, tanto do lado do bem quanto do lado do mal, não significa que a obra não apresente questões que

podem ser configuradas como gordofóbicas. A gordofobia está relacionada, por exemplo, com a escolha linguística e simbólica para a representação dos personagens em uma determinada obra. Mais do que associar a forma corporal a uma coisa ruim, existe a associação de estereótipos, ou seja, imagens fixas. Um desses estereótipos, por exemplo, é o hábito de estar se alimentando constantemente.

A partir dessas colocações, gostaríamos que vocês comentassem:

A) Qual a opinião de vocês sobre características gordofóbicas presentes na saga e em quais situações podemos identificá-las?

B) Vocês retratariam algum personagem gordo da saga de forma distinta?

Observação: esse tema é pertinente para a saga como um todo (até mesmo para *Animais fantásticos*). Porém, vamos expressar nossas opiniões com base apenas no primeiro romance de *Harry Potter*.

Tópico 4 – Harry como herói

Objetivos do tópico: discutir as visões dos participantes do clube acerca do personagem Harry Potter enquanto herói da saga.

No livro *O poder do mito*, publicado em 1987, o escritor e mitólogo Joseph Campbell traz as seguintes considerações acerca do arquétipo do herói:

> O herói é aquele que participa corajosa e decentemente da vida, no rumo da natureza e não em função do rancor, da frustração e da vingança pessoais. […] Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo (Campbell, 2011, p. 79).

Tendo em mente essa citação de Campbell e as construções dos personagens no primeiro volume da saga, comentem:

A) Quem é o herói nos livros de *Harry Potter*? Por quê?

B) Harry é construído como um herói que sempre age em alinhamento com as virtudes apontadas por Campbell (como coragem e entrega altruísta) ou há complexidades em sua personalidade que o aproximam de um percurso mais humano (marcado por dilemas, contradições e fragilidades)? Elenque exemplos presentes nos livros que comprovem sua interpretação.

C) Na opinião de vocês, Harry precisar da ajuda de Hermione e Rony para descobrir ou realizar "alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência" o torna um personagem menos heroico? Por quê?

Tópico 5 – A amizade do trio

Objetivos do tópico: discutir a formação da amizade entre os personagens Harry, Rony e Hermione.

Na introdução da coletânea *Hermione Granger Saves the World: Essays on the Feminist Heroine of Hogwarts* ("Hermione Granger salva o mundo: ensaios sobre a heroína feminista de Hogwarts", em tradução livre), o pesquisador estadunidense Christopher E. Bell — que também é o organizador do livro — argumenta que o trio Harry, Hermione e Rony, como um todo, é que constitui o protagonista da saga. Nas palavras de Bell,

> Em essência, ao longo da série, o trio funciona como uma única entidade — uma estrutura clássica do protagonismo da trindade. É fácil perceber Harry como a principal fonte de agência, porque seu papel no trio é o do corpo: ele é o "fazedor", o engajador ativo, aquele que realiza a ação. No entanto, ele raramente é a fonte da ação; as ideias dificilmente partem dele, e quando partem, muitas vezes provocam fracassos enormes. Rony, por outro lado, cumpre

> o papel do coração, ou talvez até mesmo o da alma; ele é o centro emocional da equipe, ora corajoso, ora covarde. Embora muito se tenha falado sobre a propensão de Hermione a desabar em lágrimas e se acovardar diante do perigo, na verdade, os surtos emocionais de Rony — choramingos e lágrimas — são igualmente frequentes e muito mais centrais para seu caráter — os de Hermione são incidentais. Eles não são a característica definidora dela. A característica essencial de Hermione, e seu papel no trio, é o agir como o cérebro; ela é a fonte da lógica, do conhecimento e do pensamento racional. É quase sempre Hermione quem resolve o enigma, encontra a pista, fornece o *insight* ou responde à pergunta. Cada membro do trio — corpo, mente e alma — é importante, elementar e necessário. Se um for removido, os outros dois não conseguirão funcionar adequadamente. Essa lição é repetida por Rowling, de diversas formas […]. Nossa predisposição cultural em ver o "fazedor" como o protagonista central obscurece a verdade sobre a série *Harry Potter*: seu nome está no título do livro, mas ele é apenas um terço do protagonista. Um corpo sem cérebro e sem alma não pode vencer o dia. É uma forma incomum de ver a série, sem dúvida, mas uma que faz sentido (Bell, 2012, p. 13, tradução nossa).

A partir dessa citação e do conhecimento do enredo dos livros, gostaríamos que respondessem:

A) O que vocês acham desta análise proposta por Christopher Bell?

B) Na opinião de vocês, quais fatores contribuíram para o imediato estabelecimento da amizade entre Harry e Rony, enquanto a construção do vínculo de amizade entre ambos e Hermione demandou um período maior?

C) Quais ideais de amizade os livros de *Harry Potter* transmitem a partir da relação Harry-Hermione-Rony?

Tópico 6 – Dursley: eles são vilões?

Objetivos do tópico: discutir as construções dos personagens Válter e Petúnia Dursleys, bem como a relação destes com Harry.

O romance *Harry Potter e a pedra filosofal* inicia-se com a seguinte apresentação irônica dos Dursley, a família adotiva de Harry:

> O Sr. e a Sra. Dursley, da rua dos Alfeneiros, nº 4, se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem, obrigado. Eram as últimas pessoas no mundo que se esperaria que se metessem em alguma coisa estranha ou misteriosa, porque simplesmente não compactuavam com esse tipo de bobagem (Rowling, 2000a, p. 7).

A ironia contida na afirmação "eram perfeitamente normais" fica ainda mais explícita nos capítulos seguintes, quando é narrado, por exemplo, que Harry nunca teve direito a um quarto próprio, durante os dez primeiros anos em que viveu com os tios — mesmo existindo um quarto extra na casa dos Dursley — e que lhe fora imposto dormir num armário, infestado por aranhas, sob a escada. Além de por muito tempo ter sido o "saco de pancadas preferido de Duda" — e Válter e Petúnia nunca terem feito algo para impedir tal situação —, Harry jamais teve acesso aos direitos básicos necessários a uma criança, como boa alimentação, roupas que lhe servissem adequadamente, passeios e brinquedos. Cárcere privado e restrição de alimentos também são dois castigos bastante utilizados pelos tios para punir o sobrinho. Isso fica patente quando, após o episódio do zoológico, Válter anuncia que Harry ficará sem comida e, em seguida, o narrador de *Harry Potter* afirma que "a fuga da jiboia brasileira rendeu a Harry o seu castigo mais longo. Na altura em que lhe permitiram sair do armário, as férias de verão já haviam começado". À luz da forma como os tios de Harry são apresentados já neste primeiro livro, comentem:

A) Os Dursley podem ser classificados como vilões? Por quê?

B) Como vocês interpretam a relação dos Dursley com Harry?

Tópico 7 – O personagem Draco Malfoy

Objetivos do tópico: discutir a construção do personagem Draco Malfoy enquanto antagonista de Harry.

O quinto capítulo de *Harry Potter e a pedra filosofal*, intitulado *O Beco Diagonal*, é o que apresenta, entre outras coisas, o famoso personagem de rosto pálido e pontudo, voz de tédio e arrastada e que, de primeira, gera antipatia em Harry: Draco Malfoy. Pelo breve diálogo que eles têm no interior da loja *Madame Malkin: roupas para todas as ocasiões*, Harry — e consequentemente nós, os leitores — percebe que Draco é um personagem bastante preconceituoso. Em uma de suas falas que trazemos abaixo, por exemplo, fica visível que ele acredita que trouxas e nascidos trouxas são pessoas inferiores e que, portanto, não devem ter os mesmos direitos que os bruxos:

> Eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver. Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine. Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos (Rowling, 2000a, p. 72).

Como explica o crítico literário Terry Eagleton, em seu livro *Como ler literatura* (2020, p. 53), "uma das maneiras mais usuais de desconsiderar a 'literariedade' de uma peça ou de um romance é tratar seus personagens como se fossem pessoas de carne e osso". Ou seja, como se eles tivessem escolhas, vontades e vidas próprias. Todo personagem é quem é e faz o que faz porque seus criadores assim decidem; sendo que tais decisões, na maior parte das vezes, partem de interesses dos autores de que seus personagens cumpram determinados papeis e/ou propósitos em suas respectivas narrativas de ficção. Assim, ao escrever o primeiro volume de *Harry Potter*, a autora J. K. Rowling tinha em mente determinados planos para sua obra e personagens; a partir deles, escolheu, então, apresentar

o Draco de onze anos com as características mencionadas acima. Considerando essa afirmação, gostaríamos que vocês refletissem:

A) Acerca do papel que Draco Malfoy ocupa em *Harry Potter e a pedra filosofal*.

B) Levando em consideração os acontecimentos deste primeiro livro, mas também os seus conhecimentos da saga como um todo, vocês acreditam que a narrativa de *Harry Potter* justifica a maldade e os preconceitos de Draco como algo inato ao personagem ou como fruto da sociedade dentro da qual ele está inserido? Justifiquem as suas interpretações.

A2 – HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA (1998)

Tópico 1 – Experiência de leitura e releitura

Objetivos do tópico: comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Toda releitura é uma nova leitura, pois, a cada vez que relemos um livro, nos transformamos; uma nova leitura, uma nova pessoa. Sendo assim, a cada releitura, é muito comum descobrirmos coisas que nos passaram despercebidas anteriormente; incomodarmo-nos com algumas situações ou personagens que antes costumávamos gostar (ou a quem éramos indiferentes); surpreendermo-nos positivamente com a qualidade da história; apaixonarmo-nos ou entendermos melhor alguns dos personagens que antes não gostávamos; e, mesmo em alguns casos, não acharmos mais aquele livro que tanto amávamos tão bom como inicialmente pensávamos ser. Diante disso, abrimos as discussões de *Harry Potter e a câmara secreta* com as seguintes perguntas:

A) Como foi a experiência de releitura (e, para alguns, de primeira leitura) deste romance?

B) O que mais lhes chamou a atenção neste momento?

C) O que mudou? E o que não mudou?

Tópico 2 – O preconceito racial

Objetivos do tópico: analisar as alegorias do racismo criadas por J. K. Rowling para seu mundo literário e discutir as implicações da existência desse preconceito na vida de personagens chamados de bruxos nascidos trouxas (muggle-born no original) e mestiços (half-blood no original).

Pode-se afirmar que, entre os temas que estruturam a narrativa de *Harry Potter e a câmara secreta*, o do PRECONCEITO é um dos que mais se destaca. Assim como em *Harry Potter e a pedra filosofal*, essa questão é introduzida logo no início da obra, manifestando-se em situações que denunciam diferentes formas de discriminação. Um exemplo disso é o tratamento dado pelos Dursley a Harry, que reflete uma intolerância a qualquer desvio em relação a um padrão normativo previamente estabelecido. Já o conflito entre Lúcio Malfoy e Arthur Weasley, ocorrido na livraria Floreio e Borrões, expõe tensões relacionadas às desigualdades sociais presentes na sociedade mágica britânica, revelando um preconceito baseado na divisão de classes. À medida que a trama se desenvolve, porém, a narrativa concentra-se em uma forma específica de preconceito, que, no mundo de *Harry Potter*, está relacionada à ideia de pureza de sangue e superioridade bruxa. Isso acontece, por exemplo, nos seguintes momentos:

1 - Quando Draco Malfoy insulta Hermione, chamando-a de "sangue ruim";
2 - Na revelação dos motivos que levaram Salazar Slytherin a criar a câmara secreta.
3 - Nos ataques direcionados aos nascidos trouxas.
4 - Na acusação arbitrária contra Hagrid, que culmina em sua prisão em Azkaban.

Tendo isso em mente, na interpretação de vocês:

A) Qual tipo (nome) de preconceito melhor descreve essas quatro situações acima listadas?

B) O que esse preconceito diz sobre a sociedade mágica britânica?

C) O que há em comum entre essas situações de preconceito e as que ocorrem em nosso mundo real?

Tópico 3 – Fatos e boatos

Objetivos do tópico: por meio da lenda — que se comprova uma história verdadeira — da câmara secreta, discutir as relações entre fatos e boatos, tanto no mundo de —Harry Potter quanto em nosso mundo real.

O segundo ano de Harry em Hogwarts é dominado por ataques a alunos nascidos trouxas cometidos por um personagem desconhecido no início da obra. Quando os alunos são atacados, eles ficam completamente petrificados e, portanto, são incapazes de fornecer informações sobre quem ou o que pode tê-los atacado. Essa falta de informação faz com que o medo e a dúvida circulem pelo castelo. Como resultado, teorias e rumores começam a se espalhar sobre quem poderia estar realizando esses ataques e seu motivo; alguns se concentram em Harry, enquanto outros se concentram em Draco Malfoy ou Hagrid. À medida que vamos avançando na leitura, descobrimos que nenhum deles é a verdadeira fonte dos ataques. Diante disso, gostaríamos de debater os seguintes pontos:

A) Ao usar este mistério como centro da trama, o que a narrativa de *A câmara secreta* demonstra ao leitor?

B) Propomos uma discussão com base na seguinte fala de Hermione ao prof. Binns: “Professor, as lendas não se baseiam sempre em fatos?”

Observações: esse tema atravessa outros livros da saga. Ao formularem suas respostas, usem, preferencialmente, exemplos presentes em *Harry Potter e a câmara secreta*.

Tópico 4 – Harry, Lockhart e a fama

Objetivos do tópico: discutir como a fama está presente na vida dos personagens Harry e Lockhart e como eles lidam com ela de formas extremamente diferentes.

Em *Harry Potter e a câmara secreta,* há a introdução de um personagem que possui fama internacional entre os bruxos, é autor *best-seller* e vencedor cinco vezes do Prêmio Sorriso Mais Encantador da *Witch Weekly*: Gilderoy Lockhart. Ao assumir o cargo de Professor de Defesa Contra as Artes das Trevas em Hogwarts, contudo, Lockhart acaba mostrando-se uma fraude e, por fim, descobrimos que sua fama foi construída com base em mentiras e no uso antiético da magia.

De acordo com o conto intitulado *Gilderoy Lockhart,* que Rowling publicou no *Pottermore,* em 2015, o personagem em questão fora filho de mãe bruxa e pai trouxa; o único, de três irmãos, que mostrara habilidades mágicas; e alguém fascinado pela ideia de ser famoso desde a infância: antes de se tornar aluno em Hogwarts, ele se imaginara andando pelos corredores da escola com pessoas sussurrando suas proezas mágicas e não pensara que todos os seus colegas de escola teriam experiências semelhantes às dele com a magia ou que seriam tão bons ou melhores do que ele.

Por imaginar-se, desde muito cedo, como um herói e um gênio, Lockhart acabou tendo um choque ao entrar em Hogwarts e perceber que seu nome não era conhecido, que seus talentos não eram excepcionais e que sua beleza também não era, particularmente, extraordinária. Quando se recuperou do choque, Gilderoy fez de tudo para atingir os seus objetivos e sonhos de infância e, por meio da trapaça e da mentira, acabou por alcançar a tão almejada fama em sua fase adulta.

Em contrapartida, Harry é um personagem que se tornou famoso quando tinha apenas um ano de idade por algo que, até os

acontecimentos do segundo volume de *Harry Potter*, ele ainda não entende bem como. Ao entrar em Hogwarts, todos já conheciam seu nome e o grande feito de supostamente ter derrotado o Lorde das Trevas; seus colegas sussurravam seu nome e suas proezas pelos corredores. Ou seja, sem desejar, Harry é tudo o que Lockhart sonhara ser. Porém, diferente do professor, o "menino que sobreviveu" não encara a fama como algo positivo. Levando esses pontos em consideração:

A) Quais consequências a fama traz para os personagens que pertencem ao mundo bruxo? Em que elas se assemelham com o que podemos observar em nosso mundo?

B) A partir das relações de Harry e de Lockhart com a fama, vocês acreditam que a narrativa de *A câmara secreta* apresenta alguma crítica social? Em caso positivo, quais?

Observações: o conto *Gilderoy Lockhart* pode ser lido na íntegra a partir do link: https://www.harrypotter.com/writing-by-jk-rowling/gilderoy-lockhart

Tópico 5 – A importância do lar

Objetivos do tópico: comparar a forma com que Harry é tratado na casa dos Dursleys com a que ele passa a ser tratado na casa dos Weasleys. Discutir a importância de Hogwarts e da Toca para Harry. Refletir sobre como Hogwarts também foi um lar para personagens como Tom Marvolo Riddle e Severo Snape.

O lar, como um lugar no qual os personagens se sentem seguros, amados e com a sensação de pertencimento, é um tema bastante presente ao longo dos romances de *Harry Potter*. Por vezes, Hogwarts ocupa esse espaço na vida de Harry. Mas também acontece d'A Toca, a casa da família Weasley, cumprir esse papel. Ao visitá-la pela primeira vez, no início de *A câmara secreta*, Harry fica fascinado, como podemos observar no seguinte diálogo que ele trava com o amigo Rony Weasley:

> — É meio pequeno — disse Rony depressa. — Nada como aquele quarto que você tinha na casa dos trouxas. E estou bem debaixo do vampiro no sótão; sempre batendo nos canos e gemendo…
> Mas Harry, com um grande sorriso, disse:
> — Esta é a melhor casa que já visitei (Rowling, 2000b, p. 41).

A explicação para Harry ver Hogwarts e A Toca como lares está, entre outras coisas, no fato de que a casa dos Dursley sempre representou um local hostil para ele. Assim, o acolhimento familiar e a sensação de pertença só foram vivenciados por Harry quando este adentrou o mundo bruxo. Com isso em mente, trazemos duas questões com o intuito de que possamos refletir acerca da temática do lar em *Harry Potter*:

A) O que Hogwarts e a toca têm de especial (e atraente) que os fazem serem vistos como lares para Harry?

B) Quais outros personagens elegeram Hogwarts como um lar? Quais semelhanças e diferenças há entre eles e Harry na forma como veem a escola de magia britânica?

Tópico 6 – Maternidades

Objetivos do tópico: discutir as construções das personagens Lílian, Petúnia e Molly enquanto mães. Debater os ideais de maternidades presentes nas sociedades contemporâneas e suas influências nas construções de personagens femininas da saga.

Entre os diversos papéis sociais representados no universo literário de *Harry Potter*, a maternidade destaca-se como um dos mais relevantes para a jornada do protagonista. Desde o início da narrativa, a figura materna é apresentada como fundamental, simbolizada por Lílian Potter, cuja ação de sacrifício protege a vida de Harry ainda em sua infância. De forma análoga, outra personagem mãe, Narcisa Malfoy, desempenha um papel crucial ao salvar a vida do herói nos momentos decisivos da Batalha de Hogwarts.

Molly Weasley, a personagem mãe que mais recebe espaço na narrativa, foi construída com o intuito de ser entendida pelos leitores como acolhedora, gentil, rígida quando preciso, mas sempre amorosa e capaz de lutar contra o mundo inteiro, se preciso for, para proteger os seus filhos. Coube a ela, em particular, as ações que fizeram com que Harry elegesse A Toca como um de seus lares. Há, ainda, personagens mães apresentadas na narrativa de formas não tão elogiosas quanto Lílian e Molly, mas que são igualmente cruciais para a trama, como Petúnia Dursley, que ocupa oficialmente o papel de mãe adotiva de Harry, e Mérope Gaunt, a mãe de Voldemort.

J. K. Rowling, autora da saga, costuma afirmar que o falecimento de sua mãe, em dezembro de 1990, teve um impacto grande na saga: "Se minha mãe não tivesse morrido, acho que as histórias seriam completamente diferentes do que são", declarou a escritora, em outubro de 2017, em conversa com a BBC. Assim, pode-se inferir que, nos livros, a centralidade da maternidade reflete, em parte, vivências pessoais da autora. Entretanto, como argumenta o crítico literário Edward Said, em seu livro *Cultura e Imperialismo* (2011, p. 24), os escritores "estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus". Nesse sentido, as concepções de maternidade presentes na obra de Rowling derivam, também, das formas como esse tema tem sido pensado, discutido e representado nos grupos sociais dos quais ela faz parte.

Diante disso, é pertinente questionarmos como algumas personagens femininas da série são construídas enquanto mães e quais modelos de maternidade são exaltados, ou criticados, por meio de suas histórias. Com isso em mente, propomos as seguintes questões:

A) O que vocês acham da forma como o tema maternidade é apresentado nos livros de *Harry Potter?*

B) Quais semelhanças e diferenças vocês veem entre Lílian, Petúnia e Molly enquanto personagens mães?

C) Quais ideias de maternidades presentes nas sociedades contemporâneas vocês acreditam que estão representadas nos livros a partir dessas três personagens?

Observações: a entrevista de J. K. Rowling, concedida para a BBC em 2017, está disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-41811029

Tópico 7 – Dobby e a escravidão

Objetivos do tópico: por meio do personagem Dobby, o elfo doméstico, discutir a presença da escravidão no mundo de Harry Potter, bem como a forma com que ela é representada na narrativa.

Um tema intrinsecamente relacionado ao racismo — trabalhado por meio de nosso segundo tópico de discussão de *A câmara secreta* — é o da condição em que vive o elfo doméstico Dobby. Observem como, nessa passagem, ele descreve a sua relação com a família de bruxos a quem serve:

> — Dobby teve que se castigar, meu senhor — disse o elfo, que ficara ligeiramente vesgo. — Dobby quase falou mal da própria família, meu senhor…
> — Sua família?
> — A família de bruxos a que Dobby serve, meu senhor… Dobby é um elfo doméstico, obrigado a servir a uma casa e a uma família para sempre…
> — E eles sabem que você está aqui? — perguntou Harry curioso.
> Dobby estremeceu.
> — Ah, não senhor, não… Dobby terá que se castigar com a maior severidade por ter vindo vê-lo, meu senhor. Dobby terá que prender as orelhas na porta do forno por causa disso. Se eles vierem a saber, meu senhor…
> — Mas eles não vão reparar se você prender as orelhas na porta do forno?
> — Dobby duvida, meu senhor. Dobby está sempre tendo que se castigar por alguma coisa, meu senhor. Eles nem ligam para Dobby, meu senhor. Às vezes me lembram de cumprir uns castigos a mais…

> — Por que você não vai embora? Foge?
> — Um elfo doméstico tem que ser libertado, meu senhor. E a família nunca vai libertar Dobby… Dobby vai servir à família até morrer, meu senhor… (Rowling, 2000b, p. 18).

Apesar de toda essa violência narrada por Dobby, muitos dos personagens bruxos acham perfeitamente normal ter um elfo doméstico em sua casa; inclusive figuras que não são vilanizados na trama, como Molly Weasley, têm como uma de suas ambições a aquisição de um elfo para que ele faça o seu serviço doméstico. Diante disso, gostaríamos de debater os seguintes pontos:

A) Qual prática social melhor descreve a situação vivenciada por Dobby?

B) Como vocês interpretam a narrativa de *Harry Potter* colocar personagens como os Weasley desejando ter um elfo doméstico?

C) Na leitura de vocês, por que Harry liberta Dobby da família Malfoy?

A3 – HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN (1999)

Tópico 1 – Experiência de leitura e releitura

Objetivos do tópico: comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Toda releitura é uma nova leitura, pois, a cada vez que relemos um livro, nos transformamos; uma nova leitura, uma nova pessoa. Sendo assim, é muito comum a cada releitura descobrirmos coisas que nos passaram despercebidas anteriormente; incomodarmo-nos com algumas situações ou personagens que antes costumávamos gostar (ou a quem éramos indiferentes); surpreendermo-nos positi-

vamente com a qualidade da história; apaixonarmo-nos ou entendermos melhor alguns dos personagens que antes não gostávamos; e, mesmo em alguns casos, não acharmos mais aquele livro que tanto amávamos tão bom como inicialmente pensávamos ser. Diante disso, abrimos as discussões de *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* com as seguintes perguntas:

A) Como foi a experiência de releitura (e, para alguns, de primeira leitura) deste romance?

B) O que mais lhes chamou a atenção neste momento?

C) O que mudou? E o que não mudou?

Tópico 2 – A amizade entre os Marotos

Objetivos do tópico: discutir semelhanças e diferenças entre a amizade entre os Marotos e a amizade entre o trio. Comentar a inexistência, ao longo dos sete livros de Harry Potter, de grupos femininos análogos aos Marotos

Em *O prisioneiro de Azkaban* somos apresentados a um dos grupos de amigos mais queridos (e, também, odiados) pelo *fandom* de *Harry Potter*: os Marotos, grupo formado pelos adolescentes Remo Lupin, Pedro Pettigrew, Sirius Black e Tiago Potter (ou Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas, respectivamente) que estudaram em Hogwarts, nos anos 1970. Tendo isso em mente, para este tópico, separamos o tema da amizade e das relações interpessoais dos Marotos durante o período em que frequentaram Hogwarts e as suas semelhanças e diferenças com as do trio Harry, Hermione e Rony (que estudam no colégio bruxo, nos anos 1990). Assim sendo, gostaríamos que vocês comentassem:

A) O que há de diferente e o que há de semelhante na amizade entre os marotos em comparação com a amizade de Harry, Rony e Hermione?

B) O quarteto e o trio são famosos por não seguiram à risca as regras estabelecidas por Hogwarts e pela comunidade mágica britânica. O que há de semelhança e o que há de diferença na forma e no porquê de eles "quebrarem as regras"?

C) O que vocês acham de a narrativa de *Harry Potter* dar destaque para amizades / grupos de amigos do gênero masculino, como os marotos, mas não termos nada semelhante em relação às personagens do gênero feminino?

Observação: Como a adolescência dos Marotos é narrada em mais de um livro de *Harry Potter*, vocês podem fazer seus comentários e análises levando em consideração:

1) Capítulos 18 (*Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas*) e 19 (*O servo de Lord Voldemort*) de *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*;
2) Capítulo 28 (*A pior lembrança de Snape*) de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*;
3) Capítulo 36 (*A História do Príncipe*) de *Harry Potter e as relíquias da morte*;
4) Conto *Remo Lupin*, publicado no *Pottermore* em 2015, e disponível em: https://www.harrypotter.com/writing-by-jk-rowling/remus-lupin.

Tópico 3 – O bicho-papão de Neville

Objetivos do tópico: discutir os significados narrativos e discursivos de o bicho-papão do personagem Neville ser um professor (no caso, Severo Snape) e a maneira de vencê-lo, por meio do riso, ser a ideia de fazer um personagem do gênero masculino vestir-se com roupas tidas em nossa sociedade — e na sociedade bruxa — como femininas.

Ao longo dos livros de *Harry Potter*, J. K. Rowling inseriu criaturas, seres e não seres mágicos inspirados em mitologias e/ou

lendas advindas da Antiguidade e/ou presentes no imaginário cultural do mundo primário. Apesar de não terem surgido inteiramente na cabeça da autora, muitos desses seres fantásticos, contudo, foram colocados nos livros com novas roupagens. Ou seja, Rowling usou seres existentes em histórias anteriores a *Harry Potter*, mas os apresentou com novas características. Esse é o caso, por exemplo, do Basilisco em *A câmara secreta* e, agora, em *O prisioneiro de Azkaban*, do bicho-papão (*Boggart*, no original), que é colocado como um não ser que se transforma naquilo que a pessoa mais teme.

Tendo isso em mente, trazemos para este tópico de discussão o episódio em que o bicho-papão, usado pelo professor Remo Lupin em sala de aula, se transforma em Severo Snape ao ter contato com Neville Longbottom. Gostaríamos que vocês refletissem/comentassem os seguintes pontos:

A) Como entendem o fato de o bicho-papão de Neville ser um de seus professores?

B) O que vocês acham da narrativa de *Harry Potter*, neste momento, colocar como alívio cômico uma pessoa do gênero masculino (Snape-papão) usando vestimentas femininas?

Tópico 4 – Hermione e o *burnout*

Objetivos do tópico: por meio da jornada escolar de Hermione neste livro (que usa de um vira-tempo para conseguir assistir a mais aulas dos que os seus colegas de escola), discutir a importância do autoconhecimento de nossos limites (tanto físicos quanto psicológicos).

Neste terceiro romance de *Harry Potter*, Hermione passa por um tipo de esgotamento mental, devido a, com o auxílio de um vira-tempo, buscar acompanhar todas as disciplinas eletivas que são oferecidas aos estudantes do terceiro ano de Hogwarts. Ao final do semestre, o cansaço e o estresse pelo qual Hermione está passando

são tão grandes que ela se esquece de ir a uma de suas aulas, algo que nunca lhe tinha acontecido:

> Hermione estava sentada à mesa, profundamente adormecida, a cabeça pousada sobre um livro aberto de Aritmancia. Os garotos se sentaram, um de cada lado. Harry cutucou-a de leve para acordá-la.
> — Q… quê? – exclamou Hermione, acordando e olhando assustada para os lados. — Já está na hora de ir? Q… qual é a aula que temos agora?
> — Adivinhação, mas só daqui a vinte minutos — respondeu Harry.
> — Mione, porque você não foi à aula de Feitiços?
> — Quê? Ah não! – guinchou Hermione. — Me esqueci de ir à aula de Feitiços! […]
> — Sabe de uma coisa, Mione? – disse Rony, olhando para o livrão de Aritmancia que a garota estivera usando como travesseiro. — Acho que você está sofrendo um colapso mental. Está tentando fazer coisas demais. (Rowling, 2000c, p. 239).

Ainda que essa narrativa retrate um cenário ambientado nos anos 1990, ela aponta para um distúrbio emocional que atualmente tem sido bastante discutido entre psiquiatras e psicólogos: a síndrome do *burnout*, cuja principal causa é o excesso de trabalho. Por tentar "abraçar o mundo", Hermione enfrenta uma grande pressão pessoal para cumprir todas as metas que deseja e acaba pagando um preço alto por isso, passando por situações de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico. A partir desses acontecimentos que marcam a jornada de Hermione em *O prisioneiro de Azkaban*, gostaríamos que vocês comentassem:

A) Por meio dessa trama, quais mensagens que envolvem Hermione e o vira-tempo o livro de Harry Potter passa?

B) Vocês já vivenciaram algum episódio de *burnout*? Em caso positivo, o que o causou e o que fizeram para lidar com a situação?

Tópico 5 – O sistema de justiça no mundo bruxo

Objetivos do tópico: analisar a jornada do personagem Sirius Black e o quanto ele foi prejudicado devido às falhas do sistema de justiça do mundo de Harry Potter. Comparar esse sistema com o vigente em nossa sociedade.

As temáticas da condenação e da punição de inocentes, que já estiveram presentes em *A câmara secreta* quando Hagrid foi acusado injustamente de atacar os estudantes nascidos trouxas, constituem um dos pontos centrais da trama de *O prisioneiro de Azkaban*. Encontramo-las em episódios como o da caça às bruxas, estudados por Harry, Rony e Hermione na disciplina de História da Magia; com Rony deixando de falar com Hermione por acreditar que Bichento comeu Perebas; na condenação de Bicuço pelo Ministério da Magia; na forma como a sociedade bruxa do Reino Unido lida com Remo Lupin; e, sobretudo, na história de Sirius Black, que ficou detido por 12 anos em Azkaban sem julgamento e direito a um advogado de defesa.

Conforme analisado por Bethany Barratt, no livro *The Politics of Harry Potter* (2012, p. 38), a trama de Sirius indica aos leitores que "a lei dos bruxos permite a detenção regular de pessoas em Azkaban, o que certamente compreende punição em si, sem julgamento e com arranjos indefinidos para julgamento". Por outro lado, ela possibilita que façamos reflexões acerca de nosso sistema de justiça a partir do que foi criado por Rowling para a sua saga de fantasia. Com isso em mente, propomos as seguintes discussões:

A) Quais semelhanças e diferenças vocês observam entre o nosso sistema de justiça e o retratado nos livros de *Harry Potter*?

B) Na opinião de vocês, a narrativa de *Harry Potter* tece críticas sociais por meio da trama de Sirius Black? Em caso positivo, quais?

C) Quais são as percepções de vocês acerca da prisão de Azkaban e de seus guardas, os dementadores?

Tópico 6 – Professores de Hogwarts

Objetivos do tópico: discutir o perfil dos professores e da docência na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, tendo como foco os personagens: Remo Lupin, Rúbeo Hagrid e Sibila Trelawney.

O ensino em Hogwarts tem um papel relevante nos livros de *Harry Potter;* não apenas porque grande parte da narrativa se passa no ambiente escolar, mas também porque constitui uma peça fundamental para as ações dos personagens estudantes. Os conhecimentos que eles adquirem em sala de aula se tornam de suma importância para o desenvolvimento de suas habilidades mágicas e de suas aplicações na vida cotidiana.

Da prática de um feitiço básico, como o acender de uma fogueira, ao uso de feitiços de proteção que podem salvar vidas, tudo resulta, em grande medida, do que é ensinado e/ou possibilitado pelas aulas ministradas na escola de magia e bruxaria britânica. Assim, os professores não aparecem nos livros somente como personagens coadjuvantes, que dão uma veracidade ao ambiente escolar. Grande parte deles possui um papel realmente ativo na obra.

Com isso em mente, cabe lembrarmos que, em *O prisioneiro de Azkaban,* somos apresentados a três novos personagens que representam perfis distintos de profissionais da educação: Remo Lupin, o novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas; Rúbeo Hagrid, o novo professor de Trato das Criaturas Mágicas; e Sibila Trelawney, a professora de Adivinhação. A partir dos acontecimentos do terceiro romance de *Harry Potter* que envolvem esses personagens, propomos as seguintes questões:

A) Quais são as visões de vocês acerca desses três perfis de professores?

B) Como vocês interpretam as relações entre esses professores e os seus alunos?

C) Entre todos os personagens professores apresentados até então, quais são os melhores profissionais da educação em sua opinião? Por quê?

Tópico 7 – Remo Lupin e a licantropia

Objetivos do tópico: por meio do personagem Remo Lupin, que é um lobisomem, discutir os preconceitos com as minorias existentes no mundo mágico. Analisar as alegorias que J. K. Rowling criou para o HIV e a AIDS a partir da licantropia.

Remo Lupin, o novo docente da disciplina de Defesa Contra as Artes das Trevas, é apresentado como um dos melhores professores que Harry já teve. Contudo, em consequência do preconceito que os bruxos nutrem contra os lobisomens, ele acaba sendo obrigado a desistir de seu trabalho em Hogwarts, ao final do ano letivo. Em conto publicado no antigo *Pottermore,* em 2015, J. K. Rowling revelou que, ao criar a condição licantrópica do personagem, tinha em mente pessoas que vivem com o HIV e que são colocadas como párias em suas sociedades.

> Remo Lupin foi um dos meus personagens favoritos em toda a série. [...] A condição licantrópica de Lupin (ser um lobisomem) foi uma metáfora para aqueles que carregam o estigma de doenças como HIV e AIDS. Todos os tipos de superstições parecem permear condições sanguíneas por nascença, provavelmente devido aos tabus que envolvem o próprio sangue. A comunidade bruxa é tão propensa à histeria e ao preconceito quanto a comunidade trouxa, e o personagem de Lupin me deu a oportunidade de examinar tais atitudes. (Rowling, 2015b).

O surgimento do HIV e da AIDS, no início dos anos 1980, foi marcado por um alto índice de mortalidade, impulsionado também pelo preconceito e pela recusa de governos em lidar com a epidemia como uma questão de saúde pública. A partir de uma lógica LGBTQfóbica vigente no período, o vírus chegou a ser chamado

por líderes políticos e pela mídia de "câncer *gay*" e "castigo divino". Mesmo com casos de pessoas heterossexuais vivendo com o vírus também no início dos anos 1980, grupos sociais conservadores e a mídia teimavam, naquele momento, em afirmar que essa doença era inerente aos homens homossexuais.

Nos anos 1990 — quando Rowling iniciou a escrita dos livros de *Harry Potter* —, apesar de um maior conhecimento científico sobre o vírus e do desenvolvimento de antirretrovirais (medicamentos que dificultam a multiplicação do HIV), o preconceito ainda era grande na sociedade. Atualmente, essa realidade não mudou completamente. Não é incomum, por exemplo, encontrarmos líderes religiosos e/ou políticos em nosso país que continuam a falar em "câncer *gay*" e em "uma despesa para todos" quando lidam com esse tema.

Dessa forma, o paralelo que Rowling diz ter procurado fazer entre a forma como a sociedade bruxa lida com a licantropia de Lupin e como a nossa sociedade tratou e, em diversos setores sociais ainda trata, pessoas que vivem com o HIV, acaba por constituir um interessante ponto de partida para discutirmos experiências históricas do tempo presente. Ainda, independente de a interpretação proposta por Rowling, no conto *Remo Lupin*, ser aceita ou não pelos leitores, é inegável que a jornada de Lupin em *O prisioneiro de Azkaban* possibilita necessárias discussões sobre como uma sociedade hierárquica e preconceituosa coloca à margem, vilaniza e nega os direitos civis de grupos sociais vistos como minorias. Com isso em mente:

A) O que vocês acham da ideia de Rowling de fazer um paralelo entre a licantropia de Lupin e o HIV e a AIDS?

B) A sua interpretação acerca da jornada de Lupin em *O prisioneiro de Azkaban* mudou depois da leitura do conto *Remo Lupin*? Comente o porquê?

C) Quais outros grupos sociais, no mundo de *Harry Potter*, são deixados à margem da sociedade? Como vocês interpretam essas discussões presentes nos livros?

A4 – HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO (2000)

Tópico 1 – Experiência de leitura e releitura

Objetivos do tópico: comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Toda releitura é uma nova leitura, pois, a cada vez que relemos um livro, nos transformamos; uma nova leitura, uma nova pessoa. Sendo assim, é muito comum, a cada releitura, descobrirmos coisas que nos passaram despercebidas anteriormente; incomodarmo-nos com algumas situações ou personagens que antes costumávamos gostar (ou a quem éramos indiferentes); surpreendermo-nos positivamente com a qualidade da história; apaixonarmo-nos ou entendermos melhor alguns dos personagens que antes não gostávamos; e, mesmo em alguns casos, não acharmos mais aquele livro que tanto amávamos tão bom como inicialmente pensávamos ser. Diante disso, abrimos as discussões de *Harry Potter e o cálice de fogo* com as seguintes perguntas:

A) Como foi a experiência de releitura (e, para alguns, de primeira leitura) deste romance?

B) O que mais lhes chamou a atenção neste momento?

C) O que mudou? E o que não mudou?

Tópico 2 – A expansão do mundo mágico de *Harry Potter*

Objetivos do tópico: comentar a expansão do mundo mágico, ocorrida neste romance, com a introdução de instituições mágicas, nacionalidades bruxas e eventos esportivos que não tinham sido mencionados nos livros anteriores.

Em *Harry Potter e o cálice de fogo,* é dado início à expansão do Mundo Mágico. Isto é, passamos a conhecer vivências bruxas não somente para além de Hogwarts, Hogsmeade, Beco Diagonal e Toca, mas também externas ao Reino Unido (ou seja, da Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte). Por meio da Copa Mundial de Quadribol, temos uma apresentação e/ou menção a bruxas e bruxos de outras nacionalidades e, com a presença dos estudantes de Beauxbatons e Durmstrang em Hogwarts, passamos a conhecer um pouco sobre outras escolas de magia. Por conta disso, há uma mudança até na forma de apresentação do protagonismo de Hogwarts enquanto espaço narrativo: sua aparição acontece um tanto quanto de forma tardia — no capítulo 12 —, quando considerados os livros anteriores (em *A pedra filosofal,* ela aparece no capítulo 6; em *A câmara secreta,* no 5; e em *O prisioneiro de Azkaban,* também no 5). Tendo isso em mente:

A) Como vocês veem essa primeira expansão do mundo mágico?

B) Qual a opinião de vocês acerca de como são representadas as outras nacionalidades bruxas (levando em consideração, sobretudo, os búlgaros, escandinavos, franceses e brasileiros)?

Tópico 3 – Mídia e sensacionalismo

Objetivos do tópico: discutir as representações do jornalismo, do sensacionalismo midiático e das fake news presentes neste romance.

Na repórter Rita Skeeter, personagem introduzida neste quarto romance de *Harry Potter*, encontramos atitudes que representam um estilo de jornalismo sensacionalista existente no mundo não ficcional. Por definição, o sensacionalismo é o ato de divulgar matérias com o intuito de impressionar, indignar ou até mesmo escandalizar, com forte preocupação na dimensão do alcance daquela informação e não com a verdade. Nesse sentido, podemos fazer um paralelo entre o sensacionalismo e a Maldição Imperius: assim como a Maldição tem o intuito de controlar o pensamento de suas

vítimas, o sensacionalismo pretende fazer o mesmo com a emoção dos leitores. Isso porque, ao compor uma notícia sensacionalista, o jornalista escreve sobre determinado assunto na tentativa de exercer certo controle sobre o sentimento das pessoas, para que elas "comprem" um discurso estabelecido. A partir dessa breve contextualização, propomos uma discussão sobre os seguintes pontos:

A) Levando em conta que todo personagem é criado pelo seu autor com o objetivo de que cumpra determinado papel, como vocês encaram a introdução de Skeeter na narrativa e como entendem a sua importância na obra?

B) Fora da ficção, muitos jornalistas acabam por aderir à prática sensacionalista. Vocês concordam com a forma com que Skeeter é descrita para a retratação desse tipo de profissional?

C) A jornalista possui um instrumento que é chamado de "pena de repetição rápida". O que vocês acham que esse artefato mágico simboliza ao compararmos suas funções na obra com o mundo real?

Tópico 4 – O amadurecimento de Harry

Objetivos do tópico: discutir o amadurecimento psicológico, emocional e social de Harry, abordando temas como sexualidade, relações interpessoais e escolhas frente aos desafios da vida.

Na dissertação de mestrado intitulada *Leitores e leituras de Harry Potter* (2019), a pesquisadora brasileira Beatriz Masson Francisco aponta a possibilidade de interpretação dos livros de *Harry Potter* como romances de formação. Esse tipo de romance, surgido no final do século XVIII, com a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, costuma retratar

> […] o período de amadurecimento de um jovem protagonista e como ele aprende a lidar com sua interioridade frente às adversidades do mundo. […] É interessante observarmos como o conceito

> de tempo aparece de forma bem-marcada aqui: a juventude não dura para sempre, já que o tempo passa e as pessoas envelhecem. O romance de formação retrata especificamente esse fragmento temporal da vida de seus personagens e seu enredo trata da forma como a passagem do tempo dentro de uma determinada sociedade influencia na mudança e no amadurecimento de seus personagens. Mudança e amadurecimento, aqui, têm a ver com o fato de o indivíduo aceitar sua própria multiplicidade, no sentido de que ele não será o mesmo desde o começo até o fim da sua vida" (Francisco, 2019, p. 41).

Ao compararmos o Harry de *O cálice de fogo* com o Harry de *A pedra filosofal* (assim como a Hermione e o Rony), de fato, podemos observar a presença de características intrínsecas aos romances de formação, pois, se a cada novo livro, o narrador frisa o quanto Harry cresceu em altura, ele também o apresenta tomando atitudes e tendo novos sentimentos que são impulsionados por certo amadurecimento psicológico. Por exemplo, em *O prisioneiro de Azkaban*, quando Harry tem 13 anos de idade, a narrativa começa a trabalhar com o florescimento de sua sexualidade, em passagens como: "Cho sorriu para ele [Harry] quando os times ficaram frente a frente, atrás dos capitães, e o garoto sentiu uma ligeira pulsação na região do baixo ventre que ele achou que não tinha relação alguma com seu nervosismo" (*O prisioneiro de Azkaban*, p. 211). Já em *O cálice de fogo*, o seu interesse romântico por Cho o faz convidá-la para ser seu par no Baile de Inverno, enquanto no próximo livro, *A Ordem da Fênix*, Harry, com 15 anos, dá o seu primeiro beijo em uma garota.

Para além da forma gradual com que Harry vivencia a sua heterossexualidade, o modo como ele lida com os tios (a cada livro tornando-se mais irônico e debochado) e com o aprendizado da magia, assim como as escolhas que faz frente aos desafios que lhe são impostos, também são exemplos de como agora encontramos um Harry mais maduro do que aquele que conhecemos quando ainda dormia no armário sob a escada. Partindo desse olhar interpretativo:

A) Para vocês, é realista a forma com que a narrativa dos livros apresenta o amadurecimento de Harry? Por quê?

B) Como vocês veem o modo com que os livros abordam o amadurecimento sexual de Harry e de seus colegas?

C) Vocês vivenciaram experiências semelhantes às de Harry de *O cálice de fogo* quando tinham seus 14 anos de idade? Em caso positivo, fale um pouco sobre elas.

Tópico 5 – F.A.L.E. e a militância de Hermione

Objetivos do tópico: discutir a militância política da personagem Hermione em prol da liberdade dos elfos domésticos e analisar como a narrativa constrói o debate sobre liberdade versus escravidão.

Conforme analisado durante as discussões do romance *A câmara secreta*, o personagem Dobby viveu em situação de escravidão até que, com o auxílio de Harry, ganhou a liberdade. No mundo bruxo, como também discutimos na ocasião, a escravização está atrelada à crença na existência de espécies racialmente superiores e inferiores. Nesse contexto, apesar de possuir relevante poder mágico, Dobby era visto como uma criatura inferior pelos Malfoy e acabou por sofrer esse indigno destino. Agora, no quarto romance de *Harry Potter*, fica explícito que Dobby não constitui um caso isolado: todos os elfos domésticos que habitam o Reino Unido mágico, inclusive os que moram em Hogwarts, são escravizados. Isso é debatido, por exemplo, nos momentos em que são descritas a tomada de consciência de Hermione acerca da situação e, sobretudo, a criação, pela personagem, do Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos (F.A.L.E).

> — Mas eles recebem *salário*? — perguntou ela. — Têm *férias*, não têm? Licença médica, aposentadoria e todo o resto?

> Nick Quase Sem Cabeça deu gargalhadas tão gostosas que sua gola de tufos escorregou, e a cabeça despencou para o lado e ficou balançando nos poucos centímetros de pele e músculo fantasmais que ainda a ligavam ao pescoço.
> — Licença para tratamento médico e aposentadoria? — repetiu ele, puxando a cabeça de volta aos ombros e prendendo-a mais uma vez com a gola. — Elfos domésticos não querem licenças nem aposentadorias.
> Hermione olhou para o prato de comida em que mal tocara, juntou os talheres e afastou-o.
> — Ora, vamos, Mi-oinc — disse Rony, cuspindo, sem querer, fragmentos de pudim de carne em Harry. — Opa... desculpe, Harry... — E engoliu. — Você não vai arranjar licenças para eles deixando de comer!
> — Trabalho escravo — disse a garota, respirando com força pelo nariz. — Foi isso que preparou este jantar. *Trabalho escravo*.
> E recusou-se a continuar a comer.
> […]
> — F-A-L-E! — corrigiu-o Hermione irritada. — Eu ia pôr "Fim ao Abuso Ultrajante dos Nossos Irmãos Mágicos" e "Campanha para Mudar sua Condição", mas não dava certo. Então F.A.L.E. é o título do nosso manifesto.
> Ela brandiu um rolo de pergaminho para os garotos.
> — Andei pesquisando minuciosamente na biblioteca. A escravatura dos elfos já existe há séculos. Custo a acreditar que ninguém tenha feito nada contra ela até agora.
> — Hermione, abra bem os ouvidos — disse Rony em voz alta. — Eles. Gostam. Disso. *Gostam* de ser escravizados! (Rowling, 2001, p. 148; 180).

Por meio desses e de outros excertos presentes na obra, é visível que essa trama não busca apresentar os elfos domésticos como alegorias aos povos africanos que foram escravizados na América, por exemplo. Pelo contrário, ela apresenta a instituição da escravidão — que existiu em diferentes períodos históricos e sociedades — de maneira geral e dentro das regras próprias do mundo de fantasia de *Harry Potter*. Contudo, por discutir esse violento sistema, acaba por levantar um ponto caro a nós, brasileiros, visto o impacto que a instituição da escravidão causou em nossa sociedade e continua a causar. Diante disso:

A) O que vocês acham da forma como o tema da escravidão é apresentado nos livros de *Harry Potter?*

B) Como vocês interpretam o fato de que, com exceção de Dobby, todos os demais elfos domésticos foram construídos como personagens leais aos seus senhores, servis e contra a conquista de suas liberdades?

C) O que vocês acham da forma como a narrativa apresenta o F.A.L.E e trabalha com a militância de Hermione em prol da libertação dos elfos?

Observação: Para a discussão deste tópico, leve em consideração os acontecimentos de *O cálice de fogo* e, também, os seus conhecimentos acerca dos enredos de *A câmara secreta, A Ordem da Fênix*, *O enigma do príncipe* e *As relíquias da morte*.

Tópico 6 – Os comensais da morte

Objetivos do tópico: analisar e discutir as atitudes dos comensais da morte; refletir sobre a ideologia que sustenta as ações desse grupo e compará-los a organizações supremacistas reais (como a Ku Klux Klan, nos Estados Unidos). Refletir sobre os impactos do racismo no mundo bruxo e sua possível relação com eventos históricos e contemporâneos no mundo real.

Em *O cálice de fogo,* conhecemos os comensais da morte, o grupo de bruxos que é composto pelos mais fiéis seguidores de Lord Voldemort. Conforme podemos observar no excerto abaixo, na primeira vez em que aparecem na narrativa, suas atitudes já deixam claro o que eles pensam dos trouxas.

> Um grupo compacto de bruxos, que se moviam ao mesmo tempo e apontavam as varinhas para o alto, vinha marchando pelo acampamento. Harry apertou os olhos para enxergá-los… não pareciam ter rostos… então ele percebeu que tinham as cabeças encapuzadas e os rostos mascarados. No alto, pairando sobre ele no ar, quatro figuras se debatiam, forçadas a assumir formas grotescas. Era

> como se os bruxos mascarados no chão fossem titereiros, e as pessoas no alto, marionetes movidas por cordões invisíveis que subiam das varinhas erguidas. Duas das figuras eram muito pequenas.
> […] As pessoas no ar foram repentinamente iluminadas ao passarem sobre uma barraca em chamas, e Harry reconheceu uma delas — o Sr. Roberts, o gerente do acampamento. As outras três, pelo jeito, deviam ser sua mulher e seus filhos. Um dos arruaceiros virou a Sra. Roberts de cabeça para baixo com a varinha; a camisola dela caiu deixando à mostra suas enormes calças; ela tentava se cobrir enquanto a multidão embaixo dava guinchos e vaias de alegria.
> — Que coisa doentia — murmurou Rony, observando a menor das crianças trouxas, que começara a rodopiar feito um pião, quase vinte metros acima do chão, a cabeça sacudindo molemente de um lado para outro. — Que coisa realmente doentia… (Rowling, 2001, p. 98-99).

A partir desse episódio, ocorrido na final da Copa Mundial de Quadribol e das demais ações que os comensais da morte realizam quando do retorno de Voldemort ao Reino Unido, propomos as seguintes discussões:

A) Qual ideologia, existente no mundo bruxo, dá respaldo às ações dos comensais da morte? Vocês consideram como positiva ou como negativa essa ideologia? Por quê?

B) Como vocês classificam este grupo de seguidores de Voldemort? E qual / quais palavras melhor descrevem, na leitura de vocês, as ações que eles cometem?

C) Em nosso mundo real, existiram e/ou existem grupos que podemos comparar aos comensais da morte? Em caso positivo, qual / quais que vem/vêm na mente de vocês neste momento?

Tópico 7 – Representatividades étnico-raciais

Objetivos do tópico: discutir a escassez de diversidade étnico-racial nos livros de Harry Potter e, a partir de Parvati Patil, Padma

Patil e Cho Chang, analisar como personagens não brancas são apresentadas na narrativa. Debater a importância de se ter representações inclusivas e realistas, em obras de ficção, de sujeitos historicamente marginalizados em nossas sociedades.

Nos últimos anos, as discussões sobre representatividades sexuais, de gênero e étnico-raciais têm ganhado crescente visibilidade, tanto no campo acadêmico quanto nas plataformas de redes sociais. Esses debates são frutos, em particular, de críticas formuladas por grupos sociais historicamente marginalizados e/ou representados de maneira estereotipada. Tais críticas não reivindicam apenas a inclusão de personagens diversos nas produções literárias e artísticas, mas, sobretudo, a construção de narrativas que confiram agência, protagonismo e imagens realistas aos personagens representativos de sujeitos subalternizados nas sociedades contemporâneas. Nesse contexto, a representatividade é entendida como a qualidade de uma representação, o que implica que o foco do debate não recai exclusivamente sobre *quem* é representado, mas também sobre *como* essa representação se dá.

À luz dessas questões, a escassez de diversidade étnico-racial em *Harry Potter* tem sido um ponto de crítica por parte de alguns dos fãs e estudiosos da obra. Ao longo dos sete romances, entre os mais de cem personagens apresentados, apenas cinco são descritos explicitamente como negros (Agouro, Angelina Johson, Blásio Zabini, Lino Jordan e Kingsley Shacklebolt), dois como pardos (Padma e Parvati Patil, cujos nomes e sobrenomes indicam uma possível origem anglo-indiana) e um como amarelo (Cho Chang, em que nome e sobrenome sugerem uma origem anglo-chinesa ou anglo-coreana). Além de constituírem uma minoria em um universo narrativo dominado por personagens brancos, as histórias desses personagens raramente são exploradas com profundidade na trama.

Visto que, em *O cálice de fogo*, três dessas personagens não brancas ganham certa relevância, seja por irem ao Baile de Inverno com Harry e Rony (Parvati e Padma, respectivamente) ou por serem o interesse romântico de Harry (Cho), torna-se oportuno discutirmos a temática da representatividade étnico-racial neste momento. Para isso, trazemos excertos de uma análise realizada pela

pesquisadora em Literatura Infantil e Literatura Inglesa, Soma Das, sobre as irmãs Patil e Cho, publicada como um dos capítulos da coletânea *Inside the World of Harry Potter* (2018), organizada por Christopher E. Bell.

> Como na maioria das escolas britânicas, estudantes de origem étnica indiana estão presentes aqui [por meio das irmãs Patil]. No entanto, se isso reflete um corte transversal da sociedade britânica, por que não há mais estudantes ou funcionários de Hogwarts de diferentes cores (sic)? […] Este ensaio argumenta que as irmãs Patil não podem ser interpretadas como personagens que introduzem mudanças radicais e positivas em termos de representação racial de personagens minoritários de pele parda. Elas podem ser vistas operando dentro da premissa de manter o *status quo*, reforçando estereótipos de gênero e raciais, além de práticas de tokenismo. […] Elas estão quase sempre à margem de Harry Potter ou de outros personagens. A narrativa transmite a ideia de que elas são boas, mas sempre com um potencial de serem ofuscadas. No Baile de Inverno, elas são descritas como "as garotas mais bonitas do ano". No entanto, a perspectiva muda e Hermione as ofusca. A garota branca por excelência monopoliza os holofotes por sua mágica transformação de patinho feio a bela. […] O profundo interesse de Parvati em Adivinhação — que envolve a arte de prever o futuro lendo folhas de chá, por exemplo —, quando discutido em conjunto com as gêmeas recebendo nomes de Deusas hindus indianas, pode ser interpretado como uma forma de reforçar um estereótipo racial. Também é uma referência ao estereótipo cultural de que os indianos estariam interessados em astrologia e no funcionamento das forças divinas […] Parvati, com toda uma carga de estereótipos raciais atribuídos em sua caracterização, não desperta nenhum interesse em Harry, seja romântico ou de outra natureza. Ela é contraposta a outra garota asiática, Cho Chang, pela qual Harry tem tesão. A alteridade racial aqui assume uma dupla postura. O posicionamento é tal que o menino branco se interessa pela outra menina asiática que não é narrada como parda. Assim, ela se torna a Outra para o branco Harry e representa seu interesse passageiro, aventureiro e adolescente pelo 'exótico Oriente'. Isso se torna ainda mais evidente quando o interesse amoroso final de Harry, com quem ele acaba se casando, é a garota branca, Gina Weasley (Das, 2018, p. 71, 72, 77, 82, 89).

Considerando a contextualização previamente apresentada e o conhecimento que vocês possuem sobre o enredo dos livros, gostaríamos que respondessem as seguintes questões:

A) O que vocês acham da análise proposta por Soma Das?

B) Na opinião de vocês, por que há uma escassez de diversidade étnico-racial nos livros de *Harry Potter*?

C) Acreditam ser importante discutirmos sobre as representatividades étnico-raciais em *Harry Potter*? Por quê?

A5 – HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX (2003)

Tópico 1 – Experiência de leitura e releitura

Objetivos do tópico: comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Toda releitura é uma nova leitura, pois, a cada vez que relemos um livro, nos transformamos; uma nova leitura, uma nova pessoa. Sendo assim, é muito comum, a cada releitura, descobrirmos coisas que nos passaram despercebidas anteriormente; incomodarmo-nos com algumas situações ou personagens que antes costumávamos gostar (ou a quem éramos indiferentes); surpreendermo-nos positivamente com a qualidade da história; apaixonarmo-nos ou entendermos melhor alguns dos personagens que antes não gostávamos; e, mesmo em alguns casos, não acharmos mais aquele livro que tanto amávamos tão bom como inicialmente pensávamos ser. Diante disso, abrimos as discussões de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* com as seguintes perguntas:

A) Como foi a experiência de releitura (e, para alguns, de primeira leitura) deste romance?

B) O que mais lhes chamou a atenção neste momento?

C) O que mudou? E o que não mudou?

Tópico 2 – Mudanças no mundo bruxo

Objetivos do tópico: analisar as mudanças que estão sendo feitas no governo mágico britânico pelo personagem Cornélio Fudge (Ministro da Magia) e discutir as representações de um governo ditatorial que se faz presente neste quinto romance.

Os inícios dos romances de *Harry Potter* são, de modo geral, marcados por incidentes mágicos envolvendo Harry e os Dursleys. Se, nos quatro primeiros livros, tais incidentes possuem um tom cômico (cartas invadindo o nº 4, da Rua dos Alfeneiros; Dobby destruindo um bolo; Tia Guida sendo inflada; e Arthur Weasley destruindo a lareira dos Dursleys), no quinto, percebemos que há toda uma carga dramática, já que Harry e Duda correm o risco de terem suas almas sugadas por dementadores. Tal acontecimento dá o tom para o que veremos nas páginas seguintes, com Harry e Dumbledore sendo desacreditados e perseguidos pelo Ministério da Magia; O Ministério interferindo em Hogwarts; Harry sendo torturado por Umbridge; e, no final da trama, um dos personagens mais queridos pelos fãs — e um dos mais importantes para Harry — sendo assassinado. Há tantos temas e passagens densas que, às vezes, pode parecer que o mundo mágico que nos é apresentado neste quinto romance não é o mesmo que conhecemos nos quatro livros anteriores. Diante disso:

A) Como vocês veem o mundo mágico apresentado em *A Ordem da Fênix*? É o mesmo dos livros anteriores? Em caso negativo, o que mudou?

B) O que está acontecendo neste mundo que faz com que Harry sofra nas mãos de Dolores Umbridge?

Tópico 3 – A relação entre Sirius e Harry

Objetivos do tópico: debater a ligação afetiva entre Harry e o seu padrinho, Sirius Black, e os impactos que o assassinato de Sirius tem na vida de Harry.

O profundo amor de Sirius por Harry é evidente ao longo de todo o quinto romance de *Harry Potter*. Ao conhecermos um pouco mais sobre a família Black e alguns pontos da juventude de Sirius, entendemos melhor as raízes desse sentimento: Sirius cortou relações com sua família quando tinha dezesseis anos e foi acolhido por seu melhor amigo, Tiago, pai de Harry. A ruptura da relação de Sirius com seu afilhado é um ponto importante na saga e, para muitos fãs, a morte do padrinho de Harry é uma das mais dolorosas da obra.

J.K. Rowling, porém, argumenta que a morte de Sirius é importante para o desenvolvimento do personagem Harry e destaca a relevância desse acontecimento para a trama: "[...] é mais satisfatório para o leitor, eu acho, se o herói [Harry] tem que continuar sozinho e lhe dar muito apoio [Sirius] torna o trabalho dele muito fácil, desculpe". De fato, com a partida do padrinho, Harry aprende lições importantes sobre perda e, nos dois livros seguintes, percebemos a importância do acontecimento para a jornada desse personagem.

Com isso em mente, propomos as seguintes questões para discussão:

A) Quais são as semelhanças entre Sirius e Harry?

B) Como vocês encaram o fato de Sirius ver Tiago em Harry? Qual a percepção de vocês acerca da relação entre os dois?

C) Em sua opinião, como a morte de Black afeta a trama?

Observação: a entrevista citada acima (em inglês) pode ser acessada em: http://news.bbc.co.uk/cbbc-news/hi/newsid_4690000/newsid_4690800/4690885.stm

Tópico 4 – Representatividades femininas

Objetivos do tópico: analisar, do ponto de vista da representatividade, as construções narrativas das personagens: Hermione Granger, Gina Weasley, Luna Lovegood, Minerva McGonagall, Molly Weasley, Ninfadora Tonks e Dolores Umbridge.

Foi no início dos anos 2000 que surgiram, em países como Estados Unidos e Reino Unido, os primeiros estudos acadêmicos dedicados à análise de *Harry Potter*. Nesse período, uma parcela significativa desses trabalhos adotava abordagens predominantemente pejorativas, buscando evidenciar uma suposta inferioridade das obras de J. K. Rowling como literatura. Sem sombra de dúvidas, entre os principais representantes dessa linha crítica, esteve Harold Bloom, renomado crítico literário estadunidense e figura influente nos estudos shakespearianos. Em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, em janeiro de 2003, por exemplo, Bloom afirmou que *Harry Potter* "era uma das obras mais mal escritas" que ele lera em anos e que se sentia "horrorizado pelo fato de ser o livro mais popular entre os jovens do mundo todo".

Em contraste, estudos que se distanciaram dessa perspectiva depreciativa, buscaram evitar a reprodução de preconceitos associados ao caráter jovem adulto dos livros e sua crescente popularidade. Entre essas análises, destacaram-se as contribuições de cientistas sociais, como Elizabeth Heilman, docente da Michigan State University, que iniciaram importantes debates sobre as representações de gênero na série.

A título de exemplo, no capítulo *Blue Wizards and Pink Witches: Representations of Gender Identity and Power* ("Bruxos azuis e bruxas rosas: representações de identidade de gênero e poder", em tradução livre), publicado em 2003, Heilman levantou discussões sobre o tratamento das personagens femininas por Rowling; questionou, entre outras coisas, o porquê de Hermione Granger ser descrita como "encolhida contra a parede, prestes a desmaiar" e "afundada no chão de tanto medo" durante o confronto com o trasgo em *A pedra filosofal*; e observou que, o fato de Hermione necessitar ser salva por Harry e Rony, bem como a tendência de os

personagens masculinos "raramente chorarem ou se tocarem" e a "morte ser uma ocasião para explosões emocionais femininas, e não masculinas" — como narrado em *O cálice de fogo*, ao descrever apenas meninas "gritando, soluçando, histéricas" após a morte de Cedrico Diggory —, evidenciaram a presença de discursos normativos e sexistas nos quatro primeiros livros da série.

Não há comprovação de que Rowling tenha tido acesso a análises críticas, como a de Heilman, publicadas à época. No entanto, nota-se que as representatividades femininas ganham novas abordagens a partir do quinto volume de *Harry Potter*. Nos livros anteriores, embora personagens como Hermione Granger, Gina Weasley, Minerva McGonagall e Molly Weasley desempenhem papéis importantes, o número de personagens femininas e suas relevâncias narrativas são significativamente inferiores em comparação aos do gênero masculino. Além disso, os espaços ocupados por essas mulheres são relativamente limitados ao lar ou ao ambiente escolar — algo que começa a mudar em *A Ordem da Fênix,* com a introdução de personagens como Ninfadora Tonks e Dolores Umbridge.

Com base nessas considerações, propomos as seguintes reflexões:

A) Sendo representatividade a qualidade de uma representação, como vocês analisam as construções das personagens femininas nos quatro primeiros livros de *Harry Potter*?

B) Como vocês interpretam a introdução das personagens Luna Lovegood, Ninfadora Tonks e Dolores Umbridge em *A Ordem da Fênix*? E o que acham de suas construções enquanto personagens do gênero feminino?

C) Acreditam que personagens como Hermione Granger, Minerva McGonagall, Molly Weasley e Gina Weasley passaram a desempenhar papéis mais expressivos a partir de *A Ordem da Fênix*? Por quê?

Tópico 5 – Ensino e aprendizagens

Objetivos do tópico: debater o novo ensino em Hogwarts, sob a égide da ditadura de Cornélio Fudge, e os discursos sobre exames e aprendizagens que passam a ser propagados pelo Ministério da Magia, por meio da figura de Dolores Umbridge.

Conforme discutido no tópico anterior, a obra *A Ordem da Fênix* apresenta a personagem Dolores Umbridge. Nomeada pelo Ministério da Magia como a nova professora de Defesa Contra as Artes das Trevas, essa figura deixa explícita a sua função como os olhos do Ministério em Hogwarts já no primeiro pronunciamento que faz aos estudantes e demais funcionários da escola. Posteriormente, ao ser designada Alta Inquisidora de Hogwarts, um cargo especialmente instituído pelo Ministro da Magia, Cornélio Fudge, Umbridge passa a exercer amplo controle sobre os aspectos administrativos e pedagógicos da instituição. Suas decisões, portanto, começam a afetar não apenas a rotina acadêmica, mas também a vida pessoal de todos os discentes e docentes. Esse enredo suscita reflexões sobre os propósitos da educação e evidencia como os sistemas educacionais podem ser instrumentalizados para servir interesses políticos — neste caso, alinhados a uma agenda conservadora e autoritária.

Diante dessas considerações, propomos as seguintes questões:

A) Quais eram os propósitos do ensino mágico antes das intervenções de Dolores Umbridge em Hogwarts? De que maneira as práticas pedagógicas e administrativas foram alteradas após ela assumir a disciplina de defesa contra as artes das trevas?

B) As ações de Cornélio Fudge e Umbridge impactaram exclusivamente o ambiente interno de Hogwarts ou tiveram consequências mais amplas na sociedade bruxa? Por quê?

C) É possível estabelecer um paralelo entre o sistema educacional retratado em *A ordem da Fênix* e os desafios enfrentados atualmente por educadores e estudantes? Em caso positivo, forneçam exemplos que ilustrem essas similaridades.

Tópico 6 – Resistências estudantis

Objetivos do tópico: analisar a Armada de Dumbledore — grupo de estudos criado por Hermione, Harry e Rony — enquanto resistência estudantil aos desmandos ditatoriais do Ministério da Magia.

As intervenções de Dolores Umbridge e Cornélio Fudge no ensino em Hogwarts, especialmente na disciplina de Defesa Contra as Artes das Trevas, comprometem a formação dos estudantes. Preocupada com o aprendizado escolar e com o iminente confronto contra Lord Voldemort, Hermione propõe a Harry ensinar aos colegas os conteúdos negligenciados por Umbridge. Assim, com o aval do amigo e apoio de Rony, ela organiza uma reunião com outros 25 alunos interessados em desenvolver habilidades práticas para a autoproteção das ameaças presentes no mundo mágico.

Inicialmente, esse novo grupo de estudos configura-se como uma associação legal. Porém, ao tomar conhecimento de sua existência, Umbridge e Fudge tornam a organização ilegal por meio do Decreto da Educação nº 24, que dissolve grupos estudantis e exige a aprovação da Alta Inquisidora para novos encontros. Consciente da arbitrariedade e ilegitimidade do novo decreto ministerial, Harry o desobedece e decide dar continuidade ao grupo que, mediante a sugestão de Gina Weasley, passa a se chamar Armada de Dumbledore (A.D.).

No livro *Desobediência civil: direito fundamental* (2004, p. 293), Maria Garcia explica que a recusa consciente em acatar leis ou deliberações de autoridade "ofensivas à ordem constitucional ou aos direitos e garantias fundamentais" com o objetivo de proteção "das prerrogativas inerentes à cidadania" constitui um ato de desobediência civil. A desobediência civil aqui praticada pelos membros da A.D. é direcionada, contudo, ao Decreto da Educação nº

24. Notem que, inicialmente, a A.D. não questiona a legitimidade de Umbridge e do Ministério em si. No entanto, a nomeação de Umbridge como diretora, pelo Decreto nº 28, altera a dinâmica: atos como os protestos liderados pelos gêmeos Weasleys refletem a transição do grupo de uma iniciativa educacional no âmbito da desobediência civil para um movimento de resistência política.

A caracterização dessa nova fase da A.D. como tal encontra respaldo em estudos acadêmicos como *Das obrigações políticas: ensaios sobre a desobediência, guerra e cidadania* (1977), do filósofo estadunidense Michael Walzer, e *Dicionário de política* (2007), do filósofo e historiador italiano Norberto Bobbio. Walzer entende que a principal diferença entre a desobediência civil e a resistência reside no fato de que, enquanto a primeira se volta contra medidas políticas específicas, a segunda busca a extinção da ordem vigente. Bobbio (2007, p. 1115), por sua vez, informa que a resistência nasce "como fenômeno espontâneo, de um ato voluntário ou da conscientização de indivíduos e pequenos grupos, dispostos a rebelar-se". No sentido lexical, continua Bobbio (2007, p. 1114), a resistência "trata-se mais de uma reação que de ação, de uma defesa que de uma ofensiva, de uma oposição que de uma revolução".

Nessa linha, nos capítulos finais de *A Ordem da Fênix*, além da oposição à administração escolar de Dolores Umbridge, membros da A.D. se colocam abertamente contra Voldemort e os comensais da morte. A partir dessas considerações, trazemos as seguintes perguntas:

A) Na visão de vocês, quais mensagens a narrativa de *A Ordem da Fênix* transmite aos leitores por meio da trama que envolve a Armada de Dumbledore?

B) Vocês veem como algo positivo *Harry Potter* apresentar uma organização estudantil que se torna um movimento de resistência? Por quê?

C) É possível estabelecer paralelos entre a Armada de Dumbledore e movimentos políticos históricos ou contemporâneos do Brasil?

Em caso positivo, forneçam exemplos que evidenciem tais similaridades.

Tópico 7 – Trauma e sofrimento

Objetivos do tópico: debater a construção de Harry enquanto personagem que, neste livro, passa por transtorno de estresse pós-traumático.

Acontecimentos relacionados a trauma, luto e sofrimento não são exclusivos de *A Ordem da Fênix*. Desde o primeiro volume, Harry é apresentado como um personagem que vivencia situações profundamente traumáticas. Conforme discutido anteriormente, após o assassinato de seus pais, ele é criado por tios abusivos que o submetem a condições de privação de liberdade e servidão por aproximadamente dez anos. Em *O cálice de fogo*, Harry testemunha o assassinato de um colega, o que reforça o contínuo contato do protagonista com episódios de violência. Contudo, em *A Ordem da Fênix,* é que sua experiência de sofrimento atinge um novo patamar de intensidade, marcando um ponto de inflexão em sua trajetória.

Nesse momento, as angústias e os dilemas internos de Harry se tornam mais evidentes, frequentemente manifestando-se em interações ríspidas com os amigos — notadamente, nas passagens em que suas falas aparecem em caixa alta. Assim, o comportamento do protagonista ao longo desta obra revela muito sobre sua complexa personalidade e evidencia as cicatrizes emocionais que ele carrega.

Entretanto, Harry não é o único a enfrentar adversidades nesse livro. Neville Longbottom, por exemplo, convive com o impacto de ter pais vivos, mas permanentemente incapacitados, devido à tortura infligida por comensais da morte. Sirius Black partilha com Harry um histórico de perdas e dores profundas. Cho Chang e Luna Lovegood, cada uma à sua maneira, lida com o luto: a primeira, pela perda de Cedrico Diggory; a segunda, pelo falecimento precoce da mãe. Embora os traumas sejam de naturezas diversas, todos esses personagens estão imersos num universo permeado por dor e luto.

Diante desse contexto, trazemos as seguintes questões:

A) Qual é a opinião de vocês acerca de como Harry é apresentado ao longo de *A Ordem da Fênix*?

B) Como vocês interpretam as diferentes representações de traumas, luto e sofrimentos presentes neste quinto romance?

C) Como está sendo, para vocês, vivenciar um episódio histórico como o da pandemia de covid-19? O que têm feito para lidarem com esse momento de adversidade?

A6 – HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRÍNCIPE (2005)

Tópico 1 – Experiência de leitura e releitura

Objetivos do tópico: comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Toda releitura é uma nova leitura, pois, a cada vez que relemos um livro, nos transformamos; uma nova leitura, uma nova pessoa. Sendo assim, é muito comum, a cada releitura, descobrirmos coisas que nos passaram despercebidas anteriormente; incomodarmo-nos com algumas situações ou personagens que antes costumávamos gostar (ou a quem éramos indiferentes); surpreendermo-nos positivamente com a qualidade da história; apaixonarmo-nos ou entendermos melhor alguns dos personagens que antes não gostávamos; e, mesmo em alguns casos, não acharmos mais aquele livro que tanto amávamos tão bom como inicialmente pensávamos ser.

Diante disso, abrimos, as discussões de *Harry Potter e o enigma do príncipe* com as seguintes perguntas:

A) Como foi a experiência de releitura (e, para alguns, de primeira leitura) deste romance?

B) O que mais lhes chamou a atenção neste momento?

C) O que mudou? E o que não mudou?

Tópico 2 – A vida e as mentiras de Tom Marvolo Riddle

Objetivos do tópico: debater as construções do personagem Tom Marvolo Riddle / Lord Voldemort enquanto principal vilão da saga e comparar as semelhanças entre seu passado e o de Harry.

Em *O enigma do príncipe,* recebemos respostas para alguns dos mistérios que a narrativa de *Harry Potter* vinha nos apresentando desde *A pedra filosofal*. Entre essas revelações, sem dúvida, a mais intrigante e surpreendente é a que está relacionada à forma com que Lord Voldemort, supostamente, conseguiu vencer a morte. A estratégia narrativa adotada por Rowling para nos contar esse segredo é bastante interessante, pois se baseia na premissa de que "conhecer o passado é fundamental para compreender o presente".

Por meio de memórias depositadas na penseira, um objeto mágico que permite acessar e reviver recordações, a autora conduz Harry — e, por consequência, os leitores — a uma espécie de viagem no tempo, oferecendo segmentos cruciais da vida de Tom Marvolo Riddle e revelando as mentiras e manipulações que este utilizou ao longo de sua primeira ascensão ao poder. Essa imersão no passado do vilão não só expõe as complexidades de sua jornada, como também permite a Harry compreender que, embora Voldemort tenha se mostrado um ser quase imbatível até aquele momento, a vitória sobre ele, ainda que desafiadora, é um objetivo alcançável.

A compreensão do passado de Voldemort, portanto, oferece pistas fundamentais para a sua derrota no presente. Tendo isso em mente:

A) Qual é a leitura de vocês acerca da construção de Lord Voldemort enquanto vilão?

B) Quais diferenças e semelhanças há entre Tom Marvolo Riddle e Lord Voldemort?

C) Em sua opinião, existem semelhanças entre o passado de Harry e o passado de Voldemort? Em caso positivo, quais?

Tópico 3 – Passado e presente

Objetivos do tópico: por meio da trama da penseira e das aulas que Harry passa a ter com Dumbledore, discutir a importância da memória e do passado para a compreensão do presente, tanto na narrativa de Harry Potter, quanto em nosso mundo real.

Ao longo da leitura dos livros de *Harry Potter*, o leitor pode identificar uma série de personagens que suprimem suas memórias devido à vergonha, ao medo ou à dor. Harry, por diversas vezes, evita rememorar acontecimentos passados. Porém, ao olhar para antigas memórias e lidar com a dor da perda de seus pais, de seu padrinho e até mesmo de Cedrico, acaba conseguindo processar o luto e obter motivação para evitar, no futuro, a morte de outras pessoas próximas a ele.

Em *Harry Potter e o enigma do príncipe*, o ato de confrontar o passado se torna um dos temas-chave da narrativa. Já em seu início, por exemplo, há a introdução de um personagem que representa muito bem essa temática: Horácio Slughorn. Esse novo professor de poções, não querendo lidar com algumas das questões de seu passado, escolhe deliberadamente suprimir memórias relacionadas a eventos e escolhas que, a seu ver, podem comprometer sua reputação ou trazer-lhe arrependimentos. Essa ação de ocultar uma de suas memórias, no entanto, acaba criando um obstáculo para Dumbledore e Harry, que buscam desvendar os segredos de Lord Voldemort.

Ao longo da saga, portanto, a memória, assim como a falta ou supressão dela, se torna um mecanismo de controle e proteção, mas também de fuga e negação. Nesse contexto, propomos os seguintes pontos para discussão:

A) Até que ponto o ato de suprimir memórias pode ser visto como uma forma legítima de autodefesa e em que medida isso pode interferir no processo de entendimento e resolução de conflitos, tanto pessoais quanto coletivos?

B) Você acredita que existem consequências quando não confrontamos o passado? Temos algum exemplo disso na narrativa do sexto romance de *Harry Potter*?

C) Quais revelações do passado (que foram apresentadas até esse ponto da narrativa) vocês acham que foram decisivas para entendimento e confronto do presente?

Tópico 4 – Severo Snape: um anti-herói?

Objetivos do tópico: analisar as construções de Severo Snape enquanto personagem que se enquadra no arquétipo de anti-herói.

A jornada de Severo Snape atinge um ponto crucial em *O enigma do príncipe*. Embora o Mestre de Poções tenha sido introduzido na narrativa já no primeiro livro da série, *A pedra filosofal*, é neste sexto volume que surgem elementos cruciais que lançam luz sobre suas escolhas. O próprio subtítulo da obra, tanto na edição britânica (*Half-Blood Prince,* ou Príncipe Mestiço, em tradução livre) quanto na brasileira, destaca a centralidade do personagem ao fazer alusão ao apelido que ele adotou na adolescência. Em momentos em que a narrativa lhe dá maior protagonismo — como no capítulo em que ele faz o Voto Perpétuo; nas sequências em que Harry estuda suas anotações deixadas num velho livro de Poções; e, principalmente, no dramático episódio que culmina na morte de Alvo Dumbledore —, são apresentadas nuances sobre ele que até então permaneciam ocultas, tanto para Harry quanto para os leitores.

A forma como a ambiguidade moral de Snape é construída, por sua vez, acaba por desafiar interpretações reducionistas e o consolida como um dos personagens mais complexos de toda a obra. Conforme observou J. K. Rowling em uma publicação, feita em seu

Twitter, em novembro de 2015: "Snape é todo cinzento. Você não pode fazer dele um santo: ele era vingativo e maltratava os outros. Você não pode fazer dele um demônio: ele morreu para salvar o mundo mágico".

Com base nessa perspectiva, é possível propormos uma análise que vá além das respostas polarizadas e simplistas que frequentemente surgem entre os leitores e fãs de *Harry Potter*, como as dicotômicas "eu o amo" e "eu o odeio", ou as categorizações binárias de Snape como "herói" ou "vilão". Para tanto, é essencial questionarmos como sua trajetória é construída e de que maneira ela problematiza temas como lealdade, sacrifício e redenção.

Sugerimos, assim, um exame cuidadoso das escolhas narrativas que estruturam o personagem. Nesse sentido, apresentamos as seguintes questões:

A) Quais são as suas interpretações sobre o personagem severo Snape?

B) Na leitura de vocês, Snape realmente amava Lílian ou o que sentia por ela era uma obsessão? Por quê?

C) Ao final, é possível afirmar que o personagem alcançou uma redenção? Por quê?

Observação: para fins de análise, vocês podem considerar também os acontecimentos de *As relíquias da morte*.

Tópico 5 – Gina Weasley e a liberdade sexual feminina

Objetivos do tópico: analisar a representação da liberdade sexual feminina por meio da personagem Gina Weasley, com foco em como suas escolhas afetivas e autonomia emocional são apresentadas. Além disso, refletir sobre questões relacionadas ao feminismo e ao machismo que são discutidas na obra.

A liberdade sexual feminina, enquanto elemento essencial no processo de emancipação das mulheres, diz respeito ao direito das

pessoas do gênero feminino de realizar escolhas conscientes e autônomas no âmbito de sua sexualidade e da forma como a exercem. Esse tema, crucial ao feminismo contemporâneo, é explorado em *O enigma do príncipe,* por meio da personagem Gina Weasley, que, apesar das críticas recebidas, especialmente de seus irmãos, mantém pleno controle sobre seu corpo e sobre as decisões relacionadas à sua vida afetiva.

Desde o início da série, ainda que de forma sutil, essa característica de Gina é desenvolvida. No primeiro volume, ela demonstra interesse por Harry ao conhecê-lo na estação de King's Cross. Em *A câmara secreta*, durante as comemorações do Dia dos Namorados em Hogwarts, Gina revela seus sentimentos enviando anonimamente um cartão para Harry. No entanto, ao perceber que ele não corresponde ao seu interesse romântico, decide seguir o conselho de Hermione e concentra-se em sua própria vida. A partir disso, Gina constrói novas amizades, estabelece um relacionamento saudável com Harry e inicia romances com outros colegas, evidenciando sua autonomia emocional conquistada após os episódios relacionados ao diário de Tom Riddle.

No quarto volume, *O cálice de fogo*, Gina comparece ao Baile de Inverno acompanhada de Neville Longbottom. Mais tarde, em *A Ordem da Fênix*, é revelado que ela está namorando Miguel Corner, um aluno da Corvinal, e que é popular entre os demais estudantes. Essa popularidade é confirmada, inclusive, por sua contribuição para a formação da Armada de Dumbledore. Por fim, em *O enigma do príncipe,* ela aparece namorando Dino Thomas e, nos capítulos finais, inicia um relacionamento com Harry.

No contexto deste sexto livro, a liberdade sexual feminina ultrapassa as escolhas afetivas de Gina, refletindo-se em sua atitude diante dos julgamentos morais impostos por seu irmão, Rony, que busca exercer certo controle sobre ela. Um exemplo emblemático dessa dinâmica ocorre quando Rony surpreende Gina beijando Dino Thomas, o que desencadeia uma discussão entre os dois. O diálogo é apresentado da seguinte forma:

> Dino e Gina se separaram e viraram para olhar.
> — Que foi? — perguntou Gina.

— Não quero encontrar a minha irmã se agarrando em público!
— Estávamos em um corredor deserto até você se intrometer! — retrucou Gina.
[…]
— Certo — disse Gina, jogando os longos cabelos ruivos para trás e encarando Rony, aborrecida —, vamos entender de uma vez por todas. Não é da sua conta com quem eu saio e o que faço, Rony…
— É, sim! — retrucou Rony no mesmo tom zangado. —Você acha que eu quero que as pessoas digam que minha irmã é uma…
— Uma o quê? — gritou a garota, puxando a varinha. — Uma o *quê,* exatamente?
— Ele não quis dizer nada, Gina — interpôs Harry automaticamente, embora o monstro estivesse rugindo sua aprovação às palavras de Rony.
— Ah, quis, sim! — explodiu ela com Harry. — Só porque *ele* ainda não se agarrou com ninguém na vida, só porque o melhor beijo que ele já ganhou foi da tia Muriel…
— Cala essa boca! — berrou Rony, o rosto passando de rosado direto para castanho-avermelhado.
— Não calo, não! — gritou Gina, fora de si. — Vejo você com a Fleuma, esperando que ela lhe dê um beijo na bochecha toda vez que a vê, é patético! Se você saísse por aí dando uns amassos não iria se importar tanto que os outros fizessem isso!
Rony também puxara a varinha; Harry se meteu rapidamente entre os dois.
— Você não sabe o que está dizendo! — rugiu Rony, tentando acertar em Gina pelos lados de Harry que agora se interpunha aos dois de braços abertos. — Só porque não faço isso em público…!
Gina gargalhou debochadamente, tentando tirar Harry do caminho.
— Andou beijando o Pichitinho, foi? Ou tem uma foto da tia Muriel guardada embaixo do travesseiro?
— Sua…
Um lampejo laranja voou por baixo do braço esquerdo de Harry e por centímetros não atingiu Gina; Harry empurrou Rony contra a parede.
— Não seja burro…
— Harry deu uns amassos na Cho Chang! — berrou Gina, que parecia à beira das lágrimas agora. — E, Hermione, no Vítor Krum; só você se comporta como se isso fosse feio, Rony, porque você tem a experiência de um garotinho de doze anos!

> E, dizendo isso, retirou-se enfurecida. Harry soltou depressa Rony, que tinha no rosto uma expressão homicida. Os dois ficaram parados ali, arquejando, até que Madame Nora, a gata de Filch, entrou no corredor, rompendo a tensão (Rowling, 2005a, p. 224-226).

Com base nessa contextualização e no excerto mencionado, propomos as seguintes questões:

A) Na interpretação de vocês, quais mensagens os livros de *Harry Potter* transmitem ao apresentar uma personagem feminina, de 15 anos, reivindicando o direito de se relacionar com quem, quando e onde quiser?

B) A atitude de Rony em relação à Gina pode ser classificada como machista? Por quê?

C) Como vocês interpretam essas duas falas de Gina dirigidas a Rony: "se você saísse por aí dando uns amassos não iria se importar tanto que os outros fizessem isso"? E "só você se comporta como se isso fosse feio, Rony, porque você tem a experiência de um garotinho de doze anos"?

Tópico 6 – Mérope Gaunt e a violência doméstica

Objetivos do tópico: analisar a violência doméstica sofrida por Mérope Gaunt e como isso impacta a sua vida. Discutir como as experiências de abuso e humilhação influenciam os relacionamentos da personagem com Tom Riddle e com o filho (Voldemort).

Kalina e Maciel Silva, na obra *Dicionário de conceitos históricos* (2005), definem violência como qualquer relação de força imposta por um indivíduo sobre outro. Para além da agressão física, que é a forma mais imediatamente reconhecida como violência, o termo abrange diversas modalidades de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos, bem como os danos provocados por condições de trabalho e econômicas precárias. Entre essas distintas formas de violência — muitas das quais

presentes nos livros de *Harry Potter* —, neste momento, trazemos para análise aquelas que envolvem a violência familiar, também designada como violência doméstica.

De antemão, é fundamental observar que a violência doméstica, como aponta o dossiê *Violência doméstica e familiar contra as mulheres* (2015), do Instituto Patrícia Galvão, não se limita às relações amorosas e pode ocorrer em contextos familiares mais amplos, abrangendo agressões perpetradas por padrastos, madrastas, sogros, cunhados e outros membros de um círculo familiar. Partindo dessa compreensão, é possível identificar a presença da violência doméstica em pelo menos três núcleos familiares descritos na série *Harry Potter*: na família Dursley (na qual Harry é vítima dos abusos de seus tios e primo); na família Snape (sendo Eileen e Severo vítimas de Tobias Snape); e na família Gaunt (tendo Mérope como vítima e seu pai e irmão, Marvolo e Morfino Gaunt, respectivamente, como agressores). Focaremos este último caso.

No décimo capítulo de *O enigma do príncipe*, intitulado *A casa de Gaunt*, Harry adentra nas memórias de Beto Ogden, um ex-funcionário do Ministério da Magia, que narra a visita que fez à família Gaunt no exercício de suas funções. É neste momento que somos apresentados a Mérope Gaunt, a futura mãe de Voldemort, e descobrimos que ela era constantemente humilhada e desprezada por sua própria família. As violências físicas e psicológicas que permeavam sua existência eram tão intensas que ela vivia em um estado de extrema fragilidade emocional, sendo incapaz de se proteger do pai e do irmão ou de buscar ajuda (apesar de ser uma bruxa).

Tendo em vista os acontecimentos narrados no referido capítulo, propomos os seguintes pontos para discussão:

A) Em sua análise, como a violência doméstica sofrida por Mérope Gaunt influenciou a forma com que ela se relacionou com Tom Riddle e com o filho (Voldemort)?

B) Quais reflexões podem ser extraídas a partir da história de Mérope Gaunt?

Tópico 7 – Confiança e autoconfiança

Objetivos do tópico: debater como Harry é um personagem que frequentemente deposita sua confiança em aliados, em particular no seu tutor, Alvo Dumbledore. Questionar se Harry age corretamente com tais atitudes e analisar, por outro lado, como a narrativa apresenta a sua autoconfiança.

Harry Potter é caracterizado como um personagem que frequentemente deposita sua confiança em aliados, como os amigos Rony e Hermione, os membros da Armada de Dumbledore e da Ordem da Fênix e, de maneira particular, Alvo Dumbledore. Essa confiança é retratada em diversas passagens da saga, mas encontra um momento emblemático em *O enigma do príncipe.* Nesse livro, Harry afirma enfaticamente ao então Ministro da Magia, Rufus Scrimgeour, que é "por inteiro um homem de Dumbledore". Tal declaração não apenas reafirma sua lealdade a Dumbledore, como também evidencia a centralidade que o diretor de Hogwarts ocupa como mentor em sua trajetória.

Entretanto, essa confiança que Harry demonstra em Dumbledore não está isenta de tensões e questionamentos. Ao longo deste sexto volume, o protagonista ocasionalmente reflete sobre a validade de seguir incondicionalmente as orientações de seu mentor, especialmente quando não são acompanhadas de justificativas ou evidências plausíveis. Um exemplo disso encontra-se na insistência de Dumbledore em afirmar que Severo Snape é uma figura confiável, mesmo diante das suspeitas que Harry alimenta em relação ao Mestre de Poções. Embora essa postura reforce a autoridade de Dumbledore, ela coloca Harry em situações de tensão emocional, obrigando-o a equilibrar sua lealdade ao mentor com suas próprias intuições e julgamentos. Essa dinâmica, no entanto, é particularmente significativa para a construção do personagem, pois revela um protagonista que, com frequência, é confrontado com escolhas morais e dilemas éticos complexos.

Com base nessas reflexões, propomos duas questões para discussão:

A) Considerando os eventos apresentados na narrativa, pode-se afirmar que Harry agiu corretamente ao depositar tamanha confiança em Dumbledore? Comente o porquê.

B) No que diz respeito à autoconfiança de Harry, vocês acreditam que ele demonstra confiança genuína em si mesmo ou que suas decisões são fortemente influenciadas pelo encorajamento e orientação de outros personagens? Em outras palavras, seria Harry um personagem plenamente autônomo em suas escolhas ou sua trajetória está intrinsecamente vinculada à necessidade de validação por parte de terceiros?

A7 – HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE (2007)

Tópico 1 – Experiência de leitura e releitura

Objetivos do tópico: comentar, no caso de primeira leitura, as percepções iniciais da obra. E, em caso de releitura, o que mudou em relação às leituras anteriores.

Toda releitura é uma nova leitura, pois, a cada vez que relemos um livro, nos transformamos; uma nova leitura, uma nova pessoa. Sendo assim, é muito comum, a cada releitura, descobrirmos coisas que nos passaram despercebidas anteriormente; incomodarmo-nos com algumas situações ou personagens que antes costumávamos gostar (ou a quem éramos indiferentes); surpreendermo-nos positivamente com a qualidade da história; apaixonarmo-nos ou entendermos melhor alguns dos personagens que antes não gostávamos; e, mesmo em alguns casos, não acharmos mais aquele livro que tanto amávamos tão bom como inicialmente pensávamos ser. Diante disso, abrimos as discussões de *Harry Potter e as relíquias da morte* com as seguintes perguntas:

A) Como foi a experiência de releitura (e, para alguns, de primeira leitura) deste romance?

B) O que mais lhes chamou a atenção neste momento?

C) O que mudou? E o que não mudou?

Tópico 2 – A vida e as omissões de Alvo Dumbledore

Objetivos do tópico: discutir as construções narrativas do personagem Alvo Dumbledore, tendo como foco: a) o seu papel enquanto mentor de Harry; b) a sua atuação política; c) a sua sexualidade.

É recorrente, em narrativas que seguem os preceitos da jornada do herói, a presença de uma figura arquetípica denominada mentor. Esse personagem assume o papel de guia do protagonista (ou dos protagonistas) até determinado ponto do enredo. De modo geral, o mentor é apresentado como um indivíduo sábio e grande conhecedor do universo no qual o herói se insere no início de sua trajetória. Ademais, é igualmente comum que, em certo momento da narrativa, esse mentor seja retirado de cena — frequentemente por meio de sua morte — para que o herói enfrente sozinho os desafios impostos por sua missão. Paralelamente, observa-se que, em muitas dessas histórias, o enredo dedica pouco espaço ao desenvolvimento da vida pessoal do mentor ou à desconstrução de sua imagem idealizada.

J. K. Rowling, ao narrar a história de Harry, frequentemente dialoga com os elementos tradicionais da jornada do herói, ao mesmo tempo em que subverte algumas de suas convenções. Um exemplo notável dessa subversão encontra-se na humanização e na desconstrução do personagem Alvo Dumbledore, principal mentor ao longo da série. Esse processo tem início em *A Ordem da Fênix* e alcança seu ápice em *As relíquias da morte*. Enquanto em *O senhor dos anéis*, de J. R R. Tolkien, por exemplo, o mentor Gandalf experimenta uma elevação simbólica, transformando-se de Gandalf, o Cinzento, em Gandalf, o Branco, em *Harry Potter*, o percurso de Dumbledore segue em direção oposta. Inicialmente apresentado como uma figura quase impecável, associada à pureza e à inocência — conforme sugerido pelo próprio significado de seu primeiro

nome, "Alvo"—, o personagem revela, no último volume da saga, uma faceta cinzenta.

Cabe notar que a complexidade de Dumbledore, explorada nas páginas de *As relíquias da morte*, foi reforçada por Rowling em uma interação com fãs ocorrida em 2007, pouco após o lançamento desse livro. Na ocasião, a autora afirmou que o grande amor da vida de Dumbledore havia sido o bruxo das trevas Gellert Grindelwald, subvertendo ainda mais o arquétipo clássico do mentor.

> Eu sempre pensei em Dumbledore como *gay*. Dumbledore se apaixonou por Grindelwald, e isso foi somado ao seu horror quando Grindelwald mostrou que era o que era. De certa forma, podemos dizer que isso dá uma desculpa um pouco melhor a Dumbledore, porque nos apaixonar pode nos cegar de alguma forma? Mas ele conheceu alguém tão brilhante quanto ele era e, parecido com o que a Belatriz sente, ele ficou muito atraído por essa pessoa brilhante e ficou horrivelmente, terrivelmente desapontado com ele. É, foi assim que eu sempre vi Dumbledore (J. K. Rowling, 2007).

A partir dessa contextualização, trazemos as seguintes perguntas:

A) Como vocês interpretam Alvo Dumbledore neste momento, após a finalização da leitura dos sete romances de *Harry Potter*?

B) Vocês concordam com a fala de Snape sobre Dumbledore ter criado Harry como "um porco para o abate"? Por quê?

C) Na opinião de vocês, há indícios da homossexualidade de Dumbledore nos livros de *Harry Potter*? Por quê?

Tópico 3 – Mídia e resistência

Objetivos do tópico: discutir como os meios de comunicação, como O Pasquim e Observatório Potter, atuam como mídias de resistência ao regime totalitário e de caráter fascista que é imposto por Lord Voldemort.

> Caros ouvintes, chegamos ao final de mais um Observatório Potter. Não sabemos quando será possível voltarmos ao ar, mas podem ter certeza de que voltaremos. Não parem de girar os botões dos rádios: a próxima senha será 'Olho-Tonto'. Mantenham-se mutuamente protegidos, mantenham a fé. Boa noite (Rowling, 2007, p. 345).

Durante a Segunda Guerra Bruxa, período marcado pela opressão e pelo totalitarismo instaurado após a tomada do Ministério da Magia por Voldemort e seus seguidores, as estruturas de comunicação são completamente alteradas. As mídias tradicionais passam a ser utilizadas como ferramentas de manipulação ideológica e disseminação de desinformação. Nesse cenário, *O Profeta Diário*, principal jornal do Mundo Bruxo, alinha-se à narrativa oficial do novo regime, consolidando um discurso de calúnia contra os chamados nascidos trouxa, Harry e seus aliados.

Contudo, em meio à censura e ao cerceamento de liberdade de expressão, surgem duas vozes alternativas e clandestinas que representam uma forma de resistência midiática: a revista *O Pasquim* (*The Quibbler*, no original), editada por Xenofílio Lovegood, e o programa de rádio *Observatório Potter* (*Potterwatch*). Ambos desempenham papéis essenciais dentro da narrativa ao oferecer informações verídicas, promover a unidade entre os oprimidos e manter a esperança viva. Frente a isso:

A) Em sua opinião, qual é a importância do *Observatório Potter* e de *O Pasquim* para a história e o que eles representam para os personagens e nós, leitores?

B) Vocês acham que essas mídias cumpriram seu objetivo original na narrativa?

C) É possível estabelecer alguma relação entre esse tipo de mídia e situações já vividas no mundo, incluindo o Brasil?

Tópico 4 – Literatura e conhecimento

Objetivos do tópico: por meio de O conto dos três irmãos, uma das histórias que compõem o livro Os contos de Beedle, o Bardo, debater as relações entre ficção e realidade e como é possível construir conhecimento por meio da leitura de obras literárias.

Ao longo dos sete volumes de *Harry Potter*, a narrativa apresenta uma ampla gama de obras fictícias que desempenham papéis tanto no desenrolar da trama quanto no amadurecimento dos personagens. Esses textos, frequentemente utilizados como material didático nas aulas da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, mas não exclusivamente, oferecem aos leitores a oportunidade de refletir sobre as conexões entre a prática da leitura e o processo de construção de conhecimento, seja no universo ficcional, seja em nossa realidade.

Entre os livros de maior relevância presentes na narrativa, destacam-se *Animais fantásticos e onde habitam, Estudo avançado de preparo em poções* e *História da magia*, todos utilizados como referências acadêmicas em Hogwarts. Além disso, obras como *Hogwarts, uma História*, frequentemente citada por Hermione, apresentam-se como fontes informativas sobre a renomada escola britânica de magia. Outro exemplo marcante é o *best-seller A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore*, de Rita Skeeter, que desconstrói a imagem idealizada do personagem-título construída anteriormente ao longo da saga. Não menos relevante é *Os contos de Beedle, o Bardo*, central no desfecho da série e um dos textos que mais evidenciam a importância da leitura no processo de aprendizagem dos personagens.

Descrita como uma coletânea de histórias populares do universo bruxo, essa obra, alegadamente escrita no período medieval, reúne cinco contos: *O bruxo e o caldeirão saltitante*, *A fonte da sorte*, *O coração peludo do mago*, *Babbitty, a coelha, e seu toco gargalhante* e *O conto dos três irmãos*. Publicada posteriormente como um livro independente para os fãs da série, *Os contos de Beedle, o Bardo* reproduz algumas características típicas de narrativas tradicionais, estabelecendo paralelos com os contos de fadas do mundo

não mágico. Essa semelhança pode ser percebida, por exemplo, na valorização de virtudes e na crítica aos vícios. No entanto, a obra também se diferencia ao atribuir à bruxaria um papel positivo, em oposição aos contos de fadas clássicos, nos quais a magia é frequentemente associada a forças malignas. Outro aspecto singular está na maior autonomia e agência das heroínas de Beedle, em contraste com as protagonistas femininas das histórias convencionais.

Entre os textos da coletânea, *O conto dos três irmãos* possui especial destaque, tanto para a narrativa de *As relíquias da morte* quanto como fonte de reflexões filosóficas. A história, narrada integralmente no sétimo livro, apresenta a jornada de três irmãos mágicos, a origem mítica das relíquias da morte — a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressurreição e a Capa da Invisibilidade — e discute questões relacionadas ao amor, à arrogância, ao poder e à mortalidade. Levando em consideração o conto de Beedle, trazemos os seguintes questionamentos:

A) Quais desejos estão simbolizados, respectivamente, na varinha das varinhas, na pedra da ressurreição e na capa da invisibilidade? O que vocês acham que eles dizem sobre nós, enquanto seres humanos?

B) Na interpretação de vocês, quais lições podem ser extraídas de *O conto dos três irmãos*, tanto pelos personagens quanto pelos leitores da saga?

C) Entre as três relíquias da morte, com qual delas vocês mais se identificam? Por quê?

Tópico 5 – Cristianismo e *Harry Potter*

Objetivos do tópico: identificar temas, símbolos e/ou valores cristãos que estão presentes nos livros; discutir se a presença deles resulta de escolhas intencionais de J. K. Rowling ou se são apenas ressonâncias culturais inevitáveis, considerando as influências do

contexto ocidental em que ela foi criada; e refletir sobre como responder a críticas de grupos religiosos que veem a obra como conflituosa com valores cristãos.

Conforme apontamos em discussões anteriores, nenhuma obra literária é concebida em um vácuo. Cada narrativa é produto de um processo criativo realizado por um indivíduo inserido em um contexto histórico, social, político, econômico e cultural específico, que inevitavelmente influencia — e pode também ser influenciado por — o texto. Nesse sentido, as crenças, ideologias, valores e experiências de vida de um(a) autor(a), assim como o tempo-espaço histórico no qual está situado(a), imprimem marcas na obra, seja de forma consciente ou não.

Conceitos teóricos como *lugar de fala*, amplamente discutido no Brasil por filósofas como Djamila Ribeiro (2020), *espaço social*, abordado por Edward Said (2011), e *contexto histórico* revelam-se ferramentas analíticas cruciais para a investigação das relações entre autor(a), obra e sociedade. O *lugar de fala* permite refletir sobre as identidades (de gênero, sexual, étnico-racial, entre outras) que atravessam o(a) autor(a); o *espaço social* considera as condições e o ambiente de onde este(a) escreve; enquanto o *contexto histórico* se refere à temporalidade em que o autor(a) e obra estão inseridos.

Os aspectos que compõem essa tríade conceitual influenciam não apenas a forma como o(a) autor(a) interpreta o mundo ao seu redor, mas também como representa essa compreensão em sua narrativa, independente do gênero literário a que ela pertença. A aplicação desses conceitos a uma obra literária enriquece sua análise e possibilita uma compreensão mais profunda das dinâmicas discursivas e das representações presentes no texto. Tal abordagem nos permite investigar os motivos que sustentam determinadas escolhas narrativas e os significados que essas escolhas podem carregar, tanto no âmbito da criação artística quanto em sua recepção cultural.

Esses pressupostos, que embasam grande parte dos tópicos de discussões que trouxemos para vocês, precisam ser retomados para

a análise da temática que agora propomos: as relações entre a narrativa de Harry Potter e o cristianismo. Considerando que J. K. Rowling, como autora, está inserida em um contexto cultural profundamente influenciado pelas tradições cristãs, não surpreende que elementos dessa filosofia religiosa permeiem sua escrita. Ao mesmo tempo, a série apresenta um desafio interessante para os leitores contemporâneos: como conciliar uma narrativa fictícia protagonizada por bruxos e elementos mágicos com as recepções críticas de públicos cristãos conservadores?

Diante desse cenário, trazemos as seguintes questões para reflexão e debate:

A) Quais temas, símbolos e/ou valores associados ao cristianismo podem ser identificados ao longo da série *Harry Potter?*

B) Vocês acreditam que a presença dos temas oriundos de tradições cristãs na narrativa é fruto de intencionalidades conscientes de Rowling ou seriam apenas manifestações culturais inevitáveis, dadas as influências do meio em que foi criada? Por quê?

C) Como responderiam — ou respondem — a críticas de familiares ou grupos religiosos que enxergam na obra de Rowling um conflito direto com valores e crenças cristãs?

Tópico 6 – O regime político de Voldemort

Objetivos do tópico: analisar o regime político de Voldemort e sua ideologia supremacista; estabelecer paralelos entre o regime de Voldemort e os movimentos nazifascistas; promover uma reflexão crítica sobre totalitarismo e resistência; discutir os impactos da queda do regime político de Voldemort, identificando problemas solucionados e permanentes no mundo bruxo; e relacionar literatura e realidade histórica, mostrando como a obra representa eventos e ideologias do mundo real.

Uma das principais ambições de Lord Voldemort era transformar a ideologia supremacista de Salazar Slytherin em política de

Estado. Em outras palavras, o estabelecimento de um governo bruxo, administrado por e para os autoproclamados "sangue puro", que expurgasse de toda a Grã-Bretanha os trouxas e bruxos nascidos trouxas. Com a morte de Alvo Dumbledore, tais planos começam a se concretizar: Voldemort, auxiliado pelos Comensais da Morte, assassina o Ministro da Magia, Rufus Scrimgeour, e coloca Pio Thicknesse como líder-fantoche da comunidade mágica britânica.

Após esse golpe de Estado e a formação de um novo Ministério, a perseguição e os assassinatos de bruxos nascidos trouxas, trouxas e apoiadores de Harry tornam-se institucionalizados. Pesquisas falaciosas, divulgadas pelo Departamento de Mistérios, afirmam que os nascidos trouxas são "ladrões de magia". Por meio da Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas, um órgão recém-criado, intensificam-se a perseguição a este grupo social, com muitos de seus representantes sendo trancafiados em Azkaban. Hogwarts e a mídia bruxa sofrem novas interferências governamentais; e toda a comunidade mágica passa a viver sob vigilância constante.

Em texto publicado na *Para Além de Hogwarts*, em setembro de 2021, o historiador Leonardo Concentino estabelece paralelos entre esses eventos e os movimentos nazifascistas do século XX:

> No Mundo Mágico criado por J. K. Rowling existe a supremacia racial baseada na ideologia da pureza de sangue, uma ideia muito similar à supremacia ariana defendida pelos nazistas. Os personagens que acreditam na filosofia da pureza de sangue hierarquizam a sociedade através do nascimento. Dessa forma, os supostos sangues puros estão no topo e são vistos como melhores enquanto os demais bruxos e seres mágicos são inferiorizados. Portanto, Voldemort e os Comensais da Morte defendem a superioridade racial legitimada pela linhagem sanguínea, e é nesse ponto que reside o grande paralelo entre a figura de Lord Voldemort e Adolf Hitler: a supremacia dos sangues puros e a supremacia ariana defendida, respectivamente, por eles. Domenico Losurdo, Umberto Eco e Robert Paxton, grandes estudiosos dos movimentos nazifascistas, afirmam que a principal característica do nazismo é o racismo; e podemos notar a presença dessa retórica no pensamento dos Comensais da Morte. Enquanto Hitler acreditava na supremacia branca ariana, Voldemort crê na superioridade dos sangues puros

> e defende o subjulgamento e/ou aniquilação das consideradas raças inferiores. J. K. Rowling não inventou Voldemort da sua mente, do nada: ela se inspirou, seja consciente ou inconscientemente, nas figuras e pensamentos nazifascistas, como Adolf Hitler e Benito Mussolini. Voldemort, similarmente a Hitler, possui uma noção apocalíptica caso a ideologia de pureza da raça não se concretize, determinando a decadência do coletivo bruxo por conta da miscigenação de sangue. Assim como Salazar Slytherin, Voldemort afirmava que o mundo bruxo e a magia estavam em declínio, já que o sangue trouxa cada vez mais permeava nas veias bruxas; um pensamento muito íntimo com o do Terceiro Reich, que acreditava que o coletivo ariano estava decaindo por conta da miscigenação de raças e consequentemente a humanidade caminhava rumo à extinção. Voldemort defende a extinção dos não sangues puros do mundo da magia para assim prevalecer a supremacia racial bruxa de sangue puro e supostamente salvar a humanidade. Algo muito próximo e semelhante com o sentimento e objetivo de Hitler na instauração do Terceiro Reich e extermínio de judeus, homossexuais e ciganos, não (Concentino, 2021)?

Com base na citação de Concentino e nos eventos narrados em *As relíquias da morte*, respondam às seguintes questões:

A) Em sua opinião, o que a trama envolvendo o regime político de Voldemort pode ensinar aos leitores de *Harry Potter*?

B) Como vocês interpretam a narrativa de *As relíquias da morte* ao apresentar a guerra como um ato necessário para o fim do regime político de Voldemort?

C) Quais problemas existentes no mundo bruxo vocês consideram que foram resolvidos após a queda do regime político de Voldemort? Quais problemas, por outro lado, permanecem? Como vocês interpretam essas permanências?

Tópico 7 – Sacrifícios

Objetivos do tópico: explorar o tema do sacrifício em Harry Potter e As relíquias da morte e na saga como um todo, além de refletir sobre a concepção de Dumbledore sobre o "bem maior".

No último livro da saga, Harry, Rony, Hermione e diversos outros personagens renunciam a uma vida comum, com amigos, familiares e tranquilidade, para abraçarem uma missão maior. Embora Harry deseje, em muitos momentos, experimentar a vida de um estudante convencional de Hogwarts, ele reconhece que seu destino é lutar e derrotar Voldemort. Esse ponto é claramente ilustrado na narrativa, especialmente no desfecho do livro, quando observamos que ele está disposto a colocar sua própria vida em risco para garantir a segurança de seus amigos.

Outro exemplo de sacrifício, além dos apresentados em *As relíquias da morte*, ocorre quando Harry acompanha Dumbledore na missão de coletar o que acreditam ser uma Horcrux. Antes de embarcar nessa jornada, ele deixa seu frasco de Felix Felicis com Rony e Hermione, como uma forma de protegê-los. Em outro momento, quando chegam à bacia que contém o falso medalhão de Slytherin, Dumbledore bebe, taça após taça, uma poção venenosa, insistindo que Harry continue a lhe dar o líquido.

Embora o foco deste tópico seja o sétimo volume da série, é válido ampliarmos a discussão para o conjunto da obra, considerando que estamos chegando ao final de toda uma jornada de leitura. Assim, as questões que gostaríamos de explorar são:

A) Quais os diferentes tipos de sacrifícios observados ao longo de *As relíquias da morte* e da saga como um todo?

B) Vocês acham que a concepção de Dumbledore sobre "o bem maior" tem a ver com sacrifício? A troca necessária, em que Harry é colocado em risco pelo bem do mundo bruxo e trouxa, é justa? Por quê?

REFERÊNCIAS

BARRATT, B. **The Politics of Harry Potter**. Londres: Palgrave MacMillan, 2012.

BELL, C. E. **Hermione Granger Saves the World:** essays on the feminist heroine of Hogwarts. Jefferson, NC: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2012.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**. Coautoria de Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. 13. ed. Brasília: UnB, 2007.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. 28. ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.

CONCENTINO, L. L. Lord Voldemort e o Nazifascismo. **Para Além de Hogwarts**, [*S. l.*],. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CTc6EuALXq2/?igsh=MW9sMmJ3MDhnbWdreg%3D%3D. Acesso em: 1 dez. 2024.

DAS, S. Of the Patil twins. *In:* BELL, C. E. (org.) **Inside the World of Harry Potter:** Critical Essays on the Books and Films. Jefferson: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2018, p. 70-91.

EAGLETON, T. **Como ler literatura**. Trad. Denise Bottmann, 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.

EHER, H. J. K. Rowling fala sobre Snape em seu twitter. **Leitor Cabuloso**, [*S. l.*], 27 nov. 2015. Disponível em: https://encurtador.com.br/Kr4q4. Acesso em: 1 dez. 2024.

FRANCISCO, B. M. **Leitores e leituras de Harry Potter**. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-19112019-171247/pt-br.php. Acesso em: 18 mar. 2023.

GARCIA, M. **Desobediência civil:** direito fundamental. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

HEILMAN, E. E. Blue Wizards and Pink Witches: Representations of Gender Identity and Power. *In*: HEILMAN, E. E. (org.) *Harry Potter's World:* Multidisciplinary Critical Perspectives. London/New York: Routledge Falmer, 2003. p. 221-239.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Dossiê: violência doméstica e familiar contra as mulheres*. [*S. l.*]: 42i, 2015. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/. Acesso em: 29 mar. 2022.

J. K. ROWLING no Carnegie Hall. Trad. Patrícia Abreu. **Potterish**, [*S. l.*], 9 fev. 2007. Disponível em: https://conteudo.potterish.com/jk-rowling-no-carnegie-hall/. Acesso em: 01 dez. 2024.

MOURA, R. Crítico diz que popularidade de Harry Potter é desesperante. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jan. 2003. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u30244.shtml. Acesso: 01 dez. 2024.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005a.

ROWLING, J. K. Read the Full JK Rowling Interview. **BBC**, [*S.l.*], 18 de jul. 2005b. Entrevista. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/cbbc-news/hi/newsid_4690000/newsid_4690800/4690885.stm. Acesso em: 29 mar. 2024.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, o Bardo**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K. Gilderoy Lockhart. **Pottermore**, [*S. l.*], 10 ago. 2015a. Disponível em: https://www.harrypotter.com/writing-by-jk-rowling/gilderoy-lockhart. Acesso em: 01 dez. 2024. Entrevista.

ROWLING, J. K. Remo Lupin. **Pottermore**, [*S. l.*], 10 ago. 2015b. Disponível em: https://www.harrypotter.com/writing-by-jk-rowling/remus-lupin. Acesso em: 01 dez. 2024.

SAID, E. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

THE LEAKY CAULDRON. J. K. Rowling at Carnegie Hall Reveals Dumbledore is Gay; Neville Marries Hannah Abbott, and Much More. [*S. l.*], 20 de outubro de 2007. Disponível em: https://www.the-leaky-cauldron.org/2007/10/20/j-k-rowling-at-carnegie-hall-reveals-dumbledore-is-gay-neville-marries-hannah-abbott-and-scores-more/. Acesso em: 1 dez. 2024.

WALZER, M. **Das obrigações políticas:** ensaios sobre desobediência, guerra e cidadania. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1977.

APÊNDICE B – EXEMPLO DE ROTEIRO DO *PODCAST HOGWARTS, MIL HISTÓRIAS*

Roteiro Podcast "Harry Potter e a Pedra Filosofal" – episódio 1	
Hosts: Victor Menezes / Vanessa Martins	
Convidados: Taty Ribeiro / Roany Castro / Letícia Klein	
Data:	**Duração: +/-** 60 minutos

TÉCNICA	**LOCUÇÃO**
VINHETA DE ABERTURA	////////////////////**SOBE SOM**//////////////////////////////
VICTOR	Olá, pessoal, sejam bem-vindes ao primeiro episódio do *podcast Hogwarts, Mil Histórias*. Esse *podcast* é uma derivação do clube *Hogwarts, Mil Histórias*, um clube de leitura que conta com apoio da Editora Rocco./ Eu sou o Victor Menezes, mediador do clube e *host* desse *podcast* junto com a Vanessa Martins.
VANESSA	Olá!! sejam bem-vindes!! Peguem uma cerveja amanteigada bem-gelada, os seus exemplares de *Harry Potter e a pedra filosofal* e venham bater um papo sobre essa obra de J. K. Rowling com a gente! Mas, atenção! Este *podcast* leva em conta todas as produções que envolvem a obra. Então, ele contém *spoilers*!!

VICTOR	Neste primeiro episódio, vamos falar como nos tornamos fãs da saga e tratar dos temas: semelhanças do mundo ficcional criado por Rowling com o mundo real, a questão do herói em *Harry Potter* e a amizade do trio.
VANESSA	E hoje nós contamos com a participação da fonoaudióloga Taty Ribeiro, do historiador Raony Castro e da jornalista Letícia Klein. Olá pessoal, sejam bem-vindos!
//////////**SOBE SOM NA EDIÇÃO**//////////////	
VANESSA VICTOR	Então as discussões deste primeiro episódio terminam por aqui. Nos vemos no próximo episódio com a continuação dos temas sobre *Harry Potter e a pedra filosofal*! Até lá! O *Hogwarts, Mil Histórias* é uma iniciativa voluntária. Gostou deste *podcast*? Que tal apoiar esse projeto e nos ajudar a levar conteúdo de qualidade para mais pessoas? Acesse catarse.me/hogwartsmilhistoriase escolha um plano. Ahhh! Não se esqueça de indicar este podcast para um Potterhead...
//////////////////**DESCE SOM**//////////////////////////////	
Créditos vinheta de abertura e de encerramento.	

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO NO NONO MÊS DA PRIMEIRA TEMPORADA DO CLUBE DE LEITURA *HOGWARTS, MIL HISTÓRIAS*

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa sobre o nosso clube de leitura, o *Hogwarts, Mil Histórias*. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a construção de saber científico a partir de relações em um clube de leitura, criado em um momento de adversidade coletiva proporcionado pela pandemia.

Os impactos sociais causados no momento pandêmico refletiram e seguirão expondo diferentes formas de estruturação social e de laços afetivos de indivíduos que fizeram uso de distintos recursos para afetividade nesse período, entre eles, as narrativas. Além disso, a constante presença nas telas e as interações em rede requerem literacia midiática para que os sujeitos, na ambiência digital, consumam e produzam conteúdo de uma forma crítica, exercendo sua cidadania. Fazer essa análise propicia amparo para futuros estudos, em um cenário de constante mudança devido à crise da covid-19.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou não. Mesmo que queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e o fato de não querer integrar o clube não vai trazer qualquer penalidade. Os pesquisadores não irão divulgar seu nome, e o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar desta iniciativa.

Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com os pesquisadores responsáveis por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, haverá uma avaliação dos documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo,

atendendo à legislação brasileira (Resolução nº 466/12), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

1. Nome completo (opcional):
2. Idade (coloque apenas números):
3. Gênero:
4. Escolaridade:
5. Estado brasileiro em que mora atualmente:

6. Esta é sua primeira experiência num clube de leitura *online*?
( ) Sim
( ) Não

7. Com a pandemia, tivemos que adaptar nossos hábitos presenciais de forma remota a partir de ferramentas que não costumávamos usar. Plataformas como o Teams e o Meet agora fazem parte de nosso cotidiano. Como você desenvolveu habilidades para o uso dessas ferramentas?
( ) Com ajuda de amigos
( ) Com ajuda de familiares
( ) Ajuda de professores (cursos)
( ) Aprendi sozinho

8. Você teve alguma dificuldade de manusear as plataformas utilizadas para comunicação ao vivo nos encontros (Teams e Google Meet)? Em caso afirmativo, relate a situação.

9. Ao final de cada encontro ao vivo, tivemos atividades gamificadas para sorteio dos livros. Essas atividades exigiam, algumas vezes, que o participante usasse dois dispositivos simultaneamente: o computador e o celular. Houve algum encontro em que você não conseguiu interagir simultaneamente nos dois dispositivos? Em caso afirmativo, relate a situação.

10. O aplicativo utilizado para troca de mensagens antes dos encontros é o Telegram. Você considera ser capaz de utilizar todas as

funções do aplicativo, como iniciar enquetes, enviar fotos, áudios, vídeos e mensagens de texto?
( ) Sim
( ) Não

11. Você deixou de enviar mensagens em algum momento por não saber utilizar algum recurso do Telegram que reproduzisse suas intenções de interação?
( ) Sim
( ) Não

12. Ao longo do período dos encontros, você acha que sua autoavaliação de consumo de produtos midiáticos mudou? Em caso afirmativo, em que sentido?

13. Em sua opinião, qual a diferença entre ler uma obra de forma isolada e ler uma obra debatendo com outros leitores remotamente?

14. Em sua opinião, J. K. Rowling é transfóbica?
( ) Sim
( ) Não
( ) Não tenho opinião formado sobre o assunto

15. Ainda a respeito das recentes polêmicas envolvendo Rowling, você acompanhou o que os veículos midiáticos noticiaram? Em caso afirmativo, qual sua opinião sobre as colocações dessas distintas fontes de informação?

16. Você leu o romance *Sangue revolto,* publicado por Rowling em 2020? Em caso positivo, por que decidiu lê-lo?

17. Em sua opinião, o que os *blogs* e/ou espaços na internet para expressão de opiniões sobre a saga debatida no clube significam e qual sua relevância para o *fandom*?

18. Você realizou a leitura de alguma das obras discutidas a partir de algum dispositivo ao invés do livro físico, como *audiobooks* ou

e-books? Em caso afirmativo, qual recurso foi utilizado? Em caso negativo, qual o motivo da preferência pelo livro físico?

19. Você costuma realizar pesquisas sobre a obra lida nas mais distintas plataformas ou com *influencers* do assunto antes dos encontros?
( ) Sim
( ) Não

20. Em caso afirmativo para a pergunta anterior, qual plataforma é utilizada e qual o motivo da escolha?

21. O que significa para você participar de um clube de leitura de uma saga que você já é fã?

22. Qual tema tratado no clube mexeu mais com você e qual o motivo?

23. Na sua opinião, qual a importância dos clubes de leitura?

24. Na sua opinião, qual a importância dos mediadores em um clube de leitura?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AO FINAL DA PRIMEIRA TEMPORADA DO CLUBE DE LEITURA *HOGWARTS, MIL HISTÓRIAS*[97]

AVALIAÇÃO – Clube de Leitura *Hogwarts, Mil Histórias*

Convidamos você a realizar, até o meio-dia do próximo sábado (19/02), a avaliação das atividades que desenvolvemos em nosso clube de leitura, o *Hogwarts, Mil Histórias*. O motivo que nos leva a realizar esta avaliação é a construção de saber científico a partir da organização de um clube de leitura, criado em um momento de adversidade coletiva, proporcionado pela pandemia.

Para participar desta avaliação, você não terá nenhum custo. Você terá todas as informações que quiser sobre esta avaliação e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade. Os mediadores do clube não irão divulgar seu nome, e o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar desta iniciativa.

Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com os pesquisadores responsáveis por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, haverá uma avaliação dos documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução nº 466/12), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

[97] Desenvolvido a partir do questionário que Victor Menezes aplicou, ao final de suas oficinas, no Programa UniversIDADE da Unicamp com o intuito de constituição de dados para a sua então pesquisa de doutoramento.

1. Nome completo (opcional):
2. Idade (coloque apenas números):
3. Gênero:
4. Escolaridade:

5. Quais livros de *Harry Potter* você leu ou releu, na íntegra, durante sua participação no clube?
( ) Harry Potter e a pedra filosofal
( ) Harry Potter e a câmara secreta
( ) Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban
( ) Harry Potter e o cálice de fogo
( ) Harry Potter e a Ordem da Fênix
( ) Harry Potter e o enigma do príncipe
( ) Harry Potter e as relíquias da morte
( ) Harry Potter e a criança amaldiçoada
( ) Animais fantásticos e onde habitam
( ) Animais fantásticos: os crimes de Grindelwald

6. Assinale os encontros dos quais participou:
( ) 1º encontro – A saga *Harry Potter* (abril de 2021)
( ) 2º encontro – Harry Potter e a pedra filosofal (maio de 2021)
( ) 3º encontro – Harry Potter e a câmara secreta (junho de 2021)
( ) 4º encontro – Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban (julho de 2021)
( ) 5º encontro – Harry Potter e o cálice de fogo (agosto de 2021)
( ) 6º encontro – Harry Potter e a ordem da fênix (setembro de 2021)
( ) 7º encontro – Harry Potter e o enigma do príncipe (outubro de 2021)
( ) 8º encontro – Harry Potter e as relíquias da morte (novembro de 2021)
( ) 9º encontro – Harry Potter e a criança amaldiçoada (dezembro de 2021)
( ) 10º encontro – Animais fantásticos e onde habitam (janeiro de 2022)
( ) 11º encontro – Animais fantásticos: os crimes de Grindelwald (fevereiro de 2022)

7. De 0 a 10, qual a nota que você dá para o clube?

8. De 0 a 10, qual é a nota que você dá para a atuação dos mediadores Victor Menezes e Vanessa Martins?

9. Mediante as notas oferecidas nas duas questões anteriores, comente o que achou das atividades propostas no clube e da atuação dos mediadores.

10. Comente o que você achou da experiência de participar desse clube.

11. A partir dessa experiência de clube de leitura *online*, você tem interesse em participar de outros projetos nesse viés? Comente o porquê.

12. Você acha que seu hábito de leitura mudou com a participação no clube? Comente o porquê.

13. Entre os tópicos discutidos no clube, comente qual/quais mais lhe/lhes interessou/interessaram. Explique, por favor, os porquês.

14. Ainda em relação aos tópicos discutidos, houve algum cuja discussão lhe incomodou? Em caso positivo, explique o porquê.

15. Você tem alguma outra crítica, elogio ou sugestão que não tenha comentado nas respostas anteriores? Em caso positivo, deixe um comentário abaixo.

SOBRE OS AUTORES

Victor Henrique da Silva Menezes

Bacharel e Licenciado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2015). Mestre em História Cultural pelo também Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (2018). Doutorando em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bolsista de Pós-Graduação CAPES. Entre 2016 e 2024, atuou como instrutor no Programa UniversIDADE, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Nesse programa de extensão, voltado para maiores de 50 anos, ofereceu oficinas em que a literatura foi utilizada como fio condutor para o ensino de História. Nelas trabalhou, em particu-

lar, com obras escritas pelos autores J. K. Rowling, Jane Austen, Charles Dickens e Machado de Assis. Entre 2018 e 2020, mediou o Clube de Leitura Cultura & História, da então Livraria Cultura, da cidade de Campinas, São Paulo. Em 2022, criou o Clube de Leitura *online* Literistórias, cujo intuito é promover discussões e reflexões sobre as obras literárias, por meio de uma perspectiva da História. Tem atuado, principalmente, nos seguintes temas: Estudos de Gênero e Sexualidades, História Contemporânea e do Tempo Presente, Literatura Jovem Adulto, Ensino de História voltado a educandos idosos, Clubes de Leitura e Educação Não Formal.

E-mail: henrique.menezes92@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5017501965772940

Vanessa Coutinho Martins

Professora do curso de graduação em Tecnologia em Cinema e Animação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Graduada em Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Faminas – Muriaé, e em Letras – Português e Inglês pela Unifran, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Área de concentração: Comunicação e Sociedade. Linha de pesquisa: Competência Midiática, Estética e Temporalidade. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2021), pós-graduada (MBA) em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). É bolsista de Pós-Graduação CAPES. Realizou período sanduíche durante o doutorado (PDSE – CAPES) na University of Toronto – St.

Michaels College, vinculada como pesquisadora visitante do *Book and Media Studies Program*, com a supervisão de Robert K. Logan. É integrante dos grupos de pesquisa/CNPq 'Narrativas Midiáticas e Dialogias', da UFJF, na linha Narrativas em Mutação e suas interfaces, e do 'Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação' (GEPEducomufsj), da UFSJ, em que atua como coordenadora da linha 'Interfaces entre a Educomunicação e os estudos sobre Marshall McLuhan'. Possui pesquisas com foco em clubes de leitura e suas distintas configurações, Educomunicação e nos estudos de Marshall McLuhan.

E-mail: vanessacoutinhomartins@gmail.com
lattes: http://lattes.cnpq.br/0564432192518293

VICTOR HENRIQUE DA SILVA MENEZES
VANESSA COUTINHO MARTINS

INSTITUTO CIDADE DE CATAGUASES